

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
PROGRAMA DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DE ENFERMAGEM

ZÚLEICA MARIA PATRICIO

**A DIMENSÃO FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER
SAUDÁVEL INDIVIDUAL E COLETIVO:
Uma Questão Bioética numa Abordagem Holístico-Ecológica**

Tese submetida à Universidade Federal
de Santa Catarina para obtenção do Grau
de Doutor em Filosofia de Enfermagem

Florianópolis
1995

A DIMENSÃO FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER
SAUDÁVEL INDIVIDUAL E COLETIVO:

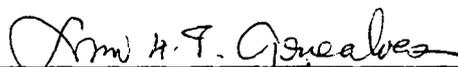
Uma Questão Bioética numa Abordagem Holístico-Ecológica

ZULEICA MARIA PATRÍCIO

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de

Doutor em Filosofia de Enfermagem

e APROVADA em sua forma final em 11 de setembro de 1995, atendendo às normas da legislação vigente do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem - Programa de Doutorado em Filosofia de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof.ª. Dra. Lúcia Hisako Takase Gonçalves
Coordenadora do Curso

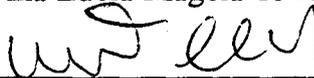
BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª. Dra. Ingrid Elsen - Presidente/Orientadora



Prof.ª. Dra. Ana Lúcia Magela de Rezende - Membro



Prof. Dr. Luiz Alberto Warat - Membro



Prof. Dr. Pedro Demo - Membro



Prof. Dr. Silvino Santin - Membro

Prof. Dr. Ivo Gelain - Suplente

*"Penso 99 vezes
E nada descubro.
Deixo de pensar,
mergulho no silêncio,
e a verdade me é
revelada"*

Einstein

AGRADECIMENTOS

À minha Família, por sua presença, por compreender minhas ausências e por me respeitar e amar;

Aos meus Pais, pela proteção, valorização e amor que me dedicam e, em especial, por terem me ensinado valores éticos e estéticos de viver coletivo e por me deixarem livre para sair por esse mundo afora fazendo sínteses desse aprendizado;

À Gica que me ensinou a compreender em casa o processo de viver saudável, na alegria e na tristeza e no limite e na liberdade de adolescer;

Ao Bruno, Felicidade, fruto de uma necessidade de prazer e da liberdade de fazer, de ser, de ter...;

Ao Dr. Alberto Cupani, Ser Humano, Filósofo, Professor que no Mestrado me deixou livre nos escritos acadêmicos, permitindo-me fazer a primeira mistura de ciência, filosofia, tradição e arte;

À Dra. Ingrid Elsen, por ter me estimulado ao doutorado e por ter sido sábia, permitindo a expansão de uma alma Dionisiaca num ser Apolínico;

A todos os Anjos que estiveram comigo nessa trajetória de alegrias e tristezas, em especial à amiga Terezinha Andrade;

Aos meus colegas e amigos do Núcleo TRANSCRJAR-UFSC, pelo respeito à individualidade pessoal-profissional, pelas trocas de conhecimentos e afetos, pelo aprendizado nos momentos de conflito-síntese do grupo, pela liberdade vivida, compartilhada no coletivo: pelos momentos de felicidade-prazer. Em especial, agradeço à Carin Iára Loeffler pela sua presença constante, desde 1987, ajudando a construir nosso saber;

À Comunidade da Serrinha, por me deixar entrar e ficar, permitindo, a mim e a meus colegas de grupo, transdisciplinar o conhecimento, o método, o processo de viver, de ensinar-aprender, através de uma Práxis Participante;

A todos os Homens, masculinos e femininos, e a todas as Mulheres, femininas e masculinas, dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, que de certa forma, estimulando ou reprimindo, ajudaram-me a crescer, desenvolver e a transcender momentos; em especial, agradeço a colaboração das colegas Lúcia Hisako Takase Gonçalves, Alacoque Lorezini Erdmann e Maria Helena Westrup e daqueles funcionários que tão gentilmente me atenderam nos momentos difíceis;

Àquele Fisher King que passou em minha vida em busca do Santo Graal, ensinando-me, no cotidiano do processo de viver, a compreender a beleza da tragédia da vida...

E, por último, agradeço a todos os "Loucos", "Enamorados", "Diabos", "Ermitões", "Magos", "Enforcados", "Luas", "Imperadores", "Imperatrizes", "Temperanças", enfim a todos os Seres Humanos que diretamente me possibilitaram a matéria-prima para que esse produto fosse desenvolvido: a energia e a história deles, suas razões e suas emoções.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	1
2 COM A RAZÃO E O CORAÇÃO: Fecundando o Tema e o Caminho do Estudo.....	9
2.1 “Compreender as Necessidades Humanas na Dimensão Felicidade-Prazer como um Novo ‘Blade Runner’ ?! Utopia!”.....	9
2.2 “Descartes Não Estava Lá”: Buscando Argumentos para a Academia.....	17
3 DE UMA CONSCIÊNCIA A UM NOVO PARADIGMA.....	27
3.1 Vivenciando e Ampliando a Consciência: Repensando a Vida e a Profissão.....	27
3.2 Re-Ligando Crenças e Conhecimentos: Construindo um Referencial para a Saúde e Enfermagem.....	31
3.3 Abordagem Holístico-Ecológica: A Proposta de um Novo Paradigma.....	35
3.4 Um Novo Paradigma: Uma Nova Abordagem à Saúde Individual e Coletiva (Segundo Capra, 1992, 1993).....	41
3.5 O Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico: Uma Práxis Transpessoal e <u>Transcultural</u> com Vistas ao Novo Paradigma	46
3.5.1 A Práxis Fundamentada na Interação Ser Humano-Ambiente.....	52
3.5.2 O Processo de Cuidar como Mediador nas Transformações de Necessidades de Viver Saudável e na Construção da Ciência da Vida.....	59
4 DE UMA NOVA PRÁXIS A UM NOVO OLHAR: Perceber a Necessidade de Felicidade-Prazer no Processo de Viver Saudável.....	75
4.1 A Dimensão Felicidade-Prazer.....	75
4.2 A Enfermagem e a Saúde na Dimensão Felicidade-Prazer.....	87
5 EXPLICITANDO A TESE 1.....	97
6 UMA PARADA EM MOVIMENTO: Decidindo o Caminho pela Bússola Interior.....	99

7 COMPREENDENDO A DIMENSÃO FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER ATRAVÉS DA PRÁXIS TRANSCULTURAL E TRANSPESSOAL:	
Transformando o Conhecimento e o Ser Humano.....	102
7.1 O Processo de Conhecer e Compreender a Realidade e o Caminho do Estudo.....	103
7.1.1 Os Diferentes Atores e Cenários.....	109
7.1.2 O Processo de Interação Sujeito-Ambiente-Pesquisadora: A Técnica.....	116
7.2 A Técnica: “O Próprio Método Foi Terapêutico”.....	119
7.3 Os Encontros através da Observação Participante: Confirmando e Gerando Teses.....	128
7.4 “O Conforto e o Desconforto das Interações”.....	131
8 A FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER:	
Da Categorização à Reflexão dos Dados.....	135
8.1 O Processo de Conhecer-Compreender-Transformar a Realidade com o Cientista: Um Exemplo.....	135
8.2 Agrupando os Dados Analisados por Semelhança entre os Sujeitos...	146
8.2.1 O Ser Humano em Situação “Virando a Mesa”: Entre Perdas e Ganhos.....	147
8.2.2 O Ser Humano em Situação de Limite 1: Lutando contra a Morte.....	152
8.2.3 O Ser Humano em Situação de Limite 2: Aguardando a Liberdade...	155
8.2.4 O Ser Humano em Situação de Cotidiano: Vivendo.....	158
8.3 Outros Conceitos de Felicidade-Prazer e a Relação com a Saúde.....	159
9 A FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER SAUDÁVEL:	
Das Reflexões às Sínteses.....	161
9.1 A Tragédia de Giovano na Busca do Santo Graal.....	161
9.2 Os Momentos de Síntese: Do Êxtase à Reflexão.....	181
10 DEVOLVENDO OS DADOS PARA A HUMANIDADE:	
Ouvindo as Crianças e Aprendendo sobre Felicidade-Prazer.....	187
11 A RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DO SER HUMANO:	
O Ser Humano É o Método.....	192
12 EXPLICITANDO A TESE 2.....	201
13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	207

RESUMO

A partir de uma consciência que aponta a necessidade de um novo paradigma para abordagem da vida, desenvolveu-se um estudo qualitativo fundamentado num referencial de enfoque holístico-ecológico. Teve como finalidade apresentar subsídios teórico-práticos originados no laboratório da vida, que pudessem mediar transformações na abordagem de saúde individual e coletiva dentro de padrões éticos e estéticos de bem viver. Compõe-se de dados da literatura e de uma práxis e de dados atuais de trabalho de campo desenvolvido com brasileiros, residentes no Brasil e nos Estados Unidos, vivendo em diferentes situações, desde o cotidiano até situações de limitação de qualidade de vida em razão de AIDS, de câncer, de encarceramento em penitenciária ou por ter saído do País. O estudo mostra um processo de conhecimento e compreensão da realidade centrado na interação Transpessoal e Transcultural com os sujeitos envolvidos. Subsidiado por um conjunto de técnicas específicas, mistura razão, sensação, intuição, sentimento e mística, integrando Ciência, Filosofia, Tradição e Arte. Através de um processo de Análise-Reflexão-Síntese dos dados, apresenta o Ser Humano na tragédia do processo de viver buscando ser feliz e ter prazer a partir de concepções da vida privada e da vida pública. Apresenta, também: a família, os adultos de forma geral, como responsáveis pelo processo de ser saudável da Criança-Adolescente; as situações de limite na vida como causadoras de outras limitações ou como propulsoras da busca de novas satisfações; a felicidade-prazer como o motivo do fazer a vida, consigo mesmo e com os outros, nas dimensões de ser, ter, estar e fazer, ou mesmo apenas de viver; a felicidade-prazer no desejo, no sonho, na recordação, na postura, através da relação entre liberdade e responsabilidade individual e coletiva na unidade Ser Humano-Natureza-Cotidiano-Sociedade; a saúde como síntese desse processo. Toda essa construção caracteriza o estudo como: uma proposta Transdisciplinar de abordar a realidade, na qual o Ser Humano é o Método; uma nova possibilidade de educar o Ser Humano para uma nova Humanidade.

ABSTRACT

Starting from a conscience which points to the need of a new life approach paradigm, a qualitative study was developed founded on a holistic-ecological focus framework. The aim was to offer theoretic-practical information born at life's laboratory, capable of mediating changes in individual and collective health approaches within ethical and aesthetical standards of well-living. The study is made up from literature data, and of a praxis, and also of real data covering field work developed jointly with Brazilians, residents of Brazil and of the USA; these persons live through different situations which range from the quotidian to life quality limitations due to AIDS, cancer, jail imprisonment, and also for having left the country. The study exhibits a reality knowledge and comprehension process centered on Transpersonal and Transcultural interaction with the involved persons. Supported by a set of specific techniques, the study blends reason, sensation, intuition, feeling and mystique, integrating Science, Philosophy, Tradition and Art. Through a data Analysis-Reflection-Synthesis, it introduces the Human Being in his tragedy of the living process, seeking happiness and pleasure from a starting point of private and public life conceptions. The study also presents: the family, adults in a general way, as those responsible for the being-healthy process of the Child-Adolescent; limiting situations in life, as the causes of the other limitations or as propellers in the search for new satisfactions; happiness-pleasure as the motive in doing one's life, both with oneself and with others, bound by the dimensions of existing, having, being and doing, or even just living; the happiness-pleasure in wishing, in dreaming, in remembering, in posture, through the existing relationship between freedom/individual and collective responsibility within the Human-Being-Nature-Quotidian-Society unit. Health as a synthesis of this process. All this construction characterizes the study as: A Transdisciplinary proposition to approach reality, in which the Human Being is the Method; a new possibility to educate the Human Being for a new Humanity.

1 APRESENTAÇÃO

*Se você veio para me ajudar, pode tomar seu caminho de volta.
Mas se creê na minha luta como parte de sua sobrevivência,
então talvez possamos trabalhar juntos.*

Aborígine Australiano

Este é um produto acadêmico. Teve como projeto desenvolver um estudo sobre o tema "Felicidade-Prazer nas Necessidades de Viver e Ser Saudável Individual e Coletivo". Sua finalidade é gerar subsídios teórico-práticos que possam mediar transformações nas abordagens que comumente são aplicadas às necessidades de saúde do ser humano, em nível acadêmico e de instituições de prestação de serviços de saúde e de educação.

Guiado por uma consciência que aponta a necessidade e a expectativa de um novo paradigma para abordagem da saúde, todo o processo de construção do estudo foi centrado numa perspectiva Transdisciplinar, fundamentado num referencial de abordagem holístico-ecológica, o que vale dizer, sinteticamente: fundamentado na compreensão da diversidade e universalidade do ser humano; na sua transculturalidade; na integralidade da saúde em suas necessidades, individuais e coletivas, de ser, estar, sentir, conhecer, fazer e ter, em seu processo de viver e ser saudável, através da dinâmica da interação transpessoal-natureza-cotidiano-sociedade e suas possibilidades e limitações.

Para tanto, o "método" do estudo integra **ciência, filosofia, tradição e arte**. Envolvendo **razão, intuição, sentimento e mística**, aplica variadas técnicas de levantamento de dados. Desenvolve **reflexões críticas**, a partir da **análise e síntese** dos dados do estudo de campo com os sujeitos, e de conteúdos da literatura.

A necessidade e a fundamentação teórico-prática desse trabalho foram geradas por um processo crescente de busca, de interrogações e reflexões; por uma trajetória de produção de conhecimentos e de vivências da práxis num laboratório da vida, junto à população e a outros profissionais, associados ao vivido na

academia, incluindo parcerias de autores da literatura de diferentes concepções filosóficas.

Numa visão holística dizemos que “os nossos conhecimentos são provenientes de nossa própria participação nos processos do universo, o que nos habilita a contribuir para o aprimoramento desses processos, através da dimensão qualidade de consciência” (Swimme apud Crema, 1989, p.71). Desta forma, esse estudo foi se construindo fundamentado em crenças, conhecimentos e valores desenvolvidos através do processo de viver, tendo como base princípios do Paradigma Holístico-Ecológico.

Desde 1976, quando em uma comunidade de Porto Alegre/RS comecei a trabalhar com famílias, crianças e adolescentes migrantes, venho percebendo o constante processo de busca dos seres humanos por melhores condições de vida. Nesses últimos quinze anos, em atividades de ensino-pesquisa-extensão com indivíduo-família-comunidade de diferentes realidades como Itaituba no Pará, Tubarão e Florianópolis em Santa Catarina, temos, em Grupos de Ensino-Pesquisa-Extensão, desenvolvido conhecimentos que mostram a vida humana como uma dinâmica de busca de atendimento de necessidades. Esses estudos, na minha visão, têm caracterizado o processo de viver como um processo de busca – nem sempre saudável – de bem viver individual e coletivo, a partir da subjetividade de cada indivíduo e de sua consciência de ser social – coletivo – interagindo no micro e macro ambiente físico e sociocultural, num determinado momento histórico.

À luz de um referencial denominado “Cuidado Holístico-Ecológico”, através de uma Práxis caracterizada como “Transcultural e Transpessoal”, desenvolvida em atividades de ensino-pesquisa-extensão com cidadãos brasileiros em escolas, domicílios, ambulatórios, hospitais, logradouros e comunidade, percebe-se a importância das dimensões sociocultural e afetiva na determinação do processo de viver e ser saudável dos indivíduos. Nessas vivências tenho percebido algumas categorias centrais, que se expressam como motivadoras das suas decisões de vida (incluindo a morte), como a **felicidade** e o **prazer**.

Paralelamente, venho tomando mais consciência, através de observação em campo e da literatura específica, sobre o tipo de atendimento que é oferecido a esses indivíduos nos serviços de saúde pública do País. A análise desses dados

mostra um atendimento, na sua maioria, despersonalizado, mecanicista, fragmentado, longe de considerar as necessidades de viver e ser saudável dos indivíduos. São atendimentos centrados na doença, no tratamento por medicamentos, permeado por diversos mecanismos diagnósticos que não contemplam questões bioéticas, incluindo princípios ecológicos (biológico-social).

Nesses estudos e vivências, percebe-se a importância de conceber o Ser Humano na sua inteireza, não mais nas suas partes; de valorizar suas interações com outros seres humanos e com a natureza, centradas em princípios éticos e estéticos de viver ecológico. Neste sentido, enquanto processo de viver saudável, é preciso fazer a leitura da vida focalizando suas necessidades de felicidade-prazer individuais e coletivas.

Com tais dados, e ciente de que esses temas não foram ainda privilegiados no saber-fazer enfermagem, tanto quanto o são as patologias, seus sinais e seus sintomas, bem como as necessidades básicas provenientes desses quadros, decidi fazer o presente estudo.

Espera-se que a utilização desse estudo junto à população se caracterize como mediação de transformações no ser humano, de maneira que o qualifiquem a desenvolver possibilidades, individuais e coletivas, de promoção à saúde, inseridas em padrões éticos e estéticos de bem viver – incluindo o morrer.

Entendendo que:

- a proposta desse estudo esteja não apenas satisfazendo às minhas necessidades e expectativas de **pessoa-profissional**, mas também às propostas do Curso de Doutorado em Enfermagem da UFSC, em seus objetivos de: "Desenvolver estudos avançados de enfermagem e interdisciplinares (...); Gerar e ampliar a base filosófica, política, epistemológica e metodológica da profissão, em compromisso com uma prática transformadora, política e tecnicamente voltada para a melhoria da qualidade de vida". Da mesma forma, pretendo atingir o perfil esperado pelo curso que, dentre várias características, espera que o doutor em enfermagem: "Exerça crítica frente aos paradigmas que acompanham movimentos de continuidade e transformação da sociedade e da natureza (...); Demonstre

capacidade de estar comprometido com o futuro através do enfrentamento da realidade, tornando o projeto individual em projeto coletivo de transformação da saúde da sociedade; Demonstre capacidade de romper os horizontes para além da área específica" (Universidade Federal de Santa Catarina, 1992, p.15-16);

- a Enfermagem é, ou precisa resgatar-se, como uma profissão social historicamente desenvolvida no processo de viver, que tem como objetivo mediar o ser humano no atendimento de suas necessidades de saúde, individuais e coletivas: ajudá-lo a transformar limitações em possibilidades, ou seja, a cuidar da saúde individual e coletiva – saúde compreendida como bem viver, como "cultivar a vida" – através de ações de educação holístico-ecológica e de terapêuticas corporais das mais diversas tradições;
- existe a necessidade de trabalho com enfoque interdisciplinar em saúde-educação a partir de uma nova consciência, de uma diversidade de conhecimentos e compreensão crítica da realidade, na qual se contemple a dimensão Felicidade-Prazer;
- é preciso, em especial a partir das obras de Pierre Weil, Roberto Crema e Ubiratan D'Ambrósio no Brasil, trazeremos a abordagem Holístico-Ecológica para o meio acadêmico de forma a promover a coexistência de diferentes correntes em busca de soluções criativas para situações de nossa época, levando em conta as experiências do passado, considerando as condições de vida atual e as propostas do novo paradigma para uma Nova Era,

o estudo teve como objetivos:

- a) compreender as representações de indivíduos e grupos de diferentes contextos sobre a dimensão felicidade-prazer e sua relação com o processo de viver saudável individual e coletivo;**
- b) promover o desenvolvimento de conhecimentos e de saberes sobre necessidades humanas e de formas de abordar a realidade a partir de um novo paradigma.**

Esses objetivos foram respondidos através do Processo de Análise-Reflexão-Síntese dos dados da realidade do trabalho de campo, em parceria com a literatura.

Chama-se a atenção de que este estudo é uma tentativa, um exercício, de operacionalização da nova proposta de ver e abordar a realidade, visto que, segundo a literatura específica no Brasil, o método desse novo paradigma está se fazendo na medida em que seus princípios são esclarecidos. De certa forma, isso dá liberdade de criar a partir da compreensão que se tem dos pressupostos do novo paradigma, mas, por outro lado, nos limita quando se tem dúvidas em relação à leitura que se faz desse paradigma: será que o que lemos é o que os autores desse paradigma querem dizer? Será que o que digo é compreendido dentro do que prescreve esse paradigma?

Jung disse uma vez: “Sou médico, e lido com pessoas simples”. Gosto de dizer: “Sou enfermeira e lido com pessoas simples”. Em 1988 quando nas considerações finais do primeiro esboço do projeto de mestrado escrevi: “...quero sim, fazer um estudo que não fique engavetado como tantas dissertações que conheço. Quero escrever sobre a vida, sobre a realidade da saúde humana de forma que não só a academia compreenda. Em especial, quero escrever para que a população mais interessada possa compreender minha linguagem: os profissionais de campo. Eles é que estão mais próximos da possibilidade de mudar a realidade”.

Naquela oportunidade, pessoas que leram essa expectativa, talvez por ainda não estarem ligadas na socialização do saber, riscaram essa consideração do texto. Hoje eu volto a dizer: escrevo para a academia com olhar lá fora. Escrevo para a maioria, em especial para colegas de diferentes disciplinas e cidadãos que, como eu, estão interessados na qualidade de vida. Portanto, espero estar me expressando em uma linguagem universal. Como diria Jung, eu preciso “transpor o sentido disso para a vida”. Como diria Ferguson: eu preciso “conspirar com a Humanidade”.

A tese, desde seu projeto, foi escrita na primeira pessoa. Simplesmente por uma demonstração de responsabilidade, de subjetividade: “E que recuperemos a coragem de falar na primeira pessoa, dizendo com honestidade o que vimos, ouvimos e pensamos. Escrever biograficamente, sem vergonha” (Alves, 1993a,

p.33). É apenas uma explicitação do envolvimento do pesquisador na pesquisa.

A forma e o conteúdo do estudo, ou seja, a construção desse produto, foi se fazendo de maneira gradativa, natural e espontânea, lembrando-relendo-analisando-sentindo-refletindo. Ele próprio apresenta o método de abordagem.

Tema e método aparecem caminhando juntos durante todo o trabalho numa mesma relação. O próprio estudo na sua totalidade, desde o começo, mostra que ele próprio é o método de abordagem da realidade. Nesse trajeto, percebe-se, como o próprio estudo vai apresentar em detalhes, que o ser humano é o método.

Todo o estudo, desde o início do Curso de Doutorado, até o momento da elaboração deste produto final, foi desenvolvido de março de 1993 a agosto de 1995.

O trabalho mostra, cronologicamente, o processo de construção do estudo, desde o momento no qual foi gerado em idéia, até o momento de análise-reflexão-síntese dos dados da realidade levantada. Apresenta conteúdo teórico, partindo da justificativa pessoal-profissional sobre a escolha do tema e o caminho escolhido para desenvolver o trabalho. Fundamenta os temas “Felicidade-Prazer” e “Abordagem Holística-Ecológica” na literatura através de autores nacionais e estrangeiros, incluindo dados de trabalhos desenvolvidos em nossa Práxis.

Após a explicitação da “Tese 1”, o estudo mostra toda a trajetória do conhecimento e compreensão da realidade estudada. Através de descrição, análises, reflexões, sínteses, quadros e desenhos são apresentados e discutidos os dados referentes aos encontros com dezenove indivíduos, denominados, nesse estudo, de “Sujeitos Atores”. Esta população é composta de brasileiros residentes no Brasil e de brasileiros residentes nos Estados Unidos. Além de dados sobre estes sujeitos, também aparecem dados e reflexões sobre cidadãos americanos clientes de serviços de saúde especializados em AIDS. Esses dados foram colhidos no período de março a maio de 1995.

Para a elaboração desse estudo, não fiz revisão da literatura. O encontro com a literatura, acrescida àquela já existente em meus trabalhos aqui referenciados, se deu espontaneamente durante todo o processo do Curso de Doutorado. Fui muito pouco à biblioteca da universidade, mas fui muito a bancas de livros de diversos eventos e a livrarias da Capital. Nestes locais olhava, lia o título, lia as

páginas que folheava aleatoriamente e os comprava se ali houvesse algo que me interessasse. Outros artigos, ou livros, me vieram às mãos por acidente, por oferecimento de colegas, amigos, ou por devolução de empréstimos que havia feito e que nem me lembrava mais.

Nesse momento, penso não ter conseguido passar toda a beleza da descrição de cada processo de viver dos atores desse estudo. Isso, parece, é o mesmo que acontece quando, ao final de um romance, tenta-se fragmentá-lo, analisá-lo em categorias. Foi o que sinto ter acontecido com o estudo de Castaneda (1987) ao simplificar a obra no capítulo “Análise Estrutural”.

Neste estudo não há capítulo “Conclusão” ou “Considerações Finais”, por dois motivos: primeiro, por ser impossível, para mim, pontuar todos os monólogos, os diálogos, conhecimentos, reflexões e considerações importantes, originais e motivadoras que compõem o estudo; segundo, e o mais importante, é porque acredito ser impossível fragmentar esse todo sem ferir sua inteireza. Há, entretanto, o capítulo “Tese 2”, com o intuito de explicitar as proposições mais significativas que emergiram do estudo.

Sendo assim, chamo a atenção do leitor de que a compreensão do estudo, enquanto tema e método, somente se dá na leitura do todo. Você pode até ler um capítulo e compreendê-lo, mas a inteireza do estudo não. Nem mesmo pela soma de suas partes. É preciso mais que isso. **Você precisa ler interagindo no processo; integrando as idéias do texto com suas próprias idéias e sentimentos, proporcionando assim o evento de outras sínteses, da sua síntese, para novas buscas, novas sínteses.**

Seria como disse Otávio Velho, ao apresentar a obra de Silva e Milito (1995): “...perceber a dimensão das responsabilidades que estão em jogo no desafio da invenção de uma convivência que ainda não conhecemos...”

No mínimo, quem sabe, esse trabalho possa provocar reflexões sobre sua própria vida, em relação a si próprio e às pessoas com as quais interage. Afinal, a vida, como dizia nosso poeta: “... também não é a arte dos encontros?” Mesmo que sejam tragédias.

Outra observação que faço, para quem não costuma ler esse tipo de linguagem, é copiada de Demo (1985, p.59): “Nenhum texto pode ser desvendado a

contento, sem apelo ao contexto, assim como nenhuma linha se entende bem, sem recurso às entrelinhas”.

“O que nasce ou é criado num dado momento adquire as qualidades deste momento”. Com esta frase de Jung (1991, p.48), eu quero justificar que a composição deste trabalho até o Capítulo “Explicitando a Tese 1” se caracteriza, fundamentalmente, por um momento de minha vida individual. Foram trinta dias regados por calor e chuvas constantes num mesmo local da comunidade da Lagoa da Conceição. Entretanto, o processo de trabalho de levantamento e de análise-reflexão-síntese dos dados posso caracterizar como um momento coletivo. Além da participação da orientadora, Dr^a Ingrid Elsen, contei em vários momentos com pessoas com as quais mantive interações diversas, desde o compartilhamento das situações e reflexões do processo de conhecimento da realidade e validação da tese e do método, até momentos de reflexão de nossas próprias vidas estimulados pelo estudo. Mais próximo tive comigo colaborando neste último momento de estudo a enfermeira Terezinha Maria de Andrade, as acadêmicas de Enfermagem, Andréa da Silva e Carina Velloso De Lucca, e o acadêmico de Direito, Eduardo Martins Baltazar. Além de outras pessoas, da academia e da população, através de uma gama de situações que tive oportunidade de vivenciar durante atividades de ensino-pesquisa-extensão, desenvolvidas enquanto docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC e coordenadora do TRANSCRIAR-UFSC – Núcleo de Estudos Participantes no Processo de Viver Saudável.

Portanto, esse produto que agora apresento é fruto de uma trajetória dialética, cheia de conflitos, mediados pela paixão, pelo desejo, vontade e muita determinação; é reflexo de um longo processo de namoro com crianças, adolescentes, famílias, trabalhadores e representantes de comunidade, associado ao diálogo com profissionais de outras disciplinas com os quais interagimos. É a essas pessoas que passaram, ou que estão passando, que agradecemos, e às quais dedicamos grande parte de nossas conquistas acadêmicas e pessoais.

2 COM A RAZÃO E O CORAÇÃO:

Fecundando o Tema e o Caminho do Estudo

2.1 "Compreender as Necessidades Humanas na Dimensão Felicidade - Prazer como um Novo "Blade Runner?! Utopia!"

Essa foi uma das interrogações que me fiz quando tomei consciência da importância e complexidade do tema que havia escolhido para tese, e quando comecei a pensar qual seria a relação disso com a qualidade de vida das pessoas. Parei um pouco. Olhei para a realidade: para os serviços de saúde do País e para os currículos formais e informais (do cotidiano). Em especial olhei para os currículos da área da saúde. Paralelamente, olhei para a realidade do meu cotidiano de cuidar – "nosso", se considerar o trabalho de grupo – e para resultados de estudos nessa área. Vislumbrei toda a dimensão de expectativas e necessidades que a população apresenta. Concluí que, enfim, depois de muito vai-e-vem, minha necessidade de sentir prazer com o estudo já estava garantida, mas e a necessidade pragmática de enfermeira-docente, consciente de estar recebendo salário de dinheiro público para produzir um produto que viesse em benefício da população? "Qual a utilidade dessa tese numa realidade de programas e serviços de saúde que, apesar de falar em 'promoção em saúde', era centrada em diagnósticos e tratamentos altamente especializados e em patologias previamente catalogadas; onde a visão do corpo do indivíduo é desarticulada do seu contexto micro e macro? E, mais, onde o indivíduo, a pessoa, não existe, mas sim sua doença, seu problema... ou sua conta bancária?".

Ao entrar no doutorado, em 1993, tinha como objetivo de tese analisar, através de reflexão crítica, um trabalho de extensão universitária, o qual coordenava já há alguns anos, junto a crianças, adolescentes, famílias e profissionais de uma comunidade. Tinha como finalidade apresentar um processo de trabalho em

saúde coletiva de caráter interdisciplinar cuja originalidade estava na sua fundamentação teórico-prática, visto ser guiado por um referencial de abordagem holístico-ecológica (Patricio, 1990ab; 1991; 1992b; Patricio, Tourinho, 1990; Patricio et al., 1991; Patricio, Saupe, 1992).

Sem dúvida, a partir de depoimentos de colegas e buscas na literatura sobre modelos de serviços de saúde coletiva, a contribuição desse estudo era certa. Mas, já no início do Curso, em 1993, comecei a ficar incomodada com essa proposta. Já não me dava prazer, não sentia satisfação ao imaginar o estudo. Não motivava à busca, talvez por achar que já sabia o que iria encontrar no estudo, pois não tinha a característica de investigação de um problema. Seria por isso?

Fiz, então, exercícios mentais, de meditação. Mudei de canal e me mantive alerta para os sinais. Para outras idéias que me atraíssem, pelas quais me apaixonasse. Acredito que bons frutos (bons trabalhos, belas obras) se dão quando são gerados por razões especiais, em particular por sentimentos profundos. Como diz Alves (1993a, p.94): "É preciso consultar as entranhas". Na discussão sobre a relação entre idéia e ação, o autor relembra Freud : "...não é o *insight* intelectual que decide – neste caso a batalha terapêutica – mas antes o amor. A ‘verdade’ não tem o poder para moldar o comportamento: o comportamento emerge de emoções, e somente as idéias que sejam ‘representantes’ de emoções podem, de alguma forma, influenciar a ação".

No primeiro semestre do Curso aconteceu o *insight*, com razão e emoção. A semente que deu início à definição do tema de tese emergiu de leituras de textos de filosofia que versavam sobre a existência humana: "Necessidades do Homem". Esse era um tema interessante. Em especial porque lembrei de um pressuposto que havia determinado em minha dissertação de mestrado como sendo o mais importante para a enfermagem: "...pois acredito que conhecer o homem é a dimensão maior...", e do conceito de "Homem" e seus subconceitos "Necessidades e Recursos do Homem"¹ (Patricio, 1990a, p.63-67). Senti satisfação: estaria

¹ Em respeito às colegas que estudam questões de gênero e em consideração a seus pedidos, vou procurar evitar a palavra "Homem" ao me referir ao "Ser Humano". Mas, Sob duas ponderações: ao falar de "Homem" eu tenho bem claro que estou me referindo a raça humana e não ao macho; juntamente, e até especialmente, com a linguagem falada e escrita, temos mesmo, nós mulheres, é que nos preocupar com a linguagem das ações do cotidiano, em "como

desenvolvendo, aperfeiçoando, uma crença.

Decidi fazer um estudo sobre a existência humana. Iria investigar as necessidades do ser humano à luz de um referencial holístico-ecológico.

A questão, então, era: "**Quais?**". Queria me aproximar de uma totalidade de categorias, desde a afetiva até a produtiva-econômica da vida humana, e identificar suas interrelações. Para tanto escolhi um número considerável de autores, com concepções diferentes. Ficou mais ou menos assim: "Buda, Jesus Cristo, Gramsci, Reich, Maffesoli, Capra... em Pé de Igualdade". Afinal, todos falavam do mesmo Ser Humano!

"A academia não está pronta para suas idéias. Procure estudar apenas um autor ". "É eclético demais!". Disseram-me. Desisti da idéia. Mas continuei a pensar na existência humana e nas necessidades de viver e ser saudável numa abordagem holístico-ecológica.

Deslumbrada com a semelhança do referencial teórico que utilizava em meus trabalhos de pesquisa-extensão, com os discursos proferidos no "I Seminário Internacional Interdisciplinar : As Transformações do Conhecimento na Virada do Século", ocorrido em Santa Maria em julho de 1993, retomei argumentações que havia colocado no projeto inicial, cujo foco maior era o estudo crítico voltado à qualidade de vida a partir de questões éticas e estéticas da vida e do cuidar humano-natureza:

Hoje, relendo a expressão 'Concordo plenamente', colocada por um Professor do Curso do Mestrado ao final de um de meus trabalhos, sinto estímulo e mais firmeza de meus propósitos enquanto pesquisadora, comprometida também, enquanto enfermeira cidadã, na promoção da qualidade de vida.

Naquela oportunidade finalizei a discussão sobre ciência dizendo: 'Talvez a verdadeira ciência seja conhecer e compreender o homem e descobrir as formas de fazê-lo feliz' (Patricio, 1988a). É preciso iniciar refletindo sobre os avanços da ciência, da tecnologia moderna, e a satisfação humana (...) É preciso achar novos paradigmas que dêem conta das questões éticas e estéticas do viver humano (Patricio, 1992a, p.4).

No início do segundo semestre de 1993, em uma disciplina com a Dr^a Ana Magela de Rezende, ao precisar escolher uma dimensão do cotidiano segundo

agimos" em relação às nossas questões com os homens. Aliás, somos nós, mulheres (mães, professoras...), as maiores mediadoras no desenvolvimento dos hemisférios cerebrais das crianças e jovens.

Agnes Heller (1991), para contrapor com categorias do cotidiano segundo Michel Maffesoli, escolhi **Felicidade**.

Paralelamente, estava, em outra disciplina, estudando sobre "O processo de viver e ser saudável" – sempre com olhos nas necessidades humanas. Nessas leituras encontrei seguidamente a palavra **Felicidade**.

Através de Maffesoli (1984;1985;1987) e Reich (1984), em especial, associados a reflexões de estudos e de vivências no cotidiano de cuidar (Patricio, 1990ab; Patricio et al, 1990; 1991, 1992; Patricio, Boreinstein, Elsen, 1991; Patricio et al, 1993b), outra categoria se fez presente: **Prazer**.

Desses estudos, emergiram, através de reflexão crítica, algumas considerações sobre a felicidade. Contextualizando esse tema no Brasil atual, cheguei a ponderações sobre felicidade, enquanto dimensão coletiva no processo de viver e ser saudável, e à uma interrogação: "É possível a felicidade na socialidade num mundo de narcisos?" (Patricio, 1994a).

Essa pergunta passou a me acompanhar. Sempre respondia que "Não". "Se fosse possível a população brasileira não estaria como está!". Não só a brasileira, mas em especial nossos irmãos latinos e outras nações ditas do terceiro mundo.

No final do segundo semestre de 1993, tive um novo *insight*, graças aos dinossauros. O tema ainda era o mesmo, mas a questão mudou, passou a ser: "**Por quê?**".

Através do texto de Gould (1990), num momento de reflexão sobre as três conjecturas que apontam as causas da extinção dos dinossauros (sexo, drogas e desastres), me veio à mente os adolescentes – sujeitos importantes na minha vida enquanto sujeitos de estudo e de lição de vida. Foi um momento de êxtase... Mas também de ansiedade. Afinal eles estavam morrendo por esses mesmos motivos. E, então, pensei em toda a Humanidade.

Transportando pelo imaginário as questões dos dinossauros para os dias de hoje, e comparando-as com a vida dos seres humanos, atuais dominadores da terra, penso ser possível traçarmos uma analogia com a provável extinção dos seres humanos em função de vários fatores, como: 'sexo', através da AIDS, da fome, em razão de reprodução humana em condições de privação de alimentos e de crimes passionais e mortes por problemas de parto; 'drogas', suas implicações mediatas e imediatas (incluindo a AIDS), as contaminações do ar e da água do cotidiano e as sufocações por overdoses; 'desastres', desde aqueles corriqueiros até o caos sem retorno, a não ser por mutações, possível pela bomba atômica (Patricio, 1993f p.3).

Pensando questões epistemológicas sobre os estudos que discutiam a extinção dos dinossauros, ponderei, à luz de Popper, citado por Kobila & Caponi (1992), e do referencial teórico que utilizava, que não seria possível fazer análise da extinção dos dinossauros em razão da impossibilidade de se reconstruir e determinar a situação-problema daquela época,

...mas que podemos, a partir da análise situacional do contexto de vida dos seres humanos – atuais dinossauros, não em tamanho mas em possibilidades de criação, de transformação – , conhecer os possíveis fatores de extermínio dessa espécie e a partir daí trabalhar sua consciência – seu poder de gigante – para reverter, ou mesmo prorrogar sua extinção (Patricio, 1993f, p.5).

Disso resultou a pergunta: "Qual seria o processo de conhecimento que poderia guiar o estudo que responderia se há possibilidade de os seres humanos, dinossauros da atualidade, extinguirem-se da face da terra pelo "sexo", pelas "drogas" e pelos "desastres"?".

E foi voltando o olhar novamente para a realidade macro e micro, para a situação mundial, para o cotidiano das pessoas e para os estudos participantes que já havia desenvolvido sobre sexualidade e drogas, que voltei a me perguntar: "Por que?". Por que o ser humano, mesmo sabendo dos riscos que corre, dos sofrimentos por seus atos, da constante iminência de limite, de morte.. **mesmo tendo conhecimentos...** continua mantendo certos padrões de vida que possam levar a espécie à extinção?

Passei então a me ligar nessa interrogação. Tendo como pressuposto a resposta: "**A busca do prazer, da felicidade**".

Então, num domingo do outono de 1994, tive uma experiência transpessoal que gerou o *insight* que me deu pistas para essa questão, e ao mesmo tempo me ajudou a sentir ainda mais profundamente a existência humana e a me definir pelo tema da tese.

Foi um momento de êxtase, conforme caracterizado por Weil (1993). Nele "recebi mensagens", ou fiz as "sinapses que faltavam"... Chame-se do que se quiser, mas me foi muito significativo e não sei explicar. Apenas senti e aceitei o que me vinha na mente sem censuras.

Segundo Fischer (1989), esse tipo de experiência você pode chamar de palpite, vislumbre, *insight*, inspiração, revelação, prenúncio, augúrio, sexto sentido

ou voz interior. É a **intuição**, que desde a "idade da razão" caiu em descrédito. Intuição é como uma concepção súbita, um *insight* sem uma evidência lógica.

Discutindo sobre percepção mística, Lemkow (1992) esclarece que o *insight* místico está relacionado à intuição, e que esta oferece ao homem a possibilidade de enxergar mais intensamente do que a razão lhe permitiria. A intuição se caracteriza pela espontaneidade e liberdade em contraste com o pensamento lógico que constrói seus argumentos passo a passo, cada um baseado em conhecimento anterior. O salto intuitivo leva seu criador diretamente para o desconhecido. Só após esse salto é que suas ligações com a experiência passada se tornam claras.

Bohm define *insight* "como um ato de percepção permeado de intensa energia e paixão, de modo que pode dissolver a habitual rigidez da mente, que a leva a evitar desafios" (Lemkow, 1992, p.299).

Esses momentos foram caracterizados como "experiência transpessoal" por C. J. Jung e Abraham Maslow, primeiros estudiosos desses eventos. Ocorrem em situações especiais, nas quais estamos desapegados e abertos aos outros. São caracterizados como estados superiores de consciência. Podem ocorrer quando estamos relaxados, soltos, leves, através de exercícios respiratórios, de meditação, enfim em situações nas quais nos desapegamos da razão; são estados incondicionados, independentes das influências culturais predominantes: "Se é verdade que a experiência transpessoal começa aí onde a razão não é mais suficiente para explicar o real, não é menos verdade que a razão e a ciência têm o que dizer no campo experimental" (Weil, 1993, p.15).

Têm sido cada vez mais freqüentes na literatura depoimentos sobre experiências transpessoais que se tornam verdadeiros momentos de êxtase e que motivam, mobilizam místicos e cientistas a ações. Até Einstein já deu depoimento sobre esse evento em sua vida.

Assinalemos, em primeiro lugar, o mal-estar da Humanidade perante a perspectiva de sua própria destruição; diante dessa angústia, é cada vez maior o número de pessoas que fazem, a si próprias, as perguntas fundamentais sobre o sentido da existência e o lugar do homem no cosmos. E quando a pergunta se torna crucial e invade toda a existência de um indivíduo, poderá deflagrar nele, por um processo que se nos escapa, a entrada nesse estado de consciência cósmica (Weil, 1993, p.17).

Comumente, aos domingos pela manhã eu me sinto assim, como "em estado

de graça". Naquela manhã sentei para tomar café. Liguei a TV para assistir a programação relacionada às questões rurais. As primeiras imagens que apareceram foram de uma aldeia em um país de além-mar, cuja população estava sendo dizimada por fome e doenças. Mostrava imagens da natureza e de crianças em estado final. Outras cenas mostravam pesquisadores, estrangeiros, estudando e ajudando essa população. "Por que tanto sofrimento?", "Por que tantas diferenças de etnia, de classe?". "Afinal qual é o sentido da vida?". Foi então que, "lá das entranhas", saiu a seguinte mensagem: "A lenda". " Ora, é claro, a lenda!". E aí se fez a definição do tema de tese: "A Eterna Busca do Homem".

Uma velha lenda hindu relata que houve um tempo em que todos os homens eram deuses. Mas eles abusaram tanto da sua divindade que Brahma, o mestre dos deuses, tomou a decisão de lhes retirar o poder divino; resolveu escondê-lo num lugar onde seria absolutamente impossível reencontrá-lo. Mas o grande problema era encontrar o esconderijo.

Brahma convocou então um conselho dos deuses menores para resolver o problema: "enterremos a divindade do homem na terra", foi a primeira idéia dos deuses. "Não, isto não basta, pois o homem vai cavar e encontrá-la", respondeu Brahma.

Então os deuses retrucaram: "Então joguemos a divindade no fundo dos oceanos". Mas Brahma não aceitou a proposta, pois achou que o homem um dia iria explorar as profundezas dos mares e a recuperaria.

Então os deuses menores concluíram: "Não sabemos onde escondê-la pois não existe na terra ou no mar lugar que o homem não possa alcançar um dia. Então Brahma se pronunciou; "Eis o que vamos fazer com a divindade do homem: vamos escondê-la na maior profundidade dele mesmo, pois é o único lugar onde ele jamais pensará em procurá-la.

Desde esse tempo, conclui a lenda, o homem fez volta a Terra, explorou, escalou, mergulhou e cavou, em busca de algo que se encontra nele mesmo (Brandão e Crema, 1991, p.32).

Definido o tema e centrando a tese na "Dimensão Felicidade-Prazer como Motivadora da Eterna Busca do Homem", ainda com o ego "desentulhado", imediatamente levantei-me e fui registrar a mensagem. Nesse instante outras questões me vieram: "Mas como associar essa lenda com a necessidade de viver e ser saudável?". Foi então que meus olhos pararam no livro "Meditando com os Anjos" que estava sobre a estante do corredor. Fui abrindo páginas aleatoriamente e dobrando para marcá-las. Na terceira página me perguntei: "Até onde devo ir?". O número doze me apareceu na mente. Abri o restante de páginas que faltava e depois comecei a raciocinar sobre o acontecido. Deixei as idéias fluírem sem censura. Com a necessidade de compreender o número 12, passei a ler a

experiência através de conhecimentos da numerologia e da simbologia do tarô. E aí tive outra resposta, que hoje chamo de síntese: o número doze significava Karma!²

Definido o tema, o próximo passo: amadurecer a idéia, escolher os participantes e achar a "contribuição do estudo", é claro! Eu sempre reclamei dos estudos acadêmicos que só promoviam movimentos em torno de seu "próprio umbigo".

E mais! Precisava justificar, argumentar, sobre todas essas "insanidades", "heresias" e "crimes científicos" cometidos para definir o tema. Também precisava clarear a abordagem holístico-ecológica do referencial que iria fundamentar o método de investigação. Afinal de contas, foi um processo filosófico, misturando razão, sentimento, intuição e mística.

Fiz isso através de uma pesquisa de campo no estado do Ceará, em serviços de saúde e programas acadêmicos, especializados em criança, adolescente e família, e nas ruas de Fortaleza; através de participação no Congresso de Saúde Coletiva em Recife, Pernambuco, no inverno de 1994; através de reflexões sobre observações de problemas que ocorriam na estrada São Paulo-Ribeirão Preto, quando a caminho da USP (Universidade de São Paulo) em setembro deste mesmo ano. A reflexão profunda que fiz da análise dos dados dos relatórios dessas viagens, somada às leituras dos mais recentes livros sobre os temas "Saúde Coletiva", "Cidadania e Saúde", "Equidade...", validaram o tema e a abordagem que havia escolhido para o estudo.

Mais que isso, a análise dos relatórios dessas viagens me fizeram sonhar com um novo "Blade Runner"³.

² Meses depois, ao sentar para iniciar a elaboração do projeto, decidi por consultar os anjos novamente: "Será que àquelas páginas se repetirão? Afinal agora estou em outro momento". E o resultado foi mais impressionante. A maior parte das páginas se repetiu, em especial àquelas nas quais eu mais acreditava. Obedecendo a intuição, somei todos os números das páginas. O total foi 12 (doze): O KARMA!

³ "Blade Runner" é o nome que se deu a um SIG, sistema de informação geográfico para o gerenciamento da saúde, no distrito de Pau de Lima, em Salvador, Bahia. "Essa denominação foi inspirada no filme de mesmo nome, no qual o protagonista utiliza-se de um computador para ampliar pequenas partes de fotografias. Assim ele pode perceber detalhes minúsculos que seriam insignificantes e quase invisíveis a olho nú. Estas nuances pequeninas, " porém importantíssimas, fornecem a peça de informação fundamental que lhe permite identificar,

Tendo como ponto de partida a preocupação com os referenciais utilizados pelos profissionais da saúde e educação, imaginei um programa de saúde coletiva centrado nas necessidades e possibilidades, individuais e coletivas, de felicidade-prazer dos cidadãos. Estas como categorias do processo de ser saudável, talvez as básicas, as motivadoras da vida saudável. Um programa que começasse nas escolas básicas, no planejamento familiar, no cotidiano das famílias, dos demais grupos, das comunidades: "Isto sim me parece promoção da saúde... Fazer enfermagem, cuidar da saúde, ou seja, ajudar as pessoas a "cultivar a vida!".

Isso é uma utopia? Pode ser. Mas, tantas coisas que foram sonhadas, desejadas, no passado, hoje são reais. Teilhard de Chardin, citado por Betto (1992, p.46), nos diz que "Assim como não se pode viver sem oxigênio, é a utopia que nos faz viver. Sem ela, não há esperança e a vida esmorece. Em qualquer atividade, a utopia nos impele a partir em busca, enfrentar obstáculos..."

2.2 "Descartes não estava lá": Buscando Argumentos para a Academia

Rubem Alves (1993b, p.98) que o diga:

...depois que todo mundo tinha ido para a cama, e tudo era silêncio, umas coisas estranhas dentro de mim me puxaram para a sala. Eu fui. E fui fazendo coisas. Acendi as velas, que logo transformaram o lugar (...) Tirei da estante um disco, silencioso há cerca de um ano (...). Sentei-me com saudades do tempo em que fumava cachimbo. O cheiro do fumo me faria lembrar o incenso, que tem esta mágica capacidade de apagar os contornos pontudos da realidade, para permitir o mundo encantado das memórias e das nostalgias...

(...) As idéias não eram nem claras e nem distintas, e eu tinha a certeza de que o senhor Descartes não andava por ali. No entanto, sentia-me estranhamente confortável e feliz em meio a estes símbolos obsoletos, reminiscências de um mundo mágico que morreu, a se dar crédito às informações que circulam pelos lugares do saber, laboratórios, escolas...

buscar eliminar o inimigo. De forma similar, o BR brasileiro "tenta atacar as iniquidades na saúde, geralmente dissimuladas pelas médias, mas visíveis através da desagregação e da especialização de dados." (Kadt, Tasca, 1993, p.71). A busca da equidade em saúde, proposta por esse serviço de saúde pública, é centrada na "geografia humana" e no conceito "chances de vida", diferente da "análise de risco" convencional. Pretende resolver o dilema operacional, para prover os responsáveis pelas decisões de instrumentos que os habilite a demarcar grupos prioritários, partindo das bases da população. Equidade refere-se, particularmente, a questões de justiça social, pois são questões que envolvem juízos de valor, relacionados com distribuição de renda, de riquezas e outros benefícios (Kadt,Tasca, 1993).

Claro que tudo aquilo era impróprio de professor universitário, que por profissão tem que jurar lealdade às idéias claras e distintas e aos símbolos unívocos, e gasta seu dia-a-dia iniciando discípulos nos não mistérios do mundo diurno, sol a pino, sem sombras e sem neblinas.

É apenas uma outra dimensão da vida, pela qual a ciência não está interessada. De fato as experiências transpessoais parecem oferecer profundos *insights* que fogem à lógica. Segundo Capra (1990), parece existir uma relação complementar entre fenômenos psíquicos e o método científico. Os fenômenos psíquicos parecem manifestar-se em toda a sua pujança somente fora dos limites do pensamento analítico, e diminuir progressivamente à medida que sua observação e análise vão ficando cada vez mais científicas.

A propósito de senso comum e ciência, Alves (1993c) considera expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver. E para aqueles que teriam a tendência de achar que o senso comum é inferior à ciência, o autor lembra que, por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse à nossa ciência. E considera que a ciência, "curiosamente", desde que ela surgiu, está colocando sérias ameaças à nossa sobrevivência.

Para Lemkow (1992), nós encaramos a metodologia científica como um procedimento nítido, passo a passo, começando com a indução a partir de "fatos" empíricos seguida pela formulação de uma hipótese que é testada experimentalmente. Mas, segundo a autora, nem sempre é assim que as coisas se passam, como já mostraram diversos autores. Fazer ciência é um processo criativo. Ele começa, freqüentemente, "por pura especulação guiada por racionalidade interna", citando Polanyi. De todo modo, diz a autora, as revelações súbitas e espontâneas que vêm aos grandes cientistas são momentos de intensa concentração – momentos apaixonados. Conta-se que, quando Arquimedes, ao entrar no banho, percebeu que o volume da água deslocado era independente da forma do objeto, o *insight* foi tão tremendo que ele gritou "Eureka!".

Os diferentes níveis de conhecimento, como o físico, o racional e o místico, estão intimamente inter-relacionados. Mas, hoje testemunhamos a falta de comunicação entre as ciências e as Humanidades, o que seria produtivo para ambos. É estreita a relação entre a razão mais elevada, como aquela expressada

pelo pensamento filosófico, e a percepção intuitiva e mística. A razão formula a inspiração e o *insight* sob forma de linguagem, de modo a serem utilizados, mas a inspiração em si vem de níveis mais elevados que a razão – vem da percepção espiritual, via intuição (Lemkow, 1992).

Em suma, continua a autora, razão e intuição se sustentam. Uma relação similar é obtida entre os sentidos físicos e a razão. Eles interagem. As percepções sensoriais precisam que a razão lhes forneça o contexto nos quais elas possam ser entendidas. Em outras palavras, diz a autora, essas três faculdades, percepção sensorial, razão e intuição – "os três olhos da alma", como as chamou um místico – mantêm uma relação entre si. Por outro lado, a ciência empírica está totalmente inadequada à tarefa de definir questões últimas como a origem da existência, da vida ou da consciência.

A visão da ciência newtoniana tem limitado a compreensão do ser humano e seu potencial. De acordo com seus princípios, a pessoa "funcionando normalmente" é um espelho fiel do mundo externo objetivo. Sob tal perspectiva, nossas funções mentais limitam-se a retirar informações de nossos órgãos sensórios, estocando-as em nosso "banco-computador" mental e, então, talvez recombinação dados sensórios para recriar alguma coisa nova (Crema, 1989).

A moderna pesquisa da consciência mostra uma necessidade urgente de revisar e expandir essa visão limitada da natureza e dimensão da psique humana.

A questão é que todos somos, em algum sentido, cientistas, filósofos e místicos. **Somos cientistas** quando tentamos descobrir como alguma coisa funciona – por exemplo, algum aparelho ou nosso corpo, ou o sistema de impostos. "Como observou o físico-filósofo Henry Margenau, "o senso comum, se é que ele tem algum significado, é o método científico aplicado à vida cotidiana". **Somos filósofos** quando ponderamos, como todos nós fazemos às vezes, sobre algum problema da existência pessoal ou societal. **Somos místicos** sempre que experimentamos de súbito a unidade transcendente – seja com os outros ou com a natureza ou com a beleza ou a verdade encontradas sob qualquer forma (Lemkow, 1992, p.72). (O destaque é meu).

Mas, para a ciência, segundo Alves (1993a, p.24), é necessário, antes de tudo, objetividade. Que o cientista não fale; que seja o objeto de fala através de seu

discurso. Valores? Paixão? Confissões de amor? Nada mais que ideologia. "O que importa é o que é e o que seremos forçados a fazer por esta realidade. E foi assim que aprendemos a assepsia do desejo, a repressão do amor, a vergonha de revelar as paixões e as esperanças. Dizer os próprios sonhos? Contar as utopias construídas em silêncio? Quem se atrevia?"

Este é um aspecto importante numa reflexão filosófica sobre o homem. Segundo Japiassu (1992), é justamente esse ponto da realidade onde o não objetivável do sujeito religa-se ao objetivável. A tarefa da filosofia não consiste em separar o objetivo do subjetivo, mas mostrar que o homem é o lugar onde os dois se encontram e se entrelaçam.

A não separatividade já era conhecida não só pelos pré-socráticos, mas faz parte da experiência transpessoal dos místicos de todas as tradições culturais ou fora delas. As descobertas recentes da física quântica nos levam também, como nos mostrou particularmente Edgar Morin, à reintrodução do sujeito no processo de observação científica (Weil, 1993).

Crema (1993, p.133) considera que sofremos atualmente as conseqüências do condicionamento materialista, mecanicista e reducionista, implícito no paradigma cartesiano-newtoniano que caracteriza a Idade Moderna. "Descartes afirmava que os filósofos da sua época não compreendiam o homem por não compreenderem suficientemente a máquina (...) O homem, então, se fez máquina. Robotizou a sua mente e mecanizou sua rotina existencial. Reduziu o seu Mistério a engrenagens. *Nous*, o espírito, degenerou-se em intelecto, como denunciou Jung".

Mas, o valor da "Ciência" está cada dia mais sendo questionado. O fato de o homem ter chegado à lua gerou no interior das pessoas, ao menos da maioria, o sentimento de que o futuro não encontraria obstáculos intransponíveis, e todas as coisas poderiam ser explicadas, dominadas e experimentadas. Hoje a euforia generalizada está em declínio (Instituto de Ação Cultural, 1979).

Qual a razão desse desencanto? Por que, no auge dos mais extraordinários sucessos científicos, as pessoas viram as costas não só à ciência, mas a toda a civilização que fez da ciência sua própria base? A razão disso é muito simples e, ao mesmo tempo, é paradoxalmente muito complexa: a conquista da lua não tornou os povos mais felizes. As pessoas se sentiram frustradas com as condições reais de

vida cotidiana e com a impossibilidade de se fazer algo para modificá-las (Instituto de Ação Cultural, 1979).

Segundo Brandão e Crema (1991), nosso mundo está em crise, provocada por lacunas e falhas do paradigma reinante e suas extrapolações. A felicidade prometida pelas aplicações indiscriminadas da ciência moderna sob forma de tecnologia está se transformando no seu contrário: de um lado, temos a falta elementar de alimento e conforto, que traz fome e miséria física ao terceiro mundo; do outro, temos a miséria dos países desenvolvidos, onde crescem a solidão, a indiferença, a violência sob todas as formas. O conforto não trouxe a felicidade, qualquer que seja o regime político reinante.

Precisamos analisar o desenvolvimento da ciência e tentar tirar ensinamentos dos equívocos. Mas com que ferramentas e instrumentos? As premissas daquela ciência precisam ser relativizadas pois a realidade social não é um dado imutável, e o cientista não pode ser meramente observador imparcial. Sua definição da realidade não é algo que possa ser examinado apenas por instrumentos de mensuração quantitativa. Como se pode falar de uma separação entre o sujeito (cientista social) e o objeto da pesquisa, se sujeito e objeto são, na realidade, seres sociais; se suas ações moldam e transformam a si mesmo e o ambiente? Como pode o cientista ser objetivo para com as coisas do mundo, se esse mundo está em constantes modificações e se ele mesmo é parte integrante desse mundo? (Instituto de Ação Cultural, 1979; Demo, 1989).

Não podemos negar o valor da ciência, pois seus produtos têm sensivelmente contribuído para a vida humana. Nem podemos, como diria D'Ambósio (1993a), negar o valor de Descartes no resgate da razão e da objetividade científica, num momento histórico no qual o obscurantismo medieval predominava. Mas, é preciso ter consciência de que esses produtos têm, também, provocado muitos sofrimentos. Talvez porque falte àqueles ingênuos cientistas e aos manipuladores do conhecimento, refletir sobre o uso dos conhecimentos & satisfação humana, independentemente do progresso. E isso não é uma questão da ciência, mas do que fazemos com ela (Patrício, 1988a, p.7).

E aí, estamos entrando na **questão ética**, da finalidade da ciência e do papel do cientista.

Thiollent (1985) considera que a atividade científica não pode ser vista como templo sagrado, pois ela é uma atividade humana, e social, como qualquer outra; está impregnada de ideologias, de juízos de valor, de argumentos, de dogmatismos ingênuos. Frente a isso a **crítica** aparece, segundo o autor, como uma das características essenciais da ciência. Este é um termo que deixa margem a muitas interpretações, mas entenda-se por crítica tanto a análise como o conhecimento e posicionamento valorativo diante de uma realidade.

É preciso, segundo Plastino (1994), que todo o trabalho científico explicita os pressupostos ético-políticos que o motivam e que se interrogue sobre as conseqüências globais de seus resultados.

Hoje às portas do terceiro milênio, o discurso prevalente – e ainda o mais forte – é o questionamento da ciência em relação à vida humana e, por conseqüência, à vida do planeta.

Durante os cinco dias do "I Seminário Internacional Interdisciplinar: As Transformações do Conhecimento na Virada do Século", ocorrido em Santa Maria em julho de 1993, ouviu-se diferentes cientistas, brasileiros e estrangeiros. Seus discursos se focalizaram em preocupações na relação ciência-vida humana, a ponto de declararem: "A tarefa da Humanidade é ajudar esse mundo a sobreviver" (Delhaas, 1993); "Ou mudamos o sistema ou nos destruiremos" (Souza, 1993).

Igual discurso ouviu-se durante a apresentação de um tema livre no "Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva" em 1994, na cidade de Recife (aliás, o único momento com essa temática em todo o evento). Um grupo de profissionais, incluindo docentes, pertencentes a uma ONG, fez denúncias seríssimas, dignas de um tema central, em relação à implementação da Agenda 21. Nas discussões que se fizeram, e a partir do documento que o grupo apresentou (Vitae Civillis, 1992), de fato a qualidade de vida está diretamente ligada ao que estamos fazendo com o planeta e suas adjacências em prol do desenvolvimento. Nossa vida é ecológica e dirigida por consciências particularmente de interesses político-econômicos. Os participantes desse momento concluíram que nós, outras consciências, não queremos ser "desenvolvidos", não da forma que tem sido.

Diante da crise de nosso tempo, a fé no progresso ou no mito da ciência está abalada. Além disso, a atitude antropocêntrica e desvairada de conforto a qualquer

preço já é denunciada, com significativo consenso (Crema, 1989).

Concordando com Capra (1990), de fato quanto mais estudamos os problemas sociais do nosso tempo, mais nos apercebemos de que a visão mecanicista do mundo e o sistema de valores que lhe está associado geraram tecnologia, instituições e estilos de vida profundamente patológicos.

O dinossauro, dotado de uma força descomunal, desapareceu porque ficou prisioneiro de certas formas de comportamento. Não foi capaz de adaptar-se, isto é, foi incapaz de inventar uma forma nova de sobrevivência (Alves, 1993a, p.17).

O conteúdo do documento "La Salud al. Final del Milenio", de Juan Cesar Garcia (1994), apresentado no México, por ocasião do "VI Congresso Latinoamericano e VII Mundial de Medicina Social" é um dado objetivo do que está acontecendo com a vida, apesar de tantos conhecimentos e tecnologia avançada. Ao introduzir a conferência, Garcia salienta a necessidade da busca "Y construcción de mas dignidad, bienestar y felicidad y menos dolor e inequidad". Alguns trechos para ilustrar:

El problema ecológico no es hoy un problema de preferencia cromática. Es un problema de inter-relaciones. De inter-acciones hombre-naturaleza, hombre-hombre, sociedad-sociedad, mediadas por la naturaleza.

No duo en considerar LA INEQUIDAD como el mayor saldo rojo en el balance socio-sanitário de la humanidad de final de este milenio. No como una simple y en ocasiones conveniente desigualdad, sino como desigualdad innecesaria, injusta y evitable. (...). Las de género y las políticas, las culturales y las tecnológicas, las del dinero y las del agua potable, las etáreas y las alimenticias (...). La probabilidad de morir entre el nacimiento y los cinco años de vida es cincuenta veces mayor em Mozambique que en Japón (...).

Por supuesto que el Japón tampoco es el paraíso. Las tasas de suicídio y de muertes relacionadas com el ritmo y la cultura del trabajo, entre otras, así lo demuestran.

... a la alta prevalencia de enfermedades se sumam el desalojo de sus terras y cultura, su marginación político-social y la persistência de una especie de genocidio ostenido de baja intensidad con picos esporádicos que sacuden la inconsciencia colectiva.

En un trabajo colombiano sobre "Ancianos y Ancianatos" se encontró que en los viejos que vivían en instituciones, más de la mitad nunca recibían visitas y las tres cuartas partes jamás habían recibido um regalo de familiares y amigos durante su internación.

El mapa de sangre podría seguir con los niños de la calle de Brasil, en especial em Rio de Janeiro; con los zulúes de Suráfrica; con el dolor anónimo de los Kurdos; los davidianos de los Estados Unidos; los sanderistas del Perú (...) y muchos otros que muerem e matam por las más diversas razones (...) el del maltrato de los niños, las mujeres y los ancianos(..); el de los sequestros, los assaltos y los robos; el de las violencias institucionales y las disfrazadas o legitimadas por el monopolio estatal de la fuerza; el de todas las violencias cotidiana-

nas en la familia y en la escuela, en el transporte y en el cine, en el trabajo y en el esporte, en los negocios y en el amor.

No seremos capaces de salirnos de esta red de violencia y de construir juntos una red de equidad y tolerancia? Cuánta violencia nos hará falta para decidirmos por otras formas de convivencia?

A questão central, de certa forma, é um desafio: necessidade de mudarmos os paradigmas que aí estão para paradigmas que possibilitem "visão universal, compreensão das diversidades; transformação social" (MacLaren, 1993). Seria "Resgatar as coisas elementares, a Humanidade; evitar que a produção preceda a necessidade; é preciso incorporar o componente de ética (D'Ambrósio, 1993b).

O novo paradigma teria atitudes para a transformação, como por exemplo: "uma prática de solidariedade, de comunidade; investir-se afetivamente nessa luta (...) Práticas combativas mais oposicionais" (McLaren, 1993a); "Com afeto e subjetividade, envolvimento, engajamento de consciência, sem economia de afeto" (Silva, 1993); "Solidariedade com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e de transcendência..." (D'Ambrósio, 1993b); uma prática de conhecimento e atenção a partir de princípios da bioética, considerando os desejos, as crenças, em especial os valores dos seres humanos (Sass, 1990; Patricio, 1993g).

E, aí, estamos entrando na questão da **estética** do viver . A "estética não do belo, mas a estética da atitude, de fazer vir à tona toda a subjetividade, o que há dentro de cada um, uma postura..." (Pereira, 1993). "É ser político sensível, é expor idéias, é expor-se, é propor, é compartilhar conhecimentos e sentimentos, é trabalhar as diversidades, mesmo gerando conflitos. É colocá-los para fora através da catarse (Patricio, 1994c, p.104).

Segundo Lukács (1972, p. 508), a catarse tem origem na vida, geralmente trata de problemas éticos, portanto pode levar ao desenvolvimento de uma consciência estética, ser um momento especial para a vida social e, assim, um elemento presente entre as forças formadoras da refiguração da realidade. A catarse é como uma "sacudida tal da subjetividade do receptor, que suas paixões vitais geram novos conteúdos, uma nova direção..."

Na visão de Santin (1994, p.23), a sensibilidade representa a volta do sujeito e da subjetividade na produção do conhecimento humano. Considera que "O

resgate da sensibilidade precisa acontecer nas duas dimensões, enquanto conhecimento válido e enquanto vida afetiva, condições inerentes da vida do sujeito cognoscente (...). Trata-se de conciliar razão e sensibilidade, subjetividade e objetividade". O autor nos lembra que Schiller, já no século XVIII, a propósito da educação estética do homem, "via no impulso lúdico que a razão e a sensibilidade atuam juntas e não se pode mais falar em tirania de uma sobre a outra". Segundo Santin, seria como um novo tratamento da vida e da natureza. Eu diria apenas "Da Vida".

Se a ciência é uma função da vida, justifica-se apenas enquanto órgão adequado à nossa sobrevivência. "Uma ciência que se divorciou da vida perdeu a sua legitimidade" (Alves, 1993a, p.37).

Para Demo (1989, p.260),

A ciência está presa ao método, e método não entende de felicidade. E é essa a maior ironia pois ao lado de fantástica competência formal, não tem nada a dizer sobre felicidade do homem. Não é tema para ela. Não cabe no método (...). A ciência emerge como possivelmente monstruosa criatura humana que engole o homem. Sabemos demais como fazer guerra, como controlar o povo, como interferir na ecologia, mas sabemos quase nada, por vezes nada, de como sermos felizes.

Por não saber disso, o povo não se dirige ao cientista para tratar suas "coisas" íntimas, importantes, vitais. Dirige-se ao sábio, ao amigo, ao curandeiro, porque vê neles figuras comunitárias, do seu tamanho. O cientista é um estereótipo distante, superior, sofisticado. Não serve para o cotidiano.

Segundo Alves (1993b), a ciência apareceu como Deus encarnado: poder para transformar desejos em realidade. Citando Priestley: "O fim será glorioso e paradisíaco... Os homens prolongarão os dias e suas vidas ficarão mais felizes" . E assim a salvação é possível; os homens podem ser felizes não pelo poder dos sacramentos mas pela expansão do saber. Acreditava-se que a investigação e o conhecimento vinham grávidos de esperanças, o progresso da ciência traria consigo a expansão da felicidade. Só que alguma coisa aconteceu, diz o autor: as esperanças abortaram, os deuses morreram. Já se sente o cheiro de decomposição. É hora de sepultamento. A promessa virou maldição. De alegria para o corpo a ciência transformou-se em tristeza.

Demo (1989), a partir de Marcuse, chama atenção para uma nova "racionalidade" que parte da visão da necessidade de ultrapassar limites, soltando a

criatividade (o destaque é meu). Dá importância a algumas **categorias libertadoras**, como a fantasia, parceira da utopia, a arte e a dimensão estética, bem como a expressões contíguas como a **intuição e o impulso lúdico**. Considera essa possibilidade dentro das concepções da teoria crítica. "Ciência também como poesia, arte, felicidade".

Partindo de uma concepção nova de ciência, Demo (1989, p.66) coloca a possibilidade da antimetodologia, não negando o método, mas tornando possível ampliar a **criatividade** (o destaque é meu). Antimetodologia seria a "crítica e autocrítica da metodologia, na busca de metodologias alternativas, que sejam mais consentâneas com as marcas históricas da realidade social e **que falem da felicidade humana**".

De fato, como coloca Santin (1994, p.20),

A retomada do debate sobre a sensibilidade revelou os grandes dramas da vida humana obrigando a rever os conceitos de humanismo e de humanização. A suposta neutralidade do compromisso da ciência com a verdade foi colocada sob suspeita. A razão como sendo a característica única e suprema da identidade do homem está passando por uma série de questionamentos.

É... Parece ter chegado a hora da "revolução científica", conforme denomina Kuhn (1978) em relação à mudança de paradigma. Mas, acredito que essa revolução precisa ainda, para sair do discurso e se concretizar em postura coletiva, ter a categoria "Nova Consciência" como arma central.

Precisamos de consciências que não aceitem que o valor do conhecimento ordinário seja de importância secundária, que a ciência tem avançado na compreensão dos fenômenos da relação homem-natureza. Ao contrário, segundo Lemkow (1992), no estágio atual do desenvolvimento humano precisamos aprimorar nossa capacidade de resolver problemas, buscando soluções baseadas no conhecimento e na experiência. E, mais do que tudo, precisamos de **imaginação criativa** (o destaque é meu), para lidar com os problemas que nós mesmos criamos.

A propósito do amor... Do científico:

Produz prazer?

É eficaz?

Acende esperanças?

Aumenta o desejo de viver e de lutar?

Não perguntamos se a enxada,

o pão, o corpo, o jardim, são verdadeiros. Rubem Alves

3 DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA A UM NOVO PARADIGMA

*Conhecer algo implica saber sua origem e finalidade;
o potencial da criatividade e intuição
são mais vastos do que ordinariamente se assume*

Swimme

3.1 Vivenciando e Ampliando a Consciência: Repensando a Vida e a Profissão

PRÁXIS

*O ofício de viver
Se aprende ao fazer.*

Touché

Se o homem aceitasse sempre o mundo como ele é, e se, por outro lado, aceitasse sempre a si mesmo em seu estado atual, não sentiria a necessidade de transformar o mundo ou de transformar-se. O homem age conhecendo, do mesmo modo que – como veremos adiante – se conhece agindo.

Vazquez

Segundo Grof e Bennett (1994), há muitos caminhos diferentes para nosso entendimento da consciência. "Após esse entendimento", diz o autor, "nossa vida não é mais a mesma".

Para construir minha vida acadêmica, e mesmo minha vida pessoal, tenho andado por vários caminhos. Todos eles são trilhados, motivados, por necessidades, por insatisfações. Tem sido uma eterna busca. Através deles refaço conceitos e modos de agir.

Quando minha consciência foi "mexida" pela primeira vez, senti necessidade de uma nova forma de abordar a vida humana. Dessa semente, emergiu mais tarde a necessidade de construção de um referencial teórico para a enfermagem.

Esse processo iniciou em finais da década de 70, quando desenvolvia atividades junto a crianças e famílias em hospital e comunidade, enquanto acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul.

Fui tocada quando me deparei com a realidade, com a condição humana de um "outro mundo"; ao interagir com crianças internadas no Hospital Santo Antônio de Porto Alegre; ao tomar conhecimento de sua realidade social, afetiva, cultural, e da forma como isso era abordado pelos sistemas de saúde, incluindo seu pessoal.

Nessa oportunidade, graças à sensibilidade da Professora que nos acompanhava, Dr^a Olga Eidt, aprendi, ou talvez seja melhor dizer, **senti**, com mais propriedade a dimensão "modo de olhar os eventos" e, em especial, senti a dimensão **ética**, tão importante no processo saber-fazer enfermagem, quanto o são os conhecimentos científicos.

A Professora que acompanhava nosso grupo salientou a importância de diversas dimensões do cuidar, ressaltando a necessidade de avaliarmos nossos sentimentos em relação às pessoas e sua realidade. Algumas colegas sentiram-se angustiadas com o que vivenciaram; umas não demonstraram preocupação; outras se revoltaram e acabaram culpando a família, em especial a mãe da criança.

E a Professora, por sua vez, preocupada com a postura dessas últimas colegas, nos colocou a realidade que não conhecíamos: a realidade "daquela mãe". E, mais, salientou que não basta refletir, se angustiar com a situação, é preciso agir. Afinal, a ansiedade sem rumo nos faz ficar doentes.

Naquela oportunidade, com olhar em princípios da Pediatria Social, fiz minha primeira síntese: "Enquanto profissionais da saúde e cidadãos, envolvidos em colaborar na transformação de situações limitantes em possibilidades de saúde da população, precisamos sentir angústia, ansiedade e indignação frente às situações limitantes, de sofrimento, de injustiças. Esse seria o ponto de partida, o pré-requisito, para o desenvolvimento de possibilidades de mudança" (Patricio, 1993g, p.2). Era preciso preocupar-se com o bem viver dos outros.

Daí em diante, até 1980, tentei, em silêncio, aplicar meus princípios em referenciais já pré-estabelecidos, sedimentados, nas instituições onde trabalhei.

Entre 1980 a 1982, enquanto docente da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina), comecei a refletir mais sobre o tema. Passei a sentir grande insatisfação e necessidade de modificar o referencial que utilizava. Precisava de um referencial que, além das questões biológico-afetivas, valorizasse também a

dimensão cultural dos indivíduos e suas questões socioeconômicas. Esse foi um grande " **Período de Luzes** ".

Nessa época meu olhar e minha consciência estavam voltados para o processo de viver de crianças e famílias em diferentes contextos, e de trabalhadores da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina. Em especial, estava fascinada com a diversidade da vida sociocultural de nossos brasileiros do Norte do País, mais especificamente de Itaituba, no Pará:

Incrível aquela vida de busca de ouro, de prazer desenfreado... Toda aquela agitação numa imensidão de beleza natural, silenciosamente regada pelo Tapajós... Eles vinham de tão longe... E aqueles adolescentes, tão jovens, e já no mundo da prostituição e do álcool...

Em estudo que fiz, através de observação participante, durante 8 dias na cidade de Pradópolis, São Paulo, em 1981, conheci outras dimensões do viver das pessoas. Em meio a canaviais, usinas, serviços de saúde e de assistência social da cidade, conheci a necessidade de satisfação de necessidades de poder e lucro do ser humano através da exploração de semelhantes que abandonavam suas regiões em busca de melhores condições de vida. Mas, conheci, também outros seres humanos, médicos da USP, indignados com essa realidade local.

Sem dúvida, o referencial que utilizava não combinava com o processo de viver e ser saudável das pessoas, nem do Sul e nem do Norte.

Minha insatisfação estava justificada pela utilização de um referencial mecanicista, fragmentário, centrado na doença e não na pessoa, descontextualizado do ser, e neutro, perante às diferenças sociais. Apesar de estar me fundamentando num marco de enfermagem que se propunha a ver o homem como um todo, esse referencial não estava sendo suficiente, não estava dando conta da abordagem das necessidades do ser humano, ao menos enquanto compreensão naquela época. Mesmo enquanto enfermagem, não era forte o suficiente para superar o modelo médico vigente, legitimado, que dominava a prática dos profissionais da saúde.

Comecei, então, a elaborar a partir de atividades teórico-práticas, alguns princípios e técnicas de abordagem individual e coletiva, fundamentados na compreensão do viver sociocultural e afetivo da relação ser humano-ambiente, incluindo aspectos de cidadania, em particular da criança-adolescente-família nos seus próprios contextos (domicílio, escola, creches, comunidade).

Hoje, tenho consciência de que foi nesse período que me introduzi num mundo de construção teórico-prática, que futuramente vim a adotar como opção metodológica: **o mundo da pesquisa participante, ou pesquisa-ação.**

O período de 1983 até meados de 1985, enquanto iniciante na academia da Universidade Federal de Santa Catarina, eu caracterizo como um "**Período de Sombras**", em razão de não ter tido a liberdade de aplicar e, muito menos, de transcender o que já havia conquistado.

Em finais de 1985, a luz começou novamente a brilhar. Reiniciei a construção do referencial, graças a diversas possibilidades que se abriram. Nessa oportunidade o cotidiano do Departamento de Enfermagem foi invadido por uma Professora que acabava de retornar de seu doutorado nos Estados Unidos. Trazia na bagagem muita vontade de fazer pesquisa na área da família, muitas idéias e vibração que acabaram por mobilizar grande parte dos docentes. Foi então que neste ano me introduzi sistematicamente no mundo da pesquisa, através de leituras e discussões de teorias e participação em pesquisa no Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na Área da Família que estava sendo criado no Departamento de Enfermagem (Elsen et al., 1987). Outro motivo foram as oportunidades que se abriram nesse mesmo ano, de atuar em projetos na área de saúde coletiva, como orientação de trabalho de conclusão de curso na área de criança-família.

Em 1986, com apoio de colegas, consegui, de fato, me libertar novamente e recomeçar minha caminhada na construção de um referencial diferente. Por acreditarmos na necessidade de sair dos muros da universidade, e por solicitação de comunidade escolar e famílias para que mantivéssemos trabalhos após o término de estágios curriculares, começamos projetos sistematizados de saúde coletiva centrados na unidade Criança-Adolescente-Família-Escola (Patrício; Athayde, 1986; Patrício; Casa; Loeffler, 1987).

Concomitantemente àqueles estímulos acadêmicos, um outro grande motivo concretizou esse período de 1985-1986 como um grande "Período de luzes". Nesse período comecei a trilhar outros caminhos, **longe da academia.** Estava precisando tratar meus problemas pessoais. Foi a libertação!

Nesses novos caminhos, minha consciência expandiu-se de forma intensa. Foi quando entrei em contato com outros conhecimentos e crenças (além daqueles

da cultura brasileira), em especial da **cultura oriental**. Aprendi teoria e prática de terapias de outras tradições e também princípios da parapsicologia. As várias vivências, chame-se até de "experiências", que tive a partir daí comigo mesma e com clientes, amigos e amigas, me fizeram perceber o potencial que cada um tem dentro de si, e a diversidade de instrumentos que podemos utilizar para conhecer, compreender e transformar a realidade. Comecei a RE-ORIENTAR minha vida.

"Não havia dúvida, em minha mente, de que tudo aquilo aproximava-se muito de experiência da 'consciência cósmica', sobre o que eu havia lido nos grandes livros místicos do mundo" (Grof e Bennett, 1994, p.30). Faço meu o depoimento desses autores ao relatar suas experiências (pesquisas): "Francamente, houve momentos em que senti profundo medo e desconforto ao confrontar fatos para os quais não tinha explicação racional e que estavam minando meu sistema de crença e visão de mundo".

A partir desse período ciência e enfermagem para mim passaram a significar: conhecimentos precisos, saberes tradicionais, mística, arte, intuição, filosofia, sentimento e razão.

3.2 Re-Ligando Crenças e Conhecimentos: Construindo um Referencial para a Saúde e Enfermagem

Formalmente, a organização da "mistura" dos conhecimentos e crenças, que até então havia concebido, em construção acadêmica, iniciou em 1987, no mestrado.

Na introdução de um trabalho sobre linhas de pesquisa, pedi licença ao Professor para usar minha liberdade na forma de redigir o trabalho. E o fiz, integrando conceitos e princípios positivistas, fenomenológicos e materialistas com poesias do nosso poeta Raimundo Correia, a propósito de vida-morte, seu tema preferido.

Concluí esse trabalho dizendo: "Podemos considerar, então, que se **associarmos** a grande colaboração da **fenomenologia**, na compreensão do ser humano, à utilização dos **conhecimentos científicos**, a favor do homem-natureza, aos procedimentos de **transformação** necessários ao desenvolvimento do 'ser-no-mundo',

consciente, ativo, expressivo e livre, estaríamos encontrando, talvez, a essência de como colaborar para que todo o ser humano pudesse ser feliz no seu processo de viver" (Patricio, 1988a, p.9).

Longe de ver a vida ausente de conflitos, de perceber que a vida não se faz baseada na ciência, mas nos sentimentos, nos desejos, na arte, nas necessidades..., ainda acredito nisso.

Mais tarde, encontrei argumentações mais consistentes para minhas "misturas" do mestrado. Segundo Cupani (1992), o problema filosófico mais importante é a relação entre conhecimento e vida e isso passa pela discussão de teoria e práxis. Segundo esse autor, existem três interesses específicos de conhecimento – que movem o ser humano a conhecer: de **controle**, de **comunicação** e de **emancipação**. O primeiro, conhecido como positivista, é o mundo dos "objetos", de "como funciona", por exemplo, a conduta dos seres humanos. O segundo é o mundo dos sujeitos que tentamos compreender; o "significado" é o conceito básico. O terceiro, chamado "dialético": "o mundo se abre como um conjunto de situações que devem ser mudadas; "Uma situação de frustração é percebida (...) é um levar a **libertar-se de entraves de desenvolvimento humano**" (destaque é meu).

Esse mesmo autor, dando seu parecer particular, considera que essas linhas não são excludentes. Dependendo da teoria escolhida para nortear o trabalho, dependendo do tema, essas linhas podem ser associadas, mantendo-se a predominância de uma delas. Por exemplo: se for dialético (o interesse), pode-se usar técnica de controle ou comunicação, desde que se mantenha um equilíbrio na combinação.

Seria a união destas linhas a quarta forma da busca de conhecimento?

Da reflexão sobre essa questão, entramos no mundo da ética, da estética do viver individual e coletivo, pessoal e profissional. Nesse momento é preciso decidir-se por uma atitude metodológica na construção do conhecimento.

Esse conhecimento, para o profissional que trabalha com as idéias e concretude do corpo humano num dado contexto social, precisa ser buscado de uma forma diferente daquela dita tradicional. **É preciso ser construído no laboratório da vida, no cotidiano do pensar-fazer enfermagem, tendo como base a**

participação efetiva do sujeito – cliente – em todo o processo, a compreensão desse conhecimento e a possibilidade de atuar na transformação de situações evidentes ou potenciais de limitação do viver saudável.

Partindo dessa perspectiva, decidi em 1987 pela postura metodológica da Pesquisa Participante ou Pesquisa-Ação (Patricio, 1988b; 1993c; 1994b)

Tive, e ainda estou tendo, a possibilidade de exercitar essa associação, esse processo de **re-ligar**, ao iniciar em 1987, no mestrado, a elaboração e aplicação de um referencial teórico. Essa possibilidade se concretizou, enquanto reconhecimento acadêmico, em abril de 1990, através da dissertação de mestrado. O estudo de caráter qualitativo foi caracterizado como elaboração de uma marco conceitual, operacionalização, aplicação e análise reflexiva desse trabalho como um todo. Tinha como foco o cuidado de enfoque sociocultural à família da adolescente grávida, focalizando como pontos importantes, a relação Homem-Natureza-Sociedade, o valor da cultura humana, seus recursos e suas trocas afetivas cotidianas na determinação de seu bem viver (Patrício,1990a).

Esse referencial, além de ser baseado nos pressupostos gerados na história de vida pessoa-profissional, se fundamenta em idéias de vários autores de diferentes disciplinas, em especial de Leininger (1978; 1985), enfermeira antropóloga, caracterizada com predomínio nas linhas positivista (funcionalista) e fenomenológica, segundo percepção de Reis (1988), e em idéias de Gramsci (1987), filósofo, militante, materialista, caracterizado como dialético.

Naquela oportunidade, baseada em diferentes leituras no mestrado, defendi a tese de que aquele marco referencial, composto por um conjunto de conceitos gerais e específicos, definições, proposições e técnicas de operacionalização, tratava-se de uma teoria de enfermagem e que sua concretização era, nada mais, nada menos, que um estudo de campo caracterizado como pesquisa participante. Atualmente, após vários estudos sobre o tema, não tenho dúvidas quanto a isso. Esse marco tem sido aplicado por diversos alunos e profissionais de enfermagem, oportunizando não apenas sua reprodução, mas, em especial, sua **recriação** através da diversidade de pessoas e situações envolvidas.

A partir desse mesmo ano, com a denominação de "Referencial do Cuidado Sociocultural", esse referencial passou a ser utilizado por alunos e outros

professores, em atividades de ensino-pesquisa-extensão, começando com o projeto de pesquisa-extensão "Cuidando da Saúde da Criança-Adolescente-Família na Comunidade" (Patrício e Tourinho, 1990).

Mais intensamente, a partir de meados de 1990, enquanto membro do TRANSCRIAR-UFSC – Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver Saudável, venho, juntamente com alunos de graduação em enfermagem e outros colegas, desenvolvendo esse marco referencial, através de trabalhos de ensino-pesquisa-extensão com crianças, adolescentes, adultos, famílias e outros grupos, além da própria comunidade como organização social maior. Nestes trabalhos temos contado com a participação de profissionais de outras disciplinas, o que tem gerado o desenvolvimento de pressupostos, técnicas e estratégias interdisciplinares, em busca de trabalho transdisciplinar.

Em finais desse ano de 1990, tentando compreender melhor o sentido da palavra "holística", colocada levemente na dissertação de mestrado, identifiquei através da literatura que esse referencial poderia ser inserido nas propostas da abordagem Holística (Crema, 1989; Weil, 1990) e Ecológica, Sistêmica (Capra, 1990) e, conseqüentemente, nas propostas de um novo paradigma, de um novo olhar e agir humano.

Foi assim que, no ano de 1991, passou a ser denominado de "Referencial do Cuidado Holístico" e posteriormente: "Holístico-Ecológico".

Esse referencial, considerado ainda inacabado, vem se desenvolvendo a cada dia através da compreensão da dinâmica da interação Homem-Natureza-Cotidiano-Sociedade, com ênfase nas relações transculturais e transpessoais, e da compreensão da enfermagem como mediadora no processo de viver saudável e na transformação do conhecimento nessa área, com ou sem a participação de profissionais de outras disciplinas.

Essa trajetória tem sido denominada uma "Práxis". Num processo contínuo de agir-filosofar-agir, na medida em que se foi praticando, na pesquisa e assistência, analisando e refletindo esse referencial, outros autores foram sendo incorporados – o que tem aumentado progressivamente nossa compreensão de ser humano e dos eventos. Paralelamente, têm ocorrido mudanças com o método. Progressivamente, foi incorporando novas formas e instrumentos, gerando técnicas

participantes de levantamento de dados através de "Oficinas de Saúde" (Patricio, 1989; 1993d; 1994bc).

Além de fundamentar atividades de pesquisa e de enfermagem, esse referencial tem sido base em atividades de ensino por alguns professores, no Curso de Graduação em Enfermagem e, em outras oportunidades, inclusive por enfermeiros de campo, onde se insere o processo de ensino-aprendizagem. Acontece que, naturalmente, de tão incorporado que este referencial estava nas pessoas que o desenvolviam naquelas atividades, passou a fundamentar também as interações com alunos e profissionais envolvidos em processos de ensino-aprendizagem. Em 1991, durante apresentação pública de relatórios de atividades, junto à equipe multidisciplinar envolvida em atividades com criança-adolescente, esse referencial foi identificado por uma doutora em educação, especializada em Vigotsky, Wallon e na Teoria da Modificabilidade Cognitiva de Feuerstein e Bolivar, como uma "abordagem construtivista nas ações de saúde".

Tem se dado por um processo de recriação constante através do pesquisar, do ensinar e do cuidar, ou seja: por transformações contínuas a partir das interações vividas com a população e na academia; através de reflexões constantes com alunos e colegas de enfermagem e de outras disciplinas, além da associação com idéias dos parceiros da literatura. Parceria esta cada dia mais crescente em diversidade cultural, tendo em vista a complexidade e amplitude dos conceitos "Ser Humano" e "Processo de Viver Saudável", que tem emergido das análises de nossos trabalhos. A maioria destes autores estão inseridos numa proposta de uma nova consciência para a satisfação humana e preservação da Humanidade dentro de princípios éticos e estéticos. São discursos que desde o início de 1990 estão em defesa da mudança de paradigma, conforme compreensão de Kuhn (1978).

3.3 Abordagem Holístico-Ecológica: A Proposta de um novo Paradigma

Gregory Beteson, um dos maiores teóricos de nosso tempo, desafiou a opinião tradicional demonstrando que todos os limites do mundo são ilusórios e que o funcionamento mental, usualmente atribuído apenas aos seres humanos,

ocorre através de toda a natureza incluindo animais, plantas e, mesmo, sistemas inorgânicos. Em sua síntese sobre cibernética, informação e teoria dos sistemas, antropologia, psicologia e outros campos, demonstrou que mente e natureza formam uma unidade indivisível (Grof e Bennett, 1994).

É uma nova consciência. Segundo esses autores, o estudo da consciência, que já foi considerado o "primo pobre" das ciências físicas, está conquistando rapidamente um lugar de honra entre cientistas.

Nossa consciência despertada – consciência racional, como a chamamos – constitui apenas um tipo especial de consciência, ao passo que em toda a parte em torno dela encontram-se formas potenciais de consciência inteiramente diferentes, somente separadas pelo mais tênue dos véus. Sendo assim, citando William James, "nenhuma explicação do universo, em sua totalidade, pode ser definitiva se não levar em conta estas outras formas de consciência" (Grof e Bennett, 1994, p.25).

A moderna psicologia e a pesquisa da consciência devem muito ao psiquiatra suíço C.G. Jung. Uma das mais renomadas contribuições de Jung é o conceito de "inconsciente coletivo", imenso reservatório de informações da cultura e história humanas, utilizáveis por todos nós nas profundezas de nossa psique. Jung também identificou os padrões básicos e dinâmicos, ou primordiais princípios organizadores, que operam no inconsciente coletivo tanto quanto no universo em geral. Chamou-os de "arquetipos" e descreveu seus efeitos sobre nós, como indivíduos, e sobre a sociedade humana como um todo (Grof e Bennett, 1994).

As idéias de Jung desafiam não apenas a psicologia, mas também o conceito newtoniano da realidade e da filosofia da ciência ocidental. Essas idéias mostram que consciência e matéria sofrem constante influência recíproca, informando e modelando uma a outra, como o poeta William Butler Yeats deve ter imaginado quando tratou desses eventos em que "você não pode distinguir o dançarino da dança" (Grof e Bennett, 1994).

Esses autores nos chamam atenção para a importância de se explorar as mais diversas implicações da pesquisa moderna da consciência, para o conhecimento de nós mesmos e do universo. Isso pode ocorrer, segundo ele, através de diferentes técnicas, desde aquelas induzidas, como exercícios especiais de respiração, rituais xamânicos, regressão hipnótica, até por situações de quase-morte ou episódios

espontâneos de emergência espiritual. O que todas essas experiências têm em comum é que representam um desafio crítico aos tradicionais modos de pensar, e sugerem um caminho inteiramente novo para encarar-se a realidade e a nossa existência.

Para Weil (1993), as descobertas da física quântica nos levam também, como mostrou particularmente Edgar Morin, à reintrodução do sujeito no processo de observação científica.

Quem conhece a função da tradição, continua o autor, no sentido usado por Guénon, ou algumas tradições ainda vivas, sabe que o intelecto é limitado e que para um "sujeito" poder encontrar a "verdade" do "objeto", terá de ir além do raciocínio lógico e usar outras funções usualmente não aproveitadas ou mesmo reprimidas pelo próprio racionalismo científico.

Temos mostrado que é extremamente difícil ou mesmo impossível um cientista apreender a essência das tradições apenas por meios racionais. Ele precisa passar por uma iniciação tradicional ou descobrir essa essência através de uma experiência "fortuita" própria. É uma vivência indispensável. Por isso é preciso adotar uma abordagem holística em que se distinguem a "holologia" e a "holopraxis", ou holoprática (Weil, 1993).

Essa visão nos leva a concepção de transdisciplinaridade. Transdisciplinaridade implica necessariamente a abordagem holística. A vivência transpessoal faz parte e é resultado da holopraxis; transdisciplinaridade e vivência transpessoal são partes integrantes da abordagem holística e incluem, por conseguinte, o encontro entre ciência e tradição.

Qual a semelhança e a diferença entre transdisciplinaridade e a holística?

De um lado, holístico implica uma visão resultante de uma experiência que, por sua vez, é geralmente o resultado de uma combinação de holopraxis ou prática experiencial com o estudo intelectual, ou holologia, de um enfoque analítico e também sintético, de uma mobilização das funções ligadas ao cérebro direito e ao esquerdo e da sua sinergia, de um equilíbrio entre as quatro funções psíquicas, ou seja, a sensação, o sentimento, a razão e a intuição. Chamamos a essa conjugação de "abordagem holística" (Weil, 1993).

E a transdisciplinaridade?

Do ponto de vista histórico, "os dois termos nasceram e se desenvolveram de modo independente. O termo "holístico" nasceu primeiro, em 1926, trazido por Jan Christian Smuts, indicando uma força responsável por todos os conjuntos do universo. O termo "transdisciplinaridade", por sua vez, foi trazido por Jean Piaget, um dos nossos mestres ocidentais, num encontro sobre interdisciplinaridade promovido pela Organização da Comunidade Européia, em 1970 (Weil, 1993).

Crema (1993) pontua que a Transdisciplinaridade, na sua acepção literal, significa transcender a disciplinaridade. Torna-se prioritário, portanto, entendermos a disciplinaridade moderna, sua origem, função e limitação diante dos novos desafios contemporâneos.

O enfoque disciplinar, na atualidade, pode ser considerado um dos frutos mais típicos e substanciais do racionalismo científico, que modelou, nos últimos séculos, a mente e a atitude básica do ocidental. A universidade moderna caracteriza-se por três fragmentos principais: o físico, o biológico e o humano. Cada um desses ramos, por sua vez, estilhaçou-se em dezenas de sub-ramos, dedicados a objetos gradativamente mais específicos e de mínimo alcance. O instrumento básico desta perspectiva, portanto, é o analítico.

Transdisciplinaridade é um significativo passo além, um avanço qualitativo. "Representa a convocação para a mesa de reflexão e sinergia, ao lado dos cientistas e técnicos, dos 'exilados' do exaltado império da razão: os artistas, os poetas, os filósofos e os místicos. Vale dizer, o retorno à qualificação desses navegantes da subjetividade, da alma e do absoluto, condenados a um quase ostracismo e à marginalidade nesses últimos 'iluminados' séculos" (Crema, 1993).

Porém, desde o início, o termo holístico é ligado, por Smuts, a uma "força" ou a sistema energético, enquanto a transdisciplinaridade refere-se às disciplinas do conhecimento humano, mais particularmente do conhecimento científico. Estamos ainda diante de um conceito limitado (Weil, 1993) (o destaque é meu).

Uma série de eventos entre 1970 e 1990 fez com que os dois termos, holístico e transdisciplinaridade, se aproximassem.

Segundo D'Ambrósio (1993), desde que Smuts lançou em 1926 as duas palavras, holismo e holístico, elas têm aparecido cada vez mais com frequência, especialmente associadas a uma nova "visão holística", definida por Monique

Thoenig como uma nova consciência para uma nova era.

D'Ambrósio (1993) apresenta três documentos que inspiraram e encorajaram a desenvolver uma teoria fundamental que constitui hoje a base de pesquisa, ensino e ação da Universidade Holística Internacional:

- a Declaração de Veneza da Unesco (1986), ao afirmar que a ciência chegou aos confins em que não pode mais assistir impassível às aplicações irrefletidas das suas descobertas, e que é chegado o momento do seu encontro complementar com as grandes tradições culturais da Humanidade. Recomenda o desenvolvimento da transdisciplinaridade.
- a Declaração de Vancouver da Unesco (1990), ao reforçar os termos da Declaração de Veneza e insistir no caráter de emergência em relação à sobrevivência da vida frente ao caráter limitado dos recursos naturais da terra;
- a Carta Magna da Universidade Holística Internacional (1986), ao representar um primeiro esforço para definir o novo paradigma emergente.

Eis seu enunciado:

Este paradigma considera cada elemento de um campo como um evento que reflete e contém todas as dimensões do campo (cf. a metáfora do holograma). É uma visão em que o todo e cada uma de suas sinergias estão ligados, em interações constantes e paradoxais.

Convém lembrar aqui a existência dos dois hemisférios cerebrais, cada um com funções diferentes: **no cérebro direito** predominam a intuição, a criatividade, a sinergia, a síntese, a visão global; **o cérebro esquerdo** é mais racional, analítico, conceitual e por isso mesmo dualista. O antigo paradigma está evidentemente ligado a esse último hemisfério, enquanto o novo paradigma leva em conta os dois hemisférios, com apoio no corpo caloso, responsável pela sinergia entre eles (D'Ambrósio, 1993).

A metodologia de pesquisa está profundamente e evidentemente impregnada desses paradigmas. Enquanto no paradigma moderno os princípios metodológicos são bastantes conhecidos, no caso do paradigma holístico a **metodologia está sendo elaborada à medida que seus princípios se esclarecem** (D'Ambrósio, 1993) (o destaque é meu).

Crema (1993) coloca que, embora estejamos nos primórdios de sua compreensão e aplicação, podemos já vislumbrar o vasto alcance do seu potencial transmutador, na direção de uma atitude integrativa e inclusiva frente ao real.

Esse autor ressalta que, transcender as disciplinas de modo algum significa negá-las. O enfoque transdisciplinar não é contra a especialização e reconhece sua necessidade e importância. O que se postula é a abertura do especialista ao todo que o envolve e à dialogicidade com outras formas de conhecimento e de visões do real, visando a complementaridade. Postula-se, também, a motivação e disponibilidade para o imprescindível atuar em equipe, o desafio da convivência com a diversidade. A proposta é transmutar o especialista fechado em especialista *pontifex*, construtor de pontes, consciente da dinâmica todo-e-as-partes, que seja capaz, também, além de fracionar, de vincular e restaurar.

Sinteticamente, são características do Novo Paradigma:

- o novo paradigma pode ser chamado de **holístico**, de **ecológico** ou de **sistêmico**, mas nenhum destes adjetivos o caracteriza completamente;
- no novo paradigma, as propriedades das partes só podem ser entendidas a partir da dinâmica do todo;
- cada estrutura é vista como a manifestação de um processo subjacente. Toda a teia de relações é intrinsecamente dinâmica;
- acredita-se que a epistemologia – a compreensão do processo de conhecimento – deve ser incluída explicitamente na descrição dos fenômenos naturais;
- na medida em que percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições formam, igualmente, uma rede interconexa representando os fenômenos observados;
- no novo paradigma, se reconhece que todos os conceitos, todas as teorias e todas as descobertas são limitadas e aproximadas;
- a ciência nunca poderá fornecer uma compreensão completa e definitiva da realidade. Os cientistas não lidam com a verdade (no sentido de correspondência exata entre a descrição e os fenômenos descritos); eles lidam com descrições limitadas e aproximadas da realidade (Capra, 1992);

- não dualidade. Sujeito e objeto são, indissociavelmente, interdependentes, e feitos da mesma energia;
- no universo tudo é "feito" de espaço e energia indissociáveis. Toda partícula subatômica é luz. O conceito de evento substitui o de elemento;
- matéria, vida e informação são manifestações da mesma energia, provinda e inseparável do mesmo espaço. O universo é feito de sistemas; todos os sistemas são de natureza energética, da mesma energia;
- não somente as partes estão no todo, mas o todo está em todas as partes, como um holograma;
- o conhecimento é produto de uma relação indissociável da mente do sujeito observador, do objeto observado e do processo de observação. As três variáveis são "feitas" da mesma energia;
- a vivência da Realidade é função do estado de consciência em que se encontra o sujeito (Weil, 1993).

3.4 Um novo Paradigma: Uma nova Abordagem à Saúde Individual e Coletiva (Segundo Capra, 1992; 1993)

Segundo Capra, as escolas de medicina promovem vigorosamente um sistema de valores "machista", desequilibrado, desprezando qualidades como a intuição, a sensibilidade, e a solicitude, em favor de uma abordagem racional, agressiva e competitiva.

Hoje em dia, o modelo biomédico é muito mais do que um modelo. A profissão médica adquiriu o *status* de um dogma, e para o grande público está vinculado ao sistema comum de crenças culturais. Para suplantá-lo será necessário nada menos que uma profunda revolução cultural. E tal revolução é imprescindível se quisermos melhorar, ou mesmo manter, nossa saúde. As deficiências de nosso sistema atual de assistência à saúde – em termos de custos, eficácia e satisfação das necessidades humanas – estão ficando cada vez mais notórias e são cada vez mais reconhecidas como decorrentes da natureza restritiva do modelo conceitual em que se baseiam. A abordagem biomédica da saúde ainda será extremamente útil, tal como a estrutura cartesiana-newtoniana continua sendo útil em muitas

áreas da ciência clássica, desde que suas limitações sejam reconhecidas. Os pesquisadores médicos precisam entender que a análise reducionista do corpo-máquina não pode fornecer-lhes uma compreensão completa e profunda dos problemas humanos. A pesquisa biomédica terá de ser integrada num sistema mais amplo de assistência à saúde, em que as manifestações de todas as enfermidades humanas sejam vistas como resultantes da interação de corpo, mente e meio ambiente, e sejam estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente.

A adoção de um conceito holístico e ecológico de saúde, na teoria e na prática, exigirá não só uma mudança conceitual na ciência médica, mas também na reeducação maciça do público.

A natureza é o corpo orgânico do homem – isto é, na natureza, na medida em que ela própria é o corpo humano. O homem vive na natureza. Isto significa que a natureza é seu próprio corpo, com o qual ele deve permanecer em contínuo intercurso se não quiser morrer. A vida física e espiritual do homem está vinculada a si mesma, pois o homem é parte da natureza.

A consciência masculina, yang, que domina nossa cultura encontrou sua plena satisfação não só na ciência pesada, mas também na tecnologia dela derivada. Essa tecnologia não holística, mas fragmentada, é propensa à manipulação e ao controle e não à cooperação, mais auto-afirmativa do que integrativa, e mais adequada à administração centralizada do que à aplicação regional por indivíduos e pequenos grupos. Em consequência disso, essa tecnologia tornou-se profundamente antiecológica, anti-social, mórbida e desumana.

O potencial de destruição global através da guerra nuclear é a maior ameaça ambiental da energia nuclear. Se formos incapazes de impedir a guerra nuclear, todas as outras preocupações ambientais tornar-se-ão puramente acadêmicas. Além disso, é preciso ressaltar que mais alimento está sendo produzido e, no entanto, mais pessoas passam fome.

A fome mundial só poderá ser vencida se houver uma transformação nas relações sociais, de tal modo que a desigualdade seja reduzida em todos os níveis.

A atual assistência à saúde está reduzida à assistência médica dentro da estrutura biológica, isto é, concentra-se na medicina de base hospitalar e dependente de orientação dos grandes laboratórios farmacêuticos. A assistência à saúde e

a prevenção de doenças são tratadas como dois problemas distintos, e, por conseguinte, os profissionais da saúde pouco fazem no sentido de apoiar a política ambiental e social diretamente relacionada com a saúde pública.

As deficiências de nosso atual sistema de assistência à saúde resultam da sutil interação de duas tendências. Uma é a adesão à estreita estrutura biomédica, na qual é sistematicamente negada a importância dos aspectos não-biológicos para a compreensão da doença. A outra tendência, não menos importante, é o empenho da indústria da saúde no crescimento econômico e institucional e na obtenção de poder político, tendo para isso investido maciçamente numa tecnologia decorrente da concepção reducionista da doença. Em vez de incentivar a assistência à saúde em pequenos centros comunitários, onde ela pode ser adaptada às necessidades individuais e exercida com ênfase na profilaxia e na educação sanitária, o sistema atual favorece uma abordagem altamente centralizada e com intensivo consumo de tecnologia, o que é lucrativo para a indústria, mas dispendioso e nocivo aos pacientes.

Paralelamente, o movimento holístico da saúde está ativo dentro e fora do sistema médico, e é apoiado e complementado por outros movimentos populares – grupos de defesa do meio ambiente, organizações antinucleares, grupos de defesa do consumidor, movimentos de libertação social – que compreendem as influências ambientais e sociais sobre a saúde e estão comprometidos em opor-se e em impedir a criação de riscos para a saúde através da ação política.

Todos esses movimentos subscrevem uma visão holística e ecológica da vida, rejeitando o sistema de valores que domina nossa cultura e é perpetuado por nossas instituições sociais e políticas. A nova cultura que está emergindo compartilha uma visão de realidade que ainda está sendo discutida e explorada, mas que se consolidará finalmente como um novo paradigma, destinado a eclipsar a visão de mundo cartesiana em nossa sociedade.

A nova visão da realidade, de que vimos falando, baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada nos âmbitos das instituições. Não existe, no momento presente uma estrutura bem estabelecida,

conceitual ou institucional, que acomode a formulação do novo paradigma, mas as linhas mestras de tal estrutura já estão sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que estão desenvolvendo novas formas de pensamentos e que se estabelecem de acordo com novos princípios.

Nessa situação, parece-nos extremamente fecundo que se desenvolva uma abordagem *bootstrap*, semelhante àquela que a física contemporânea desenvolveu. Isso significará a formulação gradual de uma rede de conceitos e modelos interligados e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de organizações sociais correspondentes. Nenhuma teoria ou modelo será mais fundamental do que o outro, e todos eles terão que ser compatíveis. Eles ultrapassarão as distinções convencionais, qualquer que seja a linguagem, comprovadamente adequada para descrever diferentes aspectos da estrutura inter-relacionada e de múltiplos níveis da realidade. Do mesmo modo, nenhuma das novas instituições sociais será superior ou mais importante do que qualquer uma das outras, e todas elas terão de estar conscientes uma das outras e se comunicar e cooperar entre si.

Com efeito, a "nova física", especialmente sua abordagem *bootstrap*, está muito próxima da teoria geral dos sistemas. Ela enfatiza mais as relações do que as entidades isoladas e, tal como a perspectiva sistêmica, percebe que as relações são inerentemente dinâmicas. O pensamento sistêmico é pensamento de processo; a forma torna-se associada ao processo, a inter-relação à interação, e os opostos são unificados através da oscilação.

A relativa autonomia dos sistemas auto-organizadores projeta nova luz sobre a velha questão filosófica do livre-arbítrio. Do ponto de vista sistêmico, determinismo e liberdade são conceitos relativos. Na medida em que um sistema é autônomo em relação ao seu meio ambiente, ele é livre; na medida em que depender dele, através de interação contínua, sua atividade será modelada por influências ambientais. A relativa autonomia dos organismos geralmente aumenta com sua complexidade, e atinge o auge dos seres humanos.

Esse conceito relativo de livre-arbítrio parece ser compatível com os pontos de vista das tradições místicas que exortam seus adeptos a transcender a noção de um "eu" isolado e a tomar consciência de que somos partes inseparáveis do cosmos em que estamos inseridos.

Em nossa sociedade, entretanto, uma abordagem verdadeiramente holística reconhecerá que o meio ambiente criado por nosso sistema social e econômico, baseado na visão de mundo cartesiana, fragmentada e reducionista, tornou-se uma séria ameaça à nossa saúde. Uma abordagem ecológica de saúde só terá sentido, portanto, se for acompanhada de profundas mudanças em nossa tecnologia e em nossas estruturas sociais e econômicas.

Para integrar um sistema efetivo de assistência à saúde, baseado em concepções holísticas e ecológicas, será fundamental estabelecer uma base conceitual comum para todos os grupos de profissionais e abordar a questão da saúde, de modo que possam se comunicar e coordenar seus esforços.

Será necessário, também, definir o que é saúde, pelo menos aproximadamente. Embora todos nós saibamos o que significa sentirmo-nos saudáveis, é impossível definir precisamente tal estado; a saúde é uma experiência subjetiva, algo que pode ser conhecido intuitivamente, mas nunca descrito ou quantificado. Não obstante, podemos começar nossa definição dizendo que a saúde é um estado de bem-estar que se estabelece quando o organismo funciona de uma certa maneira. A descrição desse modo de funcionamento dependerá de como descrevemos o organismo e suas interações com o meio ambiente. Diferentes modelos de organismos vivos levarão a diferentes definições de saúde. Portanto, o conceito de saúde e os conceitos afins de mal-estar, doença e patologia não se referem a algo bem definido, mas são partes integrantes de modelos limitados e aproximados que refletem uma teia de relações entre múltiplos aspectos do complexo e fluido fenômeno da vida.

Tal abordagem da terapia será multidimensional, envolvendo tratamentos em vários níveis do sistema corpo/mente, o que irá exigir esforço da equipe multidisciplinar. Os membros da equipe de saúde serão especialistas em vários campos, mas compartilharão da mesma concepção holística de saúde e de uma estrutura conceitual comum, o que lhes permitirá comunicar-se eficientemente e integrar seus esforços de maneira sistemática. Esse tipo de assistência à saúde requererá muitas qualificações novas em disciplinas que antes não estavam associadas à medicina, e tudo indica que será intelectualmente mais rica, mais estimulante e mais desafiadora do que uma prática médica que adere exclusiva-

mente ao modelo biomédico.

Tal assistência primária está sendo hoje vigorosamente advogada por enfermeiras que se encontram na vanguarda do movimento holístico de saúde. Um número crescente de enfermeiras está decidindo ser terapeuta independente, em vez de meras assistentes de médicos, procurando orientar-se em sua prática por uma abordagem holística. Essas enfermeiras, assim educadas e motivadas, serão as mais qualificadas para assumir as responsabilidades da clínica geral. Elas estarão aptas a fornecer educação e o aconselhamento necessários à saúde e a avaliar a dinâmica da vida dos pacientes, o que pode servir de base para a assistência sanitária preventiva. Manterão contatos regulares com seus pacientes, para que os problemas possam ser detectados antes que se desenvolvam sintomas sérios, e visitarão os membros da comunidade para atender aos pacientes dentro do contexto de sua situação profissional e familiar.

Para encerrar esta seleção de idéias de Capra, nada melhor que palavras de filósofo em questões de **bioética**:

La medicina y la filosofia no se excluyem mutuamente. De los ciclos del nacimiento, la vida, el sufrimiento, el dolor, la felicidad y la muerte, surgen interrogantes esenciales sobre la existencia humana.

El futuro de la medicina – y de la salud y de la felicidad – dependerá del desarrollo de una pericia moral relacionada con la salud y el bienestar, basada en la capacidad prudente y juiciosa de analizar, evaluar y aplicar principios filosóficos... (Sass,1990).

3.5 O Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico: Uma Práxis Transpessoal e Transcultural com Vistas ao Novo Paradigma

Na Ciência, e até cotidianamente, nunca encontramos palavras suficientes para dizer tudo de algo, ou representar a totalidade de algo. Assim é difícil, e até incoseqüente, querer caracterizar qualquer todo, pois corre-se o risco de fragmentá-lo, de deixar de apontar características fundamentais de sua essência, bem como de fechá-lo em um “todo” inacabado que está sempre se re-criando.

Desta forma, é preciso ter em mente "Que nenhuma teoria representa toda a verdade... Nenhuma dá conta de representar todo um objeto, um evento..." (Cupani, 1992). Assim, também, parafraseando Santin (1994) ao introduzir sua filosofia,

"não quero determinar parâmetros de verdade ou falsidade", e mesmo de totalidade, pois esta é momentânea. Isso vale dizer que, somente o processo de buscá-la - a verdade - é nosso objetivo.

Com este referencial, quero somente defender um modo de ver e abordar o processo de viver e o modo de cuidar da vida que, para esse momento histórico, me parece ser o mais adequado. Parece ser "aquele casaco para aquele frio".

Sendo assim, pensando holisticamente, compreendo que essas idéias que agora explicito apresentam o momento de um referencial teórico, que já foi denominado de "Sócio-Cultural", "Cuidar-Cuidado" (Patricio, 1990a), "Cuidado Holístico" (Patricio, 1992b; 1993abd), e hoje é "Holístico-Ecológico". Representa partes pinçadas de uma rede de conceitos⁴ em transformação.

Conforme já foi pontuado em item anterior, esse referencial representa concepções geradas no laboratório da vida no decorrer desses meus anos de práxis, refletidamente, intelectualmente, sensivelmente, e intuitivamente compostas graças à literatura e em especial graças à dinâmica de interações, num convívio dialético permanente com uma diversidade de pessoas e ambientes, em diferentes momentos de vida, de prazer e desprazer, de alegrias e tristezas, de saúde-doença. E, atualmente, está sendo bem mais utilizado e refletido através de atividades de um grupo multidisciplinar denominado "TRANSCRIAR-UFSC – Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável".

Essa práxis, associada à reflexão constante de idéias de profissionais de diferentes disciplinas – diferentes culturas profissionais – tem proporcionado articulação mais efetiva de uma rede de idéias que se fundamentam na compreensão de saúde como Bem Viver, como ter qualidade de vida, calcada nas categorias de atendimento de necessidades individuais e coletivas, de cuidados de sobrevivência e de prazer, a partir de diferentes recursos, incluindo aqueles

⁴ Quando me referir a conceito leia-se: "Uma idéia, ou um conjunto de idéias organizadas que representam, que dão significado próprio a imagem de determinado objeto ou evento. Um conceito não é fechado em si mesmo, pois relaciona-se com outros conceitos. Pode ser modificado continuamente, pela dinâmica das idéias que se possibilita ao interagir com o mundo, incluindo o mundo das idéias. Desta forma, um conceito pode ser interpretado diferentemente, em razão do significado que lhe é dado pela pessoa que o pensa em seu momento histórico" (Patricio,1993b).

relacionados à **cidadania** e à **afetividade** .

Este é um referencial teórico, com conceitos, definições, proposições, princípios, técnicas, que tem, no decorrer do tempo, guiado atividades de ensino-pesquisa e extensão. O que vale dizer: neste estudo, e nos demais estudos e práticas, ele guia a concretização de expectativas e objetivos propostos. Ou seja, ele é o método. Suas idéias abstratas, tecidas na práxis, orientam, fundamentam como pensar-fazer, o processo de trabalho para se chegar a um dado produto.

Esse método é caracterizado como um método qualitativo de abordar a realidade. É denominado atualmente de "**Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico**". Tem como pressuposto que ele próprio, enquanto processo, pode vir a interferir na realidade estudada (Patrício, 1988b; 1990a; 1993c; 1994b).

Pode-se dizer que esse método insere-se nas perspectivas das **Ciências Sociais** enquanto interesse pelo "dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados",(...) a partir de "teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações" (Minayo, 1994, p.15).

Insere-se nas perspectivas das **Ciências da Saúde** enquanto concepção concretude do corpo do sujeito num dado ambiente; enquanto interesses de conhecimento dos determinantes do processo saúde-doença do ser humano, seus "sinais e seus sintomas" biológicos-sociais.

Numa abordagem Holístico-Ecológica esse método, em síntese, pode ser concebido como das **Ciências da Vida** enquanto modo de conhecer-compreender o processo de viver e ser saudável, na história e no cotidiano, através da visão transdisciplinar, na dinâmica transpessoal e transcultural em conjunto com a natureza, com todo o universo (Patrício, 1993b). Um método voltado às questões de **bioética**, tendo em vista seu caráter de valorizar as necessidades, os valores do indivíduo e sua participação ativa nas decisões de sua própria vida (Patrício, 1993g). Sendo assim, esse referencial é uma proposta de operacionalização de um novo paradigma.

Esse método possibilita **conhecer** de variadas formas, incluindo técnicas

que promovem prazer mútuo (pesquisador-pesquisado), como as pessoas vivem sua história, **compreender** os significados que dão às suas vidas e a auxiliá-las a identificar suas possibilidades e limitações de bem viver, incluindo o morrer. Bem como, também, possibilita que façamos a **mediação no processo de transformação** dessas limitações em possibilidades, através de diferentes técnicas de educação e de terapias corporais. Tem **abordagem micro**, ao se deter no indivíduo e suas interações através do tempo, com ele próprio e com contextos naturais e socioculturais mais próximos – em especial seu cotidiano na família, nos grupos pares e na escola. Tem **abordagem macro**, quando conhece, compreende e intervém nas situações de saúde-doença do ser humano, geradas pelas suas interações, propositais, conscientes ou não, com contextos socioculturais e naturais maiores (Patricio, 1990a; 1992b; 1993be).

Esse processo de desenvolver teoria na prática e vice-versa, através da interação profissional-população, tem possibilitado a construção de um **Processo de Trabalho da Enfermagem Transdisciplinar em saúde individual e coletiva centrado no Cuidado, e na construção – transformação – de um conjunto de conhecimentos e de saberes de conteúdos teórico-práticos para a enfermagem e demais profissionais interessados. Tem se caracterizado como uma práxis transpessoal e transcultural, promovendo possibilidade ética e estética para a enfermagem, enquanto desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos próprios, e enquanto profissão voltada a transcender o trabalho multi e interdisciplinar, na promoção da qualidade de vida individual e coletiva, da população e dos próprios profissionais envolvidos nesse processo.**

Esse referencial, apesar de se compor de conceitos, pressupostos e técnicas específicas da profissão Enfermagem, apresenta como perspectiva um processo de trabalho também com profissionais de outras disciplinas (em especial das áreas de Educação, Saúde e Serviço Social), tendo em vista que as dimensões "Transculturais" e "Transpessoais" da vida que ele envolve são fundamentadas na leitura e re-elaboração na práxis de componentes da filosofia, tradição, ciência, arte e mística. A inter-relação da diversidade de abstrações desses elementos, bem como sua operacionalização, permite caracterizá-lo como um referencial "Transdisciplinar" e denominá-lo de "Holístico-Ecológico".

A operacionalização desse referencial enquanto Processo de Enfermagem é denominado de "Cuidar-Cuidado", o que vale dizer "Cuidar com Cuidado" através de componentes de diversas dimensões (Leininger, 1985; Patricio e Boehs, 1988; Patricio, 1990a; 1992b; 1993e), ou também **Processo de Cuidar Transcultural e Transpessoal**. Esse conjunto de componentes de cuidar-cuidado foram gerados no início em 1988, através de diversos autores que estudam sobre o cuidado, e posteriormente associados àqueles componentes gerados através da Práxis com a população em ensino-pesquisa-extensão. São componentes de dimensões de **educação em saúde e cuidados terapêuticos**.

Enquanto atividades de pesquisa, é operacionalizado através de técnicas e procedimentos de "Pesquisa Participante" ou "Pesquisa-Ação", segundo Demo (1989), Haguette (1987) e Patricio (1988b; 1990a). Enquanto atividades de ensino, atualmente está sendo denominado de "Construtivista-Participante".

Esse método se caracteriza por um processo de **interação** transpessoal e transcultural. Utiliza **razão, sensação, sentimento e intuição**; faz uso de diversos tipos de instrumentos e técnicas corporais, de comunicação verbal e não verbal, como: o pensar, o refletir criticamente; massagens de conforto; Do-In; Shiatsu; Reflexologia; Técnica de Relaxamento; Imposição de mãos, além de outras técnicas de re-criação utilizadas nas "Oficinas de Saúde", para guiar atividades de pesquisa e de enfermagem, ou seja, cuidar da vida (Cultivar a vida).

Caracteriza-se por um novo método de conceber e fazer as coisas do mundo. **Integra o método analítico e o método sintético**. O que vale dizer que este método é "Holístico".

O novo método é algo essencialmente distinto; o sujeito e a regra já não são duas coisas diferentes e sim constituem a mesma estrutura vivente do ser humano(...) Agora se abre um novo discurso do método e o homem novo avança por um caminho em que o sujeito é o método. Isto supõe uma mudança total de enfoque para a epistemologia da ciência, já que, em sua nova dimensão, o método além de implicar um meio de conhecimento é também um método de vida (Soler citado por Brandão e Crema, 1991, p.91).

O **método analítico** focaliza a parte, buscando as unidades construtivas e atuando como eficiente bisturi retalhador de totalidades. Gerou o enfoque disciplinar caracterizado pela tendência reducionista e unilateralidade de visão. Sustentando o paradigma mecânico clássico, inclinou-se para um enfoque

mecanicista. Caracteriza-se pelo aspecto quantitativo. Fundamenta-se, sobretudo, na razão e na sensação, dirigindo-se pelos cinco sentidos humanos. Prescreve a existência de leis necessárias e gerais, engendrando determinismo, visando controle e a previsibilidade. Veste o aparamento da exatidão. Implica abordagem linear da causalidade de todo o fenômeno. Tem como meta ideal a objetividade e isenção valorativa, excluindo a subjetividade do seu manipulador. Seu produto típico é gerado em laboratórios sofisticados com manipulação impecável de variáveis. Seu substrato neurofisiológico – levando em conta a interconexão cerebral – é o hemisfério esquerdo, da racionalidade, predição e angústia humana. Caracteriza a mentalidade típica do ocidental. Objetiva explicar ativamente o universo (Brandão e Crema, 1991).

O **método sintético** delineou-se no século XIX e início deste, como reação à fragmentação e dissociação geradas pela síndrome do analisicismo. Focaliza a totalidade, a interconexão, a forma, visando o processo de vinculação e unificação. Sua tendência é ampliadora e de integração. É uma via qualitativa que se indica mais na linguagem poética e através de metáforas. É orgânico, retomando ritmos vitais. Fundamentado principalmente nas funções psíquicas do sentimento e intuição. Parte de um espaço de indeterminismo, de intrínseca liberdade e responsabilidade. Enfatiza a participação e a singularidade de cada encontro. Ocorre na instantaneidade, no salto abrupto, no *insight*: é não cumulativo. É sincronístico, reconhecendo coincidências significativas... Reveste-se de tecido vivo, flexível e impreciso, desapegado da exatidão. Amplia-se ao aspecto descritivo e biográfico. Guia-se por uma visão introspectiva que descortina e investiga o espaço interior. Assume um caráter consciencial subjetivo, a intersubjetividade e os valores. Focaliza a finalidade, o significado ou sentido. Seu produto típico é fruto do laboratório vibrante da vivência humana. Seu substrato neurofisiológico é o hemisfério cerebral direito. Caracteriza a mente clássica do oriental. Não se distingue do sujeito. Exerce uma função compreensiva: é um caminho para se compreender contemplativamente o universo (Brandão e Crema, 1991, p.94).

3.5.1 A Práxis Fundamentada na Interação Ser Humano-Ambiente

*O que chamas de poder do homem sobre a natureza
é o poder do homem sobre o homem, usando a natureza como instrumento.*

C.S.Lewis

*O João-de-Barro não faz casa para alugar
O elefante é fortão mas não faz guerra
O leão não ataca sem fome
Depois o único bicho inteligente é o homem!*

*Olhe de novo:
Não existem brancos
Não existem amarelos
Não existem negros
Somos todos arco-íris!*

Ulisses Tavares

Foram as idéias de Gramsci que me ajudaram a ter maior compreensão do ser humano, além de terem fortalecido aquelas de Leininger referentes a importância da cultura na vida humana, e de certo modo, como guia do viver humano. Associando às suas idéias, idéias de outros autores, validei mais a crença de que “conhecer o homem é a dimensão maior do saber da enfermagem”.

Para Gramsci o homem deve ser concebido como uma série de relações ativas, um processo, no qual, se a individualidade tem a máxima importância, não é todavia o único elemento a ser considerado. A Humanidade que se reflete em cada indivíduo é composta de diversos elementos: 1. o indivíduo; 2. os outros homens; 3. a natureza. O homem não entra em relação com a natureza simplesmente pelo fato de ser ele mesmo natureza, mas ativamente por meio do trabalho e da técnica, e mais: estas relações não são mecânicas. São ativas e conscientes ou seja, correspondem a um grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual. Daí ser possível dizer que cada um transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é ponto central. Para Gramsci o homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa. O homem concebido não isoladamente, mas repleto de possibilidades oferecidas pelos outros homens e pela sociedade das coisas da qual não pode deixar de ter um certo conhecimento (assim todo homem é filósofo, todo homem é cientista). Possibilidade quer dizer "liberdade". Entretanto,

que existam possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, ainda se morra de fome, é algo importante a ser considerado.

Segundo Gramsci o que cada indivíduo pode fazer para modificar é muito pouco, com relação às suas forças. Isto é verdadeiro apenas de um certo ponto já que o indivíduo pode associar-se com todos os que querem a mesma modificação podendo multiplicar-se para um elevado número de vezes, obtendo uma modificação bem mais radical do que à primeira vista parecia possível.

Gramsci, citando Fierbich: "o homem é o que ele come", na medida em que a alimentação é uma das expressões das relações humanas em seu conjunto e que todo o agrupamento social tem uma dimensão fundamental. Mas, considera Gramsci: da mesma maneira é possível dizer que o "homem é seu vestuário", "o homem é a sua moradia", o "homem é o seu modo particular de reprodução", ou seja, a sua família, já que na alimentação, no vestuário, na casa, na reprodução residem elementos da vida social nos quais, de maneira mais evidente e ampla (isto é, com extensão de massa), manifesta-se o conjunto das relações sociais. O ambiente desse homem, para Gramsci, é o conjunto de relações de que o indivíduo faz parte. Essas relações não são simples. Algumas são necessárias, outras voluntárias. Ter consciência mais ou menos profunda delas (conhecer mais ou menos o modo pelo qual elas podem se modificar) já as modifica. Nesse sentido conhecimento é poder. É preciso conhecer o conjunto das relações não apenas num dado momento, em um dado sistema, mas em seu movimento de formação já que todo o indivíduo é não somente a síntese das relações, existentes, mas também a história dessas relações (Gramsci, 1987, p. 39-47).

O HOMEM (SER HUMANO) é um ser animal. É biológico, concretamente no mundo através de um corpo de macho ou de fêmea (homem ou mulher) que representa suas particularidades individuais e coletivas, concebidas através da história. Esse corpo, matéria-prima do gênero humano, gerado por homem e mulher, inicia seu processo de transformação no útero da mulher, transformando-se pela relação indireta com o contexto natural e social do mundo, a partir do corpo dessa mulher, da cultura e possibilidades que esta venha a ter, ou seja, a partir das interações dessa mulher com o mundo natural e social. Lá ele está e se fazendo um ser cultural-social.

Esse ser, quando vem ao mundo, vem com possibilidades de ser, estar, fazer e ter, necessitando especialmente no início, na infância e adolescência, da mediação dos adultos para crescer, desenvolver e transcender.

Esse corpo, esse ser, desde seu nascimento se expressa no mundo pelos seus desejos, necessidades, buscas, criações, produções, dores e prazeres. Torna-se, em nível crescente de complexidade, um ser cultural-social e espiritual através das interações que vai fazendo no processo de viver. É **racional** e **sentimental**, através da utilização dos seus dois hemisférios cerebrais, em graus variados conforme tenha sido estimulado em suas relações com os outros seres. Sendo assim, elabora significados a partir de seu contexto, de sua visão de mundo. Dessa forma se dá a construção de sua consciência, individual e coletiva. Suas atitudes éticas e estéticas na vida. É esta consciência e outras possibilidades (recursos), incluindo aquelas do inconsciente coletivo, que irão guiar seus caminhos no processo de viver.

Seu processo de evolução – transformação – se dá de acordo com sua cultura, sexo, classe social e características biológicas. Integra ou não uma família. Executa cuidados se saúde, individuais e grupais, durante todo o processo de viver, compreendidos dentro de crenças, valores e práticas originadas em seu ambiente através de sua história de vida.

O AMBIENTE é o contexto, o espaço, micro e macro onde o Ser Humano vive. É a **natureza** física, energética, representada pela terra, o ar, a água, pelos seres vegetais, minerais e animais. Sendo assim o homem também é natureza em sua essência. O ambiente também é o **meio sociocultural e energético-afetivo-espiritual**, e tudo o que ele envolve. É representado por micros contextos (família, escola, trabalho, lazer, religião, comunidade, ...) dinâmicos e inter-relacionados, influenciando-se e influenciando o ambiente maior, representado pelo país, continente, mundo, pelo universo. Sendo assim, o **ambiente** é representado pelas dimensões: física (natural ou já transformada pela cultura-ação) e social, nos seus elementos energéticos, culturais, políticos, espirituais e afetivos. Esse ambiente se torna recurso, quando oferece ao homem as possibilidades – incluindo os direitos – de ele desenvolver suas potencialidades de criar, buscar, desenvolver e manter os elementos, componentes desse ambiente: naturais, tecnológicos,

culturais, sociais, econômicos, educacionais, políticos, legais, religiosos, afetivos, de cuidados populares e cuidados de saúde profissionais, enfim todas as dimensões de seu espaço que são essenciais durante todo o seu processo de viver.

O ser humano é considerado um ser livre, mas também um ser limitado, em razão do seu caráter social. Geralmente, em nossa sociedade, em nossa cultura, o primeiro contexto social no qual o ser humano se insere é a Família.

A FAMÍLIA é um dos contextos do ser humano. É caracterizada como um conjunto interpessoal (transpessoal e transcultural), formado por seres humanos que interagem por diferentes motivos, tais como afetividade e reprodução, ou mesmo por necessidade de convívio coletivo por outras razões. Geralmente é concebida num processo histórico de gerações. Essas interações podem, ou não, se darem constantemente num mesmo ambiente físico. A questão é que o conceito de família é relativo, subjetivo. A imagem, a sensação de ter, de ser, de pertencer ou de estar em família é o ser humano que estabelece.

A Família é uma relação social dinâmica. Durante todo o seu processo de vida, assume formas, tarefas e sentidos a partir de um sistema de crenças, valores e práticas, estruturados na cultura das gerações que incorpora e na classe social a qual pertence. Assim como o ser humano, sofre influências do ambiente em que vive, podendo ao longo dos anos se reestruturar.

A Família é uma unidade que necessita cuidados de saúde, mas também é uma unidade prestadora de cuidados de saúde, dentro de padrões socioculturais próprios, sem se perder de vista a individualidade de cada um de seus membros (Patrício, 1990a).

A Família, enquanto um contexto físico, sociocultural, espiritual, energético e afetivo, tanto pode ser um recurso para o crescimento e desenvolvimento saudável de seus membros, como também pode ser uma limitação nesse processo, através de imposição de normas e tarefas que não façam parte do sistema de valores dos seus membros, ou para as quais estes ainda não estejam preparados; através da limitação da liberdade; e através do não provimento de recursos, incluindo o cuidado, para o atendimento das necessidades para um desenvolvimento saudável (Patrício, 1990a, p.75).

O Ser Humano, enquanto pessoa-cidadão, pode ter todas as possibilidades,

ou capacidades de desenvolvê-las, mas é limitado na relação com o mundo, em especial quando está inserido numa família ou numa cultura que não somente não lhe permita se desenvolver e, principalmente, transcender. No entanto, o Ser Humano é livre para pensar e é capaz de desenvolver sua liberdade de agir, de buscar, criar e manter recursos para atender suas necessidades de sobrevivência e seus desejos de bem viver e transcender. Suas ações geram uma cultura que orienta novas ações, transformando a si próprio e provocando transformações em outros seres, incluindo limitações a si próprio, à natureza e aos outros seres humanos (Patricio, 1990a).

Um dia esse ser passa a ter consciência que "Eu sou meu corpo" e que "Ele sou eu". Passa a refletir que tudo o que faz com o corpo, a partir de suas necessidades, desejos, metas, está fazendo com ele mesmo; que tudo o que faz com o corpo reflete em seu viver. E mais, passa a ter consciência que ele, o corpo, mostra todos os seus signos e que reflete todo o seu viver, de mais dor ou de mais felicidade = o corpo fala (Patricio, 1991).

As **Necessidades** do Homem são eventos essenciais à vida e ao bem viver, incluindo o morrer; promovem a reprodução da espécie, o crescimento e desenvolvimento do indivíduo como ser singular e social (coletivo). As necessidades têm caráter dinâmico no processo de viver; possuem dimensão física (natureza, transformada ou não), sociocultural, biológica, espiritual, afetiva... Dentre essas necessidades estão a felicidade e o prazer em diversas dimensões; o cuidado do corpo e do ambiente que se integram para a qualidade de vida do ser humano e do planeta. O sentido das necessidades está condicionado à visão de mundo do homem, às suas crenças, valores, suas práticas, seus desejos, expectativas, e metas, como ser singular e social, em cada momento da vida e aos recursos disponíveis (Patricio, 1990a).

Os **Recursos** do Homem são fatores fundamentais para o atendimento de suas necessidades como ser singular e social. São suas possibilidades concretas e em potencial. Esses fatores fazem parte de sua constituição individual, coletiva e da natureza. São provenientes de sua hereditariedade, de sua cultura, da qualidade de seu processo de crescimento e desenvolvimento e da sua visão de mundo e postura ao longo da vida. Essa postura inclui o pensar criticamente e o adotar

atitudes para transformação de limitações em possibilidades de bem viver. Os recursos, enfim, dependem dos estímulos que recebe e de sua consciência frente à vida particular e coletiva, incluindo a sociedade e toda a vida do planeta; das condições do ambiente micro e macro em que vive.

São Recursos do ser humano, enquanto pessoa e cidadão do Mundo e do Estado: ele próprio, consciência, liberdade, criatividade – seu espírito, seu corpomente, suas necessidades, expectativas, seus desejos, valores, crenças, práticas, inclusive de responsabilidades, e potencialidades. Seu contexto: seus pares, sua família, sua comunidade, sua sociedade, seu ambiente natural, sua história, seu momento histórico no contexto físico e sociocultural em que desenvolve seu processo de viver, seu cotidiano, incluindo profissionais interessados na qualidade de vida.

Os recursos são identificados como causas ou fatores predisponentes de situações de saúde-doença, quando em caso de limitação, de ausência, inadequação ou insuficiência, e que precisam ser sanados para alcançar os objetivos de viver saudável.

Os recursos individuais do corpomente são relacionados às suas funções biológicas, à nutrição, a eliminações, enfim a todo o processo que forma o corpo enquanto evento concreto, incluindo a participação da mente, do espírito, e das suas expressões comportamentais, nessa estruturação corporal. Estão presentes nessa elaboração os recursos individuais: vontade; liberdade; objetivos de vida; consciência; sexualidade; energia; motivação para viver, para ser, para criar; para fazer; os processos químicos; dinheiro; conhecimentos, incluindo de direitos e deveres; determinação para lutar por crenças, valores e direitos; trabalho; produção de bens de sobrevivência e de bem viver; capacidade de amar e compartilhar; prazer; capacidade para reflexão de suas características, incluindo as culturais (crenças, valores, práticas); ética; receptividade para estímulos; solidariedade; participação política; visão ecológica; cuidado.

Esses recursos são possíveis de se fazerem presentes no indivíduo em razão dos recursos coletivos: rede social (família; amigos); cuidados de saúde profissionais/populares; lazer; alimentação (recursos econômicos para sobrevivência e recursos para desenvolver capacidades para buscar recursos econômicos

para outras necessidades/valores); habitação; solidariedade; desafios; estímulos; amor; educação formal e informal; cultura(s) (crenças, valores, práticas, incluindo ritos, normas, conhecimentos); associação de bairro, de classe, de grupos, pares diversos, Constituição Federal. Recursos naturais: fauna, flora, sol, lua, água, terra, ar...

Enfim, os recursos se traduzem em "possibilidades" para o Homem no seu processo de viver, ou seja, no seu processo de transformação contínua, incluindo as situações de saúde-doença que necessitam de cuidados de prevenção de agravos, de limitações e de promoção e recuperação do bem viver.

Saúde é um conceito subjetivo, desenvolvido pelo sujeito a partir de suas representações. Mas, compreendo que ter saúde é ter possibilidades de buscar-manter-recompôr seu bem-viver através de componentes éticos e estéticos, incluindo o modo como o ser humano interage com a natureza e com os seus semelhantes: o **Homem Ecológico**.

O processo de viver saudável do ser humano está relacionado a sua interação com ele mesmo, na sua totalidade-unicidade, e não em partes, com o ambiente. Seu processo de viver saudável na interação com a diversidade e complexidade do universo.

Em razão dessa visão, o processo de desenvolvimento da Enfermagem, enquanto Ciência da Vida, baseada em conhecimentos teóricos e práticos sobre o processo de viver saudável, precisa estar centrado no ser humano e sua relação com o mundo, na compreensão de: sua concretude corporal, sua consciência, na sua inteireza; sua diversidade, pluralidade, unicidade e universalidade; sua totalidade dinâmica individual-coletiva, em relação constante e recíproca com o micro e macro ambientes, naturais e culturais (ser ecológico); suas expectativas, seus desejos, suas metas e necessidades de estar, ser, sentir, querer, conhecer, fazer e ter, individuais-coletivas; seus sentimentos, seus prazeres, suas paixões e felicidades e suas angústias e raivas; sua cultura, seus valores, suas crenças e práticas de saúde, sua história de vida, incluindo suas condições de crescimento e desenvolvimento; seus meios de produção; seus recursos para atendimentos de suas necessidades de bem viver no mundo, incluindo a liberdade, a criatividade e a consciência da responsabilidade individual e coletiva. ENFIM, seu jeito de ver e de

viver a vida

Essas concepções precisam, também, ser consideradas ao se pensar o conceito "Enfermeira(o)", sozinha (o) ou em interação com outros profissionais, pois essa (esse) é o "Ser Humano", na profissão do cuidado, do Cultivar a Vida.

3.5.2 O Processo de Cuidar como Mediador nas Transformações de Necessidades de Viver Saudável e na Construção da Ciência da Vida

Concebendo a vida a partir da compreensão de Ser Humano e de reflexões sobre idéias de Maffesoli (1984; 1985; 1987) e Heller (1991), relacionadas ao "útil" e ao "agradável", chega-se a conclusão (nesse momento) com razão e emoção:

Nem tanto ao céu, nem tanto à terra", o que vale dizer, nem tão sensato, nem tão orgiástico. Sendo assim, penso que é possível dizer-se que VIVER é uma constante gestão da melancolia, através do viver intenso do presente em relações orgânicas com-os-outros indivíduos; sem preocupar-se em vir-a-ser, vir-a-ter, mas garantindo (tendo) o mínimo de 'bens de fortuna' para viver esse cotidiano intensamente (orgiasticamente). Então, viver é ser feliz hoje, enquanto 'particular' e 'genérico', em interações éticas e estéticas com a natureza-sociedade, através do viver o cotidiano na 'socialidade', na solidariedade orgânica, incluindo a 'gestação de contínuos conflitos'. É valorizar as micro-relações como mediadoras importantes das relações macro, e estas como dimensões desse cotidiano (Patricio, 1994a).

O processo de viver se faz mesmo antes de conceber, de nascer; ao nascer; ao crescer-amadurecer-estar no mundo; ao conhecer; ao sentir; ao produzir; ao participar; ao compartilhar; ao conceber-parir; criar, educar, ao morrer...

Em todos esses momentos da vida, o ser humano necessita de cuidados. Leininger (1978), nos diz que o cuidado é a essência da saúde e da enfermagem.

As necessidades de cuidado podem ser geradas não apenas por consciência e/ou valor do cliente, mas também do profissional, como em situações de inconsciência, distúrbio mental, imaturidade, e demais dificuldades e limitações do ser humano que possam ocorrer no seu processo de viver.

Atos de cuidar, segundo Leininger (1978), precisam ser vistos com princípios da Enfermagem Transcultural. Sendo assim, é preciso considerar a diversidade de modos de cuidar que existem nas culturas humanas. **Eu diria, modos diversificados de viver e de fazer a vida.**

Entenda-se Cultura como: forma de vida; modo de viver sua realidade, seu mundo, sua circunstância. Cultura é termo substantivado de cultivar, cuidar. Cultura é o mesmo que cultivo, que cuidado (Jaspers apud Critelli, 1981).

Cultura é um processo permanente pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações, cuja dinamicidade ocorre a partir das reorganizações das representações da prática social. Envolve crenças, valores, normas e práticas de vida. Apesar dessa dinamicidade alguns padrões de vida não se modificam, tornando-se característica dominante do indivíduo ou grupo (Patrício, 1990a, p.69).

Leininger(1978) identifica a existência do Cuidado Profissional e do Cuidado Popular. Trabalhos que utilizaram idéias dessa teorista, como Boehs (1990), Monticelli (1994) e Patrício (1990a) reforçam essa tese. O cuidado popular reflete a cultura local, suas crenças, seus valores e suas práticas, seus significados. De fato, como defende Leininger, a maioria dessas práticas foi desenvolvida através de experiências da vida diária, e relaciona-se com a estrutura social (parentesco, religião, economia e política). Já o cuidado profissional, segundo a autora, é fundamentado em conhecimentos precisos, uso de instrumentos tecnológicos, técnicos e procedimentos de cuidado empiricamente conhecidos, e nos elementos do "cuidado popular". O que vale dizer que o enfermeiro, para cuidar, precisa estudar/compreender a cultura dos indivíduos.

As idéias de Leininger, bem como das demais enfermeiras que consultei em relação ao "Cuidado" (Patrício e Boehs, 1988) não bastaram para fundamentar o processo de cuidar frente à realidade já compreendida do homem brasileiro. Essas idéias não contemplavam, significativamente, algumas dimensões que compreendo serem fundamentais para a saúde e para o cuidado, para o bem viver da Humanidade. Por exemplo: não explicitavam a dimensão recursos do homem (suas possibilidades) e não deixavam transparecer a importância do homem na determinação da estrutura social e da estrutura da natureza, através de suas expectativas e necessidades. O "cuidado cultural" prescrito por Leininger e demais concepções que encontrei de cuidado não são suficientes para tornar o homem crítico, participante e transformador de seu próprio processo de viver e dos demais seres. Apesar de algumas dessas concepções dizerem-se "holísticas", não explicitavam uma prática igual, no sentido desse cuidado vir a interferir na consciência do ser, enquanto indivíduo-coletivo num dado contexto, além da

concretude do corpo; não contemplavam no enfermeiro a qualidade de cidadão e profissional crítico em relação às questões socioculturais que determinam a vida humana, bem como não enfatizavam a importância do papel do enfermeiro também enquanto trabalho social, **interdisciplinar**, tendo em vista as diversas dimensões que envolvem o processo saúde-doença, bem como as novas propostas do Programa Nacional de Saúde.

Dentro de uma concepção Holístico-Ecológica, o enfermeiro, além dessas características, precisa conhecer, compreender outros motivadores, além da cultura expressa. Compreender o jeito das pessoas, de ser, de estar no mundo, para ajudá-las a transcender o que lhes é oferecido, transmitido culturalmente.

Portanto, pode-se dizer que Enfermagem é a Ciência, a Tradição, a Filosofia e a Arte de cultivar a vida. Ciência e Tradição no sentido de conjunto de conhecimentos e saberes de diferentes culturas sobre cuidado da vida, filosofia no sentido de refletir para compreender a vida e Arte como formas de transformar a vida.

Há momentos que o profissional da enfermagem cuida sozinho do outro ser humano, mas há oportunidades que necessita de profissionais de outras disciplinas, inclusive de especialistas. A vida de hoje se faz nessa complexidade.

Sabendo que as necessidades de cuidados podem ser atendidas de duas formas: pelo próprio ser humano e pelos outros seres humanos dentro de um contexto popular de saúde, como na família e em outros grupos sociais, e pelo enfermeiro, enquanto integrante de um contexto profissional de saúde, precisamos entender que os indivíduos se cuidam, individual e também coletivamente. Neste aspecto, ao trabalharmos com famílias e outros grupos, precisamos percebê-los enquanto unidade prestadora de cuidados de saúde popular e, também, enquanto unidade recebedora de cuidados de saúde, popular e profissional (Patrício, 1990a).

Insera-se, nesse trabalho, a visão das limitações que um ser humano pode estar causando na natureza e diretamente ao seu semelhante, tanto por invasão cultural quanto emocional, incluindo a energética. Este é um princípio coletivo de todo o cuidado.

O Cuidado de Enfermagem refere-se às atividades, aos processos e às decisões diretas e indiretas – o que vale dizer que administrar o serviço de

enfermagem também é cuidar, ao menos o é em finalidade última – , dirigidos ao indivíduo, ao grupo ou à comunidade em situações de saúde-doença evidentes ou antecipadas, que promovam, mantenham ou recuperem o seu bem viver. Constitui-se em "necessidade" e "recurso" do Homem" (Patricio, 1990a).

Atos de cuidar representam a **mediação** no processo de transformação das necessidades do ser humano de viver saudável; ajudam a viver, na saúde e na doença: protegem as pessoas e a natureza; auxiliam a pessoa a nascer e a ser, a se desenvolver, a reproduzir, a criar/transformar, a morrer. Colaboram na redução de estresse e a gerir conflitos de forma mais saudável. Enfim, atos de cuidar são constantes em todo o processo de viver (Patricio, 1990a).

O Cuidado de Enfermagem se diferencia do cuidado dos demais profissionais por essa dimensão integral de cuidar da vida. É um processo de cuidar que se fundamenta na **interação** com o outro, através da comunicação verbal e não-verbal e de ações físicas que fazem a mediação no processo de transformação das necessidades de saúde do ser humano. Para tanto, **incorpora conhecimentos e saberes oriundos de diferentes culturas e a energia, em quantidade e qualidade, do cuidador e daquele que é cuidado, juntamente com o ambiente.**

O Quadro 1, a seguir, apresenta os componentes de cuidar-cuidado que operacionalizam o processo de cuidar do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico. Esses componentes têm origem em diversos estudos na literatura (Patricio e Bohes, 1988) e na práxis com a população, nos estudos já anteriormente referenciados. A composição desse conceito é flexível e dinâmica, estando continuamente aberta para substituição ou incorporação de outros componentes; representa **objetivos, ações e modos de cuidar** que respondem: “Para que cuidar?”, “Quais cuidados?” e “Como cuidar?”

Quadro 1 - Componentes do Cuidar-Cuidado

Dialogar, refletir, meditar com; trocar idéias, energias, experiências; promover conhecimentos; esclarecer, informar, orientar, reforçar, nutrir; criar, educar, desenvolver potencialidades; confortar; tocar (diferente de manuseio); prevenir; agir para; adotar atitudes com relação à; fazer por; fazer com; ter sensibilidade, compaixão, consideração, paciência; ser empático, autêntico, sincero; observar, analisar, comparar, validar, expressar; manter (preservar), acomodar e/ou repadronizar modos de cuidar; propor e negociar modos de cuidar; planejar, organizar com; coordenar; estar aberto à outra pessoa; dispensar atenção; demonstrar interesse, estar dando importância, disponibilidade; ouvir atentamente (escutar); preocupar-se com o outro; empenhar-se, dedicar-se, fazer favor, gentileza; compreender; calar; tolerar; amar; valorizar; colocar limites; estar presente; comparecer; assumir responsabilidade, compromisso; respeitar; não condenar; aceitar; desafiar; estimular; lutar com; desenvolver a capacidade de reflexão crítica de crenças, valores e práticas (pensar criticamente); proteger; socorrer; supervisionar - vigiar (segurança com liberdade); executar ações físico-técnicas, como por exemplo, curativos, higiene corporal, massagens, relaxamento; aliviar a dor, promover momentos de alegria, prazer; aceitar expressões de sentimentos negativos; preservar individualidade e a integridade do outro e de si próprio; demonstrar sentimentos de ternura, de aceitação, como acariciar o corpo e o ego, através do toque e do reforço de comportamento construtivo, estimulando a valorização de si próprio e dos outros seres; executar medidas de promoção, tratamento e reabilitação; desenvolver afetividade-compromisso entre pares; considerar características individuais-coletivas de viver o cotidiano, suas interações, suas potencialidades e limitações, valores, crenças, metas, desejos e expectativas; considerar a história de vida, queixas e sinais do corpo; demonstrar confiança e ajudar o indivíduo a desenvolver confiança, esperança, fé, coragem, também entre seus pares; ter comportamento altruísta somente em caso de emergência, visando sempre resultado positivo para quem cuida e para quem é cuidado; auxiliar o indivíduo na busca de recursos e a identificar e lutar pelos seus direitos; ajudar o indivíduo a desenvolver suas possibilidades (potencialidades) de liberdade e também de assumir responsabilidade pela sua própria existência e pela existência dos outros, incluindo ser solidário e ter cuidados com a natureza; ajudar o indivíduo a identificar, desenvolver e utilizar recursos individuais, incluindo sua vontade, motivação, de seus familiares, de sua comunidade e sociedade como um todo, em busca de transformação de limitações para bem-viver; ajudar o indivíduo a desenvolver possibilidades de gerir a melancolia e conflitos do cotidiano de maneiras éticas e estéticas; ajudar o indivíduo a desenvolver possibilidades de participar ativamente, politicamente consciente, nas decisões que envolvem seu processo de viver coletivo, incluindo seu próprio cuidado; desenvolver os cuidados baseados em conhecimentos e técnicas científicas e nas significações e maneiras culturais próprias do indivíduo, família, comunidade; focalizar os recursos presentes no processo de cuidar (as possibilidades dos indivíduos), e aqueles necessários para o bem-viver (qualidade de vida); focalizar os recursos que o profissional necessita para prestar os cuidados integrais, incluindo o uso da Constituição Federal, abrangendo o Estatuto da Criança e do Adolescente; e desenvolver o processo de cuidar com a população e profissionais de outras disciplinas (Patricio, 1990a; 1993b).

O Referencial do "Cuidado Holístico-Ecológico" tem se constituído em um **método de pesquisar** que ao mesmo tempo pode ser utilizado para o processo de cuidar, ou vice-versa. Essa característica se fundamenta na tese do Processo de Cuidar, quando em trabalho participante, poder ser concebido como Pesquisa Participante ou Pesquisa Ação (Patricio, 1988b; 1990a; 1994b). Desta forma, os

momentos do processo de cuidar, ou aqueles de pesquisar-cuidando, são fundamentados em princípios da **Pesquisa Participante**. Representa um processo dialético de momentos dinâmicos, flexíveis, a partir da realidade. Didaticamente, esses momentos podem ser traduzidos por: Identificando-Conhecendo a realidade, Analisando-Compreendendo a Realidade e Identificando as Possibilidades e Limitações do Viver, e Implementando Cuidados Mediadores-Transformando as Limitações dessa Realidade.

Nesse modo de pesquisar, o próprio processo já desenvolve possibilidades de transformação da realidade em razão do enfoque educativo que o envolve. Haja vista (acreditamos), que durante o diálogo já é possível estarmos interferindo na consciência humana, mesmo que o resultado somente seja percebido mais tarde.

É caracterizado como um processo de interação entre seres humanos através da troca de energia e de universos culturais, fundamentado na realidade de idéias e na concretude do corpo em relação com o ambiente. Representa, além de atos e técnicas diretas ao corpo do indivíduo, com todas as suas particularidades concretas, um processo dialógico que o tem ajudado no desenvolvimento de sua consciência individual-coletiva, no sentido de repensar suas crenças, valores e práticas em saúde, incluindo a de cidadania, de direito e de dever.

As interações, tanto para cuidar quanto pesquisar, são desenvolvidas em trabalho de campo através de diferentes técnicas: Observação Participante, segundo Leininger (1984), adaptado por Patricio (1990a); Entrevistas semi-estruturadas; Entrevistas com enfoque em "História de Vida: Alegria-Tristeza", conforme Patricio et al (1990). Segundo Minayo (1994), essas entrevistas se enquadrariam na técnica de "história de vida", denominada de "história de vida tópica", que é aquela que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão. Outras técnicas são: "Exercícios para Auto-Conhecimento" . Nesta técnica são utilizadas ferramentas das mais variadas linhas e tradições, de forma a causar modificação na consciência. A partir dela também ocorre entrevista e as questões emergem do vivido na experiência. Também são desenvolvidas as técnicas: "Relato do Cotidiano da Vida", conforme rotina de consulta de Enfermagem em Pediatria Social; "Oficinas de Saúde" e "Oficinas de Recriação de Referenciais", individual ou grupal, conforme Patricio (1989, 1994bc).

A técnica de Oficina representa um processo de transformações, produzido pelo próprio sujeito, através de atividades artísticas de diferentes tipos. A entrevista, geralmente reflexiva, acompanha esse processo, durante ou depois do desenvolvimento da atividade. Muitas vezes a história de vida emerge dessas atividades. Esse processo pode ser caracterizado como "um conjunto de expressões envolvendo cognitivo e afetivo, com ou sem estado alterado de consciência. Um conjunto de representações, de crenças, valores, práticas, expectativas, paixões, prazer, desilusões e tragédias, numa dinâmica de resistências, de entrega, de revisão de significados e de reconsiderações... Podem ser momentos de grande catarse" (Patricio, 1994c, p.103).

As técnicas são adaptadas às circunstâncias, ao contexto, ao processo de interação – ao momento transpessoal e transcultural – que se dá entre profissional-população, ambos sujeitos do processo. A construção se dá pelas interações.

São caracterizados por **momentos de interação** que envolvem o encadeamento de idéias, observação, sentimentos, interpretação, reflexão profunda e crítica, calcados em princípios científicos, éticos e estéticos da vida. É um processo de análise centrado em RAZÃO e SENTIMENTO.

Existem casos em que as situações precisam ser explicitadas pelo profissional e após refletidas com o cliente, no mesmo momento quando em casos mais emergenciais, ou em outra oportunidade, conforme encaminhamento do processo de conhecer-compreender-agir.

Em algumas oportunidades o cliente é auxiliado a identificar situações, ou mesmo a despertar para outras "verdades". São momentos que por si só representam cuidado. É a "mexida" na consciência, é o levar a "pensar criticamente" suas questões de vida. Suas interações e co-participação na dinâmica do cotidiano e do contexto macro. Por exemplo, em situações que envolvem questões de consciência holístico-ecológica em suas relações com a natureza e com outros seres, como nas questões sociais do negro, do pobre, da criança e da mulher no Brasil, vivenciadas em grande número de famílias das quais cuidamos (Patricio, 1990a; Patrício et al, 1991, 1992; Patrício, Andrade, Silva, 1994).

Quanto à **avaliação**, precisa ser vista no processo. Há situações em que ocorrem transformações imediatas. Percebe-se, através da análise e sentimento em

relação ao trabalho, os resultados no indivíduo e no profissional, pois, é esperado que ambos fiquem satisfeitos. Mas há outras situações nas quais as transformações dependem de tempo para se concretizarem como o esperado. Dependem de transformações no ser humano-ambiente, dos processos internos e externos (Patrício, 1990a).

No processo, seja de cuidar ou pesquisar, considera-se, antes de mais nada, as expectativas, os desejos, dos indivíduos naquele momento, suas crenças e valores que permeiam a interação, e os recursos, concretos e em potencial, para seu viver saudável.

O trabalho com os indivíduos, grupos, em especial famílias e comunidade, parte do princípio de que o motivo da relação com o enfermeiro é a necessidade de cuidado para viver saudável, e que esse cuidado é popular e profissional. É influenciado por todos os elementos que compõem o ambiente, incluindo os recursos que ambos, cliente e enfermeiro, dispõem para desenvolver o trabalho. Nesses recursos estão também, profissionais de outras disciplinas e a própria sociedade.

Nesse processo de pesquisar-agir, têm se valorizado, em especial, conhecer e compreender as trocas culturais do indivíduo em seu cotidiano, espontâneas e impostas, que se dão pelas suas relações sociais, incluindo aquelas com profissionais. Bem como são valorizados aqueles padrões culturais que entram no processo de viver dos indivíduos passivamente pelos meios de comunicação, em especial pela televisão, e o efeito em seu bem viver. Essa visão passa pela compreensão do ser humano em múltiplas e contínuas interações, propositais, conscientes, ou não. Inclui, também, a relação da vida com o momento histórico macro em que se dão as interações.

Essa totalidade inclui trevas, combinando elementos escuros com elementos de luz, todos eles juntos, conforme prescreve Jung para a visão do mundo (Jonhson, 1987).

Particularmente, temos priorizado conhecer e compreender as interações dos indivíduos que se dão no cotidiano do domicílio, da vizinhança, da escola, do trabalho, do lazer e dos logradouros. Segundo Maffesoli (1984), é preciso dar importância ao cotidiano do viver dos indivíduos. Conforme o autor, as investi-

gações sociológicas priorizam as múltiplas e minúsculas situações e práticas da vida cotidiana que, segundo ele, é o que garante a permanência da socialidade e, portanto, a conservação do indivíduo e da espécie. Admite que se possa analisar uma estruturação social a partir de grandes categorias econômicas ou culturais, mas considera que elas não passam de esqueletos, cuja consistência é fornecida pela paixão, que possui uma importância nos jogos das organizações sociais.

A análise desses eventos mostra relações inter ou transdisciplinares das interações. Um conjunto de saberes inserido neste contexto tem demonstrado o **saber da população como outra disciplina** – a POPULAR – envolvida no processo. São as interações transculturais e transpessoais que se dão, no concreto, na busca do bem viver (Patrício, 1993b).

Esse processo de cuidar pode ser caracterizado como um processo de caráter científico, pois desenvolve um método de levantamento, registro e análise de dados através de um conjunto de procedimentos sistematizados e de instrumentos próprios. Apesar de se caracterizar pela sua dinamicidade e não linearidade: **um processo de ir e vir constante** de conhecimento-análise-reflexão-transformação da realidade com os indivíduos (Patrício, 1990a). Apesar de se utilizar de diversas e diferentes formas de conhecer e compreender a realidade (os eventos).

A especificidade desse método está justamente no referencial que o guia, pois permite que no trajeto se refaçam, se reconstruam os caminhos e os instrumentos. Pessoas que têm a oportunidade de utilizar esse método de ensinar-pesquisar-cuidar percebem que, tendo apenas como base os pressupostos básicos, os caminhos e os instrumentos, vão continuamente se reconstruindo na trajetória do trabalho, geralmente por situações provocadas pelos próprios participantes (alunos, pesquisados, clientes). O que sempre é constante é a presença dos componentes do Cuidado. Talvez aí esteja seu caráter construtivista, comentado em item anterior. As construções se dão no cotidiano de cuidar-ensinar-pesquisar com o sujeito a partir do contexto indivíduo-coletivo-ambiente.

Geralmente, esse método de cuidar, enquanto mediador no processo de viver saudável de seres humanos, tem se caracterizado como uma **Prática Educativa transcultural** (Patrício, 1990a).

Esses momentos têm se dado mais especificamente nas situações de saúde-

doença analisadas como "necessidade de acomodação" e, em especial, de "repadronização de crenças e práticas dos indivíduos", conforme denominação de Leininger (1985).

Dentro do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, essas situações são compreendidas como limitantes, necessitando de modificações parciais ou totais, para um viver saudável. Este processo é denominado de "Educação Holístico-Ecológica" em razão de envolver uma totalidade da vida humana em trocas culturais constantes e por ser dialógica e transpessoal (Patrício, 1993b).

Esse processo se dá através da "Prática Educativa", fundamentado no **diálogo** voltado à compreensão dos significados e modos de viver, da conscientização das situações de vida, de **reflexão** de limitações e possibilidades (recursos) do indivíduo-coletivo de viver saudável. É objetivado através da interação cliente-enfermeiro, tendo como base os componentes do cuidado. Promove momentos de "troca de saberes", "de valores", caracterizando-se como um processo de "mexida na consciência" através do "pensar criticamente". É uma postura ética, determinando uma interação educativa de dupla sintonia, que favorece a troca de universos culturais, gerando transformações também no enfermeiro (Patrício, 1990a; 1993e). E aqui se dão as interações TRANSCULTURAIS.

Permeia todo esse processo, além dos componentes de cuidar que representam troca de universos culturais, componentes de cuidar que determinam um processo de **troca de energias-sentimentos**, simplesmente através do "estar junto com", de "estar ligado em" e do "tocar" (diferente de manuseio). Isso se dá através dos componentes que representam execução de técnicas corporais e daqueles caracterizados dentro da dimensão humanística, de afetividade, como o amor, a **compaixão** (diferente de piedade), o respeito, a solidariedade. São também componentes do cuidar, por exemplo: "compreender", "ouvir-escutar", "empatia", "dar atenção".

Essa postura torna possível o engajamento do profissional nas questões do processo de viver e ser saudável dos indivíduos, incluindo aquelas de cidadania (de direito e de dever). É uma postura **ética, estética**, tendo em vista, inclusive, que o referencial dá importância ao valor individual e coletivo dos eventos, à forma, ao **prazer** de cuidar e ser cuidado, à satisfação do enfermeiro e do cliente na

participação no processo de cuidar. Para tanto, é bastante considerado o tipo de ambiente onde se dão essas interações, em relação às energias nele presentes e na satisfação que proporciona. As interações, energética e culturalmente falando, devem realizar a ambos, profissional e cliente (Bevis, 1984; Patrício, 1990a; 1993). E aqui se dão as interações TRANSPESOAIS.

Por exemplo: numa prática de um simples curativo, de uma massagem de conforto, nós podemos trabalhar essas duas dimensões, a transcultural e a transpessoal. É o processo educativo em determinado ambiente permeando uma ação na concretude do corpo, é uma troca de energias....

Sendo assim, o processo de Cuidar Holístico-Ecológico focaliza princípios de saúde coletiva valorizando o individual. Através do diálogo reflexivo de conteúdo cultural e de terapêuticas alternativas de diferentes culturas, parte do princípio de que corpamente consciente, energizado, pode interagir mais efetivamente – política e energeticamente – no coletivo, inclusive nas questões de cidadania (Patrício, 1992b). Valoriza as questões de amor, de afetividade dos indivíduos, e de ambiente como fundamental nas práticas com seu próprio corpo e nas relações com os demais seres humanos e a natureza (Dychtwald, 1984; Bevis, 1984; Patrício, 1991).

Esse aspecto reporta à questão do valor que se tem dado à dimensão individual, pois é cada indivíduo, na sua subjetividade e unicidade, que forma, que desenvolve o coletivo (Patrício, 1992b; 1993e). Sendo assim, faço minhas as palavras de Haguette (1987, p17) quando diz que "Aqueles que poderão argumentar que a única ação efetiva é a ação de classe, respondemos que a classe social é, com efeito, uma entidade fundamental na análise da sociedade capitalista, mas que sua ação se inicia nos pequenos grupos, nos sindicatos, nos bairros, nos partidos; ou seja, as decisões são tomadas por indivíduos e grupos que interagem e decidem sobre uma ação comum".

As dificuldades encontradas nessa práxis são em razão da complexidade, da diversidade e dinâmica das situações que ocorrem e em razão da unicidade de cada indivíduo, família, grupo e comunidade. Além disso, colaboram para essa dificuldade as limitações de recursos dos indivíduos, das famílias, somadas às influências do momento histórico do País. Esse aspecto nos leva a considerar que

são recursos importantes do ser humano os componentes do cuidar: "desenvolver possibilidades de liberdade e também assumir responsabilidades pela sua própria existência e pela existência dos outros, incluindo ser solidário e ter cuidados com a natureza"; "identificar, desenvolver seus recursos individuais, incluindo sua vontade, de seus familiares, companheiros, da sua comunidade, em busca da transformação de limitações para o bem viver"; "desenvolver possibilidades de gerir a melancolia e conflitos do cotidiano" (Patricio, 1990a; 1993b).

Dentro dessas possibilidades estão a motivação, o conhecimento, a liberdade, a consciência avançada, o pensar criticamente, a reflexão; as relações afetivas, o amor, promovendo possibilidades de ser, estar, conhecer, sentir, ter e fazer.

Partindo dessa crença, entende-se que o enfermeiro consciente, reflexivo, crítico, sensível e voltado para as "Necessidades e Recursos do Ser Humano" é um recurso – é um mediador – no desenvolvimento de suas possibilidades de gerir a vida de maneira mais saudável, individual e coletivamente. Também, no sentido de acompanhar a realidade em constante transformação e frente aos novos desafios dos modelos de serviços de saúde. Um processo de cuidar baseado na compreensão holística do homem, nos novos conceitos de saúde-doença que emergem dessa realidade e que determinam as "necessidades do cuidado" do ser humano, incluindo a forma que este ser humano cuida de si e da natureza. Isso vale dizer, como ele se relaciona com seu mundo, **como ele cultiva seu viver ético e estético**.

Essa realidade tem centrado o processo de cuidar com os indivíduos em atividades de promoção da cidadania, na casa, na rua, nas instituições, enquanto indivíduo, unidade familiar e grupos pares como de trabalho, de lazer, de crenças religiosas, na esperança de desenvolver essa possibilidade no coletivo maior: a sociedade.

Segundo Gramsci, citado por Mochcovitch (1988, p. 66) "cidadania é a condição de cidadão que se expressa num conjunto de direitos e deveres perante o Estado. Na ordem democrática, todos os indivíduos nascidos em um país são, formalmente pelo menos, cidadãos portadores de direitos políticos e, nas democracias mais avançadas, de direitos sociais". Pensando, também, na cidadania universal, aquela a que todo o ser tem direito e dever, enquanto integrante dessa rede de eventos.

Entende-se que a cidadania é algo que se constrói no processo de viver através das relações sociais e cuja conquista se dá por um processo educativo (Saviani, 1986), fundamentado na participação ativa do homem. O conhecimento dos direitos e deveres de cidadão e dos fatores determinantes do processo saúde e doença já são por si só elementos colaboradores para o desenvolvimento humano.

No que se refere ao processo de viver e ser saudável, como um fenômeno amplo, dinâmico, individual e coletivo, determinado por uma série de fatores sintetizados pela relação do homem com o ambiente (natureza, física e cultural), a cidadania, tendo como componente básico direitos e deveres num dado ambiente, é, sem dúvida, elemento fundamental nesse processo (Patrício, 1992b).

Diante dessa compreensão pergunta-se: como o "cuidado" pode colaborar para a conquista da cidadania?

É na família, na escola, na sociedade em geral, em especial no contexto da primeira, que a consciência de cidadania se expressa. A criança, o adolescente, se desenvolve elaborando o que os adultos prescrevem em variados meios de comunicação, direta e indiretamente. Esse processo passa por dimensões de conhecimento e dimensões afetivas.

Em atividades guiadas pelo Referencial do Cuidado Holístico temos vivenciado experiências que demonstram a importância da interação, "do ouvir" o outro com atenção (escutar), do "toque", de "demonstrar interesse", "de confortar", enfim, formas de cuidar que envolvem a dimensão afetiva do cuidado, elemento este que considero também pré-condição – é a **fome de afeto** – para se promover cidadania pois costumam gerar "confiança" nos indivíduos, e isto é imprescindível para o "diálogo" (Patrício, 1992b).

Há momentos nessa práxis em que o processo educativo vem em segundo plano, exigindo primeiro ações que poderíamos denominar "assistencialistas". São momentos de **fome de comida**. Questões de sobrevivência, de prazeres primitivos. Nesses casos primeiro é preciso satisfazer a necessidade de fome, "pois não se conseguiria desenvolver a prática educativa com o indivíduo, em razão de que é difícil dialogar, refletir, repensar, decidir e agir, quando se está com fome, ou sem teto, ou com outro tipo de dor" (Patrício, 1992b, p 103).

Há, também, momentos nessa práxis, em especial com adolescentes, em que

nos deparamos com a **fome de beleza**, conforme linguagem de Frei Beto. Essas buscas nem sempre são éticas e estéticas para nossos padrões. São buscas no roubo, na prostituição. São questões de cidadania que não foram ainda trabalhadas.

Há momentos de carência de alimentos em que nos perguntamos: "Por que compram refrigerante, cigarro, quando precisam de tantas coisas, inclusive alimentos?". Nestas situações utiliza-se componentes do cuidar, como o "não julgar", mas apenas compreender e posteriormente refletir com os indivíduos, à luz de sua realidade e desejos. E, refletimos com Pilon (1986, p.392): "...o homem bem posto no cenário social e que deseja renunciar ao fumo está em situação muito diferente da mulher que vive em casebres na periferia da cidade, para a qual o cigarro representa um raro e fugaz momento de nirvana". São situações que podemos também caracterizar como "respiradouros", conforme concepções de Maffesoli (1984). São momentos de prazer, de pequenas felicidades ...

É preciso destacar que, fundamentados no marco referencial, essa prática educativa não é centrada em resultados de mudança imediatos, mas na promoção da participação dos indivíduos no seu processo de viver e ser saudável. Segundo Pilon (1986, p.391) "todos os homens têm seu projeto de vida e podem desenvolver os recursos pertinentes a partir do que crêem importante e significativo para suas vidas. A tarefa da educação não é dizer-lhes o que é importante, mas facilitar as condições para que vejam eles mesmos a importância das coisas". Neste sentido, entra o papel social da enfermagem de ajudar esses indivíduos a conhecer e refletir sobre "outras verdades", e auxiliá-los no encaminhamento de outra forma de viver, de cultivar sua vida, que tanto seja satisfatório para si quanto para os outros seres e a própria natureza. Este é um princípio ecológico, inserido na ética e na estética de viver saudável..

À luz do conceito de cidadania e de idéias de Freire (1984, 1985), relacionadas à importância da educação para o desenvolvimento da consciência política dos indivíduos, pode-se conceber os cuidados básicos em saúde, desenvolvidos com a intencionalidade de promover cidadania, como formas de "alfabetizar em saúde", pois são ações culturais fundamentadas no diálogo e que auxiliam o indivíduo a se desenvolver enquanto ator, sujeito participante no seu processo saúde-doença, a partir de uma compreensão crítica das relações que faz com o

ambiente natural e social (Patrício, 1992b).

As atividades de enfermagem em trabalho de campo, no próprio contexto do sujeito, possibilita melhor compreender Gramsci (1987, p.47), quando diz que o "homem é o que ele come, da mesma maneira é possível dizer que o homem é seu vestuário, o homem é sua moradia, o homem é seu modo particular de reprodução, ou seja, a sua família". Torna também possível validar a crença de que cada homem é único (singular) e ao mesmo tempo universal, e demonstra que cada grupo, que cada família, também é um fenômeno em particular, justamente pela individualidade de seus membros e pela forma como fazem seu processo de viver (Patrício, 1990a).

O Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico reforça a compreensão do conceito "Ser Humano" como ser pensante e ativo quando o faz participante do processo de análise-compreensão de suas situações de vida, incluindo a busca de transformação de limitações de seu viver, partindo de suas possibilidades, e incluindo seus direitos e deveres, enquanto indivíduo-coletivo.

Na compreensão do Processo de Cuidar, direto ou indireto, como o próprio Processo de Trabalho da Enfermagem, a **interação** do ser humano, cliente ou sujeito de pesquisa, com o profissional, é o elemento mais importante no processo de transformação esperado. Partindo de uma linguagem de Marx sobre processo de trabalho, o cuidado é um momento desse processo, um **produto mediador**, pois o Homem, concretude-consciência, fará sua própria transformação.

Num 'material' (objeto) de natureza humana, o processo não se extingue ao concluir o trabalho, ou seja, o cuidado. Isso porque a 'transformação' ('em mira') ainda, talvez, não se tenha concretizado. Nesse processo de trabalho (cuidar), há necessidade de maior tempo, talvez de outros processos, de necessidade de reflexão pelo cliente (ser humano), de continuidade de tratamento. Pode-se dizer, inclusive, que o 'produto cuidado' faz a mediação da transformação necessária, pois é o próprio ser humano, nossa matéria-prima (objeto do processo), que irá trabalhar suas transformações, seja em seu próprio corpo ou em seu ambiente, na natureza, ou no sociocultural de seu cotidiano (Patrício, 1993a, p.12).

Neste sentido compreendo que o objeto de trabalho da enfermagem, o ser humano, sujeito com necessidades de cuidado, também é o meio de suas próprias transformações. Ele próprio coloca seus instrumentos – suas energias, seus sentimentos, seus conhecimentos (seus recursos) – para a produção da transformação necessária ao seu bem viver. Acredito assim pois, segundo Marx (1985, p.205), 'sem os meios de trabalho, este fica total ou parcialmente impossibilitado de concretizar-se'. Assim, se o ser humano, não quiser, não puder, não haverá transformação (Patrício, 1993a, p.13).

Considero o Processo do Cuidado Holístico-Ecológico uma práxis, em razão de compreender práxis conforme Vasquez (1977), ou seja: uma atividade teórica levada a uma prática que tem o sentido de transformar. Eu diria mais, é uma atividade teórico-prática e pessoal, pelo conteúdo humanístico, pelo seu enfoque cultural, de ver e fazer a existência da vida.

Essa compreensão está ainda mais em consonância com as idéias de Kosic (1969). Para ele, práxis é a esfera do ser humano, ela é a própria criação humana como realidade objetiva.

Ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem que transforma a natureza e marca com o sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança não se apresentam como experiência passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo de realização da liberdade humana (Kosic, 1969).

A práxis do Cuidado Holístico-Ecológico é um processo dialético, que se dá pela dinâmica contínua de promoção de conhecimentos e de saberes, de energias, criações e de sentimentos que geram uma nova construção, que sabemos, pelos pressupostos do referencial, estar aberta para novas possibilidades de transformação. Essas sínteses, tendo por base um olhar nas relações do ser humano-natureza-sociedade-cotidiano, dão a esse Referencial sua dimensão de **Transdisciplinaridade**.

Todo esse trabalho é registrado em forma de notas de pesquisa segundo Elsen (1988) e Patricio (1990a) ou em forma de evolução (Patricio et al, 1992), nos respectivos instrumentos, caracterizando um método composto por levantamento de dados (identificação = conhecimento da realidade), diagnóstico (análise-reflexão-síntese = compreensão da realidade, possibilidades e limitações de bem viver) e plano-avaliação (implementação de cuidados mediadores = transformação da realidade por intervenção transcultural e transpessoal).

4 DE UMA NOVA PRÁXIS A UM NOVO OLHAR:

Perceber a Necessidade de Felicidade-Prazer no Processo de Viver Saudável

Acho que a vida e esta coisa indefinível que se chama felicidade se fazem não só com as cifras da economia, mas freqüentemente contra elas.

Rubem Alves

Mas Deus adverte seus filhos legítimos: apesar do prazer ser efêmero e abstrato, assenta-o na mente, pois nele está o significado da vida.

Lowen

Confúcio disse que não poderia ser feliz enquanto alguém sofresse. O sofredor era apenas uma nuvem em seu céu, mas suficiente para destruir a perfeição. Se a felicidade for vista sob esse critério, não passará de um ideal que nunca poderá ser realizado. Contudo poderá continuar sendo um dos nossos objetivos na vida, pois sempre estamos à procura da perfeição, mesmo que intimamente saibamos que seja um ideal inatingível.

Lowen

4.1 A Dimensão Felicidade-Prazer

FELICIDADE, uma palavra que significa o que você está pensando agora ao lê-la. Representação cultural oriunda da sua tribo (família, grupos pares)? De outras leituras? Uma realidade, uma vontade, um sentimento, um momento? Não importa, a questão é que essa palavra existe em diferentes signos, o que vale dizer, na linguagem de diferentes culturas e épocas. É cotidiana, construída pelo sentimento individual e de grupos durante o processo de viver, a partir de percepções de prazer, de desprazer, de satisfação e de insatisfação (Patricio, 1994a).

Para Morin (1990, p.125), a "felicidade é um mito, isto é, projeção imaginária de arquétipos de felicidade, mas é ao mesmo tempo idéia-força, busca vivida por milhões de adeptos. Esses dois aspectos estão, em parte, radicalmente dissociados...". "O ideal imaginário da vida que arrisca tudo se opõe ao ideal prático da segurança contra todos os riscos", tal qual "O ideal do justiceiro ascético se opõe ao ideal do pai de família satisfeito, o ideal de luta se opõe ao ideal

das aventuras de bem-estar...". Desde que a luta para sobreviver, o constrangimento ou a necessidade elementar se aliviam, diz Morin, a felicidade se incorpora à própria idéia de viver. O tema felicidade está ligado ao tema do presente, entretanto, continua o autor, os significados da felicidade variam segundo as civilizações.

Tentando contextualizar a compreensão sobre felicidade, a princípio vou ao dicionário de Língua Portuguesa, acreditando como Pablo Neruda que o "Dicionário não é tumba ... mausoléu, se não preservação, ... perpetuidade vivente da essência, seleiro do idioma" (Ferreira, 1987). "Felicidade", para Ferreira (1987, p.768), é "Qualidade ou estado de feliz". "Feliz" é sinônimo de "afortunado, venturoso ... contente, alegre, satisfeito; ... que prosperou; ... abençoado, bendito; que teve bom resultado ...; que denota, ou em que há alegria, satisfação ...". O antônimo? Basta uma palavra: "Infeliz".

Nessa mesma definição, Vicente de Carvalho traduz em poema o tema felicidade: "O eterno sonho da alma desterrada. / sonho que a traz ansiosa e embevecida / É uma hora feliz, sempre adiada / E que não chega nunca em toda a vida".

Tavares (1993, p.52), trazendo concepções de Freud sobre felicidade, salienta que a resposta para o sentido da vida não é tão fácil de responder, mas o que os homens pedem à vida e almejam nela empreender é fácil: "Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer".

Segundo o autor, tal objetivo comporta duas vertentes: uma negativa, ou seja, evitar o desprazer e o sofrimento; e outra positiva, isto é, a procura de prazeres intensos. Vê-se, pois, que tal anseio de felicidade é todo edificado sobre o princípio de prazer. Com efeito, continua o autor baseado em Freud, o homem é um incansável caçador de prazer, só deixando um prazer por outro maior. Mas o programa desse princípio não tem chance alguma de ser cumprido, tudo no mundo se opõe a ele. Não obstante, a felicidade em sentido restrito refere-se aos prazeres intensos.

Segundo Alves (1993b, p.21), nada é tão puro e tão honesto quanto a dor e o prazer. É aí que o corpo fala sua linguagem mais profunda, universal e irrefutável. Parodiando Pascal: "O corpo tem razões que a própria razão desconhece". Afinal,

segundo o autor, "Que outra função o corpo poderia atribuir à inteligência, ferramenta e brinquedo, diferente de aumentar o prazer e diminuir a dor?"

O autor lembra que lhe contaram de um indivíduo que, sofrendo por uma intensa nevralgia que não passava, acabou por cometer suicídio. Por amor ao corpo, a anestesia definitiva.

Isso me fez lembrar do caso daquele fotógrafo que ganhou um prêmio internacional por uma foto que fez da fome na região do Sudão (Dantas, 1994). A foto mostrava um urubu espreitando uma criança prestes a morrer de fome/abandono. Esse homem se suicidou dias após ter recebido o prêmio. Suponho que foi pela dor de sua alma, por seus sentimentos de compaixão e talvez de revolta, por ver tanta degradação humana e ainda ter sido homenageado e recebido dinheiro por tê-la retratado. "Seu corpo não suportou, não houve prazeres suficientemente fortes para afastar aquelas imagens", pensei ao ler a notícia. Um espírito coletivo de Humanidade pode ter se apossado daquele homem e sua sensação de incapacidade frente à realidade o possuiu. Confúcio disse que quem tem consciência comunitária não pode ser feliz se seus semelhantes também não o forem. Teria sido essa a causa do suicídio?

Toda a sociedade que sabe muito sobre o poder e pouco sobre o amor está destinada a ser possuída por demônios. É preciso reaprender a linguagem do amor, das coisas belas e das coisas boas, para que o corpo se levante, e se disponha a lutar, porque o corpo não luta pela verdade pura, mas está sempre pronto a viver e morrer pelas coisas que ama. Na sabedoria do corpo a verdade é apenas um instrumento e brinquedo do desejo. Afinal haverá coisa mais importante que o corpo? Todas as revoluções, todas as ordens sociais, quaisquer que sejam suas engrolações ideológicas, não devem ter como sua única finalidade, fazer com que os corpos vivam, vivam mais felizes? (Alves, 1993a, p.22).

Esse autor nos chama atenção para as escolas, que deveriam rever suas bases, na realidade mais voltadas ao poder. É necessário que a escola dê uma boa base aos seus alunos, mas que deve haver bases também relacionadas em termos de prazer, alegria, espírito comunitário, sentimentos generosos e humanistas, sensibilidade artística. Estas são coisas boas para a vida.

Para a maioria dos seres humanos, entretanto, o prazer é uma palavra que evoca sentimentos conflitantes. Por um lado está associado com o que é "bom". Sensações agradáveis são boas, o alimento de que gostamos é bom, o livro que nos dá prazer é bom. Mas, a maioria das pessoas acharia desperdício uma vida

devotada ao prazer. A reação positiva freqüentemente é tolhida por receios. Temos medo que o prazer nos leve a caminhos perigosos onde esqueceríamos deveres e obrigações, deixando que nosso espírito se corrompesse pelo prazer descontrolado. Outros vêem no prazer uma conotação lasciva. O prazer, especialmente o prazer carnal, tem sido considerado como a maior tentação do demônio. Para os calvinistas quase todos os prazeres eram pecados (Lowen, 1984).

Como a cultura moderna é dirigida mais pelo ego do que pelo corpo, o poder se transformou no principal valor, reduzindo o prazer a uma situação secundária. O homem moderno quer dominar o mundo e comandar o *self*. Contudo não consegue se livrar do medo de que isso seja impossível, nem da dúvida de que, mesmo se fosse possível, talvez não fosse bom. Como, apesar de tudo, o prazer é a força criativa que sustenta a personalidade, a esperança (ou ilusão) do homem moderno é que, ao alcançar seus objetivos, terá uma vida de prazeres. Por causa disso, deixa-se levar pelo ego perseguindo metas que prometem prazer mas exigem uma recusa do prazer (Lowen, 1984).

O prazer é a força criativa da vida. A única força capaz de se opor à destrutividade em potencial do poder. Muitos acreditam que esse papel pertence ao amor. Mas para que este não seja só mais uma palavra terá que se basear na experiência do prazer.

Compreenderemos então que o prazer é a chave de uma vida criativa.

A **criatividade**, como muitas vezes acontece, pode se transformar em trabalho e, assim mesmo, continuar a dar prazer. Quando, tanto a diversão como o trabalho, são criativos e agradáveis, a única diferença está na importância dos resultados (o destaque é meu).

A atual obsessão pelo divertimento é uma reação à vida horrível que somos obrigados a levar. O que talvez explique porque Nova York, que pode ser considerada como a mais cruel das cidades, também é a "cidade das diversões". A busca de entretenimentos surge da necessidade de fugir dos problemas, conflitos e sentimentos que parecem intoleráveis e avassaladores. Se o prazer nos une aos nossos corpos, à realidade, aos amigos e ao trabalho. **Se o cotidiano traz prazer, para que escapar?** (Lowen, 1984). (O destaque é meu).

A felicidade também está relacionada com o prazer. A sensação de felici-

dade surge com um arrebatamento ou quando ficamos fora de nós mesmos. Tomemos, por exemplo, a felicidade do apaixonado. Anda pisando nas nuvens e realmente seus pés não parecem tocar o solo. Não só está fora de si, como fora do mundo. Nesse estado, a realidade mundana desapareceu ou está escondida como a crisálida em seu casulo. Sente-se livre de todas as preocupações de seu ego, e é essa sensação que é a base de sua felicidade. A idéia de **libertação** implica a idéia de uma prisão anterior, o que vale dizer que a felicidade é a libertação de um estado de infeliz (Lowen, 1984). (O destaque é meu).

Subjacente a qualquer experiência de alegria ou felicidade existe uma sensação corporal de prazer. Para que uma atividade seja divertida deve dar prazer. Se causasse dor, seria difícil descrevê-la como divertida. Como o prazer está ausente, o "faz-de-conta da diversão" é uma cruel charada. O mesmo é verdade para a felicidade. Sem sensação de prazer, a felicidade é apenas uma ilusão. A verdadeira diversão e a felicidade real derivam seus significados do prazer que se sente na situação. Mas não é necessário estar se divertindo ou feliz para sentir prazer. Pode-se ter prazer nas circunstâncias comuns da vida, pois o prazer é um modo de ser. A pessoa está num estado de prazer quando os movimentos de seu corpo fluem livre, ritmicamente e em harmonia com seu ambiente (Lowen, 1984).

Prazer e dor têm uma relação de polaridade, que é exemplificada pelo fato de a libertação da dor invariavelmente ser sentida como prazer. E, pela mesma razão, a falta de prazer nos deixa num estado de dor.

O prazer depende muito de nossa disposição. É difícil gostar de qualquer coisa bonita quando se está deprimido. Mas uma boa disposição, apesar de ser indispensável para se ter prazer, não é uma garantia de prazer. Muitas vezes fui ao teatro ou ao cinema com uma grande expectativa e boa disposição e acabei saindo desapontado e vazio. O prazer exige correspondência entre o estado interno e a situação externa (Lowen, 1984).

O prazer e a **criatividade** estão relacionados dialeticamente. Sem prazer, não haverá criatividade. Sem uma atitude criativa diante da vida não haverá prazer. Essa dialética surge do fato de ambos serem aspectos positivos da vida. A pessoa viva é sensível e criativa. Através da sensibilidade coloca-se em harmonia com o prazer, e através do impulso criativo procura sua realização. O prazer na vida

encoraja a criatividade e a comunicação, e a criatividade aumenta o prazer e a alegria de viver.

Seja feliz, Seja Criativo! (Supermercado Luciano, Florianópolis)

Para se falar de felicidade, segundo concepções de Heller(1991), precisa-se antes de mais nada compreender as categorias "Agradável", "Alegria" e "Útil". Para Heller agradável é um sentimento de si, tanto físico, quanto mental, por exemplo: um banho quente, ouvir uma música, estar com amigos. Alegria é diferente de agradável, apesar de estar relacionada com esta categoria, no sentido de que nem sempre o que é agradável é alegre. Alegria requer estímulo de fatos (acontecimentos), por exemplo: aguardar um encontro pode ser agradável, mas a alegria vem quando o encontro se realiza como planejamos.

O sentimento de agradabilidade para Heller tem relevância apenas na vida cotidiana. A autora entende que o homem que está satisfeito com sua vida, "exclusivamente" porque esta lhe proporciona um estável sentimento de agradabilidade, é indício de que essa vida está construída seguramente sobre a particularidade, não está elevada à "Generalidade", ou seja, permanece no nível da cotidianidade, o que lhe confere um valor negativo.

Sendo assim, Heller (1991, p.402) entende que para sentir-se em estado de agradabilidade cotidiana, para que o homem sinta-se satisfeito, deve levar uma vida útil, ser necessário a outro: "Não existe um homem que não tenha necessidade dos demais, que não sinta que os outros lhe são úteis, e não somente como instrumento mas como fins". Citando Spinoza: "O outro homem como objetivo e não como instrumento".

Para Heller, a felicidade da vida cotidiana é uma realização limitada, no sentido de que é um "para nós outros" que tem em si mesmo um término, um limite; que por princípio não possibilita desenvolver, ultrapassar.

Pontuando o significado de felicidade através da história, para chegar às suas idéias de "felicidade & vida sensata", Heller chama a atenção que essa forma de pensar "felicidade" era o centro da ética antiga. Na Antigüidade Clássica o mundo do homem era o mundo da realização limitada, individual; não tinha limites a superar; a felicidade era o máximo bem. Sendo assim, não é por acaso que

Platão, a propósito da crise da polis, traça um conceito diferenciado: "a felicidade do instante", significando a realização através do amor e da contemplação do belo (das idéias).

Nessa época, Aristóteles entendia que para se obter a felicidade não era apenas necessário a moral, mas certos "bens de fortuna", como riqueza, beleza e inteligência.

A partir do Renascimento, essa forma limitada de realização começa a perder seu valor. Ser feliz passa a significar ter uma "vida em contínua transformação, grávida de contínuos conflitos, em contínua superação de si mesma, fazendo dela algo que é definitiva e univocamente 'para nós outros'" (Heller, 1991, p.415). Mas, segundo Heller, essa felicidade somente é possível para o particular que, em ambiente fechado, vive afastado dos conflitos do mundo.

Na Modernidade, "a transformação da realidade em um "para nós outros" implica também enfrentar-se com os conflitos do mundo (Heller, 1991, p.415).

A felicidade da vida cotidiana "para nós outros", apesar de certo valor negativo, não tem perdido totalmente a importância na vida cotidiana dos indivíduos. Continua intacta, conforme entendia Platão, significando um forte sentido para a vida: "para nós outros do instante": são os grandes domingos da vida cotidiana. Mas estes instantes não têm o significado último de uma condição de vida. Sendo assim, Heller entende que a satisfação está contraposta à felicidade, pois que aquela não se deriva do "para nós outros" da realidade da vida geral, senão da satisfação do sentimento de agradabilidade e de utilidade. Estas categorias são superadas pela "vida sensata".

A vida sensata, segundo Heller é um mundo aberto, caracterizado pela possibilidade de um desenvolvimento infinito, pelo contínuo emergir de novos conflitos. Sendo assim, o homem que leva uma vida sensata baseia seu próprio mundo em um "para nós outros", tendo em conta os conflitos do mundo, mudando-o e transformando-o continuamente, mudando e transformando continuamente a si próprio também. Os limites da vida sensata são dados somente pela morte.

Mas, segundo Heller, a vida sensata requer certos "bens de fortuna", como Aristóteles condicionava para ser feliz, pois é necessário que o mundo em que vive o homem lhe ofereça as possibilidades de viver uma vida sensata.

Assim como a felicidade se contrapõe à simples satisfação, a vida sensata tem um contraponto: o "saber viver". Heller compreende que aquele que "sabe viver", transforma sua vida; tem em conta o novo e age em razão dele. Baseia-se em fazer de sua vida cotidiana algo para ele próprio, de maneira que os conflitos que não podem ser negados, simplesmente deixa-os de lado. Nos princípios do saber viver não está o "ser útil ao outro homem", como aquele que "não sente dor pelo sofrimento do outro".

Para Maffesoli (1984, p.93), a existência social é um "misto", uma mesclagem de sentimentos variados. Para situar a "felicidade" nesse misto, é preciso que se compreenda como o autor considera a "melancolia", a "tristeza". Para ele, esses sentimentos "não se deixam interpretar unicamente em termos psicológicos, pois se trata de um dado antropológico, que é a consequência da tensão existencial entre a consciência do limite e do irreprimível querer viver, constitutivo do social".

De fato, segundo o autor, numa civilização e ideologia da felicidade, no sentido de planificação, cada existência é programada em seus mínimos detalhes para a felicidade. Ao se querer propiciar a felicidade do povo pode-se construir o mais perfeito campo de concentração, uma sociedade "asséptica". Assim procedendo, esquece-se que a melancolia é uma consequência do trágico societal, e que esta só é mórbida, citando Durkheim, "apenas quando ocupa lugar demais na vida; mas não é menos mórbida se ela for totalmente excluída" (Maffesoli, 1984, p.92).

Maffesoli entende que é inútil alimentar um "otimismo beato", o otimismo da felicidade que instaura uma organização domesticada da vida, no sentido de que é preciso considerar-se ao mesmo tempo a rudeza e a doçura desse todo ordenado que é a vida social. Significa uma consciência que possibilita, de maneira não normativa, a compreensão dos momentos paroxísticos dessa melancolia.

Para Maffesoli (1985, p.102), "não é libertando-se de coerções político-econômicas e não é lutando contra as diversas formas de alienação, que a comunidade afirma sua existência, mas talvez o seja vivendo, no seu dia-a-dia, o contraditório passional e afetivo", enfim o trágico. Fazer da sua vida uma obra de arte é diariamente desenvolver uma prática popular, através de variadas modulações, como comer, caminhar, vestir-se, discutir, constituindo a sólida trama

da socialidade. É na ordem dos afetos que a unidade dos contraditórios, forma trágica de viver, encontra expressão, e é a "arquitetura das paixões" que constitui o reservatório de energia que assegura a manutenção da socialidade.

Nessa perspectiva, somente importa o "interesse do hoje", vivido em surdina, aquém do prometeísmo histórico, mas de resistência flexível, com a elasticidade peculiar à espiral; as paixões e as situações se dispõem em sólida organicidade. "Cada elemento do contraditorial, ao constituir um plano dessa espiral, guarda suas particularidades, formando, assim mesmo, um objetivo harmonioso e eficaz. Esta arquitetura apresenta a vantagem de fazer frente à alteridade e de respeitá-la" (Maffesoli, 1985,p.103).

É nessa organicidade que se encontra o mito de Dionísio, fecundando a vida cotidiana de "orgiasmo", constituindo-se na "conjugação dos caracteres e na multiplicação das paixões, como formas de superação de toda a individuação mortífera" (Maffesoli, 1985, p.49).

A sabedoria dionisíaca tem sido com freqüência oposta à tranqüila certeza apolínea: "o razoável (sensato) Apolo vê-se atormentado pelo ruidoso (barulhento) Dionísio". E o orgiasmo, que sob vários aspectos, pode parecer anômico (contra normas), permite à comunidade estruturar-se ou regenerar-se. Em oposição a uma moral do "dever-ser", ele remete a um "imoralismo ético", que dá solidez ao laço simbólico de toda a socialidade. Pois que, o orgiasmo é, antes de mais nada, uma maneira de se propor a questão da socialidade ou da alteridade, tendo como princípio que é primordial para o homem "ser-junto-com" (Maffesoli, 1985, p.16).

Assim que, a vida dos municípios ou dos bairros urbanos constitui-se por esta solidariedade de base que, não obstante ser invisível, forma a própria trama do corpo social. "Aquém do tempo linear ou catastrófico, fora da ordem do quantitativo, há um tempo vertical no qual se vive a banal intensidade do presente...constituindo a força vital, o poder da estruturação social, a dinâmica da orgia" (Maffesoli, 1985, p.80).

O que conta mesmo, segundo Maffesoli (1984 ,p.94), é o instante, cuja finitude conhecemos amargamente: "A vida é frágil, a felicidade é frágil... As práticas amorosas, os hábitos culinários, os relacionamentos com vizinhos, as formas de vestir, as maneiras de morar... enfim, todos os rituais da vida cotidiana

são profundamente marcados pela noção de limite, o que se pode chamar de gestão da morte".

Isso é o trágico: misto onde a vida diária se consolida num vaivém de brilhos e tristezas, de efervescências e dores, cujo objetivo consiste em lembrar que nossa vida consciente e afetiva é regulada pelo limite. A felicidade dos bens e dos sentidos é breve, seu preço é alto e, uma vez conseguida, pesa com toda gravidade, inscrevendo-se na repetição e evocando a sua ultrapassagem.

Essas concepções de Heller e Maffesoli nos levam a refletir sobre a vida brasileira. O quadro político-econômico que se expressa nas condições de vida do povo brasileiro e o perfil cultural que os meios de comunicação de massa inculcam diariamente, continuamente, nas mentes dos brasileiros de todas as idades, nos fazem crer que estamos vivendo em um mundo dominado, conduzido, por maioria de "particulares" ("bandidos" e "mocinhos"), bem pouco por "genéricos". **Esse quadro nos faz questionar se é possível ser feliz e viver uma vida sensata na socialidade**, quando esse mundo, em especial o de poderes instituídos, o dos representantes é, no discurso, "genérico", mas no concreto calcado na particularidade – nos interesses e motivações particulares – ou genérico apenas para seu próprio grupo. Poderes esses que, legitimados, impedem que a maioria dos indivíduos tenham as possibilidades, os tais "bens de fortuna" de Aristóteles, que possibilitariam ao cidadão viver intensamente, orgiasticamente, e, principalmente, viver opcionalmente suas próprias questões de limite (Patricio, 1994a).

É possível o indivíduo, em especial o marginalizado economicamente, deixar de pensar em não superar o hoje? De pensar em "amanhã" (futuro), ser feliz, ter satisfeito algo que lhe falta, quando vive permanentemente sem os mínimos bens de consumo?

As condições de vida dos brasileiros que não são cidadãos de direito, me fazem crer que não vivem, mas que sobrevivem pela socialidade existente entre eles próprios, por satisfações pessoais geradas nos "respiradouros": nas festas, incluindo as religiosas, na fé, no "deixa-estar", nas drogas, nos "domingos da vida" (Patricio, 1994a). Mas, a práxis nos mostra que esse tipo de socialidade sozinha não está mais dando conta da "conservação do indivíduo e da espécie", como

acredita Maffesoli, a não ser que se esteja gerando outro tipo de espécie humana. Os mutantes da cultura do poder!

Além disso, percebe-se que, mesmo aqueles indivíduos que vivem em condições satisfatórias (com o mínimo de bens de fortuna), traçam suas vidas em função da superação do hoje, aparentando permanente infelicidade.

Então pergunta-se: é possível ser feliz, mesmo que seja no sentido da simples satisfação de necessidades básicas de sobrevivência pessoal, e ter uma vida sensata calcada na socialidade, quando a cultura macro, de massa, que se expressa nos cotidianos (nos micro contextos), é voltada para a satisfação, sempre crescente, do "particular", para a superação (para o novo), estimulando o narcisismo?

Estas questões nos remetem às características da era pós-moderna e a todo o processo emergente de busca da satisfação, da felicidade, através do consumo, do ter, do possuir, que se instala e suas questões de injustiça social.

Santos (1993, p.7) traduz essa era como: "Há qualquer coisa no ar. Um fantasma circula entre nós nestes anos 80: o pós-modernismo. Uma vontade de participar e uma desconfiança geral (...) Deus está morto, Marx também e eu não estou me sentindo bem".

Com o advento da era pós-moderna (a partir de 1950), nosso cotidiano foi invadido por uma tecnologia de massa, o que provocou um estilo de vida de caráter "arqui-sinistra": "o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida. Dando adeus às ilusões, o homem pós-moderno se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo (Santos, 1993).

Percebe-se no dia-a-dia, nas interações mais simples que se tem com a população, a apologia dos simulacros nos seus valores de vida. A TV encanta muito mais que a vida real, a tal ponto que, conforme nos chama atenção Santos (1993), uma imagem de criança faminta na Somália nos absorve mais que aquelas famintas que encontramos em nossas calçadas diariamente.

Aliás, segundo esse autor, essa é a essência da pós-modernidade: "preferimos a imagem do objeto, a cópia ao original, o simulacro (a reprodução técnica) ao real. Ele fabrica um hiper-real, espetacular, um real mais real e mais interessante que a própria realidade" (Santos, 1993, p.12).

O ambiente pós-moderno significa basicamente isso: entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação. Eles não nos informam sobre o mundo; eles o refazem à sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo. A publicidade tem por sua vez missão de erotizar o dia-a-dia com fantasias e desejos de posse que estimulam o indivíduo isolado a um ideal de consumo personalizado, narcísico (Santos, 1993). Por esses meios também se criam os heróis, que, de certa forma, são mitos que nos representam em nossa necessidade de beleza, poder e glória.

Continuando a caracterizar o homem pós-moderno, Santos considera que o consumo e a atuação no cotidiano são os únicos horizontes oferecidos ao homem pelo sistema. Nesse contexto, surge o neo-individualismo pós-moderno, no qual o sujeito vive sem projetos, sem ideais, a não ser cultivar sua auto-imagem e buscar satisfação aqui e agora. Narcisista e vazio, desenvolto e apático, ele está no centro da crise de valores pós-moderno. "O indivíduo atual é sincrético, isto é, sua natureza é confusa, indefinida, plural, feita com retalhos que se fundem num todo. Por isso, nas definições da sensibilidade pós-moderna as palavras nunca batem: apatia desenvolta, desencanto extravagante, narcisismo melancólico. Apatia desenvolta – agitação sem felicidade" (Santos, 1993, p.105).

'A felicidade mora aqui', uma das mais bem sucedidas campanhas institucionais da Colombo, está recebendo investimentos de um milhão de reais neste final de ano, para associar a empresa às necessidades do consumo das pessoas, que, por status, conforto ou satisfação da família, 'ficam felizes com uma compra'. (Colombo, 1994).

E daí eu pergunto, baseada em Confúcio, em princípios holísticos-ecológicos: é possível que os momentos de felicidade particular evitem a melancolia, o desprazer de viver, quando essas felicidades, esses prazeres, não podem ser vivenciados também por nossos semelhantes?

E mais: como podemos nos sentir felizes, satisfeitos, com a simplicidade do viver o cotidiano, do trocar com o outro as banalidades da vida? Como aceitar a velhice de nossos companheiros, a perda da beleza, da vitalidade do corpo, tão enaltecidos pela comunicação de massa? Como nos satisfazer com o "suficiente", se os estímulos externos, os simulacros, nos impelem a almejar mais, a nos sentir infelizes por "não sermos" e por "não termos"? (Patricio, 1993c).

Acredito que em países onde já se conquistou o mínimo para viver o cotidiano, possa se viver bem nesse processo fragmentário sem caráter totalitário, (no sentido de Humanidade), sem "valores maiúsculos", mas no Brasil ainda precisamos desenvolver a saúde social na socialidade e nas "revoluções anômicas" – tão escassas ultimamente – mesmo que sejam apenas em nível cotidiano.

Pois, refletindo sobre o pensamento de Maffesoli, pergunto: como constituir "o reservatório de energia" para "assegurar a manutenção da socialidade", sem poder "fazer da sua vida uma obra de arte", "desenvolver uma prática popular, através de várias modulações, como comer, vestir-se.."?

Segundo McLaren (1993b), vivemos numa época em que relações de sujeição, o sofrimento, a destituição e o desprezo pela dignidade humana permanecem no centro de nossa existência social. As sensações de deslocamento e desconforto continuam a figurar como elementos centrais e onipresentes da história. A democracia é corrompida por sua relação contraditória com os próprios objetivos aos quais é dirigida: a liberdade humana e a justiça social. Na presente junção histórica, continua o autor, os discursos da democracia continuam a circular sob o disfarce de apelos desinteressados e a se revelar estranhos à luta pela igualdade social. A realidade da democracia é invadida pelo predomínio de uma nova institucionalização pós-moderna da brutalidade e pela proliferação de novas e sinistras estruturas de dominação, tendo ao fundo as insistentes vozes dos destituídos e dos marginalizados.

4.2 A Enfermagem e a Saúde na Dimensão Felicidade-Prazer

A arte toda, toda a liberdade, está em submeter o espírito o menos possível, deixando o corpo, que se submeta à vontade.

Fernando Pessoa

*As pessoas são doentes
porque são incapazes para o prazer.*

Reich

As pessoas se cuidam, os amigos cuidam, a família cuida de seus membros,

enfim o cuidado está de diversas formas no cotidiano das pessoas. Mas há momentos no processo de viver que precisamos ser cuidados por outras pessoas. Dentro de um processo de trabalho em saúde, os trabalhadores da enfermagem são esses cuidadores (Patrício, 1993e). Esse trabalho é aquele que se expressa em diferentes necessidades, nos mais variados contextos onde se **processa a vida**, muitas vezes nas vinte e quatro horas do dia.

O cuidado sempre existiu na vida humana. A história mostra que o cuidado concebido como promover a vida, a saúde, e tratar doenças, foi desenvolvido no lar, na comunidade, pelas mulheres. Os homens caçavam e tratavam os ferimentos. Eram os provedores de certos alimentos e os cirurgiões. As mulheres desenvolveram a puericultura, a obstetrícia, a agricultura, a farmacologia – os tratamentos caseiros – e os cuidados com ambiente (Collière, 1986). O que vale dizer que educação e saúde caminhavam juntas.

Leininger (1984) fundamenta a importância do cuidado da vida humana, considerando que através da História o cuidar de si e dos outros tem sido um fator básico para a sobrevivência do homem. Além disso, a autora sustenta que o cuidado pode existir sem a necessidade de curar. Ou seja, não é preciso estar doente para precisar de cuidados. Assim, atos médicos de curar são aditivos do processo de cuidar, portanto não pode haver cura sem cuidados, mas pode haver cuidados sem cura. Isto é sério, porquanto eu pergunto: se assim não for, o que fazer com a pessoa no seu leito de morte, ou com doença incurável?

Outro aspecto que Leininger chama atenção: o Cuidado é a essência da saúde e da Enfermagem, mas isto ainda não é reconhecido pela grande maioria dos profissionais da enfermagem. A autora atribui esse fato a não compreensão e não valorização do cuidado pelas enfermeiras.

É isso que incorporei de Leininger, que me tem levado, desde 1988, a sair por aí, como diria Bolen (1988) “**zunindo pela vida afora**”, fazendo apologia do cuidado.

Compreendo o cuidar como "cultivar a vida"; entendo que cuidar é desenvolver ações de promoção da vida e tratamento de limitações do bem viver dos seres humanos em harmonia com a natureza; **um processo de educação para a vida saudável, incluindo a garantia da democracia, em todos os seus sentidos,**

políticos e afetivos.

Lendo e vivendo a enfermagem através da História percebe-se que a denominação mais adequada é aquela dada pela língua inglesa "Nursing". Por quê? Porque cultivar, cuidar, é nutrir. Nutrir a vida de alimentos de diferentes dimensões. Enfermagem então é auxiliar, é **mediar** o processo de **satisfação** do ser humano em suas necessidades de viver e ser saudável.

Para Norris (1985) produzir e manter um estado de prazer primitivo é uma meta de enfermagem, mas ainda assim, diz a autora, as enfermeiras não possuem tipologia de prazer para usar na avaliação de efetividade de enfermagem relacionada ao prazer.

A experiência primitiva de prazer é sensual, sensorial, carnal, carnosa, apaixonada e física. Pode ser sentida geralmente em um ou mais órgãos, mas é experimentada através dos sentidos como tranquilidade, conforto, contentamento, leveza corporal ou sensações produzidas por cócegas agradáveis. Envolve sentimento de paz, languidez, desvanecimento interno, ou borbulhar interno. Envolve sentir-se bem, excitado, estimulado, pronto, jubiloso, contente, satisfeito, calmo, restaurado, em paz, bem disposto, descansado, realizado e deliciado – talvez mesmo reverente. Prazer primitivo é, assim, a percepção de satisfação associada a eventos naturais. Obter prazer é um processo integrado, não uma função de sistemas biológicos individuais. Prazer primitivo é prazer corporal, mediado em nível de reflexo. Envolve percepção e conscientização, mas pouca, talvez nenhuma, atividade cognitiva para modificar resposta (Norris, 1985).

A autora entende que o princípio fundamental é que o prazer primitivo é básico à existência humana saudável, podendo assim ser definido como o estado humano básico. Aceitar essa idéia requer reconhecer que o prazer é uma experiência universal, positiva, e que o prazer primitivo, corporal e sensual, é um componente de saúde.

Digo, também, que aceitar essa idéia é realmente conceber o cuidado como provedor de prazer, ou eliminador de desprazer. E assim a enfermagem como a mediadora desse processo.

Esta proposição é um afastamento de uma teoria de "mecanismos fisiológicos básicos de proteção", os quais afirmavam que o estado humano básico era ter

a homeostase fisiológica, diversamente referido como estabilidade dinâmica ou estabilidade fisiológica.

Estímulos desagradáveis produzem sensações que, por sua vez, levam a comportamentos observáveis. As respostas fisiológicas do corpo disparam um certo número de reflexos básicos. Estes reflexos são sinais de advertência que podem ser experimentados como náusea, vômito, calafrios, suores, dispnéia, sede, fome, diarreia ou coceira. Sinais de advertência são protetores. Oferecem conscientização pessoal de uma ameaça externa à homeostase antes que a patologia ocorra, exigindo imediata atenção e ação.

Uma vez que a pessoa responda a estes avisos fisiológicos, os sinais geralmente desaparecem. Seguem-se, então, sentimentos de tranqüilidade, prazer, deleite sensual, o desfrutar de sensações corporais, gratificação ou voluptuosidade. Quem não se aninhou, luxuriando-se, em uma cadeira defronte ao fogo após ter estado amortecido pelo frio? Quem não se sentiu aliviado quando o estômago "se acomodou" após o vômito? Quem não se retorceu e coçou, em sensual êxtase, após remover roupas de lã?

Estas sensações prazerosas, segundo Norris, parecem indicar que a meta da resposta do corpo (a desconforto e dor causados por estímulos externos) é o prazer – isto é, PRAZER CORPORAL – e não homeostase fisiológica. Assim sendo, a premissa básica é que o estado humano básico é o prazer primitivo e não a homeostase fisiológica.

Homeostase fisiológica é uma meta de saúde fisiológica definida por fisiologistas como um modelo biológico do organismo humano. Homeostase fisiológica é, contudo, um termo neutro, não uma definição holística de saúde. É limitada por valores de laboratório, porque resultados de laboratório são expressos quantitativamente, de modo que as linhas limítrofes superior e inferior de homeostase fisiológica são fixas e rígidas. Mensagens interiores sobre perda e alteração de sentimentos primitivos de prazer são invalidadas por este tipo de rigidez. Profissionais de saúde que dependem de padrões fixos podem também desconfiar de experiência corporal interna ou sentimentos para os quais não haja "verdades" laboratoriais ou normas matemáticas.

Norris nos chama a atenção que, se a homeostase fisiológica não é um termo

holístico para descrever a existência humana, algumas perguntas surgem: Dentro de um marco de referência holístico, existe um estado básico ou natural para seres humanos? É o estado humano básico neutro ou homeostático, ou poderia ele, ao invés, ser positivo? Como pode ser conceitualizada uma visão holística do estado humano básico? Informação oferecida por enfermeiras indica que uma meta afirmada da enfermagem é promover alguma forma de prazer aos pacientes. O objetivo poderia ser fazer o paciente sentir-se bem, ou oferecer conforto físico. Atividades de enfermagem são idealizadas para promover saúde, não necessariamente para curar enfermidades. Quando os objetivos da enfermagem são executados como funções médicas delegadas (isto é, dirigidas à cura de doença), estão mais aptos a serem dirigidos para a homeostase fisiológica.

Prazer primitivo, segundo Norris (1985), pode ser visto desenvolvimentalmente. O feto humano vive em uma bolsa flutuante, aquecido e seguro, confortável em um mundo ideal enquanto se prepara para o estresse do nascimento. Profissionais e a sociedade favorecem a manutenção de uma experiência intra-uterina prazerosa de modo a compreender que a experiência materna é um fator importante para oferecer um estado prazeroso ao feto. A partir do nascimento, esforços são dirigidos a reproduzir o agradável mundo intra-uterino. Estes acréscimos produtores de prazer são alicerces para padrões de prazer ao longo da vida no que toca à atividade e descanso, tocar e aconchegar-se, falar e pausar, bem como prazeres gustativos e de ingestão. A atividade dos pais em realçar o prazer tem sido considerada importante pelos psicólogos desenvolvimentistas.

Cada vez mais fica claro que cuidar é promover prazer...

As experiências sensoriais, que contribuem para um estado prazeroso em infantes, crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos maduros e nos idosos, são diferentes. As diferenças nas experiências de entusiasmo, de ardor e vivacidade, em todos esses estágios desenvolvimentais, ilustram a variabilidade do prazer como uma função da idade.

Prazer sexual atualmente, segundo Norris, já é visto como necessário para a manutenção do prazer corporal básico. Uma vida sexual satisfatória cria sentimentos que permeiam os dias da pessoa e influenciam positivamente o seu comportamento pessoal.

O viver, em geral, é marcado por padrões alternados de descanso e atividade, pois as pessoas não poderiam tolerar prazer físico intenso o tempo todo.

Qualquer que seja sua intensidade, o prazer promove continuidade ou repetição que resulta em algum grau de habituação. Variações nas causas de prazer e experiências de prazer são importantes para manter um estado basicamente prazeroso e dinâmico. A busca de novas fontes de prazer e novas ramificações de velhos prazeres oferece oportunidades para aprender, que por sua vez fomentam desenvolvimento e prontidão para novos prazeres (Norris, 1985).

Talvez aí esteja um fio da rede de possíveis motivos da infelicidade das pessoas que não precisam ir em busca, trabalhar ou lutar por condições de viver e transcender. Ou seja, a vida não lhes estimula a busca do prazer.

Buscar novas experiências primitivas de prazer é uma parte natural do crescimento. Quanto mais próximo a pessoa se acha da maturidade desenvolvimental, tanto maior a variedade de estímulos ambientais disponíveis para manter o prazer como o estado humano básico. Prazer e conhecimento corporal envolvem qualidades pré-conscientes, inerentes, sem palavras, de intuição, experiência mística, sentimento. Experiências espontâneas, intuitivas, são aquelas onde os participantes seguem para onde as experiências levam: "senti a necessidade de tocá-lo"; "senti em meu coração que aquela era a maneira de agir" (Norris, 1985, p.11)

Esse aspecto tem sido observado com frequência nos participantes de "Oficinas de Saúde", utilizadas para ensinar, cuidar e pesquisar. As atividades lúdicas, de criação, de toques pessoais, causam um mútuo prazer, inclusive algumas situações são consideradas verdadeiros êxtases (Patricio, 1989; Patricio et al., 1990; Patricio; Andrade; Silva, 1994).

Com relação a pontos de vista da sociedade sobre o prazer, Norris (1985) aponta que percepções negativas sobre o prazer como o estado humano básico podem estar relacionadas com o sufocar experiências prazerosas primitivas em prol de outros "mais nobres". Aristóteles já afirmara: "O bem mais alto é algum tipo de prazer, em que pese o fato de que a maioria dos prazeres seja má". Embora Aristóteles lidasse com prazer corporal como um assunto moral, e não como um estado humano natural, a contribuição dos gregos foi unir a psique e o soma, e

definir a interdependência necessária para um estado de saúde. Eles também identificaram saúde corporal como sendo básica à saúde psíquica, e definiram o prazer e sua busca como sendo bons.

Já na teologia judaico-cristã, continua a autora, mente e corpo são separados, e estão em conflito desde a expulsão de Adão e Eva do Jardim de Éden. Constrangimento sobre a nudez foi a primeira punição. Este foi um ataque principal ao prazer corporal, porque definiu a aparência do corpo como má. Nesta tradição a meta da vida é salvar a alma, a ela devem ser sacrificados, em menor ou maior grau, o corpo e seus prazeres..... Mas a questão é que: "Adão caiu para que os homens pudessem ser, e os são para que possam ter alegria". **A mensagem, pelo menos em parte, é que Adão caiu para que as pessoas pudessem existir e experimentar a felicidade** (o destaque é meu).

Outro aspecto pontuado por Norris (1985) é aquele relacionado a Apolo e Dionísio. Duas tradições filosóficas, que também lançam alguma luz sobre idéias e valores a respeito do corpo. A filosofia apolínica é uma tradição de ação lógica baseada em pensamento consciente. Enfatiza uma paixão pela razão e disciplina. A filosofia dionisíaca tem tradição de agradar sensualmente o corpo e refrescar o espírito.

Numa visão moderna do prazer, a autora coloca que o fato de a sociedade moderna ser impelida à busca de prazer pode ser causado por falha desenvolvimental em alcançar o estado básico de prazer primitivo. Um fracasso de integrar prazer sensual ao crescimento e desenvolvimento individual pode ser a causa da arremetida em busca do prazer. Privação de prazer sensorial físico é um dos principais ingredientes na expressão de violência física. A literatura descreve a violência como um resultado quando crianças são privadas de prazer sensorial, particularmente o prazer do toque.

Trabalhos referentes à agressão infanto-juvenil em família-escola-comunidade, que se desenvolvem desde 1990 (Patricio et al., 1990), têm confirmado essa declaração. Crianças e adolescentes agressivos foram privados de prazer na infância, mais que isso, foram agredidos física, psicológica e socialmente, sem contar o número significativo de crianças que foram rejeitadas desde o útero, o que quer dizer que, desde lá, já havia privação de prazer.

Em nossas atividades com clientes portadores de problemas que os limitam na liberdade de ingerir certos alimentos, temos observado o quanto lhes causa satisfação quando não são chamados a atenção ao infringirem certas regras estabelecidas pelos profissionais da saúde. Acredito que eles têm o direito de conhecer os riscos de suas ações, mas eles, mais que tudo, têm a liberdade de escolher o que fazer com eles próprios e responsabilizarem-se pelo seu prazer. Sem culpa.

A promoção da saúde pode também depender deste estado de prazer. Otimista, formulador de metas, e outros aspectos de vida saudável podem ter sua base em um estado de prazer primitivo. Porque o prazer primitivo como o estado humano básico envolve os conceitos de liberdade, padrões rítmicos, conscientização, o prazer parece ser uma força para colocar as pessoas em contato consigo mesmas e com suas maneiras de interagir com o ambiente. O prazer pode aumentar todo o recurso de que dispõe para viver, e pode ser uma força para expandir a conscientização. Realizar estas tarefas poderia, então, definir promoção de saúde. Prazer primitivo como o estado humano básico influencia um estilo de vida saudável, conforme a pessoa com os ritmos do ambiente e seus próprios ritmos internos. As atividades prazerosas que os pais oferecem a seus filhos evitam a depressão, autismo, aberração sexual e abuso de drogas (Norris, 1985).

Em atividades de pesquisa e de enfermagem com população jovem e adulta, nas quais se utilizam técnicas de relaxamento e de massagens, energética ou de conforto, é impressionante a unanimidade dos depoimentos em relação à sensação de prazer, de bem estar, e de abertura para novas possibilidades de pensar e agir no dia-a-dia que essas vivências proporcionam. Aqueles problemas que as pessoas tinham e que pareciam não ter solução começam a mudar de figura. Há depoimentos, inclusive, de total mudança de vida, em razão dessas técnicas (Patricio, 1990a; 1991; Patricio et al., 1990; Patricio; Andrade ; Silva, 1994).

O mesmo tem ocorrido através de expressões lúdicas e de vivência grupal proporcionadas através de "Oficinas de Saúde" quando em atividades de educação holística e terapêuticas corporais (Patricio; Casa; Loeffler, 1988; Patricio, 1989; Patricio et al., 1993a; Patricio; Andrade; Silva, 1994).

Essas experiências têm apontado a importância do toque corporal para a

saúde e inclusive apontam para a transformação do comportamento delitivo de crianças na escola após a terapêutica do toque, das interações transpessoais. Em especial são crianças maltratadas na casa, na rua, no mundo (Patricio, 1990a; Patricio et al., 1990).

São momentos que se caracterizam como de prazer e felicidade, não somente para o cliente mas para o profissional também, pela própria vivência desses momentos e pelos resultados positivos que geram no processo de viver, partindo da premissa que na interação pessoal-cultural ambos se transformam, cultural e energeticamente falando (Patricio, 1990a).

Norris (1985) lembra que Nightingale⁵ reconheceu que uma meta de enfermagem era promover prazer. Ela usou os termos prazer, ânimo, revigoração, boas notícias, variedade, contentamento, interesse, conforto, alívio, restauração, ao discutir "meios de oferecer prazer aos doentes". Segundo a autora, esta teoria acha-se ainda em estágio primário de formulação. Se ela possui qualquer validade, ela torna clara uma meta de enfermagem.

Considero que não somente as enfermeiras, mas os pais, professores de creche, de escola básica, enfim, os adultos, são fundamentais na promoção de prazer às crianças e aos jovens. Isto vale dizer: pessoas com mais recursos para o enfrentamento do processo de viver.

E MAIS, se queremos uma nova abordagem coletiva da vida, um novo paradigma socializado, não devemos pensar que apenas as mulheres deverão estar à frente da produção de prazer para promover uma vida saudável, mas os homens em especial, visto que estes precisam desenvolver seu lado direito do hemisfério cerebral, o que lhes faria aptos à sensibilidade, e assim aptos a causar prazer, além daquele culturalmente prescrito que é o genital.

Norris (1985) considera que as enfermeiras lidaram com o divórcio entre a sensualidade e o corpo como se o corpo estivesse sendo privado de vida. A idéia é

⁵ Florence Nightingale nasceu em Florença, Itália, a 20 de maio de 1820. Do seio de família tradicional da Inglaterra, Florence saiu pelo mundo a inventar o que hoje estamos desenvolvendo: a Enfermagem Profissional. Após voltar da Guerra da Criméia, Florence foi homenageada pelo governo da Inglaterra e agraciada com quarenta mil libras que utilizou para a criação de uma escola de enfermagem no Hospital St. Thomaz, em 1860. A partir daí o "Sistema Nightingale" se propagou por toda a Inglaterra e pelos Estados Unidos, de onde, então, passou para o resto do mundo (Nightingale, 1989).

que a cura deste cisma (eu diria tabu) tornaria a pessoa integral, em oposição a mecanicista. Prazer primitivo ou corporal contribui para a unidade, e unidade simboliza cura e saúde. As enfermeiras poderiam encarar a vida como uma interação intensa com o ambiente, na qual experiência genital não é mais intensa do que de outros prazeres corporais.

Através de trabalhos em “Oficinas de Saúde:Sexualidade”, junto a alunos e profissionais das áreas de Enfermagem, Pedagogia e Serviço Social, além da própria população, percebe-se o quanto a educação recebida na família, na escola, durante a infância e adolescência, é fator decisivo nas representações que os indivíduos fazem de si próprios e dos outros; o quanto essas representações são importantes na sua satisfação, sua felicidade e prazer de viver consigo mesmo e com os outros, com o seu corpo e com o corpo do outro (Patricio, 1990a; Patricio et al., 1993a).

A questão é que essas "enfermeiras" são pessoas que talvez representem pontos da mesma rede do cliente: frutos da mesma cultura. Na Práxis da sexualidade com a população é preciso primeiro trabalhar sua própria sexualidade (Patricio, 1989; Patricio et al., 1990).

*O corpo não é uma máquina
Como nos diz a ciência.
Nem uma culpa como nos
faz crer a religião.
O corpo é uma festa.*

Galeano

5 EXPLICITANDO A TESE I

- **A felicidade e o prazer representam a satisfação de necessidades individuais e coletivas de bem viver do ser humano. A possibilidade de bem viver está diretamente relacionada ao modo como o ser humano interage com a natureza, com ele próprio e com os demais seres do mundo. Relaciona-se com a qualidade do cuidar da vida.**
- **O ser humano precisa de momentos de felicidade e prazer tanto para viver quanto para morrer saudável.**
- **A qualidade do processo saúde-doença – processo de viver – depende da qualidade de vida do ser humano. Essa qualidade está diretamente relacionada ao atendimento de suas necessidades de ser, estar, querer, sentir, conhecer, fazer e de ter. É no corpo, concretude do ser humano, que se expressa ao mundo, que se desenvolvem suas necessidades e possibilidades (recursos).**
- **Ser saudável, bem viver, está diretamente relacionado ao atendimento dessas necessidades. O ser humano que vive em constante mal viver, ou seja, que não tem, ou tem poucos, momentos de prazer e de felicidade, apresenta maior suscetibilidade às doenças, ou a sofrer e também provocar em outros, situações precoces de limite.**
- **A qualidade de vida do ser humano está relacionada à qualidade de vida do planeta. Esta, por sua vez, está ameaçada pela forma como o ser humano está buscando satisfazer suas necessidades de prazer e felicidade.**
- **Existem motivadores, regionais e universais, que guiam as ações humanas na busca de bem viver. Essas ações em busca de satisfazer suas necessidades são concebidas individual e coletivamente através da vontade, do desejo, da cultura atual e do "inconsciente coletivo", segundo Jung, e de possibilidades de recursos.**

- **Esse padrão está relacionado ao desenvolvimento do ser humano no que se refere ao uso dos seus hemisférios cerebrais esquerdo e direito. Este desenvolvimento é condicionado ao paradigma que sustenta a cultura dos contextos com os quais o ser humano interage, em especial a família, a escola, os centros religiosos e os meios de comunicação de massa.**
- **A Enfermagem, como a profissão do cuidado da vida através da "razão e do coração", pelo Processo de Educação Holístico-Ecológica tem papel importante na mediação do desenvolvimento da sinergia entre os dois hemisférios cerebrais, com ou sem a colaboração de profissionais de diferentes disciplinas.**
- **No Processo de Trabalho da Enfermagem, o cuidado é apenas o produto mediador no processo de transformação de situações de limitação de bem viver do ser humano (cliente da enfermagem), pois é ele próprio possibilidade concreta ou potencial, quem desenvolve essa transformação.**
- **A mudança de paradigma nas teorias e práticas acadêmicas e nos serviços de saúde e educação que contemple abordagem holístico-ecológica do ser humano, no sentido individual e comunitário, poderá não só colaborar com a vida humana mas com toda a vida do planeta.**
- **A Enfermagem, como ciência, filosofia, tradição e arte de cuidar da vida através da Práxis Transpessoal e Transcultural, pode colaborar no desenvolvimento de referenciais teóricos de abordagem holístico-ecológica para trabalhos inter e transdisciplinares.**
- **O ser humano saudável é aquele que está eternamente buscando situações de prazer e felicidade a partir de princípios éticos e estéticos de vida individual e comunitária em integração com a natureza.**

6 UMA PARADA EM MOVIMENTO:

Decidindo o Caminho pela Bússola Interior

Desde os primeiros minutos, até uma semana após a defesa do projeto de Tese, minhas interações com colegas foram centradas em ouvir questionamentos e sugestões acerca de minha possível decisão em relação às ponderações que a Banca havia feito na defesa. Segundo a maioria dos integrantes da Banca, o próprio projeto já tinha dado conta da defesa da Tese: “E então, decidiste? Vais colher dados, ou paras por aqui?”; “Como? Vais continuar? Que é isso? Tu já estás pronta, pensa bem, garante o título já, é uma questão de inteligência. Quanto mais tempo, mais perdes”; “Se tu continuas, perdes dinheiro e a possibilidade de usufruir do título de Doutor, pensa bem, deixa a pesquisa para mais tarde...”; “Por que tu queres continuar?... Filho parido pela metade?; Pensa melhor, garante o título logo. Se a banca achou que tu já defendeste a tese o que queres mais?”.

Por outro lado ouvia outras vozes de colegas: “Eu te entendo. O que é que teu coração diz?...”Então vai, colhe os dados...”; “Se ainda achas que o estudo não está pronto, vai, colhe os dados, algo mais deve surgir...”

Para mim não havia dúvida que deveria continuar o estudo. Precisava continuar o caminho que havia decidido tomar. “Minha postura não estava sendo antiética, nem antiestética, então por que parar no meio da caminho?”. Além disso, havia muita curiosidade e vibração sobre o que eu iria encontrar no fim desse caminho.

Foi meu **Tao** que me deu resposta. Tao pode ser compreendido como um caminho interior rumo a uma harmonia que vai dos pés à cabeça. É o ying e o yang, feminino e masculino respectivamente. Tao é a integração dessas duas forças. Implica o sentido de um caminho como modo de vida (Bolen, 1988).

Ao caminhar pela vida, o que fica evidente para os outros é a trilha exterior que foi tomada. A trilha interior é muito menos evidente. Ao trilhar nossos caminhos, talvez estejamos nos aventurando num território novo; ou podemos nos

dirigir para uma pista, de muito tráfego. Podemos seguir a multidão, empurrados e puxados pelos outros ao longo do trajeto, ou então podemos estar abrindo o nosso próprio caminho conscientemente, mesmo entre as massas, parando de vez em quando para reconsiderar e para ouvir o nosso tambor interior (Bolen, 1988).

Segundo essa autora, numa hora em que você precisa decidir que caminho tomar, as ponderações de razão e sentimento se colocam par-a-par: Que caminho tomar? O que escutar? Que sinais seguir? Ao viajar, seja por qual trilha for que escolhamos, há tantas direções potencialmente confusas, tanta algazarra e alarido à nossa volta, que afogam a nossa capacidade de permanecer conscientes do “ponto de repouso”. Talvez os caminhos exteriores não levem a parte alguma, o que torna significativo continuarmos em contato com um caminho interior, ao viajarmos por qualquer uma das estradas exteriores.

Segui os ensinamentos de Don Juan (Castaneda, 1987): segui o caminho do coração, sem medo e sem ambição. Meu Tao interior, minha base filosófica, meus princípios éticos, gerados na infância com meus pais. Aquela natureza cultural-afetiva que procuro manter, apesar de todas as pressões do tráfego da vida acadêmica.

Segui minha bússola interior, o amor que me une à Humanidade. Sentia que precisava chegar a outros conhecimentos sobre Felicidade-Prazer em favor da vida.

Concomitantemente, tinha vontade de mostrar – e até testar em tese – caminhos diferentes para se chegar a esses conhecimentos. Queria mostrar uma trilha – um método – diferente. Afinal a literatura específica diz que ainda não se tem método para um paradigma Holístico-Ecológico. Pelo que entendo de Kuhn (1978) para ser um paradigma há necessidade de haver não apenas conceitos, mas operacionalização destes, com técnicas e instrumentos que possam gerar novos conhecimentos. Queria colaborar para isso, mesmo que fosse através de um estudo pequeno. Seria, como uma colega me disse, “uma ilustração do método”.

Além disso, havia a curiosidade de testar a “tese dos anjos”. Naquele dia eles deram doze categorias e uma síntese chamada Karma, quando questionava sobre como viver saudável em busca da Felicidade-Prazer. Acreditei nessas mensagens sincronísticas, queria verificar, na prática, se elas apareceriam. Diz o ditado que “quem procura acha”.

Hoje não me arrependo do caminho que tomei. Nesse caminho descobri e validei dimensões da vida, da minha vida e da vida dos outros. Interagi com um conjunto de pessoas, que mostra a beleza da diversidade humana. Fiz amigos.

Nessas interações encontrei categorias do processo de viver individual e coletivo que necessitam ser revistas interdisciplinarmente, e experimentei a tese apresentada na defesa do projeto: “O ser humano é o método. A interação é o método”.

Durante o processo de colher e analisar-refletir dados, compreendi melhor Bolen (1988, p.122) ao afirmar que “quando uma pessoa está seguindo um caminho com o coração, seus sonhos a alimentam, são interessantes e agradáveis e, com frequência, conferem uma sensação de bem-estar. Sincronisticamente, é como se oportunidades se abrissem de modo fortuito; as pessoas que deveríamos encontrar, cruzam por acaso o nosso caminho, um fluxo de felicidades acompanha o nosso trabalho”.

Foi exatamente isso que ocorreu.

7 COMPREENDENDO A DIMENSÃO FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER ATRAVÉS DA PRÁXIS TRANSCULTURAL E TRANSPESSOAL:

Transformando o Conhecimento e o Ser Humano

“Este capítulo está sendo um parto difícil”. Esta foi a expressão que pronunciei ao final de um mês de tentativas de organizar em palavras escritas o método utilizado para produção desse estudo. A questão era como apresentar de forma compreensível um processo teórico-prático e um conjunto de conhecimentos gerados através dele. A questão era como fragmentar uma unidade em partes; algo que foi sendo construído em processo de múltiplas relações? Imaginava uma história de vida sendo contada em tópicos separados. Cronologicamente isso é possível, mas é tudo um único processo.

Diferente do antigo paradigma, como já foi colocado anteriormente, ainda não temos um método desenvolvido para o Paradigma Holístico. Este se fará, segundo D’Ambrósio (1993) na medida em que seus princípios forem sendo esclarecidos. Sendo assim, entendo que o método utilizado neste estudo, através do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, representa uma proposta, um exercício, de operacionalização deste novo paradigma.

Todo o trabalho, acadêmico ou não, tem uma fundamentação teórica, no sentido de possuir um conjunto de conceitos, de princípios e técnicas que o norteiam. Até a produção de um simples bolo tem conceitos, princípios básicos, bem como técnicas específicas para sua fabricação. Acrescente-se a isso a arte, a criatividade e a sensibilidade que cada trabalhador coloca na receita do bolo. Isso vale dizer que todo o trabalho tem a princípio um método, mas que, não necessariamente, precise ser seguido à risca, pois o processo pode exigir modificações. Sendo assim, também concordo com autores que compreendem que método inclui também a criatividade do pesquisador (Demo, 1985; Minayo, 1992). Referenciando Feyerabend, Minayo chama a atenção para essa possibilidade de

“violação de regras”. E, vai mais longe, quando resgata Kuhn, no que se refere a seu discurso sobre o progresso da ciência a partir de quebra de paradigma.

Entendo, como Minayo (1992; 1994), que método significa o caminho do pensamento e a prática na abordagem da realidade, de forma que teoria e método caminham juntos.

Para Minayo (1994, p.17), pesquisa é a “atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”.

A pesquisa cujo objeto de estudo é o ser humano, que tem como pressuposto transformação da energia, da consciência, com base teórica em princípios transpessoais e transculturais, não pode ser considerada apenas uma “prática teórica”, pois, no momento em que há a interação pesquisado-pesquisador, ambos se transformam (Patricio, 1990a; 1992b). Ou seja, os eventos, em idéia e ação, se dão na concretude dos campos dos corpos dos indivíduos e por eles são elaborados.

Desta forma, o método desse estudo tem como pressuposto que ele próprio, enquanto processo de pesquisar, ensinar ou cuidar, pode vir a interferir na realidade estudada (Patricio, 1988b; 1990a; 1993bc).

Chama-se atenção de que, todo o trabalho daqui em diante precisa ser lido à luz de tudo o que até aqui já foi colocado, ou seja, desde o primeiro capítulo. Em especial, precisa ser lido guiado pelo Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, apresentado anteriormente. Talvez fosse mais próprio que durante a análise-síntese dos dados eu resgatasse a teorização já colocada. Fiz assim na dissertação de mestrado, ficou muito interessante, mas se o fizesse agora, este trabalho ficaria ainda mais extenso. Sendo assim, peço que cada leitor o faça a partir da sua compreensão dos textos e da realidade apresentados.

7.1 O Processo de Conhecer e Compreender a Realidade e o Caminho do Estudo

Conforme o Referencial que guia este estudo, o processo de cuidar-pesquisar-ensinar é centrado nas interações entre profissional e população

(profissional-sujeito, ou seja, sujeito-sujeito), o profissional com ele mesmo, o profissional com outros profissionais e o profissional com parceiros na literatura. O profissional com todas as suas necessidades, expectativas, desejos, limitações e todos os seus recursos pessoais e profissionais, assim como o sujeito (objeto, meio e força do processo) também. Sendo assim, neste item está descrito todo esse processo de interação Transcultural e Transpessoal que possibilitou a produção desse estudo.

Tal processo se deu através de **encontros com os sujeitos em trabalho de campo**. A maioria, nos seus próprios contextos.

Na compreensão do Referencial, esse campo é o espaço geográfico, energético, cultural, intelectual, afetivo... do sujeito do estudo (Pesquisado) que logo em seguida, na interação, é transformado em uma unidade espacial pesquisador-pesquisado, mantendo a individualidade espacial de cada um.

Nesse procedimento metodológico, destacou-se a entrevista, mas uma entrevista diferente daquela tradicional, onde o pesquisador vai munido com um formulário de questões pré-estabelecidas. Nesse processo de interação Transpessoal e Transcultural, foi utilizada uma técnica específica, composta por expressões verbais e não verbais, que promoveram diálogos profundos sobre o vivido, constituindo-se num conjunto de dados objetivos e subjetivos.

A organização, análise, reflexão e síntese dos dados se deu durante toda a trajetória do processo, mas teve, também, momentos específicos de ordenação, de análise e de síntese, resultando no produto final do processo. Em alguns momentos com auxílio de recursos da literatura.

Os dados, originados das interações, foram registrados durante os encontros, em folhas soltas, utilizadas, inclusive, pelo próprio sujeito, quando a técnica assim prescrevia, denominadas de **Diário de Campo**. Naturalmente, foi impossível registrar tudo no exato momento em que os eventos iam acontecendo, mas sempre uma frase, ou uma palavra, que identificasse o tema, eu anotava. Posteriormente, em outra oportunidade, acrescentava o restante dos dados do encontro, através de exercício de memória que desenvolvi no estudo do mestrado. Muitos dados, muitas palavras e expressões, se perderam. Primeiro, porque havia momentos na interação impróprios para anotação; segundo, porque minhas emoções às vezes atrapalhavam

a razão, a necessidade de registrar que o estudo exigia. Esse registro é denominado de **Notas de Campo** (Elsen, 1988; Patricio, 1990a).

Anexo às Notas de Campo, são registradas as **Notas do Pesquisador**. Nessas notas constam os sentimentos do pesquisador e notas teóricas e metodológicas sobre o encontro (Elsen, 1988; Patricio, 1990a).

Segundo os trabalhos desses autores, nas Notas de Campo constam apenas os dados objetivos do levantamento de dados. Nas Notas de Campo, desse estudo, constam as observações do pesquisador em relação ao contexto físico e sócio-cultural-psicológico dos sujeitos, as expressões verbais e não verbais do sujeito, a fala do pesquisador e algumas reflexões e sentimentos que emergiram no momento da interação. Foi impossível evitar Notas do Pesquisador no próprio contexto das Notas de Campo.

Com os dados organizados nesses registros, Notas de Campo e Notas do Pesquisador, passei, didaticamente falando, para a segunda etapa: a análise dos dados.

Esse processo se deu de forma exaustiva, em especial, a parte referente à análise dos dados. Mesmo com todo aquele meu discurso inicial, desde os primeiros momentos do processo houve uma preocupação da razão em favor da qualidade do estudo, enquanto rigor no trabalho, na “manipulação”, dos dados. Essa preocupação ficou mais evidente no momento da análise dos dados. Para tanto, solicitei ajuda de uma colega do TRANSCRIAR no sentido de ler os relatórios em conjunto, escutar minhas análises e reflexões de cada sujeito do estudo.

Não tinha, com essa postura, a intenção de verificar objetivamente a validade das expressões dos participantes, e, sim, intencionava ser rigorosa na manutenção dessas expressões e na compreensão das mensagens verbais, à luz dos objetivos e do referencial teórico do estudo. Essa compreensão é adquirida na subjetividade que o método permite, mas tendo a objetividade dos dados à sua frente, de uma forma organizada através de certos princípios de análise e de síntese que o método prescreve.

Esse primeiro momento de análise foi destinado a buscar nos conteúdos dos registros as categorias que o estudo se propôs a buscar, neste caso: **quem são os sujeitos, como vivem, o que sentem, suas representações sobre felicidade-**

prazer e dados do método de abordagem da realidade.

Conforme estabelecido no começo do estudo, havia me proposto a trabalhar os dados por dois tipos de processos: ANÁLISE e SÍNTESE. Ou seja: mexer com os dados através de duas formas distintas. A primeira é aquela que fragmenta o conteúdo dos dados, que disseca, que divide em mil pedacinhos, que vasculha seus detalhes, chega quase ao átomo da expressão do sujeito através da razão. Mas que, também, pode gerar temas que denotem eventos mais significativos do evento analisado. A segunda forma é aquela que une, que integra num todo as diversas dimensões do conteúdo, do sujeito, com ou sem os recursos da categorização, inclusive com uso da intuição.

De forma simples, recordando o que está no Referencial, a análise seria comandada pelo **hemisfério esquerdo**: vê todos os “fragmentos” ou “partes” e as relações de causa e efeito entre eles, mais do que a interação entre todos os quadros. A **síntese pelo hemisfério direito**: compara, de preferência, por metáforas, mais do que por medidas. Seu estilo é receptivo e reflexivo, um molde mais “feminino” do que o do hemisfério esquerdo.

O **processo de análise** seria a partir de Bardin (1977, p.31): “pôr em evidência a ‘respiração’ de uma entrevista não diretiva; encontrar o inconsciente coletivo...” A partir de Elsen (1988), entendendo que a análise do conteúdo passaria às significações dos indivíduos, e dessas significações emergiriam categorias que em outra leitura nos mostraria temas emergentes. Com Patricio (1990a) e Minayo (1994), entendendo que é preciso definir, antes de iniciar o estudo, categorias que pretendemos investigar, e que isto requer uma fundamentação teórica do pesquisador e uma abertura para a compreensão das representações sociais dos indivíduos.

O **processo de síntese** se faria através da leitura reflexiva, crítica, sentimental e intuitiva do conteúdo dos dados. Ambos se fariam à luz de toda a teorização do estudo, em especial do tema Felicidade-Prazer e do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico.

No decorrer do trabalho, percebi que o processo de análise dos dados estava sendo feito tal qual aquele que desde 1988 venho utilizando, individual e coletivamente no grupo de pesquisa. Naquela oportunidade, aprendi a categorizar

dados com a Dra. Ingrid Elsen, e adaptei tal processo na dissertação em razão de a análise olhar categorias pré-estabelecidas pelo enfoque do marco referencial do estudo. Percebi, também, que o processo de síntese era aquele que havia desenvolvido nessa mesma oportunidade: sentimento – interpretação – reflexão – sentimento – reflexão crítica, com ou sem o sujeito (Patricio, 1990a).

Entretanto, havia algo novo nesse processo de síntese: a evidência da **intuição** – os *insights* – timidamente colocada naquela oportunidade, e o evento da **sincronicidade constantemente acontecendo nesse processo**.

A sincronicidade é um ponto entre o lado direito e o esquerdo do cérebro. Se percebemos pessoalmente a ação da sincronicidade em nossas vidas, sentimo-nos mais interligados do que isolados ou alienados dos outros; sentimo-nos parte de um universo divino, dinâmico e interligado. Segundo Jung, sincronicidade é um termo descritivo que designa o elo existente entre dois eventos encadeados devido ao seu significado, um elo que não pode ser explicado por meio de causa e efeito (Bolen, 1988).

Um evento sincrônico é qualquer coisa simultânea, eventos que ocorrem ao mesmo tempo. Na sincronicidade, a “coincidência” significativa acontece dentro do marco de um tempo subjetivo. São três os tipos de sincronicidade. Na primeira categoria, existe uma coincidência entre o conteúdo mental (que pode ser um pensamento ou um sentimento) e um evento externo. No segundo evento, uma pessoa tem um sonho ou uma visão que coincide que está ocorrendo a certa distância (e isto é comprovado). Na terceira categoria, uma pessoa vê uma imagem (como sonho, visão ou premonição) de algo que ocorrerá no futuro, e que então efetivamente acontece (Bolen, 1988).

Entretanto, no decorrer do processo, em nenhum momento houve a análise separada da síntese, a não ser por instantes durante o processo de categorização dos dados e durante reflexões sobre *insights*. Isto vale dizer que a sinergia entre o lado esquerdo e o lado direito do cérebro aconteceu. Acho que a mediação desse evento se deu em razão de uma constante: A REFLEXÃO.

O que é reflexão ? Refletir é um re-pensar. É um pensamento consciente de si mesmo, capaz de avaliar, de verificar. Refletir é o ato de retomar, re-considerar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa constante de significados. É

examinar detidamente. E isto é **filosofar** (Saviani, 1986).

Eu diria também que reflexão é se colocar consciente e inconscientemente aberto para mensagens, para outras verdades, outros sentimentos, outros eventos. É uma postura. Isso vale dizer ainda que esse foi um processo de compreender a realidade fundamentado na reflexão a partir da análise e da síntese, substanciado pela **crítica**.

O que é criticar? É não aceitar as verdades como eternas, absolutas. É repensar os dados, os eventos, é buscar outros caminhos, outros recursos, outras fontes. É colocar valor nos pensamentos, nos sentimentos. Essa postura caracteriza o processo como **ético e estético**, pelo que merece o conteúdo do evento em questão.

Os processos de análise e síntese dos dados aconteceram concomitantemente ao **conhecimento** da realidade, ou seja, a **compreensão** dessa realidade se deu num mesmo processo, durante o período das interações. Naturalmente que muito mais efetiva, sistematizada, após o afastamento do campo, do sujeito. A compreensão da realidade se dando no processo de levantamento de dados permite outros olhares, outros dados, outras buscas, outras abordagens. É um ir e vir constante. Isso é possível pela flexibilidade que o Referencial prescreve.

Concretamente, o processo de análise dos dados começou no próprio Diário de Campo, no local destinado para "Análise". Lá foram pontuadas as categorias referentes ao sujeito, ao tema e ao método. Posteriormente, foi montada a linha da vida⁶ do sujeito e nela foram colocados todos os dados da análise que constava no Diário de Campo. Ao lado desse desenho foram colocados os dados referentes às categorias: Quantidade de Interações, Técnicas, Felicidade-Prazer, Felicidade-Prazer & Saúde, Notas do Contexto, Notas da Interação. E, por último, as reflexões desse todo (tema e método), elaboradas a partir desse conjunto, associadas àquelas das Notas do Pesquisador.

Posteriormente, esses dados foram agrupados pela caracterização que

⁶ "A Linha da Vida" é uma representação gráfica em espiral, elaborada em dissertação de mestrado, para caracterizar todas as dimensões do processo de viver dos indivíduos, suas micro e macro relações, desde com a família, no domicílio, na rua, na comunidade com seus pares, até o universo. É a visão holística através de um desenho (Patricio, 1990, p.81).

emergiu da análise anterior, por **tipo de situação de vida dos sujeitos** em: “Situação de Limite: Lutando contra a Morte”; “Situação de Limite: Aguardando a Liberdade”; “Situação Virando a Mesa: Entre Perdas e Ganhos”; e em “Situação do Cotidiano: Vivendo...”.

Concomitantemente, estava acontecendo o processo de síntese. Mantinha-me constantemente aberta para os *insights*, para os sonhos, para os encontros, registrando, e posteriormente refletindo, raciocinando sobre esses eventos e reprogramando-me para outros a partir das sínteses desses.

A integração de análise e síntese caracteriza o processo como a unidade **Análise-Reflexão-Síntese**. Uma precisa ser lida em consonância com a outra, do contrário perde-se o sentido do todo. Desse processo emergiram conhecimentos, saberes, consciências e processos de recriação – ciência, tradição, filosofia e arte – através de toda a subjetividade dos pesquisados e da pesquisadora, pois que até a descrição do contexto (cenários) é produto da mente humana.

7.1.1 Os Diferentes Atores e Cenários

Os participantes desse estudo foram os sujeitos pesquisados e a pesquisadora, cercados de pessoas que mediarão as possibilidades dos encontros entre ambos. A seguir apresento os sujeitos. A pesquisadora, ou seja, eu pesquisadora, já vem sendo apresentada desde o primeiro capítulo e vai continuar aparecendo em todas as reflexões e considerações apresentadas nos textos.

Chamar os participantes do estudo de **sujeitos** é dizer participantes, ativos no processo, no estudo. Chamá-los de **atores** é dizer artistas, participantes do teatro da vida, da tragédia de viver, como veremos mais adiante. Leia-se, então, **sujeitos atores**.

Acreditando que a vida se constrói com o processo de viver, no tempo e no espaço, a partir do processo de crescimento do corpo e desenvolvimento de suas relações com o mundo natural e social, no projeto havia me proposto fazer o estudo com pessoas de diferentes faixas etárias, desde criança até o idoso (Terceira Idade) e de diferentes culturas e segmentos sociais.

Pretendia selecionar pessoas que estivessem vivenciando situações de cotidiano e situações extraordinárias como: pessoas "virando a mesa", ou que já o fizeram (pessoas que um dia decidiram e agiram em relação a mudança radical em suas vidas); pessoas passando por momentos de perdas e danos; pessoas em situações de limite e de fecundação de vida, como em processo de morrer e de enclausuramento em instituições públicas, e de gestação, respectivamente; pessoas em situação de "DNT-PCCC, desnutridas, no sentido de carência de proteína, caloria, carinho e cidadania" (Patricio, 1987, p.3).

Para tanto havia planejado colher dados nos EUA – sabemos que é grande o contingente de cidadãos brasileiros que para lá se dirigem nessa busca (Margolis, 1993) – Colômbia e Peru, além do Brasil. Em razão de não ter sido contemplada com bolsa de estudos, não foi possível desenvolver o trabalho conforme havia planejado.

Consegui ir apenas aos EUA. Graças ao convite de uma colega e auxílio financeiro de amigos, tive a oportunidade de participar do Programa de Intercâmbio Companheiros das Américas, em Virgínia, nosso Estado irmão naquele País. Lá nas horas vagas, nos vinte e um dias que lá fiquei, colhi dados junto a brasileiros que para lá foram em busca de melhores condições de vida. Além de Virgínia tive a oportunidade também de colher dados de brasileiros residentes em Miami, na Flórida. Esses dados foram colhidos no período de março a abril de 1995.

No Brasil, diminuí a população que seria estudada, em qualidade e quantidade, por entender, juntamente com a orientadora, que eu estaria apenas desenvolvendo um estudo que seria ilustrativo do método.

Sendo assim, priorizei para esse estudo sujeitos nos EUA que haviam virado a mesa um dia, e que se dispusessem a participar do estudo. E, no Brasil aqueles que estivessem em situações de limite, além de alguns casos em processo de viver comum, nem virando a mesa, nem em situação de limite, ou noutra situação extraordinária. No total, participaram do estudo dezenove sujeitos.

Oito dos dezenove participantes residem atualmente nos Estados Unidos. Foram caracterizados como aqueles em "Situação de Virando a Mesa". São eles: **Benito, Luisa, Peter, Sindy, Juliana, Pedro, Maria e João**. Os quatro primeiros

residentes no Estado da Virgínia e os demais em Miami, Flórida. Cheguei até essas pessoas através de encontros casuais ou através de mediadores. Sindy eu conheci no primeiro instante em que aportei na América. Foi nossa primeira intérprete. Benito me foi apresentado por Sindy, a quem eu pedi que mediasse meu encontro com ele. Sindy se ofereceu para participar do estudo nas vésperas de minha saída de Radford. Luisa, nossa segunda intérprete, ao saber de meu interesse em fazer estudos com brasileiros, se dispôs a participar do estudo e mediou meu encontro com seu marido, Peter. Os sujeitos da Flórida conheci por intermédio da colega que viajou comigo. Fomos visitar seus parentes residentes em Miami, sendo que, por telefone, minha colega já havia garantido que eu faria o estudo com Maria. Foi em casa desta que encontrei Juliana, Pedro e João. Juliana e João se ofereceram para fazer o estudo, Pedro eu convidei. O Quadro 2 mostra de forma sucinta a apresentação desses sujeitos do estudo.

Quadro 2 – Sujeitos Atores em Situação “Virando a Mesa”

Benito reside sozinho na cidade de Blacksburg, onde tem um dos seus dois restaurantes. Tem quarenta e três anos, é solteiro e se diz pertencer à classe média. Nascido em Minas Gerais, reside na América há mais de vinte anos. Saiu do País em razão da repressão militar. Já morou em outros estados da América, sempre trabalhando em restaurante. Ele tem outros irmãos residindo lá, também nesse ramo de negócios. Atualmente, Benito está em processo de repensar sua vida de solteiro, na possibilidade de voltar para o Brasil e de trocar de respiradouros para suas tristezas, que atualmente se resumem no álcool e no tranqüilizante. Naquele momento de interação, Benito caracterizou-se como um homem “*simples, sonhador. Gosto do mar, floresta. Descontrolado financeiramente. Levo negócios à sério. A cabeça no ar. Criativo. Eu tô sempre pensando*”.

Luisa reside em Blacksburg, com seu marido e a filha de treze anos. Tem quarenta e cinco anos. Formou-se em Pedagogia em Educação Especial. Atualmente está desempregada, em busca de uma oportunidade na Universidade de Radford, mas no Brasil já teve momentos de muito sucesso e prazer na profissão. Nasceu no Rio Grande do Sul, reside na América há aproximadamente seis meses. Foi para lá acompanhando seu marido. Este, depois de se doutorar em Harward, na Inglaterra, tentou ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas não conseguiu. Decidiram sair do Brasil. Seu desafio atual é arranjar um emprego que lhe satisfaça, que lhe permita crescer intelectualmente, mas que possibilite manter o equilíbrio entre ser mãe e esposa. Luisa se define como “*uma pessoa positiva e empreendedora. Acho que a felicidade está dentro de mim e só depende da forma como encaro os acontecimentos, as experiências e as vivências pelas quais passo. Sou, talvez, perfeccionista o que algumas vezes me prejudica*”.

Peter, marido de Luisa, tem trinta e quatro anos. Nasceu no Rio Grande do Sul, também. É cientista, na área de genética. Trabalha como pesquisador numa grande empresa americana. Logo que acabou o doutorado na Inglaterra, teve cinco propostas tentadoras de empresas americanas em cidades diferentes. Como foi lhe negada a chance de trabalhar no Brasil, aceitou a proposta da empresa de Blacksburg, na Virgínia, por ser, segundo ele, uma cidade boa, tranqüila, própria para criar sua filha em ambiente saudável. Continua indo à Inglaterra onde

participa de um grupo de estudos em sua área. Atualmente Peter está desenvolvendo uma pesquisa, cujo resultado só será conhecido daqui há três anos. Pelo que relatou, digo que será uma grande contribuição à Humanidade, mas também uma grande restrição. Coisas de cientista? Peter tem muita dificuldade para responder "Quem sou eu?", mas após várias tentativas consegue se definir da seguinte forma: *"Ambicioso, tímido, impaciente na carreira e ansioso"*.

Sindy reside em Radford. Tem trinta e cinco anos, é solteira. Nasceu em São Paulo. Foi para a América há aproximadamente dois anos. Foi morar em Virgínia após ter decidido se libertar de pressões familiares. Atualmente faz mestrado em Artes, na Universidade de Radford. Trabalha de garçom no restaurante de Benito. Com seu salário paga estudos, moradia, alimentação e seu automóvel. Em Radford, e nas demais cidades vizinhas, todos têm automóvel. Lá não tem transporte coletivo, a não ser o ônibus escolar. Sindy se caracteriza como *"uma pessoa que estou me libertando do meu passado e não permitindo que ninguém guie meu futuro. liberdade é tudo o que quero para a minha vida e quando eu sinto que alguém está tentando me podar eu acho uma maneira de me libertar"*.

Juliana tem dezesseis anos. Reside em Miami, na Flórida, com sua mãe, sua irmã de sete anos e sua tia. Além desses familiares, residem na casa de Juliana dois americanos, namorados de sua mãe e de sua tia. Costumam também, aos domingos, receber visitas de brasileiros que conheceram na América. Juliana nasceu em Santa Catarina. Foi para a América há aproximadamente dois anos, encontrar sua mãe que já estava lá. A causa primária da ida de sua mãe para a América foi a separação do seu pai. Além disso, queria tentar outras oportunidades de rendimento financeiro, tal como sua irmã havia conseguido. Juliana faz o curso científico e pretende ser sorteada com uma bolsa para fazer universidade nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que deseja voltar para o Brasil, pois não consegue se adaptar à cultura americana e parar de sentir tanta falta do seu pai e dos amigos brasileiros. Naquela oportunidade, Juliana se caracterizou da seguinte forma: *"Sou alguém que está tentando ser algo e ter algo. Acredito que tem uma força especial, mas não tenho certeza se é Deus, sempre duvidei de tudo e só acredito vendo"*. A última notícia que tive de Juliana, é que tentou se matar no mês de junho.

Pedro tem trinta anos. É solteiro. Nasceu no Acre e reside na cidade de Miami há aproximadamente três anos. Foi para lá em razão de problemas de relacionamento com a família após a morte de seu pai. Houve discórdia na partilha da herança. Pedro trabalha com pequenas construções, juntamente com um grupo de trabalhadores, seus funcionários. Segundo ele, é de classe média, no Brasil e nos Estados Unidos. Pedro é amigo da família de Juliana. Costuma ir visitá-los aos domingos. Seu maior desejo atualmente é poder voltar ao Brasil em boas condições financeiras. Pedro não consegue definir-se por ele mesmo e sim através do que os outros dizem dele: *"Para quase todos eu sou uma pessoa que busca um futuro para um amanhã. Que tem uma base, sabe que construiu uma coisa. Uma pessoa que aventura"*.

Maria tem vinte e nove anos. É separada de seu marido americano. Tem a cidadania americana em razão deste seu casamento. Considera-se de classe média. É dona de um restaurante em Miami, onde trabalha com sua irmã, mãe de Juliana. Vive atualmente com outro americano, mas não quer que a família do Brasil saiba disso. Nasceu em Santa Catarina. Saiu do País, segundo ela, em razão de não ter tido oportunidade de trabalho rendoso na sua profissão. Formou-se em Enfermagem, trabalhou um certo tempo em hospital. Durante a interação que tivemos e a partir de depoimentos de um familiar, pude perceber que houve outras razões de nível familiar, que fortaleceram sua necessidade de sair do País. Atualmente, Maria está construindo uma nova vida conjugal. Traduz-se como uma mulher *"Forte, feliz, aberta às coisas novas, diferentes, a mudanças, a buscar o aprendizado como pessoa; pensar positivo e acreditando nele...ficar atenta"*.

João tem trinta anos, é solteiro, reside em Miami onde trabalha com jardinagem. Pretende montar uma pequena empresa desses serviços. Nasceu em Santa Catarina de onde saiu há aproximadamente oito anos. Abandonou tudo no Brasil em razão de duas frustrações seguidas: perda do emprego e separação da namorada. João costuma visitar a casa de Juliana aos domingos. Seu maior desejo atualmente é visitar o Brasil.

Oito, dos demais sujeitos do estudo, foram caracterizados como em “Situação de Limite” e os outros três em “Situação de Viver Comum”. Os dados com esses sujeitos foram colhidos no período de março a maio de 1995, antes e depois da viagem aos Estados Unidos.

Desses oito em “Situação de Limite”, quatro foram caracterizados como em “Situação de Limite de Vida” e os outros quatro em “Situação de Limite de Liberdade”. Todos eles têm sua vida restrita, mas a luta no processo de viver é diferente.

Os sujeitos em “Situação de Limite de Vida” são: **Loureiro, César Augusto, Marcos e Isabel**. Cheguei até essas pessoas da seguinte maneira: uma amiga, enfermeira no Hospital Universitário (HU), fez a mediação entre Loureiro e eu; César Augusto eu mesma encontrei, “por acaso”, quando fazia atividades de docência no ambulatório do HU. Naquela oportunidade, no meio da manhã, tive um estalo de ver se havia cliente recebendo quimioterapia. Fui até o setor correspondente. Lá encontrei um cliente dormindo num leito, sedado, recebendo quimioterapia. Falei com a enfermeira do setor, esta relatou-me que seu caso era grave e que ele atualmente residia com a irmã. Esta trabalhava naquele hospital, em outro setor. Pediu-me para voltar às treze horas. No intervalo de minhas atividades, fui procurar a irmã dele. Achou a proposta do estudo interessante e colocou sua casa à disposição. Quando voltei mais tarde ao setor de quimioterapia, conversei com César Augusto, que de pronto aceitou participar do estudo. Marcos já era meu conhecido de trabalhos de comunidade, mas quem me alertou que ele estava internado no HU foi aquela enfermeira que fez o contato com o Loureiro. Quando fui ao HU falar com Marcos, ele já havia tido alta. Fui, então, à sua casa e lá combinamos o estudo. Isabel eu conheci através de uma colega de trabalho, “por acaso”. Estava um dia comentando que precisava ainda de mais um caso de pessoa que sofresse por câncer. A colega falou-me de sua parente Isabel, inclusive considerou que a mesma iria gostar de participar do trabalho. Posteriormente fiz contatos com Isabel, por telefone, e, mais tarde, o estudo em sua casa. O Quadro 3 apresenta esses Sujeitos Atores

Quadro 3 – Sujeitos do Estudo em Situação de Limite de Vida

Loureiro tinha trinta e dois anos. Digo tinha, porque Loureiro faleceu em maio. Estava internado há vários meses no Hospital Universitário em razão de estar vivendo limitações de saúde provocadas por sinais e sintomas agudos da AIDS. Loureiro, antes de aparecer os sinais da doença, trabalhava como pintor de automóveis. Teve uma infância pobre e continuava dentro desse segmento social. Não chegou a terminar o primeiro grau escolar. Sua vida nas drogas foi a causa concreta – direta – de suas limitações atuais. Estava atualmente separado da esposa. Tinha dois filhos, um de cinco anos e quatro meses e outro de um ano e meio de idade. Nasceu em Florianópolis onde sempre viveu. Naquele momento, estava passando por um período muito difícil de dor, pelas limitações funcionais e estéticas do corpo, pela hospitalização e pelo afastamento da família, em especial de seus filhos.

Cézar Augusto tem quarenta e seis anos. Procedente de Curitiba, cidade do interior de Santa Catarina, está residindo em Florianópolis na casa de sua irmã há vários meses, para tratamento de câncer na laringe. Fez o segundo grau escolar, atualmente é funcionário público numa repartição de sua cidade. Considera-se de classe média baixa. Já foi casado duas vezes. Está separado da última esposa há alguns anos. Tem filhos com ambas e um neto. Naquele momento estava sofrendo em razão de o tratamento estar lhe mantendo afastado do trabalho e de seus filhos. Quando lhe pedi que respondesse “Quem sou eu?”, respondeu apenas: *“Uma pessoa que me respeito”*.

Marcos tem trinta e um anos de idade. Nasceu em Florianópolis, onde sempre viveu. Cursou até a quarta série do primeiro grau escolar. Está separado de sua esposa há quatro anos. Esta casou novamente e foi residir em outra cidade. Marcos reside com seu filho de nove anos, na casa de seus pais, juntamente com um sobrinho e um irmão adolescentes. Naquele momento do estudo, Marcos estava em recuperação de um período de recaída de sinais e sintomas de AIDS. Há poucos dias havia tido alta hospitalar e ainda não estava se sentindo bem. Além disso, ainda sofria por não ter se livrado da necessidade do uso da droga. Marcos se definiu, naquela oportunidade, como *“uma pessoa que não é muito feliz, que queria poder ajudar, poder, assim, sair das drogas, cuidar do meu filho”*.

Isabel tem sessenta e nove anos. Nasceu em Montevidéu, no Uruguai. Veio residir no Brasil com seus filhos, pois estava sentindo-se muito sozinha em seu País. Gosta muito do Brasil, do povo brasileiro, se adaptou tão bem que faz questão de dizer que se sente cidadã brasileira. Não teve oportunidade de concluir seus estudos escolares na infância. Não tem profissão específica. Considera-se de classe média. Já foi casada duas vezes. Tem dois filhos adultos, ambos casados. Reside com sua filha, genro e dois netos adolescentes. Atualmente, Isabel está em processo de tratamento de um câncer. Isabel quando solicitada a responder “Quem sou eu?”, disse: *“Não sei. Na verdade nunca me perguntei. Uma pessoa que está lutando para viver. Que gostaria de fazer muita coisa que ainda não fez... Viver mais para fazer muita coisa. Eu queria escrever livros, ajudar tanta gente”*.

O sujeitos em “Situação de Limite de Liberdade” são: **Ricardo, Val, Vilson e Giovano**. Encontrei esses sujeitos indo até à Penitenciária. Armada com o projeto de doutorado, fui conversar com o Diretor. Este, após folhear o projeto e fazer algumas considerações, de pronto aceitou o trabalho. Encaminhou-me para a Coordenadora de Assistência Social da Instituição. Esta me ajudou a escolher os detentos conforme minha solicitação – pertencer a classes sociais distintas e ter praticado crime diferente um do outro – e em seguida me encaminhou até o chefe

de guarda para a programação com os detentos. O Quadro 4 apresenta esses Sujeitos Atores.

Quadro 4 – Sujeitos Atores em Situação de Limite de Liberdade

Ricardo tem trinta e cinco anos, mas aparenta ter vinte. Nasceu em Florianópolis, onde reside com sua esposa e seus pais, de quem é filho único. É funcionário público. Trabalha numa repartição em atividades de serviços gerais. Anteriormente trabalhava num hospital, do qual foi afastado por ser portador do vírus da AIDS. Considera-se de classe média baixa. Atualmente cumpre pena na Penitenciária de Florianópolis por tráfico de drogas. Naquela oportunidade, Ricardo estava sofrendo pela vida que estava levando na prisão, sentindo falta da família, além de preocupar-se com a possibilidade de vir a adoecer, em razão das condições adversas pelas quais estava passando. Tinha uma esperança: estava aguardando revisão de sua sentença, pois, segundo ele, houve um mal entendido. Ricardo, naquela oportunidade, se definiu da seguinte forma: *“Sou um sofredor, procuro sempre fazer o bem e nunca me dou bem. Dificilmente alguém me ajuda. Se não contar com a mãe e a esposa...”*

Val tem quarenta e quatro anos. Mas aparenta ter mais. Está preso na Penitenciária de Florianópolis desde seus vinte e nove anos de idade. Procedente de Santos, onde nasceu e onde reside toda sua família. É solteiro. De infância muito pobre, não concluiu o primeiro grau escolar. Sua profissão era mecânico de automóveis. Chegou até Santa Catarina quando veio, por convite de um amigo, trabalhar numa firma na cidade de Tubarão. Lá cometeu um assalto, pois, segundo ele, não havia serviço nenhum e ele já devia uma semana de hotel. Está há quinze anos preso por esse crime. Atualmente, Val aguarda o término de sua sentença para voltar para Santos, encontrar um trabalho, constituir família e voltar a reencontrar sua família.

Vilson tem trinta e dois anos. Está desde os seus vinte e nove anos preso na Penitenciária de Florianópolis, cumprindo pena por assalto em sua cidade natal. É procedente de Criciúma, cidade do Sul de Santa Catarina. É casado, tem dois filhos, de cinco e quatro anos. Estudou até o quarto ano do primeiro grau. Era pintor de parede antes de ser preso. Considera-se de classe social pobre. Enquanto presidiário, Vilson trabalha de pintor no Centro Integrado de Cultura. Tem ido em casa visitar a família. Além da necessidade de liberdade total, suas preocupações no momento são em relação a uma doença nos intestinos que já lhe fez fazer duas cirurgias e com o seu casamento que, segundo ele, não anda nada bem. Respondendo à pergunta “Quem sou eu?”, Vilson disse: *“Nesse exato momento...De vez em quando eu penso que não sou eu mesmo. Espero ser outra pessoa. Tenho que sair daqui primeiro para depois ver quem sou eu mesmo. Antes eu era uma pessoa feliz. Agora é diferente, a gente é preso, quando sair quero ser outra pessoa”*.

Giovano tem trinta e dois anos. Está preso na Penitenciária de Florianópolis desde seus vinte e nove anos de idade. É casado. Tem uma filha de três anos de idade. Nasceu em Florianópolis de família de classe média alta. Antes de ser preso era estudante universitário, empresário e esportista. Atualmente, está no terceiro ano de uma pena de quinze anos por assassinato. Na oportunidade em que estive com Giovano, ele estava vivendo um processo espiritual que o estava ajudando a suportar a prisão, o afastamento da família e, em especial, a revolta, a necessidade de vingança, pois, segundo ele, não cometeu o crime pelo qual foi condenado.

Os sujeitos em “Situação de Viver Comum” ou “Cotidiano” são: **Jean Carlo, Lucas e Raquel**. Cheguei até essas pessoas há muito tempo, por diferentes vias. São todos meus amigos. O Quadro 5 apresenta esses Sujeitos Atores.

Quadro 5 – Sujeitos Atores em Situação de Viver Comum ou Cotidiano

Jean Carlo tem vinte e um anos de idade. É estudante universitário. Reside em Florianópolis, juntamente com outros estudantes. Sua família é de classe média. Jean Carlo atualmente está vivendo o presente produzindo o futuro. Está centrado num processo de autoconhecimento, de libertar-se de certos padrões e lembranças do passado, além de estar se empenhando num processo de desenvolvimento de recursos pessoais e profissionais. Seus respiradouros têm sido ir à praia e conversar com amigos. Jean Carlo se caracteriza assim: *“Eu sou um jovem que está em busca de superação, crescimento e evolução, para, acima de tudo, poder ajudar as pessoas que se aproximam de mim (de alguma forma)”*.

Lucas tem trinta e nove anos. Reside em Florianópolis, cidade onde nasceu. É casado, não tem filhos. Fez curso universitário na área das Ciências Humanas. É funcionário público em duas empresas. Em uma delas trabalha como técnico e em outra é professor do segundo grau, duas vezes por semana, à noite. Coloca-se dentro do segmento social de classe média baixa. Seus respiradouros têm sido a televisão e encontros em casa com amigos. Atualmente Lucas está em processo de autoconhecimento, de compreensão da vida social-política do País e de encontrar satisfação no cotidiano de sua vida. Respondendo à pergunta *“Quem sou eu?”*: *“Sou uma pessoa em conflito entre a prática e a teoria. Com desejos de transformações pessoais e coletivas. E, também, um ser razoavelmente politizado. Com dificuldades de relações com amigos e amigas em função de um certo egocentrismo”*.

Raquel tem trinta e sete anos de idade. Nasceu no Rio Grande do Sul. Veio para Santa Catarina há mais de vinte anos. Reside em Florianópolis com seus dois filhos, uma garota de dezoito anos e um garoto de treze anos de idade, filhos de dois casamentos já desfeitos. Tem curso universitário na área das Ciências Humanas. É funcionária pública numa repartição, ocupando um cargo de coordenação de setor na área da educação básica. Considera-se de classe média baixa. Atualmente, Raquel vive sua vida nos filhos e em especial no trabalho que desenvolve. Este, lhe coloca cotidianamente desafios de trabalhar seu processo de autoconhecimento e de desenvolvimento de estratégias de sobrevivência em relações de contradição teórico-práticas. Seus respiradouros são os encontros com os amigos, as festas e os bate-papos com eles. Raquel define-se assim: *“Sou uma pessoa que procura sempre conciliar a época em que vive, a sociedade em que vive, com o sonho de transformá-la em outra”*.

7.1.2 O Processo de Interação Sujeito-Ambiente-Pesquisadora: A Técnica

Nesse estudo, a **Técnica** representa, conforme Ferreira (1986), o conjunto de processos de uma arte, ou seja, maneiras ou habilidades especiais de fazer algo, desenvolvidas nos encontros com os sujeitos. Nesta técnica, vários instrumentos, recursos, foram utilizados, várias formas de expressões verbais e não verbais que subsidiaram o conhecimento e a compreensão da realidade. Essas técnicas tentam concretizar o método do estudo.

Como já dissemos anteriormente, o processo de interação com os sujeitos se deu através de **encontros** no campo. Esses encontros são constituídos por **momentos de interação** que costumam variar, em qualidade e quantidade, conforme a situação. Esse processo foi baseado nos nossos trabalhos já anteriormente referenciados.

Geralmente, o **primeiro momento de interação** se caracteriza por atitudes de aproximação com os sujeitos. É uma forma de namoro. Através dele nos fazemos conhecer, colocamos nossas necessidades, expectativas, apresentamos a proposta de trabalho, solicitamos sua participação e combinamos detalhes de nosso encontro, ou nossos, encontros futuros, se for o caso. Nesse momento, e sempre que necessário, se explicitam os objetivos e os princípios relacionados à preservação do anonimato do participante e o não registro de dados que não for de seu acordo. Pede-se, inclusive, que ele escolha um nome fictício para representá-lo nos registros.

No **segundo momento de interação**, cuja duração é variável, dependendo das circunstâncias, da situação vivida pelo sujeito, inicia-se o trabalho propriamente dito. Neste momento o tema e o método são explicitados, gerando ou não o primeiro diálogo específico do estudo.

No **terceiro momento de interação**, desenvolve-se as ações, as expressões, que subsidiarão o conhecimento e compreensão da realidade vivida. Esse momento pode vir ou não acompanhado de cuidados, relacionados à concretude do corpo, e/ou a diálogo reflexivo, conforme o Referencial.

O **quarto momento** depende do processo anterior. Pode representar apenas despedidas e agradecimentos pela participação no estudo, ou um momento de reflexão conjunta, para algumas sínteses através de diálogo reflexivo, ou mesmo até, se necessário, uma atividade terapêutica individual ou grupal. Ou ainda um momento de negociação para um novo encontro.

As interações com os sujeitos desse estudo se deram de diferentes maneiras, variando conforme as características das situações de vida em que se apresentavam. Essas interações tinham como foco identificar **como viviam no momento e quais suas representações** sobre a dimensão felicidade-prazer no seu processo de viver e ser saudável individual e coletivo, ou seja: suas crenças, suas

expectativas, desejos; seus sentimentos, alegrias e tristezas, seus valores, seus conhecimentos e suas práticas de vida referentes à essa dimensão.

Com quatorze dos dezenove sujeitos o processo se deu em quatro momentos de interação. Com quatro sujeitos, em três momentos, com um sujeito, cinco momentos.

O primeiro e o segundo momentos de interação se caracterizaram fundamentalmente pela apresentação pessoal e apresentação do projeto. A maioria dos participantes folheou o projeto e fez alguns comentários. Outros apenas ouviram atentamente a apresentação que eu fazia dele. Nesse momento eram colocados os objetivos, o tema, o método, e a necessidade de utilizar várias técnicas no processo de interação.

Mostrei o projeto de Doutorado, li o título e expliquei-lhe os objetivos. Pedi sua ajuda para que eu pudesse fazer o estudo e ganhar meu título e aprender mais sobre o assunto. Demonstrou satisfação (sorriu), arrumou-se na cadeira, colocando-se à disposição. Expus sobre a ética do trabalho, garanti-lhe o sigilo de seu nome e pedi-lhe para escolher um nome de seu agrado: "Loureiro". Falei-lhe sobre as diferentes técnicas, o modo como iria conversar com ele, e que só iria registrar o que ele permitisse (Notas de Campo).

O terceiro momento de interação, geralmente, foi destinado ao desenvolvimento das técnicas e o quarto destinado às reflexões e sínteses do encontro como um todo.

Quanto ao contexto onde as interações ocorreram (o campo), tenho várias notas que mostram o quanto o ambiente é importante para que o objetivo da interação possa ser alcançado. Neste caso, os encontros exigiam um ambiente próprio à interação positiva; de forma que ela própria fosse facilitada do processo. No trabalho com o primeiro sujeito já refletia sobre esse tema.

Sempre me preocupei com o ritual do momento de levantamento de dados. Acredito que o ambiente colabora para a estética do trabalho. Normalmente tenho colhido dados através de 'Oficina de Saúde'. Estas por si só são bonitas, agradáveis, terapêuticas. Há sempre a preocupação da arrumação do local, que deve ser agradável para pesquisado-pesquisador. Até na Consulta de Enfermagem tenho me preocupado com a estética do local: silêncio ou música, locais confortáveis para sentar, ilustrações prazerosas no ambiente, às vezes umas bolachinhas, um cafezinho... O ambiente hospitalar comum é antiestético... (Notas do Pesquisador).

Os contextos foram desde a casa do próprio sujeito, casa de amigo deste,

restaurante, minha casa, sala da Universidade até o ambiente da Penitenciária de Florianópolis.

Estava me aguardando no corredor da prisão, sentado num banco. A Assistente Social chamou-o. Ele aproximou-se, media aproximadamente 1,90 cm , aparentava vinte anos de idade. Vestia o uniforme da prisão e estava algemado com as mãos para trás. Na sala onde ficamos só havia uma mesa e duas cadeiras, uma delas atrás da mesa e outra na frente. Retirei a cadeira de trás. Sentei-me ao seu lado. A Assistente Social que estava saindo disse-me: 'Não, por favor, atrás da mesa'. Eu insisti, e ela repetiu: 'Não, por favor, atrás da mesa'. (Notas de Campo).

7.2 – A Técnica: “O Próprio Método Foi Terapêutico”

As interações se caracterizaram por diferentes momentos, principalmente em razão da diversidade de expressões, de recursos aplicados. Esses elementos, ao mesmo tempo que subsidiaram o conhecimento-compreensão da realidade, também proporcionaram momentos de cuidado, ou seja, de transformação dessa realidade. Foi o **Encontro Transpessoal e Transcultural**. Para facilitar a apresentação, vamos caracterizar esses recursos como técnicas específicas dentro da Técnica do estudo. Foram utilizadas as técnicas: “Simbolização”, com recursos de Cartas do Tarô e de figuras de revistas; “História de Vida: Alegria e Tristeza”; “Quem sou Eu?”; “Perguntas Semi-Estruturadas”; “Ouvir-Escutar”; “Silêncio”; “Reflexão”; e “Observação Participante”. Os dois Quadros seguintes apresentam essas técnicas.

Quadro 6 – Técnicas de Interação Baseadas na Simbolização

Simbolização: Significa representar, exprimir por meio de símbolos. Essa técnica de levantar dados para conhecer e compreender a realidade, tem sido utilizada por mim, e posteriormente pelo nosso grupo de pesquisa, desde o ano de 1987, em atividades de “Consulta de Enfermagem”, nas “Oficinas de Saúde” e nas “Oficinas de Construção de Referenciais”, bem como apenas como instrumento para colher dados de pesquisa. É aplicada através de diferentes recursos, ou , melhor dizendo: através de uma variedade de técnicas que preenchem o objetivo da simbolização. De início, utilizávamos desenho, dramatização, colagem de figuras e modelagem pela argila. Atualmente, estamos introduzindo, também, as cartas do Tarô. Esses recursos permitem que as pessoas se expressem subjetivamente, que interpretem, a si e às demais realidades, por meio de símbolos. Segundo Chevalier e Gueerbrant (1990, xii), “Hoje em dia, os símbolos gozam de nova aceitação. A imaginação já não é mais desprezado como *a louca da casa*. Está reabilitada, considerada gêmea da razão, inspiradora das descobertas e do progresso. Deve-se essa aceitação, em grande parte, às antecipações da ficção que a ciência comprova pouco a pouco, aos efeitos da dominação atual

da imagem que os sociólogos estão tentando medir, às interpretações modernas dos mitos antigos e ao nascimento de mitos modernos, às lúcidas explorações da psicanálise. Os símbolos estão no centro, constituem o cerne dessa vida imaginativa. Revelam os segredos do inconsciente, conduzem às mais recônditas molas da ação, abrem o espírito para o desconhecido e o infinito. (...) Todas as ciências do homem e todas as artes, bem como as técnicas que delas procedem, deparam-se com símbolos em seu caminho. Conjugam esforços para decifrar os enigmas que esses símbolos propõem; associam-se para mobilizar a energia condensada que neles se encerra. (...) A expressão simbólica traduz o esforço do homem para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam". Segundo os autores, pensar e refletir sobre símbolos é, como convida Gaston Bachelard, sonhar sobre os sonhos e descobrir, nessas constelações imaginárias, *o desejo, o receio e a ambição* que dão à vida seu sentido secreto.

Neste estudo, para se operacionalizar os pressupostos do Referencial e identificar a simbolização que os sujeitos tinham sobre o tema – sobre a realidade – foram utilizados os seguintes recursos:

• **O Processo de Viver nos Arquétipos do Tarô:** Nesta técnica, são utilizadas as vinte e duas cartas dos arcanos maiores do Tarô de Marselha. A origem das lâminas do tarô é bastante obscura e controvertida. Há documentos que dizem que sua origem se relaciona com a religião do Antigo Egito, onde o Tarô (o Livro de Thot) seria a forma que os antigos sacerdotes egípcios teriam encontrado de preservar para a posteridade seus conhecimentos, sobretudo aqueles referentes ao caráter transcendental do ser humano. Outros autores acreditam que a autoria do Tarô é do povo judeu. Atualmente, se considera, também, a origem do Tarô à cultura chinesa. Sabe-se, também, que o Tarô encontrava-se bastante difundido entre os árabes por ocasião das Cruzadas. Datariam dessa época as cartas que conhecemos hoje, principalmente o "Tarô de Marselha", que os estudiosos consideram o mais primitivo Tarô ocidental (Godo, 1991).

As cartas do Tarô simbolizam arquétipos da vida humana, que têm sua origem, segundo Jung, no inconsciente coletivo dos seres humanos. É um artifício dito não-racional de busca da compreensão da vida (Nichols, 1991). A análise dessas cartas se faz a partir do que os simbolismos apresentam e de energias intuitivas que elas despertam. Precisam ser lidas em relações e num dado contexto (Cousté, 1989).

Essa técnica favorece o autoconhecimento e a interação entre pessoas que as estão lendo. Foi utilizada nesse estudo justamente com esses objetivos. Era preciso uma técnica que favorece de pronto a abertura para o diálogo sobre o tema felicidade-prazer, já que esse tema provoca uma invasão na intimidade das pessoas. Além disso, é uma estratégia que provoca reflexões sobre a vida, sobre autoconhecimento, que fornece subsídios para tomada de decisão no crescimento e desenvolvimento psico-espiritual.

Essa técnica tem como fundamento que "antes de desvendar o amanhã precisamos primeiro lançar um olhar para dentro" (Godo, 1991). Como essa técnica provoca mexida na consciência, é preciso tomarmos certas precauções na forma como a utilizamos, pois do contrário a leitura, ao invés de colaborar com o sujeito, ou conosco mesmo, pode provocar situações de danos.

Há várias maneiras de se colocar as cartas do Tarô, ou seja, de jogá-las para leitura. Neste estudo utilizei a forma que denomino de "Momento de Vida Atual".

• **O Processo de Viver na Simbologia de Figuras:** São utilizadas revistas de diferentes tipos. Pedimos para a pessoa folhear e selecionar aquelas figuras que mais lhe chame a atenção, ou que tenham certo significado em sua vida. Há casos em que nós, os mediadores, damos o tema e a pessoa procura na revista as figuras que têm o significado para ela em relação a esse tema. Após a pessoa, ou nós, recortamos juntos, e fazemos colagem para posterior discussão-reflexão sobre seus significados. Nesse estudo, foram utilizados quatro tipos de revistas, cujos enfoques iam desde o cotidiano até moda, viagens, etc.

Quadro 7 – Técnicas de Interação no Processo de Perguntar-Escutar-Sentir-Observar-Refletir

•**História de Vida: Alegria e Tristeza:** A primeira vez que utilizei essa técnica foi em meados de 1990. Aliás, essa técnica foi inventada por *Insight*, no exato momento em que estava consultando com uma cliente que sofria angústias, cuja causa desconhecia. Passei lição para ela fazer em casa. Pedi que fizesse em colunas separadas seus momentos de Felicidade-Prazer e de Infelicidade-Desprazer, nos períodos da infância, adolescência e adulto. No outro dia, pedi-lhe que fizesse a **História do Cotidiano**, técnica essa baseada em levantamento de dados em consulta de enfermagem em Pediatria Social. O resultado foi tão bom que, de lá para cá, temos utilizado essas técnicas sempre, principalmente em situações de problemas existenciais e do dia-a-dia, que estejam prejudicando a saúde como um todo, como em consultas de enfermagem a crianças e a clientes portadores de problemas crônicos de saúde.

•**Quem sou Eu?:** Essa técnica, que poderia até ser chamada de pergunta dirigida, é uma questão que se faz sem a pessoa nem esperar. De preferência pede-se para ela própria escrever, sem muito pensar, o que vem na mente, tão logo recebe a questão. Por incrível que pareça, essa pergunta gera muitas reflexões e até tomadas de decisão em relação às suas crenças, valores e práticas de vida. É muito freqüente encontrarmos pessoas que nunca se perguntaram, nunca pensaram na sua própria pessoa. Normalmente essas pessoas estão mais voltadas para fora que para dentro de si. Essa técnica costuma gerar temas importantes para conhecimento e compreensão da realidade da vida do sujeito e possibilidades para diálogo-reflexivo de autoconhecimento e de compreensão de suas situações de saúde-doença.

•**Perguntas Semi-Estruturadas:** Essa técnica corresponde àquela da entrevista tradicional. São feitas questões às pessoas diretamente sobre o assunto que se quer conhecer-compreender. Toma-se o cuidado para não induzir resposta com a pergunta. Quanto mais aberta ela for, mais ampla será a resposta. Dessa resposta você pode fazer outra pergunta, e mais outra, conforme necessidade.

•**Ouvir-Escutar:** Essa técnica é fundamental no conhecimento-compreensão da realidade e, além de ser importante para colher dados, é também considerada um cuidado. É o escutar todo o sujeito-ambiente e você próprio. É ouvir neurologicamente falando, e escutar com sentimentos.

•**Silêncio:** Esta técnica, associada à técnica Ouvir-Escutar, tem sido excelente estratégia para colher dados. Há momentos na interação que você precisa deixar o silêncio acontecer, para que a pessoa pense, sinta, de fato consiga refletir nela mesma, e você, mediador, também.

•**Reflexão:** Essa técnica que mais parece um cuidado, um processo dialógico, também colabora para levantamento de dados. Acontece na interação, no processo de perguntar-ouvir-calar. Muitas vezes as pessoas conseguem exprimir-se, e até trazer coisas do inconsciente, através da reflexão. Essa reflexão é de ambas as partes: Pesquisador-Pesquisado. Que reflexão é essa? É aquela filosófica, crítica. Aquela que vai fundo às coisas, aos fatos, que relaciona, que vasculha, que põe valor, que põe ética e estética nos acontecimentos, nos eventos. É aquela que desnuda outras verdades e cuja síntese pode subsidiar decisões de qualidade de vida.

•**Observação Participante:** Essa técnica se caracteriza pela presença do pesquisador em um dado ambiente, prestando atenção a tudo o que acontece: ouvindo, tocando, cheirando, vendo, sentindo (de sentimento), e falando com os sujeitos envolvidos, quando houver necessidade de questionar sobre o que percebeu e sobre outros temas de interesse para o estudo, ou para as ações de cuidado (Patricio, 1990a).

Entendo que essa forma de colher dados se assemelhe àquele olhar ao qual Minayo (1994) se refere ao colher a história de vida. É um olhar cuidadoso sobre a

própria vivência, cujo relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

Todos esses recursos foram apenas artifícios usados para colher dados (conhecer a realidade) e “mexer” na consciência dos sujeitos (repensar, transformar a vida).

O Tarô, assim como as demais outras técnicas, provocam um evento que Vieira (1992) chama de método de “Observação Interior + a introspecção”. Consiste na observação da consciência pela mesma consciência. É a própria pessoa em que os fatos passam, que os vai observando, pesquisando, examinando as próprias sensações, sentimentos lembranças, idéias.

Nesse processo de interação com os sujeitos do estudo, esse evento ocorre com a nossa mediação, através de nós próprios, energias, sentimentos, e nossas muletas – nossos instrumentos.

“É isso mesmo que está acontecendo comigo”; **“Sou eu mesmo”**. Estas foram as expressões mais pronunciadas pelos sujeitos do estudo nos momentos da leitura do Tarô, inclusive pelos dois participantes que demonstraram, no início, visão negativa sobre o uso desse artifício.

Ei, espera aí. Aí você já não está mais sendo científica, isso é misticismo. Esse método não serve pra mim, eu sou cético, eu não acredito nessas coisas. Eu sou positivista, sou realista, só acredito no que vejo (Benito. Notas de Campo).

Vou te dizer uma coisa que acho que vai te ofender, mas preciso falar...” – “Pode falar, se não me servir, servirá ao estudo, tenho certeza” – “Issò aí (apontando para as cartas do tarô) é coisa do demônio e não coisa de Deus”. Refletimos sobre isso por alguns instantes à luz da Bíblia – trazida à discussão por ele – e eu, como uma representante de Deus, me utilizando de possibilidades que Deus, como ele mesmo disse, “criador de todas as criaturas”, me ajudou a desenvolver para ajudar as pessoas no autoconhecimento para ser saudável. “ Qualquer instrumento, inclusive a ‘palavra de Deus’, pode ser bom ou mau, depende de como se usa (Diálogo com Giovano. Notas de Campo).

Todos os sujeitos, com exceção de Benito, aceitaram essa técnica tão logo foi apresentada, alguns até demonstraram querer “ver o tarô”. Apenas dois dos participantes já haviam tido contato com essas cartas.

Com exceção de Maria, esse recurso estimulou os sujeitos a expressarem

diferentes depoimentos sobre suas vidas, bem como sentimentos. Desde situações de sua vida atual, de sua história passada, como perdas de pessoas amadas por morte ou abandono, até expectativas, sonhos futuros. Além disso, esses depoimentos trouxeram dados sobre o tema felicidade-prazer. Mas, em especial, o tarô fez vir à tona a própria pessoa, seu “eu” mais íntimo: “*O processo de interação com o tarô desnudou sua aparência e mostrou sua essência*“. Esta reflexão representa o evento do conhecer a pessoa antes e depois do Tarô. Isto aconteceu com alguns dos sujeitos do estudo, com os quais eu já havia tido encontros anteriores. É quase como dizer: “As aparências enganam”. Essa interação com o tarô provocou, também, eventos transpessoais. O transpessoal, o sujeito com ele mesmo; e o transpessoal, o sujeito com o profissional, através da reflexão e síntese dos eventos que emergiram da sua leitura.

Houve momentos de verdadeira catarse com o tarô. As coisas iam saindo como se tivesse havido o rompimento de um tumor, o que de certa forma provocava um alívio, um estado de tranquilidade na interação.

Você me deu um tempo de analisar, de pensar mais sobre minha vida, minhas necessidades. Se você tivesse começado de outra maneira, talvez eu não tivesse claro o que colocar sobre mim. (Sindy. Notas de Campo sobre avaliação da técnica do tarô).

“Quando eu olho a figura, eu me concentro e tento entrar na figura para sair daqui, sair desse ambiente pesado”. Esta expressão é de um dos presidiários, é do Ricardo, mas ela representa o que realmente aconteceu com todos os sujeitos durante a utilização da técnica da figura: voar, viajar, transportar-se para o passado e para o futuro.

Não é por acaso que nosso querido poeta Lupicínio Rodrigues cantava “... o pensamento parece uma coisa à-toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar. Felicidade foi em embora e a saudade no peito ainda mora...”

As figuras promoviam viagens, lembranças do passado e expressão de crenças, valores e práticas de situações que representavam felicidade-prazer, ou de infelicidade-desprazer, ou, também, as duas expressões concomitantes. Aqui também, como no tarô, as lembranças de perdas afetivas ficaram muito fortes.

As figuras, em especial, mostravam, além de lembranças, os **desejos**.

Provocavam a exteriorização de sonhos, expectativas, desejos de ter, fazer, estar e ser. Essa simbolização aparecia sob imagens de crianças, da natureza de forma geral, incluindo animais, das artes plásticas e de relações pessoais, em especial entre pais e filhos, entre homem e mulher.

Pelas figuras os sujeitos expressavam sua individualidade e seu caráter coletivo, suas preocupações éticas e estéticas da vida. Aliás, nas figuras as questões do coletivo foram bem mais acentuadas em comparação com o tarô, o qual gerou mais questões individuais.

Em especial, alguns temas se sobressaíram com as figuras: **a felicidade-prazer na relação de amor com crianças, com a natureza; a família como recurso e limitação do viver saudável; a liberdade como fundamental para ser feliz, ter saúde.**

As figuras passavam o que o sujeito apreciava, o que lhe dava prazer, o que lhe deixava ou deixaria feliz. Passava o que ele necessitava, inclusive o que lhe era terapêutico.

Outro aspecto interessante que apareceu foi que certas atitudes do indivíduo que lhe causavam prazer, ao mesmo tempo o tornavam infeliz, ou desprazeroso, quando os resultados do atendimento de uma necessidade causava outro desconforto.

Impressionante, também, foi perceber que o próprio contato que os sujeitos faziam com as figuras naquele momento promoviam felicidade-prazer. Houve casos em que o sujeito através da figura voltou ao passado, foi para o futuro enquanto desejo de felicidade-prazer, colocando-se na própria figura. Suas expressões corporais mostraram isso. As figuras também, colaboraram para desvendar causas de infelicidade-desprazer e estimular reflexão possibilitando sínteses para uma vida mais saudável.

Visual bonito... (sorriso). O nascer do sol. Pode se imaginar um monte de coisas. Um casal amanhecendo na praia, curtindo o visual... e a natureza, que eu gosto tanto... faz bem, me sinto livre (emocionado) (Loureiro).

Essa foto causa felicidade... ver o pessoal sorrindo. Me sinto feliz vendo a felicidade deles. Eu me sinto feliz pela felicidade dos outros (Ricardo).

O Senna me dava alegria, felicidade. Eu não era torcedor dele, mas eu gostava da alegria que ele causava no povo. Era bom ver o nosso País ali na frente. Nós podemos ser um grande País. O que falta é que a população se sensibilize que

sozinho não se chega a lugar algum, é você que tem que fazer, mas todos temos que ter a mesma consciência de pensar no País... (Val).

Em parte eu a (Zélia C. Mello) odeio, em parte eu a admiro...Nós sofremos com o Plano Collor, foi um horror...Ela não olhou para o povo dela. Foi uma fase muito triste (Isabel).

Mulher, sempre gostei. Sexo me dá prazer (Marcos).

Criança, liberdade, adoro crianças, a natureza, isso me causa felicidade. Quem não gosta de criança tem algum problema (João).

Esteticamente é belo, harmonioso, gostaria de morar num lugar assim. Daria um sentimento de tranquilidade, de felicidade (Raquel).

Injustiça, tanta coisa acontecendo, tanta violência por causa de política, o mundo está se acabando, causa tristeza (João).

Essa criança.. Criança, ingenuidade, espontaneidade, alegria. É porque eu lembrei da minha filha/filhos (Pedro, Loureiro, Val, Giovano, César Augusto, Vilson).

Lindo! As cores... Numa borboleta eu vejo a arte da natureza...As cores do beija-flor. Eu sou apaixonada por pássaros. Um pássaro que não tá numa gaiola, que está no ambiente dele, não tem ninguém atrapalhando (Sindy).

Eu gosto de pássaro... É liberdade, apesar de preso. Liberdade é fazer o que gosta, dentro de certas normas. Isso é felicidade, poder fazer o que gosta (César Augusto).

A terra, menciona o que eu gosto, a ecologia...O que a gente tem que fazer alguma coisa se não ela vai se acabar (Maria).

A pessoa fala do Plano Collor, do que ele representou para seu processo de felicidade-prazer, como se estivesse acontecendo hoje!" ; "As figuras o fizeram viajar e sentir-se feliz com isso. As figuras o fizeram refletir que há sonhos possíveis de serem realizados, basta que busquemos" ; "A felicidade dele hoje está no desejo de estar (com crianças), de ser (livre) e de fazer (trabalho)"; "As figuras representaram VIDA, VIVER, mesmo, e mais intensamente, naqueles em luta contra a morte (Notas do Pesquisador).

“Existem respostas à questão ‘Quem sou eu?’ que mostram que a pessoa ainda não é, não tem, não fez, não está. Gente! Isso é terrível!”. Essa técnica propiciou, por ela mesma, o conhecimento e a compreensão da realidade pois gerava muitos depoimentos. E, também, quando feita ao final do encontro, serviu de subsídio à reflexão final com o sujeito sobre suas possibilidades de viver saudável, de melhorar suas condições atuais aproveitando seus recursos, suas próprias possibilidades de vir a ser, a ter, a fazer e a estar. No item de apresentação

dos sujeitos atores, essas expressões aparecem. Com três sujeitos não foi possível desenvolver esta técnica em razão de falta de tempo.

“O que significa para você felicidade?”; “E prazer?”; “Qual a relação que você faz da felicidade-prazer com a saúde?”; “Como é sua vida aqui?”; “Como é seu cotidiano agora?”; “E a sua sexualidade?”; “Como você se sentiu participando desse estudo”; ou “O que você achou desse nosso encontro?” Estas foram as perguntas semi-estruturadas mais pronunciadas no estudo. Essas perguntas eram feitas caso as técnicas anteriores já não as tivessem respondido.

A pergunta sobre a felicidade-prazer no cotidiano gerou respostas que apontavam essa dimensão na vida do sujeito mais no **desejo, na esperança, do que realmente no presente**. Impressionante que, comparando com as respostas dos sujeitos em situação de limite, estes desejavam, sonhavam, com as coisas que os demais sujeitos, em outras situações, tinham. Que tinham, mas que, para a maioria, não era identificado como felicidade-prazer com tanta veemência quanto o eram os desejos, as expectativas.

Havia cotidiano onde não existia o mínimo de momentos de felicidade-prazer. Esses me preocupavam. Primeiro, porque isso é um pressuposto de repercussões somáticas, de doenças ou atitudes limitantes ao processo de viver saudável. Segundo, porque naqueles casos onde já havia deficiência imunológica, onde já havia “células mal-amadas”, essa infelicidade-desprazer iria aumentar as limitações de saúde.

Como vivo? Como adolescente, sinto é a falta do País, dos amigos, da cidade, da família (Pai). Sinto tristeza porque aqui, aquela amizade, daquilo que brasileiro tem. Se você não tem algo em casa para cozinhar, um sal, uma cebola, você vai no vizinho. Aqui é tu sozinha, e te cuida porque aqui ninguém te ajuda (...) O que me dá prazer no cotidiano? (grande momento de silêncio). Eu gosto de estar com brasileiros, aqui aos domingos, numa grande família, todo mundo junto (Juliana, Notas de Campo).

Minha felicidade está em estar com a minha família; quando eu vou à sessão espírita (...) Sei que não posso ficar triste, me deprimir. Atribuo a minha doença àquela fase triste, eu sofri muito naquela época; ver a minha família sofrendo. Tinha carência de tudo, se não fossem os amigos...O Plano Collor... Agora eu sou obrigado a pensar na doença porque eu sinto dores (Isabel, Notas de Campo).

“Foi bom conversar contigo, eu estava precisando”. O procedimento **ouvir**, ou melhor dizendo, **escutar**, foi novamente nesse estudo uma técnica fundamental como instrumento de colher dados. Sem dúvida, “escutar o que falam, seja lá o que for, leva ao conhecimento de sua realidade, além de intensificar a interação” (Patricio, 1990a, p.163).

Conforme já identificado em estudo anterior, neste estudo também aconteceram os momentos de conversas sociais, informais, que se apresentaram ricas em dados importantes para a pesquisa.

Neste estudo, o escutar, também como no trabalho referenciado anteriormente, apareceu bastante como componente de Cuidado. Isso vale dizer que, em determinado momento, os sujeitos estavam necessitando ser escutados.

Essa postura de saber escutar gera catarse. É um momento de limpeza no sujeito e no pesquisador (profissional). Ambos ficam aliviados. O sujeito por ter expurgado e o profissional, o ouvinte, por ter participado desse alívio, dessa obra de arte. É um momento de felicidade-prazer. É um momento estético.

Em alguns momentos eu refletia e comentava com colegas “ainda bem que na conceitualização do Cuidado eu tenho o “ouvir”, pois, do contrário, pareceria que nada estaria fazendo, visto que em várias situações com o cliente quase nada se podia fazer a não calar e ouvir (Patricio, 1990a, p.206).

Os momentos, nos quais se sobressaiu o escutar, tinham a ver com queixas dos sujeitos e reflexões sobre o que havia emergido de alguma técnica anterior. O conteúdo dessas queixas iam desde dor no corpo, dor na alma por injustiças de cunho pessoal, até preocupações relacionadas a questões coletivas como àquelas políticas e ecológicas. Houve casos em que somente essa postura de escutar me deu grande parte dos dados sobre o tema em questão.

Em Richmond, capital da Virgínia, conheci um educador de rua nas questões de AIDS, junto a prostitutas e pessoas que consumiam drogas, que se denominou, ele próprio, de “A Grande Orelha”.

“Parecia um momento vazio, mas era o mais cheio. As coisas estavam acontecendo dentro de nós”. Assim pode-se definir o que representou a técnica do **Silêncio** nesse estudo. Com vários sujeitos foi preciso utilizar esse recurso, que pode ser compreendido como cuidado, também. O silêncio correspondia àquele

momento no qual parecia ter acabado a interação. Era o momento de liberdade de o sujeito entrar nele mesmo e refletir sobre o que havíamos dialogado, entrar nele mesmo e reencontrar a pessoa dele mesmo, e buscar as respostas para seu processo de viver saudável.

Eu não sou feliz. Se eu pudesse me alimentar, ter o corpo assim ó; ter relações sexuais, eu seria feliz. Mas eu preciso ficar bom (Marcos, Notas de Campo).

É isso: minha filha. Lembrei dela brincando com a mãe. Sabe, ela tem ciúmes da minha fotografia com outras crianças. Como pode isso acontecer? Ela só me viu uma vez por vinte dias? Vou voltar ao Brasil... (Pedro, Notas de Campo).

A droga acabou com toda a minha vida, casamento, com tudo. Tem gente que tem o vírus e leva uma vida legal, eu acho que se tivesse o filho, a esposa, eu poderia levar uma vida normal. A droga era só boa na hora. Me deixava feliz, solto, irradiante, mas era só coisa de minuto.... Eu sempre queria mais (Loureiro, Notas de Campo).

“O que fazer para amenizar esse cotidiano tão infeliz, desprazeroso?”; “Que possibilidades existem de mudar essa situação”; “Qual a relação da doença com a vida do sujeito?”. Essas questões representam algumas, das tantas, que fizeram parte das **Reflexões** que ocorreram. Houve reflexões durante a aplicação das técnicas e, também, em alguns casos, no final do encontro. Foram discutidos temas desde a dificuldade de o homem se expressar afetivamente, em razão de a cultura estimular bem mais o lado esquerdo do cérebro, até temas referentes à reprogramação, o que fazer mentalmente e afetivamente consigo mesmo, para modificar a programação das células brancas, das células cancerosas.

Às vezes, acontecia que no momento de reflexão final o sujeito entrava nele mesmo, relaxava e se abria. César Augusto foi um desses casos; somente ao final é que conseguiu falar sobre sua doença.

7.3 – Os Encontros através da Observação Participante: Confirmando e Gerando Teses

Além dos encontros acima relatados, tive a oportunidade de abordar o tema através de outros momentos. Isso aconteceu durante atividades de docência com

alunos de graduação, junto a clientes no Hospital Universitário, em domicílios e durante atividades de intercâmbio junto a serviços de saúde dos EUA, em cidades do estado de Virgínia.

No primeiro caso, com clientes em situação de descompensação de diabetes *mellitus* e hipertensão arterial, procurei validar a tese da necessidade de momentos de felicidade-prazer para ser saudável. Eram aspectos que, há anos, haviam me motivado ao estudo: as restrições que os profissionais da saúde colocam, impõem ao cliente (as ordens médicas, as quais a maioria dos enfermeiros endossa), sem enxergar essas limitações causando mais sofrimento, aumentando, inclusive, fatores predisponentes à doença. Naquela oportunidade, alunos, clientes e eu validamos a tese de que as descompensações que os sujeitos apresentaram nas suas doenças eram relacionadas à infelicidade e desprazer no seu processo de viver, e que as limitações impostas pelo tratamento, como o regime dietético, promoviam ainda mais a descompensação.

Ou seja, o cliente com limitações de hábitos por alguma doença precisa ter um mínimo de prazer no cotidiano. A nós cabe apenas informá-lo e alertá-lo sobre os prejuízos de certo comportamento, estimulá-lo, motivá-lo ao tratamento, mas não lhe tirar a possibilidade de decidir fazer algo que torne sua vida menos amarga.

É preciso tornar a vida dessas pessoas mais prazerosas nos pequenos pecados do cotidiano, por exemplo comer algo que lhes agrade, fazer coisas que lhes causem felicidade, como ir a festas. Isto é tornar o organismo mais imune. É uma questão de flexibilidade com suas próprias limitações.

Ter quantidade de vida é importante também que pensemos, mas é diferente do ter qualidade de vida. Principalmente quando se sabe que o organismo feliz resgata mais facilmente seu estado de equilíbrio, haja vista que estados de desequilíbrios são provenientes de mal estar, de insatisfações e sofrimentos.

É importante procurar investigar a vida dos clientes em desequilíbrios, suas situações de desprazer e infelicidade do cotidiano, e com eles refletir possibilidades de mudança. O policiamento dos profissionais da saúde causam, inclusive, situações de estresse nos clientes, colaborando para os agravos de sua saúde. É preciso, nestes casos, planejar com o cliente um processo de viver com

possibilidades de felicidade-prazer, pois isso irá repercutir na saúde geral, irá fortalecê-lo para controlar a doença. Momentos de felicidade-prazer aumentam nossa capacidade imunológica, mexem com toda nossa estrutura química em favor do todo.

Essa síntese foi elaborada após discussão com acadêmicos da Quinta Fase do Curso de Graduação em Enfermagem e mais dois profissionais de outras disciplinas.

No segundo caso, aproveitei momentos em consultas médicas e visita domiciliar de enfermagem a clientes portadores do HIV, para questionar os clientes sobre a dimensão felicidade-prazer na sua vida, antes e depois da presença do vírus em suas vidas.

Zuleica: A tese que estou defendendo é de que os indivíduos que têm momentos de prazer e felicidade são mais imunes a problemas de saúde... (interrupção).

Médico: Há oito anos ele é HIV+ mas ainda não teve nenhum sintoma. De fato, ele é um dos pacientes mais felizes que eu tenho. Somente quando soube que estava positivo é que teve momentos de depressão.

Zuleica: O que você faz, Denis, para ser feliz, para ter prazer?

Denis: Eu gosto muito de cantar. Canto bastante, faço parte de um coral na comunidade (...) A música me tira da depressão. Sexo? Sozinho. Eu me masturbo. Não tento ter relações porque não consigo dizer que sou positivo. Mas eu gosto de ficar sozinho. (...) Gostaria de ir ao Brasil. Conheci na Califórnia um brasileiro de cabeça quente (risadas) (...)
(Diálogo no consultório).

Zuleica: Philip, o que atualmente lhe causa prazer, felicidade?

Philip: Atualmente eu perdi parte da minha saúde, eu não estou feliz. Mas antes, da AIDS, era feliz porque tinha saúde boa, só que só agora que perdi é que reconheço isso.

Zuleica: O que é ter saúde boa?

Philip: É dormir bem, levantar-se pela manhã e poder fazer as coisas, ir ao trabalho, andar, trabalhar (Diálogo no domicílio).

Fui tendo, gradativamente, no decorrer das visitas através da observação participante, respostas para meus questionamentos, e ***mais e mais a tese se fazia claramente.***

“Tal como acontece com a questão da gravidez na adolescência, a prevenção da contaminação pelo vírus da AIDS não é uma questão simples de educação, no sentido de informação, como querem parecer os serviços de saúde daqui! Ah, mas não é mesmo!”.

Essa foi a consideração que fiz a mim mesma e a algumas pessoas com as quais troquei idéias em relação ao programa de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e AIDS nos Estados Unidos. Essa consideração eu transporto para o Brasil também. Afinal de contas, somos todos seres movidos a prazer, a momentos de felicidade, e o sexo e a droga promovem isso.

“A questão é de bioética. É uma questão pública calcada na vontade do sujeito, do individual. A propagação do vírus da AIDS, primeiro se evita quando se possibilita recursos para prevenção e segundo quando a consciência do indivíduo assume postura ética, assume a dimensão do coletivo, a vida pública. Para isso sua vida privada, suas necessidades de prazer-felicidade, não podem estar restritas à droga, ao sexo sem camisinha”.

7.4 – “O Conforto e o Desconforto das Interações”

O conforto e o desconforto das interações se caracterizaram por momentos de prazer e felicidade, de desprazer e infelicidade que aconteciam a partir do próprio campo, o que ele ocasionava, e em razão do próprio contexto da interação: das relações pessoais e culturais que se davam, dos temas que aí eram gerados.

Com relação ao contexto, aquele que mais me fez sentir desprazer e infelicidade foi o da prisão. Foi mais que isso. Foi uma angústia muito grande por perceber a degradação do Homem pelo próprio Homem. Esse ambiente, em questão de estética foi o pior, inclusive prejudicando no desenvolvimento de técnicas.

Chefe de Guarda: *O que a senhora vai fazer com as cartas?*

Zuleica: *Vou utilizar na entrevista.*

Chefe: *Eu não entendi. O que exatamente a senhora vai fazer com as cartas?*

Zuleica: *Se o senhor quiser pode ficar até eu jogar, depois, por favor, o senhor sai porque é confidencial. Ou, o senhor aguarda e mais tarde eu coloco as cartas para o senhor. Então, entenderá o que eu faço com as cartas.*

Chefe: *Não senhora, não precisa (Val, Notas de campo).*

Não era um homem de 35 anos que eu tinha na minha frente, mas sim uma criança que ainda não tinha vivido a sua infância. E agora? O que fazer com uma pessoa que lutou a vida inteira pela liberdade e agora está nesta situação degradante e humilhante sem poder inclusive limpar o nariz? (Ricardo, Notas do Pesquisador).

Alguns ambientes, dos campos onde ocorreram as interações, favoreceram não apenas a aplicação das técnicas, mas, também, favoreceram a concentração, a intuição e a sincronicidade entre sujeito-pesquisador. Eram ambientes acolhedores, na temperatura adequada, sem ruídos ou interrupções.

As interações com os sujeitos em situação de limite de vida, todas me causaram momentos de desprazer e infelicidade. No início do encontro com os sujeitos o processo não era gratificante, não era saudável. Era uma mistura de sentimentos de piedade, compaixão e impotência.

“Como refletir sobre a vida, com foco na felicidade-prazer, com alguém que está morrendo?”. Esta pergunta tornou-se um desafio. O próprio sujeito, os próprios momentos de interação se encarregaram de responder: **“Enquanto houver desejo de viver, há possibilidade de vida, de sentir prazer e felicidade, nem que seja apenas na esperança”** (Notas do pesquisador).

Houve um momento de desconforto muito grande quando o sujeito demonstrou vergonha, não espontaneidade na interação, em razão da aparência do seu corpo: a infelicidade e o desprazer se retratavam no corpo. Entretanto, maior prazer aconteceu quando, no decorrer do processo, percebi que ele não mais se escondia.

Um dos sujeitos do estudo me fez sair da interação com uma certa preocupação que, possivelmente, estaria fundamentada na minha práxis com adolescentes:

Achei interessante, no início, a forma como ela se ofereceu para participar do estudo. Entendi mais tarde, diante de tanta angústia, e desprazer em viver, que aquela menina estava precisando falar, desabafar. Saí de sua casa preocupada com sua integridade, tamanha confusão e infelicidade demonstrada (Notas do pesquisador).

Além desses casos de desconforto ocorreu um outro com um dos sujeitos nos EUA:

Saí estressada desse encontro, não pensei de ter uma experiência tão negativa, o rapaz não passava coisas boas. Algo nele me deixava ansiosa, não sei se o seu jeito de olhar, de mexer-se... Penso que ele precisava beber. Ele fumou todo o tempo... (Notas do pesquisador).

Segundo o referencial do cuidado Holístico-Ecológico esse tipo de interação gera não apenas troca de universos culturais, mas também de energias, de sentimentos que transformam as pessoas envolvidas no diálogo.

Neste estudo houve interações que caracterizo como verdadeira *communio spiritus* – comunhão espiritual – que segundo Jung (1991) é aquela transfusão e penetração mais íntima que prepara e gera um novo conhecimento. Isto ocorre quando você aceita sem presunção, sem destruição uma cultura. Eu diria, uma pessoa.

Com vários sujeitos do estudo eu pude experimentar essa comunhão a que Jung se refere. Um dos casos bem evidentes desse evento ocorreu com Loureiro. No início da interação senti-me mal com sua aparência, com o sentimento de incapacidade, de fazer algo por aquela “criatura de Deus “. No começo, a vontade era sair correndo e não fazer o trabalho.

Na forma como o pesquisador, ou o profissional, interage com o sujeito neste método, ele não só recebe a comunicação verbal mas também a não verbal. A postura de manter-se aberto ao sujeito, pessoal e cultural, possibilita a receptividade não só das energias positivas, mas também das negativas.

Momento desconfortável, e até infeliz, foi quando descobri que àquela irradiação de alegria, àquelas risadas lindas, de pessoas em tratamento de AIDS nos Estados Unidos eram resultantes do uso de anti-depressivos. Momentos antes eu havia vibrado de alegria com a entrevista com eles.

Um outro motivo de desconforto nas interações refere-se a alguns momentos de colocação das cartas do Tarô, em razão de aparecerem muitas cartas negativas num mesmo conjunto de relações. Tranquilizei-me quando cheguei à conclusão que o que estava acontecendo era normal, pois esta era a primeira vez que colocava cartas para pessoas em situações de muita infelicidade-desprazer.

Ou, quando algumas cartas de início não sintonizavam com a situação concreta que eu achava conhecer:

Senti-me insegura ao analisar o Tarô em razão de a carta da morte estar atravessando a sua vida, sendo seu obstáculo, o entrave de seu crescimento... Afinal eu sabia que ele estava feliz por estar em processo “de dar fim a algo, de transformação na sua vida”. Deveria dizer-lhe isso? Foi um alívio muito grande quando, ao dizer-lhe que não estava compreendendo aquela carta, ele então contou-me uma história de morte que lhe acompanhava desde a adolescência, que não o deixava em paz (Notas do pesquisador).

Fazendo um balanço entre interações que promoveram prazer e felicidade e desprazer e infelicidade, as primeiras foram as que mais se sobressaíram. Isso

porque o próprio método foi terapêutico, gerou autoconhecimento mútuo. A beleza de conhecer aqueles seres humanos, de compartilhar com eles alegrias e tristezas, foi algo divino. Assemelha-se àquilo que Michio Kushi chama de **amor**.

...Chorou, chorou, limpou o nariz na mesa. 'Tenho medo de ficar gripado... Dormindo naquele chão, que bom conversar com a senhora (sorrindo). Eu tava lá na cela, querendo falar com alguém. QUE BOM!' (Ricardo, Notas de campo).

Valeu a pena (sorrindo) saber melhor o que está acontecendo comigo, me fez bem. Essas coisas que estão acontecendo na vida, agora ficaram claras (Sindy, Notas de campo).

Me senti muito à vontade. Foi legal. As técnicas, o modo, são muito interessantes. Foi bom porque conversei coisas que há muito tempo eu não falava. O afastamento do Brasil está sendo triste também, nós queríamos estar lá... Falar essas coisas da vida, são assuntos que nos fazem bem (Luisa, Notas de campo).

Um fato interessante foi, que dos oito brasileiros na América, cinco se ofereceram para participar do estudo:

Incrível a persistência dele para fazer o trabalho comigo. É o quinto a fazer questão de ser entrevistado. Será que é para falar do Brasil? Para sentir-se no Brasil? Para vir ao Brasil de uma certa forma? Este é outro que tem "Perdas e Ganhos", com a vinda aos EUA.. (Notas do pesquisador).

Todas as vezes que relia os Diários de Campo, eu me transportava para aqueles momentos. Sentia tudo outra vez: ansiedade, angústia, amor, alegria, prazer, desprazer, felicidade, infelicidade, preocupação, êxtase. Surpreendia-me com toda aquela intimidade ali colocada de pessoas que nunca imaginei encontrar em minha vida. Todas aquelas vidas ali expostas, de prazer e felicidade, de desprazer e infelicidade.

8 A FELICIDADE-PAZ NO PROCESSO DE VIVER: Da Categorização à Reflexão dos Dados

8.1 O Processo de Conhecer-Compreender-Transformar a Realidade com o Cientista: Um Exemplo

Escolhi os registros do Levantamento e Análise dos Dados do Peter, para representar a forma como desenvolvi o Diário de Campo e a categorização dos dados de cada sujeito do estudo. O Quadro 8 mostra o Diário de Campo, com as Notas de Campo e as Notas do Pesquisador. O Quadro 9 mostra os vários tópicos retirados da análise dos dados do Diário de Campo e as reflexões dos dados que emergiram dessa análise.

Quadro 8 – Diário de Campo

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Curso de Doutorado em Filosofia de Enfermagem
Projeto **A Dimensão Felicidade-Prazer no Processo de Viver Saudável Individual e Coletivo: Uma Questão Bioética numa Abordagem Holístico-Ecológica**
Doutoranda: Zuleica Maria Patrício

DIÁRIO DE CAMPO

Peter, trinta e quatro anos, brasileiro, casado, pai, cientista, residente nos Estados Unidos na cidade de Blacksburg.

NOTAS DE CAMPO	ANÁLISE
<p><u>Local</u>: Apartamento, residência de Peter, Luisa e Lúcia, em Blacksburg, Estados Unidos da América. <u>Data</u>: 30 de março de 1995. <u>Horário</u>: das dezenove às vinte e três horas, aproximadamente.</p>	Campo
<p><u>Momento da família</u>: Luisa, esposa de Peter, minha colega brasileira e eu chegamos à sua casa, a seu convite, após</p>	Cotidiano

atividade em serviço de saúde em cidade vizinha. Luisa foi convidada pelas enfermeiras americanas que nos acompanhavam, para auxiliar como intérprete em nossa estadia na América. Quando chegamos não havia ninguém no apartamento. Segundo ela seu marido chegaria logo. Havia saído para levar sua filha, Lúcia, para jogar futebol na escola. Talvez ele tivesse que sair novamente, mas por breve tempo, para ir ao trabalho. Foi isso mesmo que aconteceu. Nesse intervalo Luisa e eu estávamos fazendo o estudo no quarto. Logo que acabamos, Peter chegou do trabalho.

1º- MOMENTO DE INTERAÇÃO

- Peter: Olá, muito prazer. A Luisa me falou de ti... Tive pensando na tua pesquisa. Eu conheço um número grande de brasileiros aqui nos Estados Unidos. Se tu deixares teu questionário, eu passo para esses brasileiros, pela Idem, e depois eu te mando (...)

Peter começou, logo que sentamos lado a lado no sofá da sala, contar sua história referente à ida para os Estados Unidos. Eu apenas ouvia e fazia algumas considerações relacionadas à realidade brasileira que se estampava em sua conversa. Não fiz anotações nesse momento. Era como um papo social qualquer.

Peter é cientista na área de genética. Trabalha como pesquisador numa grande empresa americana. Desenvolve atividades de laboratório manipulando células de animais. Vai a campo, como ele mesmo diz “Para ver o bezerro crescer”. Doutorou-se na Inglaterra, há pouco mais de um ano. Continua indo à Inglaterra duas vezes ao ano para trabalhar em equipe de pesquisa. Gostaria de ter ficado no Brasil. Tentou fazer concurso para a Universidade do Rio Grande do Sul, mas nesse período seu diploma não havia sido expedido, apesar de que a vaga só iria ser preenchida mais tarde. Nesta ocasião já teria o diploma de doutor.

- Peter: Senti muito não ter podido fazer o concurso... Sabe o que acho? Eles estavam com medo de mim, acho que eu iria fazer sombra para eles(...) No Brasil tem muito disso(...)

Eles preferem ter pessoas mais inferiores para não se sentirem mal (...). O fulano me contou que na UNICAMP isso acontece abertamente, tem até processo já nesses tipos de casos, professor publicando idéias de alunos, eu tenho lido e meus amigos do Brasil me contam (...).

Contou outras histórias brasileiras de pessoas com grande capacidade que não puderam fazer concurso ou não foram aprovados porque iriam “causar sombra” aos professores existentes na casa.

- Peter: Por isso, também, o Brasil está perdendo cientista. Primeiro, o salário é muito baixo, segundo essas discriminações... Tive cinco propostas dos Estados Unidos, cada uma melhor que a outra. A de Chicago era bem melhor que essa aqui, mas eu optei por esta cidade. Aqui é melhor, mais saudável, ecologicamente e socialmente falando, para

Interação

Apresentação pessoal

Técnica Ouvir

Dados do sujeito-trabalho

Causa de deixar o Brasil

Queixas da academia do Brasil

Dados do sujeito-trabalho

<p>criar minha filha, Chicago é uma cidade muito complexa. Essa é uma cidade boa, tranqüila, própria para criar minha filha em ambiente saudável.</p>	
<p>Eu passo a maior parte do tempo no trabalho. Agora mesmo eu vim de lá. Nós estamos fazendo um estudo (...). Eu precisei de uma pipeta de vinte mil dólares, eles mandaram buscar na Europa. Hoje chegou a pipeta. Quando que no Brasil isso iria acontecer?</p>	Idem
<p>Eu estou pesquisando (...) O resultado só se verá daqui há três anos. Eu tô ficando impaciente... preciso fazer outras coisas... não posso só ficar esperando o bezerro crescer... A célula (...).</p>	Idem Técnica Ouvir-escutar
<p>Falou sem eu pedir durante quarenta a cinqüenta minutos sobre sua pesquisa, com muito entusiasmo, muita alegria estampada no rosto e no corpo todo através de movimentos de vida, todo o corpo vibrava! Eu ali, deslumbrada com seu estudo e ao mesmo tempo refletindo criticamente comigo mesma sobre os resultados de sua pesquisa na sociedade, na cultura do mundo.</p>	Notas do Pesquisador pensando criticamente
<p>Luisa, sua esposa, pediu que fôssemos logo fazer o estudo, enquanto ela continuaria fazendo o jantar.</p>	Método Ambiente
<p>- Peter: O quê? Não podemos continuar aqui mesmo? - Luisa: Não, porque tem que ser em local reservado. Vocês podem ir lá pro quarto. Eu fiz lá.</p>	
<p>2º- MOMENTO DE INTERAÇÃO</p>	Interação
<p>Sentei-me na cama e ele na cadeira ao lado. Coloquei a pasta, onde constava o conjunto de instrumentos, e o projeto à nossa frente. Sentia-me insegura em razão de achar que ele não iria aceitar bem a técnica do Tarô. Afinal, o Benito, que não era cientista reagiu daquela forma: “ Como será que ele, o Peter, irá reagir?”.</p>	Método Notas do Pesquisador
<p>Mostrei o projeto, ele o folheou, lendo algumas páginas rapidamente.</p>	Apresentação do projeto
<p>- Peter: Isto é só o projeto? Mas parece uma tese já ?! Expliquei-lhe sobre o que a Banca de qualificação havia dito sobre isso. Continuou folheando.</p>	Método
<p>- Peter: Interessante o tema. Enquanto ele folheava, expliquei-lhe sobre questões de sigilo dos dados. Pedi que escolhesse um nome para si.</p>	
<p>- Peter: Peter. Gosto desse nome. É o nome de um professor que tive na Inglaterra.</p>	
<p>Falei que existiam duas propostas na tese, o tema e o método – enfatizei mais do que anteriormente com os demais sujeitos – e disse-lhe da variedade das técnicas que usaria, mas não as citei. Guardei o projeto.</p>	Idem
<p>Achei melhor não começar com o Tarô, mas, no momento em que fui abrir a pasta onde estava o material, as cartas (o pacotinho transparente) caíram em 1º lugar.</p>	Decisão sobre técnica Tarô
<p>Segui a mensagem... Qual não foi minha surpresa quando ao pegar as cartas:</p>	
<p>- Peter: Tu usas cartas? Que interessante! Como é que</p>	Apresentando

funciona?

Expliquei sobre os arquétipos, sobre o inconsciente coletivo segundo Jung, e o significado de todas as 22 cartas enquanto processo de viver humano. Seu rosto, suas expressões eram de interesse, de quem prestava muita atenção e de quem fazia relações. Interrompia-me constantemente levantando questões e validando sua compreensão com outras situações. Expliquei-lhe, também, para que usava o tarô no estudo: abrir possibilidades de interação, de confiança, de diálogo, que levaria ao tema, haja vista o tarô auxiliar na abertura da consciência das pessoas, para o autoconhecimento, para lembranças, reflexões sobre o seu processo de viver em todas as dimensões e, inclusive, a repensar certas situações de vida.

o Tarô

3º MOMENTO DE INTERAÇÃO – Desenvolvendo as Técnicas

Interação

1ª Técnica: O tarô

Peço para que ele se concentre nele mesmo, digo-lhe que eu também estarei concentrando-me nele, enquanto embaralho as cartas.

Ele baixa a cabeça e fecha os olhos. Eu faço a mesma coisa. Jogo 7 cartas na mesa (cama), na forma que escolhi para esse estudo : “Momento de Vida Atual”. (Fig.1)

Técnica
Tarô

Figura 1



Demonstrou empolgação com o que diziam as cartas. Precisei, inclusive, chamar Luisa para ver o conjunto de cartas, para que eles pudessem discutir depois as “coincidências”, inclusive com as cartas que haviam aparecido para ela. Ficou mais impressionado ainda, no

Método
Reação ao
Tarô

momento quando acabei a leitura de cada uma e fiz a síntese de seu momento através da relação destas.

Ao final desse momento, enquanto eu guardava as cartas, Peter levantou várias questões acerca do processo de interação de nossas mentes, da simbologia das cartas e da história humana. Comentei sobre Jung novamente, sobre a sincronicidade e o inconsciente coletivo. Brinquei sobre a consciência, a memória genética das células, fazendo relação com sua pesquisa. E, aí, o diálogo tornou-se uma discussão acadêmica. Peter contou como estava mexendo na “consciência” da célula bovina para transformá-la e produzir seu evento, que segundo ele “será uma grande conquista da ciência”. Ficou curioso sobre Jung e me pediu as referências bibliográficas desse autor.

Esse diálogo, sobre Biologia & Psico-Histórico Cultural, durou aproximadamente 50 minutos. Luisa avisou-nos do corredor que o jantar estava saindo, pediu para nos apressarmos. Foi maravilhoso aquele diálogo.

Diálogo
Transcultural

Notas do
Pesquisador

2ª Técnica: “Quem Sou Eu?”

Não sei por que, mas escolhi fazer essa técnica neste momento. Geralmente é a última técnica que faço. Acho que foi porque, se eu não fizesse uma pergunta que mexesse de fato com ele, ele continuaria falando sobre pesquisa, células...

- Peter: Tá difícil isto... O que eu vou dizer... É difícil.

Pegou a caneta o papel e não conseguia escrever. Eu saí e fui no banheiro. Ao voltar ele continuava tentando.

- Peter: Não consigo... É difícil.

Saí para tomar um chá. Ao voltar estava escrito no papel que lhe dei: “Ambicioso, tímido, impaciente / carreira, ansioso”.

Nesse momento, iniciei o processo de reflexão:

– Você falou um monte sobre seu trabalho, contou-me toda a pesquisa sem eu nem perguntar, sabe coisas incríveis, tem um conhecimento vasto sobre dados científicos, e não consegue dizer quem é você? Não consegue falar de si mesmo?

- Peter: Pois é... É difícil. Acho que é porque eu nunca tinha pensado nisso, em mim... Eu gosto demais do meu trabalho.

- O que tu sentes com teu trabalho?

- Peter: A carreira me dá prazer.

- E felicidade?

- Peter: Felicidade?... Felicidade é mais geral, prazer é mais localizado, temporariamente, é mais restrito... (Silêncio)
É, a minha carreira é fonte de prazer e felicidade. Quando os períodos da pesquisa chegam ao fim, quando eu consigo produzir um projeto, isso melhora a carreira... e aí eu me sinto feliz. Quando alguém me diz que meu trabalho tá legal, que aprecia o que fiz, eu tenho prazer, eu fico feliz... (Silêncio)

Elas (esposa e filha), a barreira que elas têm que passar,

Técnica
Quem sou eu?
Notas do
Pesquisador

Sujeito

Técnica
Reflexão
Mediação para
autoconhecimento

Tema
Felicidade
Prazer

Tema

quando elas conseguem, me deixa satisfeito, mostra que estamos certos... (Silêncio)

Pra mim felicidade não tem a ver com tranquilidade. Se eu paro eu tenho problema. Tenho problema de lidar com a rotina, o não ter nada para inventar me deixa insatisfeito. Eu digo: “Eu consegui fazer isso e aquilo, e agora!”...

(Silêncio)

Eu faço esporte... mas não tenho mais vinte anos, não consigo mais fazer o que eu fazia... Eu gosto de esporte. Sou competitivo mas não prejudico ninguém... (Silêncio)

Acho que eu tenho que **aprender a trabalhar com mais equilíbrio. Preciso balancear mais isso...**

- E no dia-a-dia, no cotidiano, fora o trabalho, o que costuma te dar prazer, felicidade?

- Peter: Tenho prazer quando escuto música. Aliás sou um frustrado, queria tocar algum instrumento... Também me dá prazer comer, transar.

A forma como se expressou – verbal e não verbal – ao responder essa pergunta, nem de perto de assemelha às suas expressões de satisfação ao falar sobre seus desafios de trabalho.

Técnica
Silêncio

Síntese do
sujeito

Tema/Prazer

Notas do
Pesquisador

3ª Técnica – “Simbolismo nas Figuras”

Dei três revistas a Peter. Pedi-lhe para folhear e selecionar figuras que lhe chamassem à atenção. Disse-lhe para recortar aquelas mais significativas para ele.

Folheou as revistas demonstrando estar participando do processo do estudo. Rapidamente escolheu quatro figuras. Colamos as figuras em folhas do bloco onde eu estava fazendo anotações. Em seguida, uma por uma, eu lhe pedi que me dissesse o porquê de haver escolhido aquela figura, o que ela significava para ele.

Técnica
Simbolismo
nas figuras

Figura 2



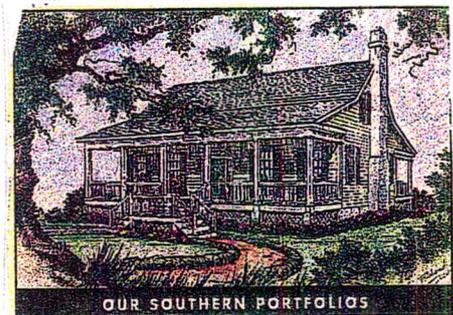
- Peter: É um sonho. (Sorriu) Eu quero viajar para conhecer... É eu quero conhecer os predadores. Esses ursos vivem na África, Tansânia. Quero ver isso ao vivo... É o que me atrai, mas não sei por quê... Quanto mais tu estuda mais

Tema Prazer-
felicidade/
desejo

tu vê que a coisa é tão elaborada, que tem estratégia de viver. Que a estratégia de cada um é tão diferente. Nesse momento fomos chamados novamente por Luisa, agora avisando que o jantar já estava nos aguardando. Peter continuou demonstrando interesse em continuar a atividade.

Cotidiano

Figura 3



Técnica

-Peter: Eu quero, AGORA, uma casa! Para a semana que vem... (Sorriu)
 - Mas o que significa essa casa pra ti?
 -Peter: É segurança. Quando meu pai faleceu, nós passamos por um período de insegurança e de dificuldades muito grande... (Silêncio). Talvez, até o que eu sou hoje, essa necessidade de carreira, seja por esse período de insegurança que passei na vida (...). Vai me satisfazer.

Tema/desejo
 Necessidade
 Técnica
 Silêncio
 Reflexão

Figura 4



Técnica

- Por que o carro?
 - Peter: (Olhar ao longe) O que ele proporciona pra mim. Lembra uma viagem que fizemos com amigos na Europa, Itália, Áustria, Suíça. Eu gostaria de comprar um carro assim para sair de novo com os amigos, com mais conforto... (Silêncio) Isso é uma frustração... Essa distância dos amigos. Quando tu volta do Brasil é que tu sente: o que tu tem que abrir mão para conseguir alguma coisa... Tem que deixar os amigos... Os compadres... E nós nos damos super bem. Um grande fato negativo é a incapacidade de conviver com eles, com a família (Silêncio).

Tema
 Lembranças/
 alegria/
 tristeza/
 desejo

Técnica
 Silêncio

Técnica

Figura 5



- Peter: Os prazeres carnais (sorriu, movimentando-se na cadeira, gesticulando). Isso é que é um problema. É o outro lado do saber as coisas, porque tu sabes que nem tudo tu podes comer. É o lado ruim do saber, do conhecer sobre as coisas... Pedir um bife... Sabe? Fica-se com a consciência pesada, suja, receoso... Eu faço esporte, mas não tenho mais vinte anos... Essa é uma preocupação que tenho. É o conflito entre o sentir prazer e o que aquilo vai me causar de ruim. É o pensar em estar fazendo a coisa certa. Eu sei bem o que me dá prazer e me deixa feliz. Veja essa casa (mostra a figura): Jardim? Isso eu não escolheria. Eu detesto isso. O que me incomoda, o que não me dá prazer são as coisas repetitivas.

Comunicação
não verbal

Tema
Prazer/
desprazer

Uso da Razão

4ª Técnica: “História de Vida: Alegria e Tristeza”

Pedi a Peter que me dissesse como foi seu processo de viver relacionado à alegria e tristeza; o que ele recordava da infância, da adolescência e da vida adulta, antes desse período na América, que lhe tenha dado prazer e felicidade, ou desprazer e infelicidade.

Felicidade-Prazer

Na infância:

- Peter: Lembro com prazer e felicidade onde me criei, lembro muito de minha terra. Foi bom

Na adolescência:

- Peter: Adolescer é difícil. Não lembro, mais sei que foi difícil. A pressão do grupo é muito forte.

Na vida adulta:

- Peter: Na vida adulta o que mais me deixou feliz foi o nascimento de Lúcia (filha). Nada se compara a isso, na minha vida adulta.

Infelicidade-Desprazer

Na infância:

- Peter: Não houve.

Na adolescência:

- Peter: Não tenho boas lembranças da adolescência. Perdi meu pai. Foi um período sofrido.

Na vida Adulta:

Técnica

História de
Vida:
Alegria/
tristeza

Infância

Adolescência

Vida Adulta

Infelicidade/
Desprazer
Infância

Adolescência

Vida Adulta

- Peter: Na vida adulta tive vários momentos de infelicidade e desprazer. No mestrado, trabalhei com uma pessoa impossível, difícil. Era impossível de satisfazer essa pessoa, de atingir uma luta inglória. É aquela coisa que, por mais que tu faça, tu não vai conseguir, é sem retorno. Foi meu Orientador.

Outro momento de infelicidade foi quando uma amiga morou conosco na Inglaterra, ela nos enganou (Silêncio).

Por mim eu teria interrompido o encontro aqui neste momento, em razão do adiantado da hora, mas Peter permaneceu como em estado de transe, parecia fora dali.

Olhar ao longe pela janela do quarto.

Utilizei outra técnica : “Pergunta Semi-Estruturada”, a qual originou um outro momento de interação, uma nova técnica, que chamo de “Reflexão e Síntese”.

Notas do
Pesquisador

5ª Técnica – Pergunta Semi-Estruturada:

-Peter, o que a felicidade-prazer, ou infelicidade-desprazer, tem a ver com tua saúde?

Emocionado, com a voz embargada:

- Peter: Quando eu tava no vestibular, eu tava desesperado...

Eu tinha que fazer, eu tinha que conseguir fazer a prova. Eu tive um bloqueio dos músculos da face, não conseguia colocar as mandíbulas no lugar. Eu tava muito estressado, muito mesmo. Tive que ir a um dentista. Às vezes tenho enxaqueca, quando estressado, quando tenho dificuldades...

(Silêncio). Outra coisa que me lembro... (Silêncio, riso nervoso). É meio patológico, não sei se falo...Mas vou te falar: quando eu quero algo, muito, muito, quando eu tenho um projeto, eu acordo no meio da noite com uma idéia que me esclarece o que eu quero. Isso é louco, muito louco. Não sei, parece que não sou eu!

Peter mostrou em gestos como isso acontece, inclusive caminhando pelo quarto. Disse ele que, nesses momentos, sem saber o que fazer, ficava andando desnorreado pelo quarto, não sabendo se acordava ou não a Luisa para contar o que ocorria. Tinha receio de estar ficando louco.

Nesse momento meu coração bateu mais forte. Ao mesmo tempo que tive tristeza por aquela criatura, vibrei de alegria. Fiquei surpresa e emocionada com essa declaração. Fiquei com piedade dele em razão de ele estar sofrendo por achar que aquilo era patológico.

Expliquei-lhe, conversamos sobre os *insights* e os grandes cientistas da Humanidade, inclusive Einstein. Mostrei textos do projeto onde constavam dados sobre esse tema. Mostrou-se interessado e satisfeito, muito satisfeito, por saber que não “estava ficando louco, que não era doença” aquilo que acontecia com ele.

Nesse momento fomos interrompidos por Luisa que nos intimou a jantar.

Ao nos dirigirmos à sala perguntei como se sentiu com o trabalho. “Interessante esse teu estudo. Gostei. A conclusão

Técnica
Pergunta
Semi-
Estruturada

Relação
felicidade-
prazer & saúde

Técnica
Silêncio

Sujeito

Notas do
Pesquisador

Sentimentos

Diálogo

que cheguei é que não dá para fazer pela Internet, precisas estar com as pessoas. Definitivamente esse método não dá para fazer pela Internet” (Risos).

- Luisa: Eu também acho. Não dá para fazer pela Internet, que pena não podemos te ajudar.

Final da interação

NOTAS DO PESQUISADOR (outras)	ANÁLISE
<p>Fiquei fascinada com a experiência de entrevistar o Peter, acho que em razão de ele representar um cientista daqueles padrões. Aliás, me contive muito para não fazer com ele reflexões sobre o produto da sua pesquisa. Achei que não tinha o direito de quebrar o encanto de seu estudo, de seu prazer de estar “criando algo muito importante para a Humanidade”, segundo ele. “Afim de contas – falava com meus botões – não era nada parecido com a bomba atômica”. Meus argumentos seriam apenas baseados em valores de enfermeira da área da saúde da criança. Depois, pensando bem, o produto da pesquisa dele tem aspectos positivos. Mexerá em hábitos, na interação mãe-filho, mas em compensação irá trazer benefícios à mulher, e , também, à própria criança.</p>	<p>Sentimentos</p>
<p>Neste encontro com Peter aumentei minha compreensão do que é ser cientista: eles produzem sem a preocupação, sem a ética, das conseqüências de seus inventos além daquelas que motivaram o projeto de construção. E, sem dúvida, os argumentos dessas são bem válidos.</p> <p>Incrível como ele usa a razão, como deixa de ter prazeres por essa RAZÃO exagerada. Ele pensa em tudo, todo o tempo.</p>	<p>Notas teóricas</p>
<p>Outra coisa que me chamou a atenção foi sua receptividade ao método, ao tema. E aqui vem a contradição do que consta no item desse trabalho que fala dos cientistas. Talvez, justamente por ser cientista – curioso – não tenha apresentado preconceitos em relação às técnicas que usei com ele. Ao contrário, aguçou a sua curiosidade de ler sobre outras áreas de conhecimento, além da biológica, que exploram questões de consciência das células. Talvez, também, porque explicitiei bem onde queria chegar com o estudo.</p> <p>Acho que o encontro foi para Peter uma catarse. Para mim foi um grande aprendizado sobre crenças, valores, práticas, sofrimentos, desejos e temores humanos.</p>	<p>Notas do método</p>

Quadro 9 – Análise dos Dados do Diário de Campo

Notas das Técnicas

1-Ouvir: * Suas queixas sobre a falta de consideração do Brasil com seus cientistas e a inveja no meio acadêmico impedindo o desenvolvimento científico = o que leva o cientista a sair do país.

* Sobre sua pesquisa.

2- Tarô: * Discutido com ele por interesse dele, as 22 cartas enquanto processo de viver (arquetipos)

* Gerou uma discussão acadêmica sobre inconsciente coletivo, consciência, memória das células e a sua relação com a sua pesquisa - célula bovina.

3- Quem sou Eu? Gerou reflexões espontâneas como "tenho que aprender a trabalhar com o equilíbrio, preciso balancear isso".
4/5/6- Figuras/ Pergunta Dirigida/Reflexão: * Sonho, desejo. Gerou reflexão. "Cada um tem estratégias diferentes de viver (predadores)".

* Levou o indivíduo a refletir sobre a própria vida, coisa que não havia feito antes.

* Lembrança dos prazeres do cotidiano.

* Gerou reflexão sobre os males desses prazeres.

* Gerou desejo e lembranças agradáveis e também reflexão espontânea sobre as frustrações.

Notas de Interação:

- Contato feito através da esposa.
- Entusiasmo verbal e não verbal acaba contagiando a gente.

- Tive receios em aplicar as técnicas com um cientista, me senti insegura por ele ser um cientista.

- Até o momento foi a pessoa que mais gastei tempo falando sobre a tese.

- Surpresa pelo interesse que ele demonstrou pelo tarô.

- Pediu referência bibliográfica sobre Jung.

- Considerou que definitivamente esse estudo não pode ser feito pela Internet.

Felicidade - Prazer

Felicidade: * Felicidade é mais geral, prazer é mais localizado.

* Prazer é momentâneo.

* Felicidade não tem a ver com tranquilidade mas em transpor obstáculos, desafios.

* Felicidade não tem a ver com rotinas, mas em o inventar.

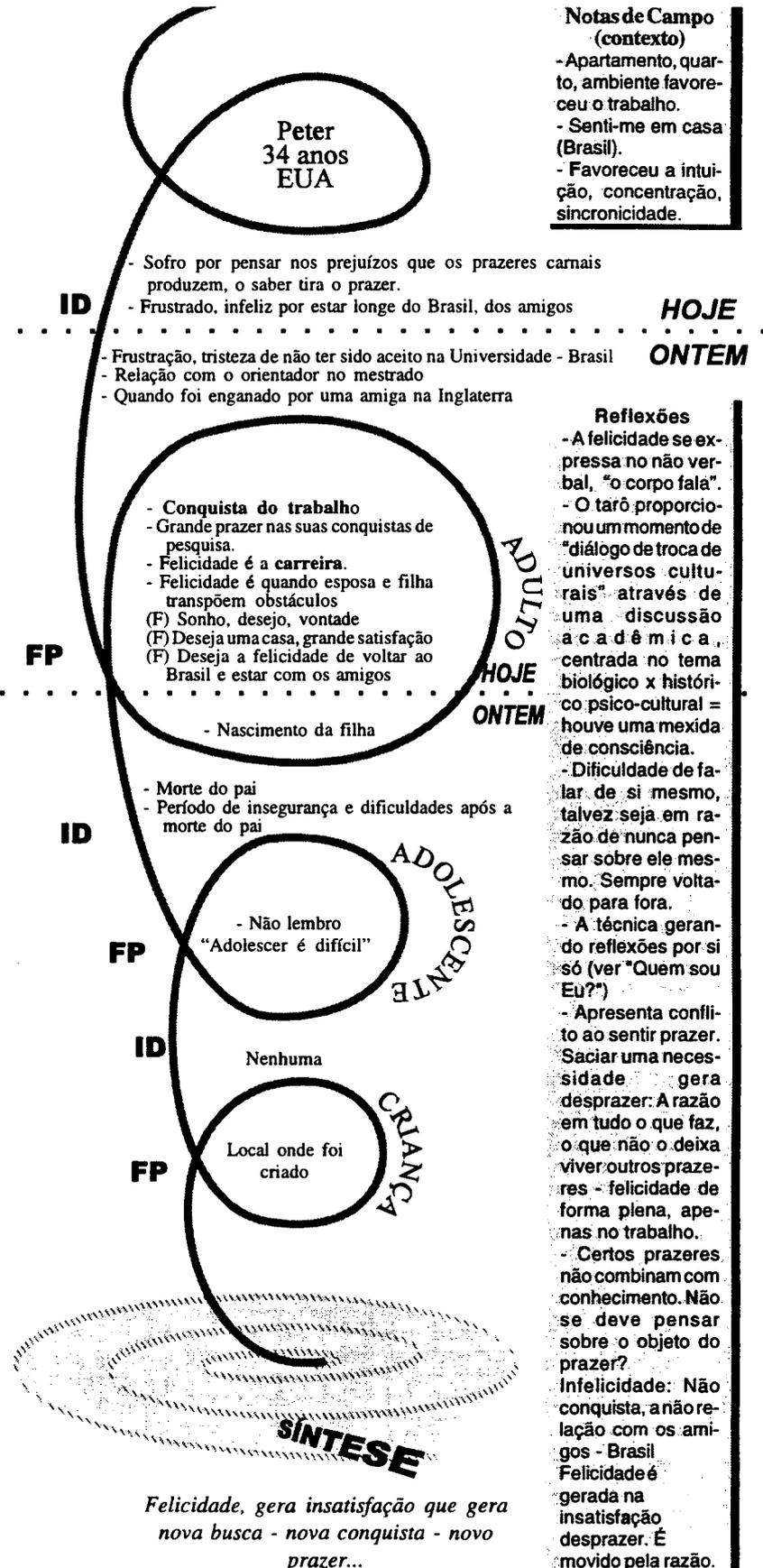
Felicidade - Prazer x Saúde:

* Relação tristeza x saúde no passado, tensão e estresse.

* Hoje: Enxaqueca quando não alcança objetivos e as "idéias no meio da noite", considera patológico.

Notas de Campo (contexto)

- Apartamento, quarto, ambiente favoreceu o trabalho.
- Senti-me em casa (Brasil).
- Favoreceu a intuição, concentração, sincronicidade.



HOJE

ONTEM

Reflexões

- A felicidade se expressa no não verbal, "o corpo fala".
- O tarô proporcionou um momento de "diálogo de troca de universos culturais" através de uma discussão acadêmica, centrada no tema biológico x histórico psico-cultural = houve uma mexida de consciência.
- Dificuldade de falar de si mesmo, talvez seja em razão de nunca pensar sobre ele mesmo. Sempre voltado para fora.
- A técnica gerando reflexões por si só (ver "Quem sou Eu?")
- Apresenta conflito ao sentir prazer. Saciar uma necessidade gera desprazer. A razão em tudo o que faz, o que não o deixa viver outros prazeres - felicidade de forma plena, apenas no trabalho.
- Certos prazeres não combinam com conhecimento. Não se deve pensar sobre o objeto do prazer?
- Infelicidade: Não conquista, a não relação com os amigos - Brasil
- Felicidade é gerada na insatisfação desprazer. É movido pela razão.

8.2 Agrupando os Dados Analisados por Semelhanças entre os Sujeitos

Ao terminar a análise dos dados, pensei: “Como apresentar todos os dezanove sujeitos atores do estudo? “. Comecei a viver um conflito entre o apresentar a totalidade dos dados ou a totalidade de um dos sujeitos. Então, pensei numa figura que pudesse representar o processo de viver e ser saudável dos sujeitos através do agrupamento desses por semelhança de situação vivida. Dessa análise resultou os seguintes agrupamentos:

- a) O Ser Humano em Situação Virando a Mesa: Entre Perdas e Ganhos
- b) O Ser Humano em Situação de Limite 1: Lutando contra a Morte
- c) O Ser Humano em Situação de Limite 2: Aguardando a Liberdade
- d) O Ser Humano em Situação de Cotidiano: Vivendo...

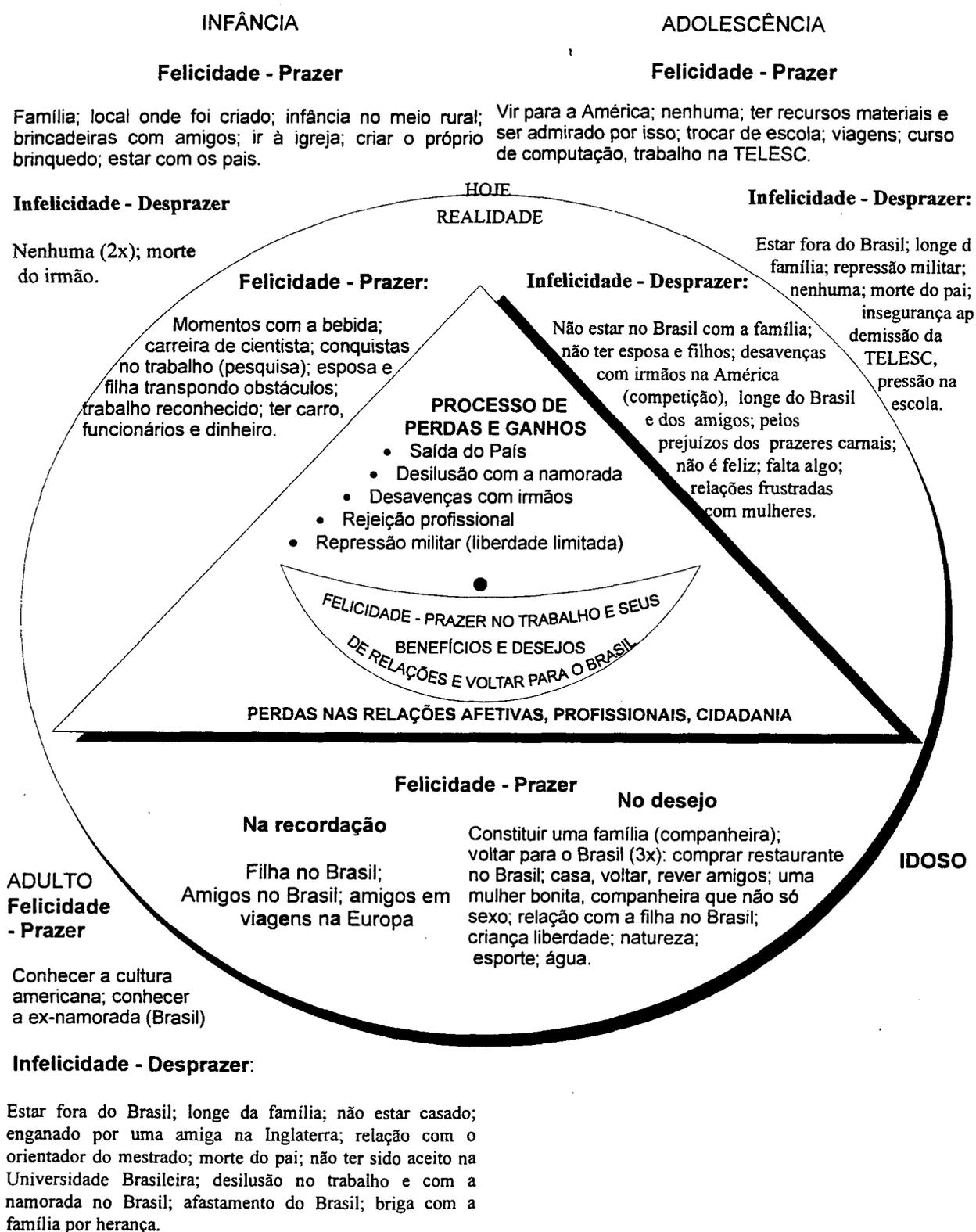
Visualizei os quatro conjuntos no “Blade Runner”. Num desenho que mostrasse desde um conjunto maior de dados até aquele menor, que pudesse se caracterizar como o ponto principal da vida do sujeito, segundo compreensão nesse estudo da dimensão felicidade-prazer em seu processo de viver”.

Mas, que Blade Runner? Lembrei de Jung interessado em analisar as figuras desenhadas espontaneamente por pessoas em conflito. Lembrei da **Mandala**⁷. Lembrei da transparência que utilizei para apresentar o sub-capítulo que falava do Blade Runner: o menor dos quatro quadrados era um **sorriso**. Foi o que bastou para preencher a mandala com o processo de viver e dados de análise dos sujeitos agrupados por semelhança de situação vivida. As mulheres em “Situação de Virando a Mesa” ficaram em um quadro separadas dos homens em razão de a quantidade de dados ter sido grande demais para um só desenho. Depois é que percebemos que havia uma diferença entre elas e os homens, o que justificou mais ainda uma mandala própria.

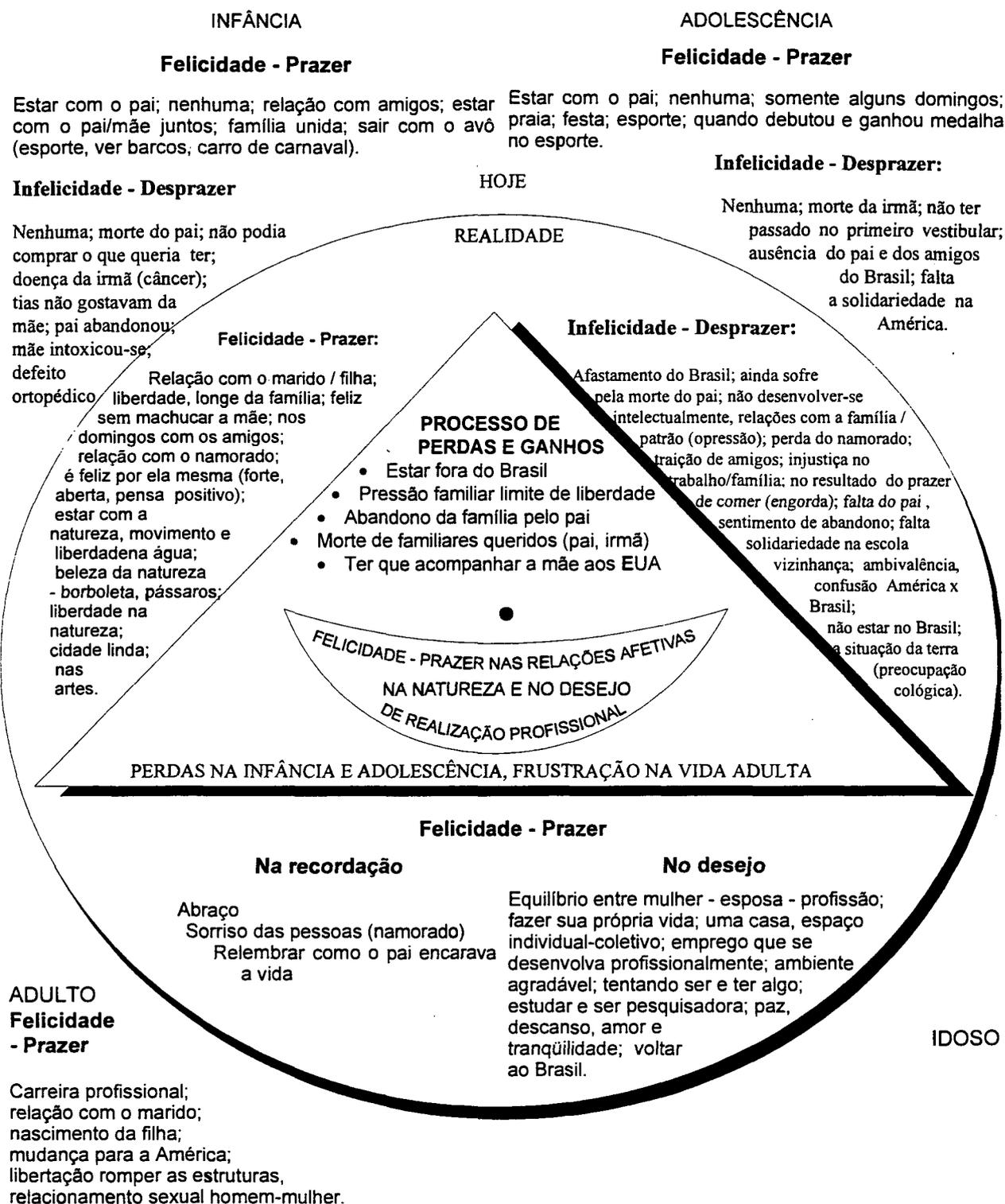
⁷ Mandalas são desenhos que contêm no mínimo quatro figuras geométricas: quadrado, círculo, triângulo e meio círculo, que representam, respectivamente os quatro elementos – terra, ar, fogo e água. No centro há um ponto, significando a terceira visão, a criatividade.

8.2.1 O Ser Humano em Situação Virando a Mesa: Entre Perdas e Ganhos

**Quadro 10 – Felicidade-Prazer no Processo de Viver e Ser Saudável
O Ser Humano Homem em Situação Virando a Mesa: Entre Perdas e Ganhos**



**Quadro 11 – Felicidade-Prazer no Processo de Viver e Ser Saudável
O Ser Humano Mulher em Situação Virando a Mesa: Entre
Perdas e Ganhos**



Esse grupo nos mostra que o ser humano pode ser movido por frustrações. Que é guiado pelos seus próprios valores, crenças e recursos de que dispõe para sair da frustração, para buscar felicidade. É a tomada de decisão individual.

Nesse grupo ficou bem caracterizado que a vida de quem vira a mesa é um processo de Perdas e Ganhos. Que se caracteriza para mais ou para menos, conforme a expectativa que o indivíduo tinha quando decidiu dar outro rumo a sua vida.

Os ganhos foram financeiros, nova cultura, liberdade de pressões familiares, mas falta algo. Faltam aquelas relações afetivas que tinham no Brasil, falta o Brasil. Vão vivendo, nesse processo de busca de felicidade de ser, de ter, mas na infelicidade de não poder estar.

Algumas características tornam esse grupo diferente dos demais: a maioria teve dificuldade de falar de si mesmo. Tive a impressão, até por que alguns deles verbalizaram, que isso não tinha acontecido porque eram pessoas muito voltadas para o exterior, para a conquista de coisas.

O motivo, para tomada de decisão de abandonar o País, desse grupo tem mais a ver com relações conflitivas do que necessidades de ganhos financeiros. Parece-me que o ganho econômico compensa perdas afetivas.

A família e outras instituições aparecem como bode expiatório para o indivíduo justificar sua necessidade de abandonar o País.

A jovem, com exceção dos domingos da vida com brasileiros, não tinha felicidade alguma na América, ao contrário. Sua vida se resumia em sonhar com o futuro. Ela seria feliz se pudesse vir a ser, a ter, a fazer, e a estar no Brasil. Isso provocou o clímax da doença da alma, resultando em tentativa de suicídio. O corpo não suportou tanta dor...

Alguns desses sujeitos apresentam conflitos ao sentir prazer. A questão é que colocam razão em tudo que fazem. Isto impede que vivam plenamente esses momentos. Certos prazeres não combinam com conhecimentos, não se deve pensar sobre o objeto do prazer. Essa é a impressão que fica.

A busca da liberdade em outro local, longe do opressor, não garante a liberdade quando a pessoa ainda está presa a padrões, quando há conflitos de consciência, em especial quando não houve catarse com aqueles opressores. Isso

não é saudável, não é estético. Vai ser uma eterna busca...

A felicidade e o prazer se expressam nesses sujeitos na consciência individual e coletiva: necessidade de uma relação afetiva consistente, ter casa, ter carro, viajar, enxergar longe (“looking”), ter uma bolsa de estudos, voltar ao Brasil, na tranqüilidade, no amor. Na necessidade de garantir a sobrevivência da terra – consciência ecológica, de diminuir a violência entre os homens, acabar com as drogas...

A figura do pai, para os indivíduos desse grupo é muito importante, é lembrança de felicidade. A perda do pai, por morte ou por abandono, ou por deteriorização da relação, prejudica consideravelmente o processo de viver saudável do ser humano. É causa de infelicidade, de desprazer. É mais que isso: parece que o sujeito perde algo, um referencial para viver e, então, precisa sair por aí buscando...

Quando meu pai morreu, foi um sentimento de vazio. Eu tinha vinte anos. Não aceitei a morte de meu pai. Hoje eu ainda me emociono. Uma vez eu já quis ir atrás de um homem na rua, achei parecido... Sonhava que ele estava vivo... (Luisa, Notas de Campo).

Os homens – os machos – desse grupo, que estão pensando mudar seus caminhos, estão desenvolvendo suas possibilidades do lado direito do cérebro. Estão **sentindo** mais, buscando mais nas relações afetivas, no ter/estar com filhos, na beleza das coisas, apesar de ainda haver alguns apegos materiais prejudicando tomadas de decisão que lhes poderiam trazer felicidade, talvez por não acreditarem no Brasil.

Nesses casos os valores mudam com a catarse que acontece. Se o indivíduo contar com um mediador, com possibilidades de respiradouros saudáveis, há possibilidades de haver decisões éticas e estéticas de busca de satisfação. Isso é saudável.

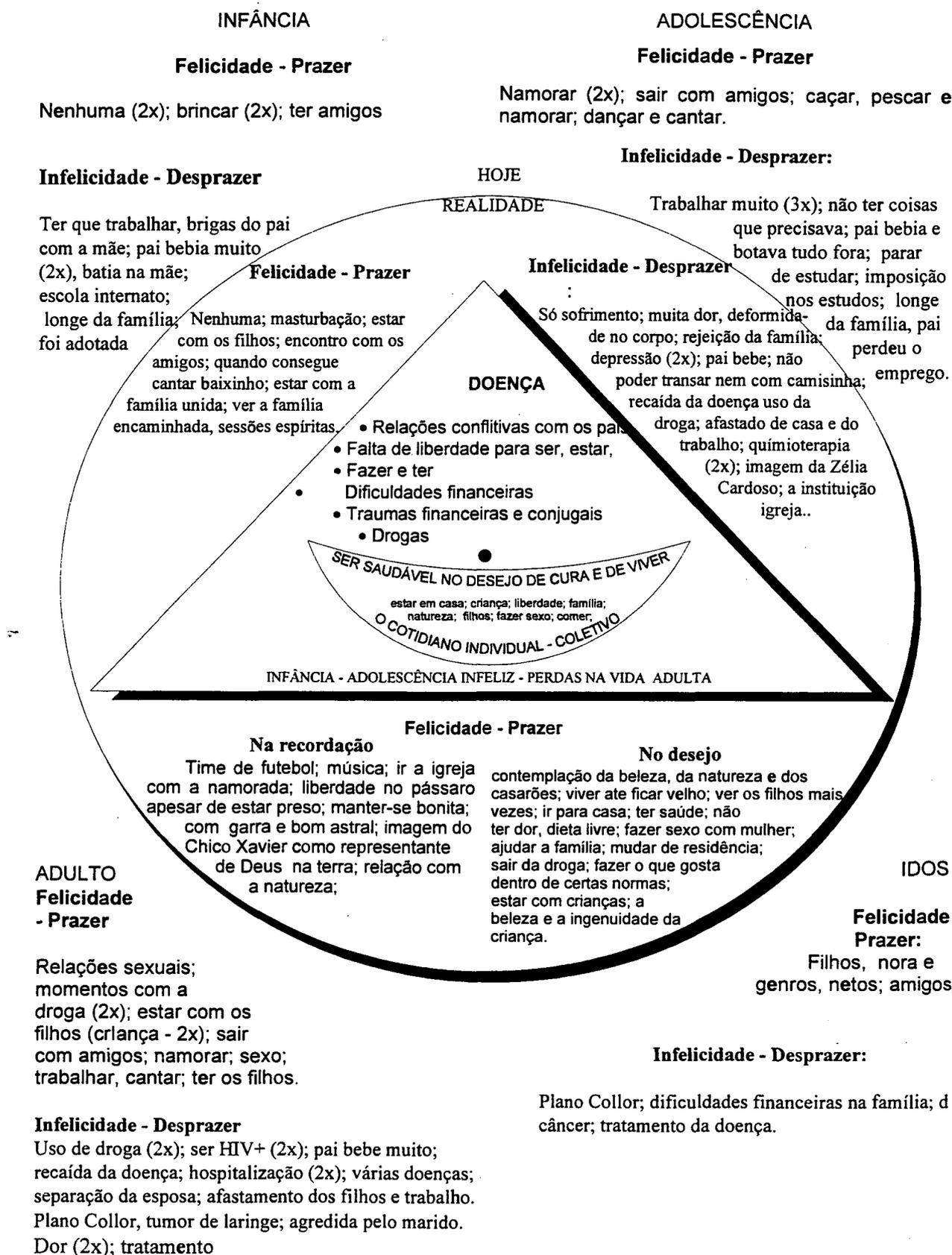
Essas duas últimas considerações me fazem refletir na possibilidade de podermos mediar o desenvolvimento de consciências femininas, que possam gerar mães e pais mais éticos e mais estéticos na produção e desenvolvimento de crianças. A palavra “produção “ é pesada? É. Mas nós, quando queremos produzir algo, é porque estamos necessitando satisfazer alguma necessidade. Pensamos, então, no objeto e no processo de construção, caso não possamos comprá-lo

pronto. Costumamos, na medida do possível, escolher aquele de melhor qualidade. O que é esta qualidade na produção de uma vida? É preciso nessa tomada de decisão, nesse pensar o objeto – essa vida –, colocar o ingrediente ético-estético, para que essa existência possa ser saudável.

Como pontua nosso Referencial: é preciso desenvolver o ser individual para chegarmos ao ser coletivo. Aí, então, é possível mexermos na consciência do Estado.

8.2.2 O Ser Humano em Situação de Limite 1: Lutando contra a Morte

Quadro 12 – Felicidade-Prazer No Processo De Viver
O Ser Humano em Situação de Limite: Lutando contra a Morte



Ficou muito forte nos dados desses sujeitos que, tal como na infância, atualmente a vida deles é mais de tristeza/infelicidade. Seus respiradouros são restritos ao que podem fazer. Para esse grupo seria possível ser feliz, ter prazer na vida, se pudessem “ter saúde”, “ficar curado”.

Praticamente a felicidade-prazer desses sujeitos está na ESPERANÇA da cura.

A análise dos dados mostra categorias da vida cotidiana que hoje lhes causariam felicidade-prazer, caso fossem possíveis, pois as limitações provocadas pela doença os impedem de vivê-las. Para esse grupo, bastaria poder comer, transar, estar com amigos, com a família... Neste sentido, são fortes as mensagens nas quais a felicidade e o prazer significam apenas poder VIVER.

Isso é importante, porque me parece que o indivíduo sem expectativa para o futuro já estaria morto. Isso é saudável, uma vez que os sentimentos de esperança e expectativa de cura traduz-se nos organismos como revitalizador do sistema imunológico (Capra, 1992).

O prazer é representado por sensações boas no corpo e na vontade de ver e ter algo: sexo, comida, coisas belas da natureza, artes plásticas, criança. A felicidade está ou estaria (visto que a maioria deles deseja) ligada a momentos com os outros, com a família, amigos e crianças. Para alguns, esses momentos, mesmo sendo possíveis, não eram plenos em razão de problemas que acontecem desde a infância, como atitudes do Pai ou por lembranças de acontecimentos ruins do passado.

Assim como os desejos se fizeram presentes, as lembranças do passado também provocaram felicidade e prazer. Mas as lembranças tristes são as mais importantes nesse grupo, seja pela infância, seja por acontecimentos bruscos na vida adulta que vieram a provocar, ou a eclodir problemas de saúde.

Essas lembranças, ou até essas representações que os acompanham desde a tenra idade, associadas a novos eventos, não só foram os fatores que colaboraram para a doença, mas também para o agravamento desta.

Isabel e César Augusto falam de problemas do passado, como o Plano Collor, falta de liberdade, pai agressivo por exemplo, como se fosse hoje. Assim o organismo não consegue superar “as células mal amadas”.

Esse dado é importante, se considerarmos que segundo Capra (1992) o impasse criado pela acumulação de eventos estressantes só pode ser superado se os indivíduos doentes mudarem seu sistema de crenças nesse sentido.

A família aparece como grande desintegradora da vida da criança e do adolescente. É interessante como a família é a causadora do processo de desprazer-infelicidade, desde a infância pela agressão em todos os sentidos, incluindo a opressão, e mesmo assim o indivíduo tendo consciência disso na adolescência ele não se liberta. O que consegue é um pouco mais de felicidade-prazer ao sair de casa para festas, para estar com amigos, namorar.

Mas os dados, também, revelam a família como possibilidade virtual, no desejo, e concreta de ser recurso, e até motivo de felicidade atualmente, para alguns dos sujeitos.

Nas situações que envolvem a família como limitante, a figura do Pai alcoolista tem sido um grande motivo de desprazer-infelicidade desde a infância, em suas conseqüências diretas quanto às agressões que essas situações provocam na família.

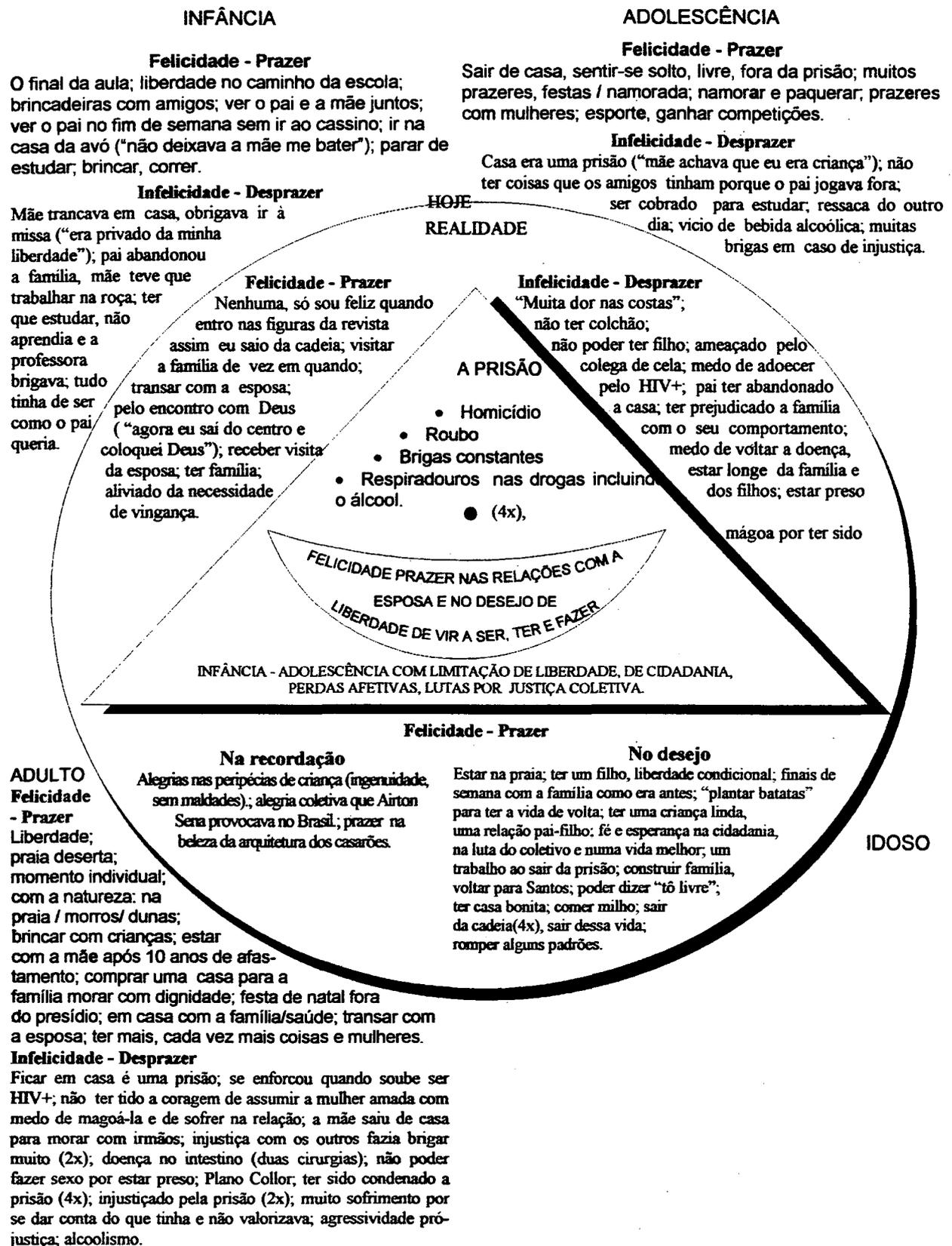
As vidas de Loureiro e a de Marcos apresentam uma infância infeliz, de busca de respiradouros, de satisfação fora do cotidiano, o que seria, em nossa cultura, compreendido como antiético e antiestético. Isso não é saudável. A droga na vida desses sujeitos representa prazer e dor, momentos de felicidade do passado e a infelicidade da vida presente.

O sujeitos mostram postura ética, sentimento coletivo quando se preocupam com a saúde e felicidade do outros. Se expressam nas suas preocupações com a família, com a saúde social da população e até no evitar transmissão do HIV através do sexo, mesmo que essa atitude esteja lhe privando de ter prazeres.

A criança aparece bastante nos dados desses sujeitos. Ela é traduzida como algo bonito, representando ingenuidade, liberdade, alegria por si só . Será que a criança significa a vida almejada? Vida sem preocupações, sem pressões, com liberdade sem preconceitos, alegre... O desejo de estar com criança lhes proporcionaria a vida pela vida da criança? Ou a vontade de ter vivido, de fato, uma criança?

8.2.3 O Ser Humano em Situação de Limite 2: Aguardando a Liberdade

**Quadro 13 – Felicidade-Prazer No Processo De Viver Saudável
O Ser Humano em Situação de Limite: Aguardando a Liberdade**



Por motivos diferentes, a vida desse grupo é muito semelhante à vida do grupo anterior. Na infância ocorreram limitações por relações familiares de superproteção ou superdistanciamento e por limitações de cidadania. Possivelmente, pelos seus depoimentos, a escola reproduzia limitações que causavam desprazer e infelicidade.

A felicidade-prazer na adolescência acontecia fora de casa, com os amigos, nas festas.

Hoje, a vida desses seres humanos é de infelicidade e desprazer. Somente há felicidade e prazer no desejo, no sonho, possíveis pela esperança na liberdade.

Os sujeitos prisioneiros não apresentam nenhuma expectativa na prisão; somente fora dela. Dá a impressão de que eles estão ali só de corpo; o espírito está fora. Aliás, eu nunca tinha presenciado cenas como aquelas: o sujeito feliz, com prazer porque estava, através da imaginação, em situações que lhe causaria felicidade-prazer.

Tal como no grupo anterior, esses sujeitos também desejam, para serem felizes e terem prazer, tudo aquilo que já tinham antes de serem presos, se não concretamente, mas na possibilidade. Ou seja, família, esposa, filhos, trabalho, estar na natureza, por exemplo, são categorias relacionadas mais especialmente às relações pessoais, possíveis pela liberdade.

Nessas expectativas, estão representadas dimensões individuais e coletivas, como a relação homem-natureza, traduzindo o homem ecológico; a contemplação do belo, na natureza, nos casarões; a sexualidade, como prazer primitivo; ser feliz com a felicidade dos outros, com o atendimento de direitos coletivos da população.

A própria família, de novo, está presente como limitante no processo de viver saudável das crianças. A figura do pai, opressora ou displicente, e a da mãe, passiva, medrosa, impotente, ou mesmo de superprotetora, são marcantes no processo de ser saudável, para a busca do ser feliz e ter prazer de uma forma ética e estética no processo de viver.

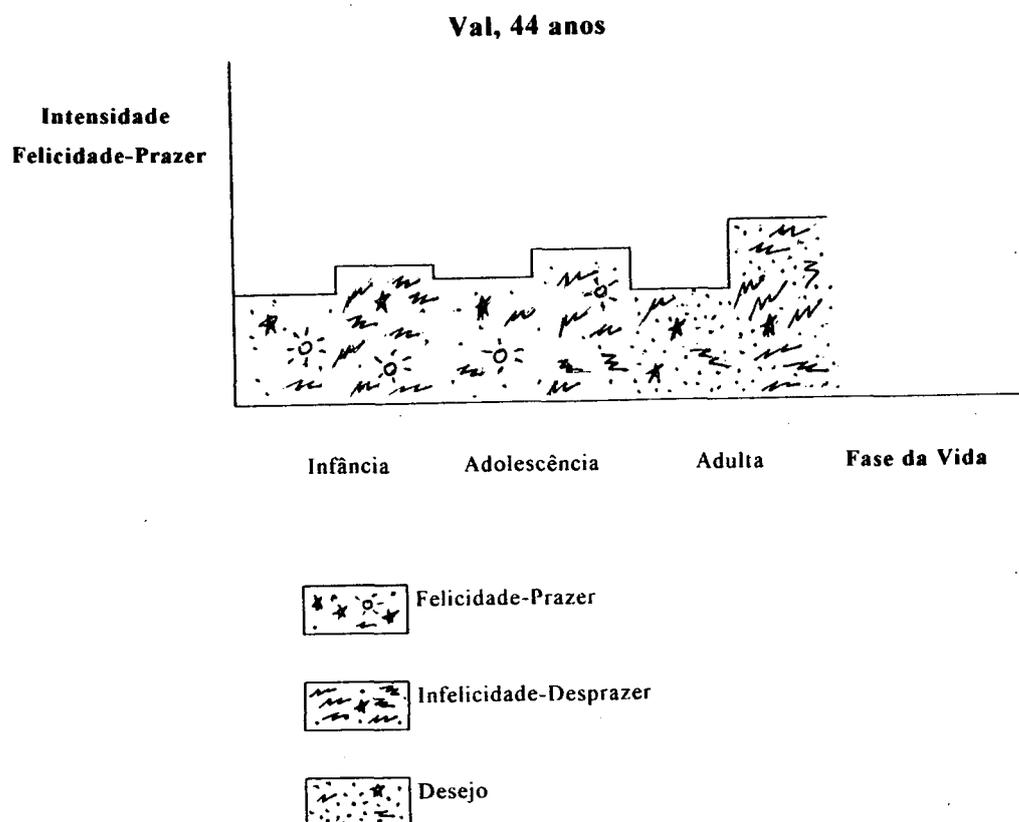
Infelicidade, desprazer pela consciência ética-estética do sofrimento dos brasileiros em razão das injustiças sociais (sentimento coletivo): é o senso de justiça que aparece na fala de três desses sujeitos. Aliás, eles se enquadrariam na

representação do “Justiceiro”.

Dos quatro sujeitos, em dois eu senti a possibilidade da prisão ter representado o Ponto de Mutação de suas vidas. A prisão tem sido o momento de reflexão da vida, de outra visão de si mesmo e do mundo. É o toque espiritual que acontece quando saímos um pouco do exterior e entramos para dentro de nós, com crítica nas relações que até então fizemos com o mundo.

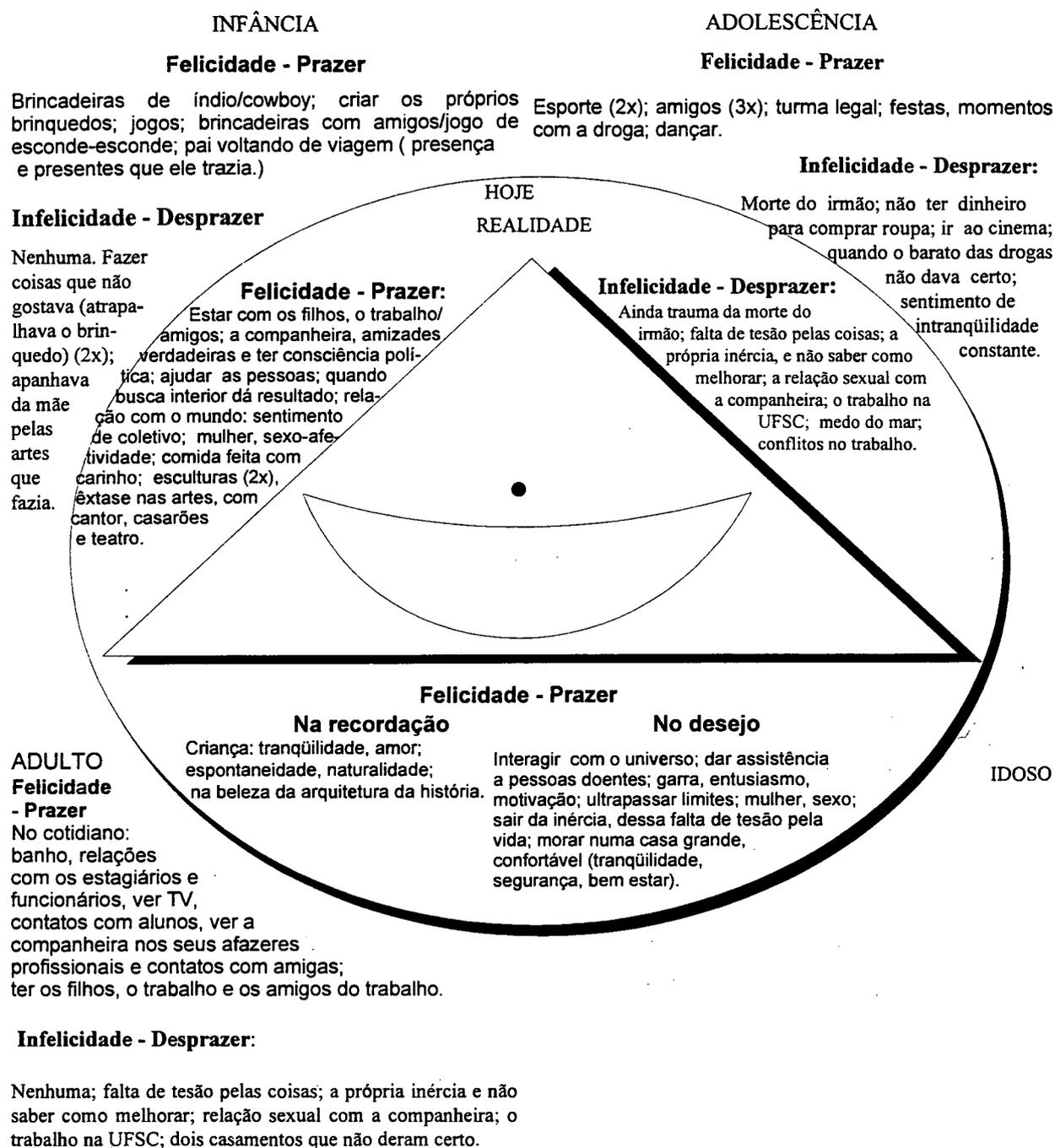
A criança foi aqui também bastante lembrada: pela sua beleza, ingenuidade, pelo prazer e felicidade de tocar numa criança. Pela vontade de estar com o filho, ou ter um filho. Ou de ser uma criança?

O gráfico abaixo ilustra uma dessas vidas:



8.2.4 O Ser Humano em Situação de Cotidiano: Vivendo...

**Quadro 14 – Felicidade-Prazer no Processo de Viver Saudável
Ser Humano em Situação de Cotidiano: Vivendo...**



Você é a quarta pessoa. Sugiro que faça o exercício da História de Vida: Alegria e Tristeza e depois preencha o espaço vazio. Isso não foi proposital. Até o número três desses sujeitos foi aleatório. Esses amigos foram aparecendo. Ao final do estudo esse foi o único quadro que não consegui preencher. Quando estava organizando para digitação tentei novamente. Não consegui. Conclui que faltavam dados, que eu não havia mesmo, acabado o quadro, "como poderia preencher o triângulo?" Me vi ali dentro, no meu cotidiano, pensei, então, em provocar o leitor a participar do estudo.

Ser feliz, ter prazer é viver o cotidiano. O cotidiano dos estudos, do trabalho, da família, das relações de amizade. É viver os momentos de socialidade, organicamente com os outros. É sonhar com possibilidades de vir a ter, a ser, a fazer também. É apreciar as obras de arte dos seres humanos. Ser infeliz, ter desprazer, também, nas relações consigo mesmo, com os outros, até com a natureza, em caso de traumas anteriores. São pequenos e grandes desafios do cotidiano que nos mostram que viver é uma constante obra de arte, de recriações constantes, através de enfrentamento de conflitos e de reflexões na tranqüilidade íntima. É uma busca de respiradouros no próprio cotidiano. É uma forma ética e estética de viver a vida. Isto é saudável.

8.3 Outros Conceitos de Felicidade-Prazer e a Relação com a Saúde

O quadro a seguir mostra outras percepções dos participantes do estudo sobre a dimensão Felicidade-Prazer e sua relação com a saúde.

Quadro 15 – Felicidade-Prazer & Saúde

Felicidade: Total não existe. É um estado de tranqüilidade íntima, não pode ser constante. É uma coisa do momento. O que existe é um eterno estado de busca de tranqüilidade, o que existe é muita coisa para superar. Sentimento de bem-estar, segurança em si mesma. Emoção. É estar sem problemas. Eu nunca fui feliz, porque eu sempre tive problema. É o estar contente por alguma coisa. É o contrário de frustração. Depende de como encaro a vida. Está dentro de mim, tenho que saber desenvolver. Sentir-se útil e avançar nos conhecimentos. Estado de graça. Ajudar as outras pessoas. Satisfação de algo é felicidade. Momento de vazio, satisfação de um degrau para repensar e buscar a felicidade. Não tem a ver com tranqüilidade mas sim com transpor obstáculos, desafios. Não tem a ver com rotinas, mas sim com o inventar. Estar feliz, confortável e calmo. É a liberdade junto com a natureza. Poder comer o que dá prazer. Felicidade total era eu ter o que tenho no Brasil, apesar de tudo não sou feliz, só tenho prazer.

Prazer: É diferente de felicidade. É quando tudo está tranqüilo, seguro, isso dá êxtase também, de prazer. É conhecer as pessoas no seu íntimo: ajudar e ser ajudado. É fazer sexo. Comer dá prazer. O prazer é momentâneo. No movimento, no afastar obstáculos. Fazer algo que faz bem. É estar contente com alguma coisa. É ter trabalho, é dinheiro. Paz, descanso, amor, tranqüilidade. É o ato de fazer algo e se sentir bem com isso. Prazer é igual à felicidade. É fazer alguma coisa para o outro. Com o prazer chega a felicidade e a felicidade chega ao prazer.

Saúde: Tem saúde quem é feliz, quem tem prazer. Ter saúde é importante, tudo fica mais fácil. Pra fazer o que gosta tem que ter saúde. Ter saúde é não ter dor. A doença tem a ver com a tristeza, com o pensar negativo. Até a busca de satisfação, de diminuir a infelicidade, pode também causar mal-estar e desprazer por engordar. Saúde na energia física para o trabalho. O ambiente escuro de Londres me deprimiu, gerou anemia profunda e problemas ginecológicos. Saúde tem a ver com a felicidade e prazer, minha mãe é testemunha. Pensar negativo, deprimir-se por perdas gera doença, pensar mais positivo gera saúde, até cura doenças. É sentir-se bem, fazer e comer o que gosta, isso dá prazer e felicidade, respeitando os direitos dos outros, sem ofender os outros. Para ter saúde é preciso ter tranqüilidade íntima, eu ainda não alcancei essa felicidade, tem muita coisa pra me trabalhar.

A relação que essa população de semelhantes faz entre a dimensão felicidade-prazer e a saúde mostra que tal relação é um conceito do momento de vida da pessoa. Saúde é um termo bem mais claro para aquelas pessoas que estão sofrendo dor ou que já sofreram por alguma patologia. A maioria dos sujeitos que conseguiu fazer uma síntese da relação de sua vida de felicidade-prazer com sua saúde, o fez a partir de lembranças, de associação, de momentos de doenças em si próprio e em outros seres humanos.

As pontuações apresentadas neste quadro reforçam e transcendem o que já foi colocado na revisão da literatura (Capítulo 4), no que se refere à dimensão Felicidade-Prazer no processo de viver e sua relação com situações de saúde-doença. Mas aqui vale reforçar a subjetividade deste conceito e sua inserção na história de vida do sujeito.

Outro aspecto que se observou nesta população é a relação do prazer com a felicidade; para alguns sujeitos do estudo foi difícil separar prazer de felicidade e vice-versa. A saúde como estar feliz, prazeroso, consigo próprio, mas, em especial, com o coletivo, em um dado ambiente, incluindo a natureza, no cotidiano ou transpondo esse cotidiano.

9 A FELICIDADE-PRAZER NO PROCESSO DE VIVER SAUDÁVEL: Das Reflexões às Sínteses

9.1 A Tragédia de Giovano na Busca do Santo Graal

Através de um *insight*, dirigindo o carro, ao descer o morro da Lagoa da Conceição, me vieram à mente imagens de diversos conjuntos de figuras entrelaçadas. Eram cartas do tarô. Imediatamente percebi que cada conjunto representava a construção da vida dos personagens do estudo. Ver dados sobre Tarô no item 7.1.2.

Essas imagens eram os **Arquétipos**. Há tantos arquétipos quantas situações típicas houver na vida. Exemplos de situações arquetípicas são as de nascimento e morte, de casamento, laços entre mãe e filho, lutas heróicas, relacionamentos e conflitos levantados nas tragédias gregas, nos mitos ou nas peças teatrais modernas. O sábio ancião, a criança divina, a mãe toda doação, o pai patriarca, a tentadora, o impostor e assim todas as figuras simbólicas repetidas em sonhos, na literatura e nas religiões (Bolen, 1988).

Essa descoberta, segundo Jung (1987), significa caracterizar duas camadas no inconsciente: a pessoal e a impessoal ou suprapessoal. Essa última, o autor denomina de **Inconsciente Coletivo**. O conteúdo do inconsciente coletivo pode ser encontrado em toda a parte: são os arquétipos. Isto se dá pela repetição infinita de certos padrões da vida. É assim caracterizado por imagens primordiais, significando as formas mais antigas e universais da imaginação humana que fazem parte de nossa constituição psíquica. É universal e congênita.

Quando numa determinada situação, o nível arquetípico do inconsciente coletivo for atingido, haverá uma intensidade, assim como uma tendência para a expressão simbólica (Bolen, 1988). São mitos, representações espontâneas vindas do inconsciente, representando, de forma alegórica, os arquétipos (Johnson, 1987).

O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as

mesmas idéias míticas, se não as mesmas, pelo menos parecidas. Parece, portanto, diz Jung, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a idéia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico. Sendo assim, é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição de ações subjetivas.

Jung (1987), coloca que há milênios o cérebro humano está impregnado de imagens, que jazem no inconsciente de todos, à disposição de qualquer um, apenas aguardando certas condições para vir à tona. Os maiores e melhores pensamentos da Humanidade são moldados sobre imagens primordiais.

Percebi que, a partir daquele *insight*, passei a ter outro recurso para compreender, em síntese, o processo de viver individual e coletivo dos sujeitos do estudo. Lembrando das vidas que havia categorizado, visualizei mentalmente que vários daqueles conjuntos de cartas – arquétipos – eram processos de viver que correspondiam a um dos mitos da Humanidade: o Mito do Santo Graal ou o Mito de Parsifal.

Um mito está para a Humanidade em geral assim como o sonho está para o indivíduo. Uma pessoa que consiga desvendar seus sonhos pode conhecer-se melhor; uma pessoa que compreende o significado intrínseco de um mito está em ligação com as indagações espirituais que a vida propõe (Johnson, 1987).

O Mito do Santo Graal, ou o Mito de Parsifal, como também é conhecido, segundo Johnson, é o mais recente mito do homem ocidental. Tendo origem em temas antigos, pagãos e cristãos, este mito tomou forma na Europa entre os Séculos XII e XIII. A história se passa na época do Rei Arthur e sua Távola Redonda. Parsifal é um jovem, um dos vinte e quatro cavaleiros que partem em busca do Santo Graal, o Cálice Sagrado.

Existem várias versões da lenda. Vou me basear naquela de autoria de Chrétien de Troyes, um poema, apresentada e discutida por Johnson (1987) através do conceito de individuação segundo Jung.

Jung entende que toda pessoa tem seu processo de individuação. Ou seja: a pessoa vai se tornando progressivamente, durante toda a vida, o ser pleno, unificado, tal como almejado por Deus⁸. Esse processo de individuação envolve a

⁸ Existem arquétipos de demônios e de deuses. Todos os homens, exceto alguns espécimes recentes do “homo occidentalis”, particularmente dotados de inteligência, super-homens, cujo Deus “está morto” – razão

pessoa em problemas psicológicos e espirituais. A meta desse processo que leva ao ser total não é a perfeição, mas sim a plenitude .

Nossa lenda começa com o Castelo de Graal que está em sérias dificuldades. A propriedade está em ruínas porque o rei está doente. Este, chamado de Fisher King, quando adolescente teve um ferimento de queimadura ao tocar num salmão que estava assando num espeto. O simbolismo dessa passagem mostra o primeiro acontecimento na psicologia de um homem. Ele não estava preparado para essa experiência.

Todos os homens são Fisher King . Todo o menino esbarra ingenuamente, alguma vez, em algo muito grande para ele. Com o objetivo ainda por alcançar, vê que não pode suportá-lo e se desestrutura. É doloroso observar um rapaz dar-se conta de que o mundo não é só feito de alegria e felicidade, e ver a desintegração de seu encanto infantil, de sua fé e otimismo.

A ferida de Fisher King pode coincidir com um acontecimento definido como injustiça, por exemplo, como o caso de alguém que é acusado de algo que não fez.

Fisher King governa o Castelo de Graal, onde o Santo Graal – cálice da última ceia – é guardado. Mas o rei não pode tocá-lo por causa de seus ferimentos, nem pode ser alimentado por ele. Apesar de estar ali mesmo em seu castelo, é um rei triste. Somente os momentos de pescaria diminuem a sua dor.

Vivemos uma das épocas mais ricas que a Humanidade já presenciou. Temos mais hoje do que qualquer povo já teve anteriormente, mas somos criaturas infelizes, somos verdadeiros Fisher Kings.

Quantas vezes as mulheres já não disseram para seus maridos: "veja todas as coisas boas que você tem! Por que é que você não pode ser feliz?" Seria como se dissesse: "O Graal está a seu alcance. Por que é que você não pode ser feliz?"

E mais um sofrimento soma-se a sua dor, porque a felicidade está a seu alcance, mas ele não pode tocá-la. O fato de ter todas as coisas o poderiam fazer

por que eles mesmos se transformam em deuses, isto é, deuses enlatados, com crânios de paredes espessas e coração frio. Nosso intelecto sabe perfeitamente que não tem capacidade para pensar Deus e muito menos imaginar que ele existe realmente e como ele é. A questão da existência de Deus não tem resposta possível. Mas, o "consensus gentium" (o consenso dos povos) fala dos deuses há milênios e por milênios ainda falará. (Jung, 1990, p.63).

feliz não adianta, porque elas não cicatrizam as feridas de Fisher King e ele sofre justamente pela sua incapacidade de tocar as coisas boas, a felicidade que tem ao seu alcance.

Para um homem realmente curar-se, é necessário que ele permita a entrada em sua consciência de um elemento inteiramente diferente que o faça mudar. Não poderá ser curado se permanecer no mesmo estado de consciência do velho Fisher King, não importa o que faça.

A lenda diz que somente um bobo, uma pessoa ingênua pode curar o rei. Isso vale dizer que ele precisa daquele lado ingênuo de si próprio. Precisa integrar esse jovem bobo em sua vida para que se dê a cura. Sugere assim que, se um homem pretende curar-se, deverá reencontrar algo dentro de si que tenha a mesma idade e a mesma mentalidade que tinha na época em que foi ferido. É quase como a citação bíblica: “Se um homem não se tornar criança outra vez, não entrará no reino dos céus”.

Surge Parsifal na história. Um adolescente ingênuo que sai de casa na ilusão de ser um grande cavaleiro. Deixa sua mãe, Heart Sorrow (Dor de Coração), triste e preocupada. Antes de ele sair sua mãe lhe dá três conselhos: respeitar donzelas, ir à igreja todos os dias, inclusive se precisar de alimentos, e não fazer perguntas. Ao seguir este último conselho, Parsifal impediu que algo muito importante acontecesse, como veremos mais adiante.

Logo no início da viagem, o jovem Parsifal encontra uma donzela em sua tenda e, achando que estava sendo carinhoso, atira-se nela e a abraça. A moça sente-se insultada, estava ali aguardando seu namorado com um banquete. Parsifal confundiu-se também com isso e se alimenta no banquete pensando ser ali uma igreja.

Também se encontra com cavaleiros. Um deles é o temido, o agressivo Red Knight, cavaleiro da Corte do Rei Arthur. Com este Parsifal luta para tomar-lhe o cavalo e a armadura. E venceu.

A vitória sobre Red Knight pode ser conseguida internamente, externamente, ou em ambas as dimensões. De qualquer forma, o Red Knight representa o estofado viril, forte e masculino de que tanto necessita qualquer garoto. Se o Red Knight for morto “externamente”, então o rapaz adquire a virilidade masculina, por

superar um grande obstáculo. Ao derrotar ou ultrapassar o adversário ao longo de seu caminho, de alguma forma ele adquire o poder do Red Knight. Tal vitória pode consistir em vencer algum tipo de competição, chegar em primeiro lugar, por exemplo. Infelizmente, na maioria das vezes, rapazes em geral conseguem obter sua armadura Red Knight tomando-a de alguém.

Muitas vezes é preciso um grande número de experiências do tipo Red Knight para se obter esse poder. Mas, se um homem não tomar cuidado, poderá passar o resto da vida se comportando como um Red Knight.

Assim, todo o menino, no seu processo para tornar-se adulto, tem de aprender como domar seu lado violento e integrar, em sua personalidade consciente, essa terrível tendência masculina que leva o homem à agressão.

Para o menino tornar-se um verdadeiro homem, precisa trabalhar essa personalidade sombra-Red Knight. Isso não quer dizer reprimi-la. É não deixar seu ego ser vencido pela ira; é reunir e dirigir suas energias masculinas, pondo de lado a covardia e seu desejo de ser sempre protegido pela mãe. Além disso, são muitas as batalhas que um garoto tem de travar para libertar-se do pai ou de um irmão.

Voltemos à história. Nessas andanças Parsifal luta com diversos cavaleiros. Como cavaleiro tinha a tarefa de buscar o Santo Graal para salvar o reino do Fisher King. Para tanto foi-lhe aconselhado que deveria suportar um requisito básico: jamais seduzir uma mulher ou ser por ela seduzido. A segunda recomendação é de que, ao entrar no Castelo do Graal, ele deveria perguntar: “A quem serve o Graal?”

A questão era Parsifal evitar não a mulher carne-osso, mas a sua mulher interior, a “anima”, que no mito chama-se Blanche Fleur. O mito do Graal nos diz que, no relacionamento com seu interior feminino, o homem deve tratar essa mulher em nível de “feeling” (emoção positiva, útil, criativa, de avaliação) e não dos humores, pois assim perde sua capacidade de relacionamento. Qualquer mulher sabe disso, e quando seu homem sucumbe aos humores ela pode desistir de qualquer entendimento por um dia.

Uma das principais características dos humores é que nos roubam inteiramente a sensatez. Nos termos do mito, ao deixar-se seduzir pela anima, as chances de um homem conseguir o Graal desaparecem.

Enfim, Parsifal chega ao Castelo, tem contato com o Graal, mas não faz a

pergunta que deveria fazer. O Castelo desaparece. Parsifal não pode ficar no Castelo porque falhou ao não formular a pergunta. Permaneceu preso à sua mãe

Na verdade, o Castelo de Graal não existe fisicamente, é uma realidade interna, uma experiência da alma. Fica melhor descrito como nível de consciência. É como se um garoto acorda com algo novo dentro de si, um poder, uma percepção, uma força, uma visão: é o Castelo de Graal. A partir dessa experiência ele não será mais o mesmo.

Quando um menino perde tudo isso na primeira experiência forte de sua vida, ele sai à procura do Graal perdido, como um animal rastreando incessantemente sem parada, sem descanso.

Se a experiência for muito forte para o menino, quase pode incapacitá-lo. São os jovens que perambulam por aí parecendo não ter motivação alguma, sem qualquer idéia sobre para onde caminham na vida. Muito comportamento juvenil caracterizado como de “galinho garnizé” pode ser considerado como um desvio da experiência do Castelo de Graal.

O indivíduo sabe que tem de conseguir algo, mas não sabe o quê. É a inquietação de sábado à noite que um jovem sente. Tem de alcançar alguma coisa, senão explodirá.

As técnicas atuais de propaganda jogam com essa ânsia do homem. A espantosa voracidade do homem pelas drogas de todo tipo tem parte de suas raízes nessa busca. As drogas parecem ser a fórmula mágica – e fácil – para a sensação de êxtase do Graal. A busca do Graal é uma experiência perigosa, pode até levar o indivíduo a uma experiência psicótica, se vivida em excesso, ou mesmo fora de hora.

“Tragédia“ é um bom termo para designar o que estamos observando: o homem, na busca pelo Graal. É o próprio homem trágico. Este é o próprio homem ocidental . Tragédia é a vida nessa busca.

Quantos homens não fizeram não sei quantas peregrinações a lugares determinados onde o Castelo de Graal lhes surgiu na juventude! Quantos homens voltaram aos locais de infância, pensando que tem algo a ver com o Graal !

Há quem interprete o mito como sendo a guerra entre a violência masculina e o elemento redentor feminino, mas ambos são conduzidos a um equilíbrio no

final do mito, na forma do Rei do Graal. De fato Parsifal oscila entre um masculino empunhar de espada e uma ânsia feminina de achar o Graal. Essas duas tendências se entrecruzam com frequência. No Castelo, a espada que verte sangue e o Graal são guardados juntos.

Isso representa a unificação da agressividade masculina com a alma do homem, que procura sempre por amor e união. A não ser que essas duas características possam ser equilibradas, provocam grandes conflitos interiores.

Assim Parsifal deixou o Castelo para trás. No caminho de volta encontrou uma jovem triste – já sua conhecida – com seu namorado morto nos braços. A jovem culpa Parsifal por tudo de ruim que estava acontecendo no reino, em razão de ele não ter feito a pergunta que deveria ter feito.

Parsifal ainda passa por muitas aventuras, chegando a ser considerado na Corte do Rei Arthur como o maior cavaleiro de todos os tempos. Mas a situação do reino continua lastimável. E todos culpam Parsifal.

Algumas versões dizem que Parsifal viajou por cinco anos; outras vinte. Acontece-lhe de tudo nessas viagens. Nessas experiências o jovem torna-se amargo, mais desiludido, cada vez mais duro. Cada vez mais distante de Blanche Fleur, a sua consciência feminina. Esquece-se do porquê de empunhar uma espada, vence cavaleiros a torto e a direito sem saber a razão, cada vez sentindo menos alegria dentro de si.

Um dia Parsifal encontra peregrinos que lhe perguntam “por que cavalgas assim como um raio numa Sexta-Feira Santa?” Nesse momento Parsifal lembra da igreja e resolve acompanhar os peregrinos que estavam indo ao encontro de um eremita para as confissões de Sexta-Feira Santa.

O eremita é a representação do lado introvertido da herança masculina. Quando as manifestações do indivíduo se derem só no sentido da extroversão, um dia ele vai perceber que elas não foram úteis e não levaram à resolução de seus conflitos. O aumento de sua fortuna, ou uma segunda esposa, ou ainda qualquer outra atividade exterior que ele persiga, nada o levará a solucioná-los. Aí volta-se para o eremita interior, aquele que mora numa casinha na floresta, e é lá que vai buscar a força ou o poder de que tanto necessita.

O eremita também representa um caminho alternativo para o menino, em

vez do confronto direto com o Red Knight, que é o caminho mais comum, pois é o que lhe permite ganhar força e brandir a espada.

Parsifal encontra-se com o eremita e este põe-se a recitar a longa lista das suas faltas, mas de um modo ameno, sem repreensão. Diz-lhe que a causa de tudo estaria no seu relacionamento com sua mãe, pois não conseguira conduzir-se corretamente com ela, apesar de seguir servilmente os seus conselhos. Isso o impedira de livrar o Castelo do encantamento. O Eremita dá-lhe absolvição e diz-lhe que volte imediatamente ao Castelo. Parsifal, agora, parece ser capaz de ir lá pela segunda vez.

Segundo Johnson (1987), aqui o grande poema francês termina, seja porque o autor tenha morrido, seja porque, por alguma razão, tenha sido interrompido. As opiniões divergem. Johnson acredita que o autor parou deliberadamente aí, por nada mais haver a dizer. E, em muitos sentidos, ele parou exatamente onde nos encontramos também.

Alguns autores tentaram concluir o mito, seguindo o poema de Chrétien Troyes, mas nenhum final é satisfatório, convincente. Deve ser, segundo Johnson, porque o mito não evoluiu em nossos espíritos além do ponto no qual parou o poema francês.

Bem, aqui deixo Johnson. Vou me aliar ao rol daqueles autores que tentaram concluir o mito. Através da simbologia do tarô, vou representar o processo de viver de um dos sujeitos do estudo. Pretendo com seus arquétipos fazer uma síntese, pela qual possamos vislumbrar possíveis respostas para dar andamento ao mito.

Não quero de forma alguma chegar a uma conclusão, estaria matando o personagem e negando a dinâmica, a dialética da vida. O que pretendo é concretizar essa lenda com uma história de vida real e seus possíveis encaminhamentos nesse momento da vida..

Essa técnica de “Concretização de Abstrações” foi criada por ocasião do Estudo Participante que fiz com famílias de Florianópolis, enquanto dissertação de mestrado. Ao final da descrição do processo de viver de uma das famílias, representei esse processo conforme o conceito abstrato de “Família” inserido no Referencial que havia elaborado para o estudo (Patrício, 1990a).

Agora, neste estudo, pretendo representar uma vida real através do Mito do

Graal, uma tragédia real, com a utilização de outros arquétipos, outro referencial, que possam auxiliar a desvendar os possíveis finais desse mito.

Nossa história se passa no Séc. XX, na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, Brasil. Nosso personagem principal chama-se Giovano.

Hoje Giovano tem 32 anos – aparenta ter vinte. Já foi um menino. Nascido em berço esplêndido, filho de família de classe média alta. Quando criança, Giovano residia com a família, cujo pai fazia o papel de uma figura patriarcal forte. Era ele quem decidia a vida de Giovano. Sua mãe o orientava sobre a vida, lhe protegia.

Na infância seus momentos de felicidade-prazer eram representados por brincar, correr. Suas tristezas e infelicidades nessa época eram em razão das atitudes que seu pai tinha em relação a ele: “Tinha que ser do jeito que o pai queria, eu tirava dez na escola só porque o pai queria que assim fosse, a relação com ele não era boa. Mas eu amo meu pai”.

Na adolescência seus momentos de grande felicidade-prazer eram os “prazeres constantes no convívio com mulheres, elas me viravam a cabeça. Outra coisa que me fazia muito feliz era o esporte, ganhar as competições, eu era um campeão”.

Nesse período as infelicidades e desprazeres eram “as ressacas do outro dia. Eu bebia muito. Bebia porque era tímido, tinha que beber para poder sair de casa. Eu me divertia muito. Comecei a beber com 14 anos. Tive cirrose, precisei fazer tratamento em uma clínica em outro estado. Eu bebia e me envolvia em brigas, briguei muito, sempre em situações de injustiça. Eu era muito forte”.

Na vida adulta, até os vinte e nove anos, Giovano continuou mantendo os mesmos padrões da vida adolescente, com exceção do trabalho. Montou uma empresa com ajuda de seu pai e passou a cursar a universidade. Nessa época, para ele, ser feliz, ter prazer, era “ter mais, cada vez mais, coisas e mulheres... eu era muito ambicioso”. Seu desprazer e infelicidade, nesse período, continuou sendo o que havia na adolescência, acrescentado a outro aspecto: “Eu bebia muito e brigava. Costumava entrar nas brigas dos outros e sempre ia para o lado do mais fraco, a minha agressividade sempre foi pró-justiça. Dei entrada em delegacia por esse motivo. Outro grande motivo de minha infelicidade nesse período foi pelo

Plano Collor, acabou com meu trabalho, foi horrível”.

Então, aos vinte e nove anos aconteceu algo que mudou a vida de Giovano. Começou o ponto de mutação mais importante de sua vida, até aquele momento.

Num sábado à noite, Giovano estava com seus humores à flor da pele. Discutiu com a esposa e saiu para a noite em busca de algo melhor, deixando-a chorando em casa. No caminho vários encontros, bebidas, bebidas... outros encontros. Até que parou num dos bairros de vida noturna das mais movimentadas da cidade. Lá ele foi encontrado pedindo socorro com um profundo corte na cabeça proveniente de uma garrafada, próximo dali foi encontrado o corpo de um travesti, morto por esfaqueamento: “Eu não matei, eu parei pra vomitar. (...) Aquele sangue na camisa era da minha cabeça, eu paguei peritos de Porto Alegre para virem aqui examinar mas ...”.

Hoje com trinta e dois anos, Giovano reside na Penitenciária de Florianópolis. Já cumpriu três dos quinze anos da pena a que foi condenado. Esse período podemos dividir em dois períodos distintos de sua vida enquanto presidiário.

No primeiro período, compreendido pelos dois primeiros anos, não existiram, para Giovano, momentos de felicidade-prazer. Sua vida foi basicamente de infelicidade e desprazer: “Eu chorava muito. Era muito sofrimento. Estava muito revoltado por ter sido preso por um crime que eu não tinha cometido. Era muita injustiça. Eu chorava muito também porque me dei conta do que eu tinha na vida e não valorizava. Foi muito sofrido esse momento. Já perdi vinte quilos de massa muscular... Minha filha tem três anos, eu estou aqui há três anos. Pensei muito sobre minha vida: tinha uma família bonita; minha esposa é linda, já ganhou até concurso de beleza. Minha carreira no esporte estava indo bem.... O que é que eu queria mais? Tudo isso piorou ainda mais porque eu fiquei com muita sede de vingança, eu só pensava em vingança. Meu advogado deixou perder a causa para poder se aproveitar de um cargo importante no Estado. Ele me traiu, ele tinha a causa ganha, mas foi ambicioso, só pensou nele. Eu me sentia abandonado”.

No segundo período da vida de presidiário, Giovano está diferente. Atualmente, Giovano ainda sofre, sente muito por estar afastado da família, da filha, mas tem sido feliz: “Tenho recebido a visita de minha família. Minha esposa ganhou o concurso de a mulher mais linda que visita o presídio, isso me deixa

feliz. Saber que posso contar com a família me deixa feliz. Agora a grande felicidade se deu porque houve meu encontro com Deus. Ele me confortou. Ele me fez ver o que eu tinha e não valorizava. Encontrei as respostas na Bíblia através de um pastor que visita a prisão. Estou aliviado da necessidade de vingança por causa desse encontro com Deus. Agora eu sou feliz porque saí do centro e coloquei Deus. Agora Deus está no centro”.

“A quem serve o Graal?” Giovano fez a pergunta? Ou ele ainda está na fase do eremita? Ouvindo Giovano percebe-se que ele está colocando tudo nas mãos de Deus. Tudo na “Palavra de Deus”.

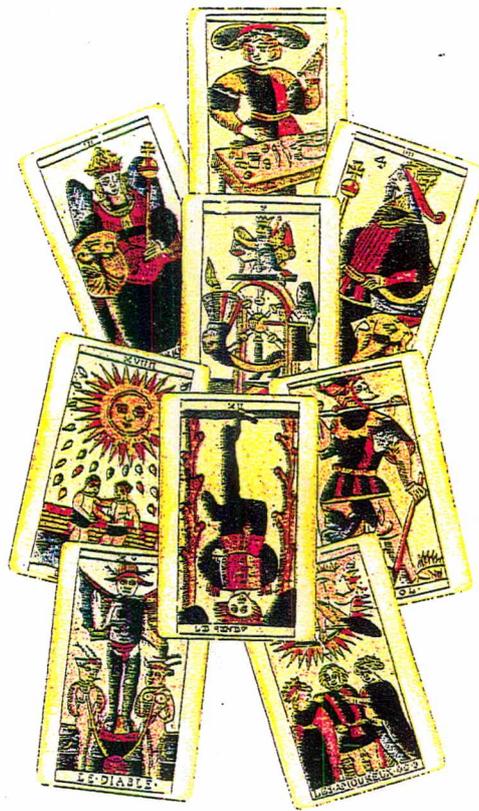
Foi compondo sua vida nas cartas do tarô que cheguei até a representação do mito do Santo Graal. Mas, qual o final dessa história, nesse momento da vida? Acho que ele chegou até a fase do eremita. Mas e depois?

Segundo representação do tarô sua vida foi, sinteticamente, da seguinte forma: Giovano nasceu **Mago**: como toda a criança, nasceu com todas as potencialidades para fazer, para criar, para aprontar na vida. Entrou na **Roda do Destino**, período de mudanças, com possibilidades de altos e baixos, e iniciou seu processo de interação com diferentes pessoas, em especial seus pais, a **Imperatriz** e o **Imperador**, este último com possibilidade de mostrar sua característica de tirano, ditador. Quando brincava, corria com seus amiguinhos, ele era o próprio **Sol**, radiante, em boas relações com os outros, em alegria.

Com a educação, em especial da família, mais especificamente dos pais, tornou-se **Enforcado**, sujeito em sacrifício, passivo, quieto. Mas imediatamente começou a buscar alternativas para fazer essa vida diferente. E passou a representar o **Louco**. A busca da liberdade, da alegria, do prazer, de travas sem limites. É o próprio Dionísio. É o entusiasmo juvenil.

Nesse processo de buscar alegrias, prazeres pela vida afora, ele passou a representar o **Diabo**, figura que representa situação de violência, de paixões desenfreadas, de confusão e de prisão a algo. Nesse período se envolve com a representação dos **Enamorados**, figura que lhe coloca frente a lutas interiores para chegar a decisões de escolha de relacionamentos, de caminhos. Seria como um conflito entre a perfeição e a tentação.(Fig.6)

Figura 6



Seguindo com os arquétipos do tarô: Giovano teve, como resultado desse seu processo de viver, a **Justiça**, carta que representa o próprio nome, mesmo que para Giovano nesse momento tenha sido negativa. Com isso ele passou a representar e a sentir o **Enforcado**, ainda mais associado à carta da **Lua**, representação das coisas escondidas, obscuras, além de traições. Mas, também, das intuições.

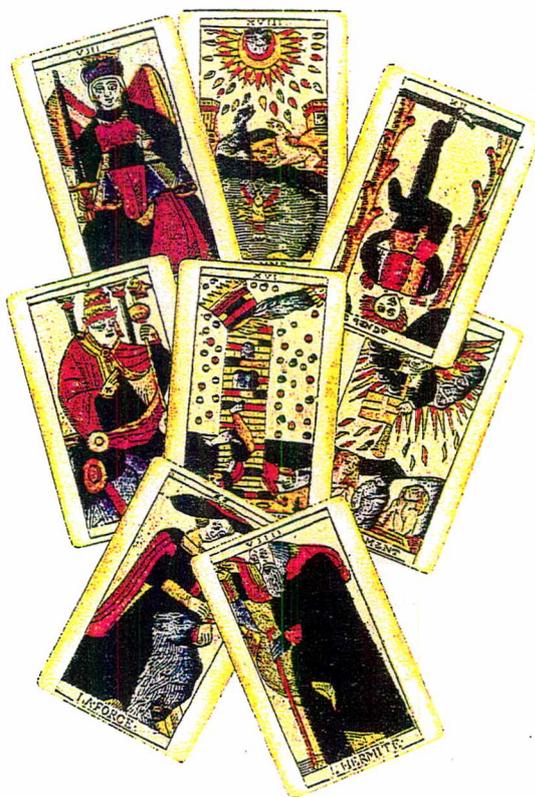
Então começou a catarse, inclusive com a participação do **Julgamento**, também conhecida como a carta da “família julgada, triste“. E esta representa: reavaliações, necessidade de perdoar e pedir perdão, regeneração.

Há, nessa fase, uma grande modificação na sua vida. Entraram em sua vida novos valores, uma nova ética, uma nova estética de existir. Aqui, nesse momento, também a carta da **Torre** foi, e está sendo importante. Através dela Giovano está rompendo com diversos padrões, que o está ajudando a libertar-se.

Com a mediação de um eremita, Giovano tem transformado sua vida radicalmente. Tem passado por um processo de **Morte**. Nesse momento ele também está se caracterizando mais como um **Eremita**. Afastou-se mais do mundo. Está tendo mais prudência e aproveitando as experiências para repensar, para começar de novo, para aperfeiçoar seu desenvolvimento espiritual. Isto porque sua vida,

nesses últimos meses, foi tomada pelas significações dos arquétipos das cartas da **Força** e do **Papa**. (Fig. 7)

Figura 7



Neste período da vida, Giovano, conforme significado desses arquétipos, está pela **Força** sofrendo uma transformação, mas é uma força racional, através de uma luta entre o bem e o mal, das forças espirituais contra a matéria; é o domínio pela força da coragem, do fervor, pela convicção e pela energia, com determinação para superar tentações. Ele está aprendendo a dominar o seu leão interior. Aliado a esse arquétipo, Giovano também está representando o **Papa**. Através dele, Giovano está ampliando sua consciência, pelo questionamento sobre o dever, sobre a moralidade das coisas; está tendo possibilidade de abertura para uma vida religiosa, para se aliar a um líder religioso ou espiritual. Está se possibilitando, decidir seus caminhos, seu presente e seu futuro. Mesmo que seja em Deus.

Segundo ele, ainda precisa romper com alguns padrões que ainda o estão impedindo de se libertar espiritualmente das coisas do passado.

Mas, e agora? Daqui por diante? Qual será o arquétipo que Giovano representará? Tornar-se-á de fato um **Eremita**?

Entendo que as perdas e danos, que teve em razão do seu aprisionamento

atual, de certa forma estão sendo compensadas pelo seu ganho espiritual. É algo que ele não só verbaliza mas que expressa em seu corpo, nas suas energias. Incrível a paz que aquele rapaz transmite. Tão logo o cumprimentei no primeiro momento de interação, tive o impulso de lhe pedir licença para sair. Precisava lavar minhas mãos antes de começar a interagir mais próximo dele. Senti que eu estava carregada – contaminada – de energias negativas das interações com os detentos dos encontros anteriores.

Entretanto, não consigo aceitar o radicalismo que costuma se expressar nessas situações. Lembrei-me de jovens que costumam participar de nossas Oficinas de Saúde. Há um número deles que, sempre que se dispõe a largar as drogas, acabam indo para outro extremo. Esses jovens aliam-se a uma seita religiosa que os impedem de viver uma vida comum. Como se não fosse possível largar as drogas e continuar vivendo com Deus e os outros seres do mundo.

Giovano me faz pensar mais ainda esse evento e considerar que a “palavra de Deus” deixa as pessoas isoladas da realidade. Será que não é possível essa relação com Deus ser mais flexível? Por que Giovano precisa se alienar e até deixar de lutar pelos seus direitos?

Será que é isso que está acontecendo com a camada de nossa população inserida nessas seitas? Sendo assim, a cidadania continuará ficando no discurso, satisfazendo segundos interesses. Aqueles que preferem as pessoas passivas, não participantes do processo político da casa, da rua, do Estado.

Eu desejo, através dos arquétipos, um final para esse novo período da vida de Giovano. Que ele consiga, através da **Morte**, fazer uma síntese através da **Temperança**, ser mais sereno, tornar-se mais flexível, unir opostos – feminino e masculino – ter mais paciência, gerar harmonia, mais disciplina, espiritualidade e sociabilidade. Quem sabe, assim, poderia resgatar sua criança, ser novamente um **Mago**, iniciar tudo outra vez, mas diferente. Ser um **Louco** outra vez, mas sem se destruir, de maneira que possa encontrar-se em seus arquétipos individuais e coletivos, de Sol, Imperador, Imperatriz, Lua, Força... mas de forma mais saudável. (Fig. 8)

Figura 8



O **Louco** é o andarilho mais poderoso de todos os trunfos (cartas) do Tarô. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com suas travessuras. Seu vigor atravessou os séculos, onde ele sobrevive em nossas modernas cartas. Ele é o Coringa.

Sallie Nichols (1991), analisando as cartas do Tarô à luz de estudos de Jung sobre seus arquétipos, caracteriza o Louco como um Salvador em potencial. Um delicioso jovem parecendo um andrógino, combinando qualidades femininas com masculinas numa mistura feliz. Tem a cabeça envolta em sonhos nebulosos de um mundo perfeito, livre de todo o infortúnio, e seu coração anseia por amores e aventuras. Parece tão ingênuo como Parsifal. Segundo Nichols, à semelhança de Parsifal, o Louco não tem a menor noção da pergunta que deve fazer à vida, nem mesmo de que seja necessário fazer-lhe alguma pergunta. Como acontece com Parsifal, a conexão do Louco com seu lado intuitivo tem o poder não só de salvá-lo, mas de salvar toda a Humanidade também. Como todo o Louco, ele foi tocado pela mão de Deus (Nichols, 1991, p.51).

De fato, Giovano, como qualquer jovem sadio em situação de aprisionamento, de pressão da família, da escola, ou da sociedade, deveria tentar se libertar.

Ser ele mesmo. Mas a forma que Giovano usou não foi saudável. É preciso saber incorporar o **Louco**.

Segundo Jung (1987), esses períodos na vida de um jovem podem ser caracterizados como conflitos entre a natureza e a cultura. Como é sabido, diz o autor, o processo cultural consiste na repressão progressiva do que há de animal no homem; é um processo de domesticação que não pode ser levado a efeito sem que, de uma forma ou de outra, se insurja a natureza animal, sedenta de liberdade.

Sem dúvida, toda a infância-adolescência se dá num dado contexto sócio-cultural-afetivo. Para se compreender a adolescência é preciso compreender o contexto onde ela se desenvolve (Patrício, 1990a; Patrício; Boreinstein; Elsen, 1991). Dependendo de como se dão as relações, esse período da vida pode ser o mais feliz quanto o mais infeliz. Esse ser vai assim pela vida afora, até conseguir se libertar e se achar novamente.

Em pesquisa que realizamos com adolescentes de Florianópolis, oriundos de famílias de classes sociais diferentes, encontramos definições de adolescente e adolescência que representam características universais desse período da vida e também de aspectos culturais predominantes. O arquétipo do Louco e suas variações é o mais presente.

Para esse grupo de jovens, adolescência significa:

Uma fase da vida; é um caminho para a vida adulta, no qual ocorrem várias transformações e problemas, um caminho grande que tem que ser percorrido cheio de obstáculos a serem quebrados, a serem alcançados. É a fase mais marcante da vida. Envolve brincadeiras e responsabilidades, é envolvente, curiosa e sadia. É até difícil definir, mas é não ligar para como nossos pais vivem, é mudar isso. É mais duro que os outros imaginam, é mais fácil do que imaginamos. É saber aproveitar oportunidades, mostrando suas capacidades e vontade de descobrir coisas novas; época para explorar novas emoções e sentimentos. É o máximo! É gozar das coisas boas da vida sem ter muito com que se preocupar. Adolescência são novas experiências, novos conhecimentos e descobertas. É uma verdadeira revolução. O adolescente é uma pessoa que ainda não perdeu a inocência por completo, já tem consciência do mundo, porém, acha que pode mudá-lo – por isso é inocente. Ser adolescente é poder formar uma nova geração para não ser igual à geração passada; é viver sem preconceitos ou outras coisas que os adultos se preocupam. É a melhor idade porque é a mistura de criança com adulto. Ser adolescente é poder criar suas próprias experiências, seguir novas tendências, opor-se a idéias absurdas da geração passada, trilhar obscuros caminhos, odiar tesouras e amar cada fio de seus cabelos, nadar, transar na praia, olhar para a lua e saber onde fica o abrigo nuclear mais próximo para se refugiar quando chegar o fim.

Quando questionados sobre o que mais lhes incomodava naquele momento da vida, os jovens responderam sobre aspectos individuais e coletivos, como:

...a minha vida; as pessoas falarem coisas que eu não fiz; críticas, reclamações; ser tratado como animal; broncas; não ter o que preciso, roupas; não ter um quarto próprio para escutar música; situação política do país; ver os outros adolescentes passando fome; preocupação com o futuro do planeta.

Quanto às suas necessidades e de outros adolescentes, praticamente a maioria das respostas envolvia aspectos de liberdade e de justiça social:

Liberdade e amor; vida normal, tranqüila e agitada; ser livre, querer coisas novas, estar na moda; ter liberdade, saúde e carinho da família; ser respeitado, namorar, sair à noite, e, para alguns babacas, usar drogas; oportunidade de trabalho e educação; proteção; é aproveitar o tempo, se divertir, praticar esportes; que os pais procurassem nos entender, conversar mais, serem amigos, confiar e não fazer perguntas demais; de qualquer ser humano normal; obedecer as ordens da vida.

Além disso, os jovens disseram como gostariam de ser cuidados:

Não como criança e nem como adulto; com conversas abertas e informativas; com entendimento e menos cobrança; com atenção especial; com direito de expressão; com liberdade e diversão; com respeito e dignidade, amor, carinho; como eu sou momento, com liberdade; como se fosse o futuro do planeta.

Quem não gosta desses Loucos maravilhosos! Pena é que se tornam adultos. A maioria deles sai por aí re-produzindo, ainda aprisionados e feridos, ainda impossibilitados de ser.

Mas a necessidade de liberdade pode começar a qualquer hora. Num dado momento tomamos consciência de nossa existência como algo de muito precioso. Segundo Johnson (1987), e aí, inevitavelmente, nos surpreendemos perguntando a nós mesmos: “Qual a razão de todas as coisas? Para que é que vivemos?”

Se você chegou a este ponto, diz Johnson, talvez seja o momento de esquecer as lamentações do Fisher King e deixar que a natureza-Parsifal o impulsione para o destino grandioso. O Mito do Graal preservou através dos séculos um conhecimento precioso acerca do significado da vida. Se você quiser entender isso, deverá retomar o mito onde ele se encontra, dentro de você (Johnson, 1987).

Nesse momento, me vêm à mente os sujeitos do estudo. As imagens são de várias crianças aprisionadas, maltratadas integralmente por familiares, professores,

enfim adultos.

Esses sujeitos são, nada mais, nada menos que Fisher Kings. Nem conseguiram curar suas próprias feridas, nem conseguiram resgatar suas crianças, e querem fazer, e fazem crianças, e moldam crianças. Isso é de uma tristeza muito grande.

Volto no tempo de suas histórias, e vejo imagens de seus pais: outros Fisher Kings. Eles só reproduziram o que receberam!

“Quando olho à minha volta, vejo que a maioria das pessoas jamais teve vontade própria, ou verdadeiramente criou o seu próprio caminho” (Davis, 1993, p.15).

A realidade de várias vidas pontuadas nesse estudo, e de tantas outras que podemos lembrar nesse momento, validam o conceito de **Ser Humano** e de **Família** do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico. Todo o Ser Humano nasce com possibilidades (recursos) e limitações. Uma de suas grandes possibilidades é a família, mas esta também pode tornar-se sua grande limitação no seu processo de crescer-desenvolver saudável (Patricio, 1990a).

Nossos trabalhos de ensino pesquisa-extensão no Núcleo TRANSCRIAR desde 1987 com famílias, bem como estudos de Elsen (1994), têm mostrado esse lado da família.

Segundo Durhan apud Patricio (1990a), a família vem sendo objeto de críticas de alguns segmentos da sociedade. Alguns têm denunciado a família nos seus aspectos repressivos, ressaltando seu papel de instrumento de dominação dos homens sobre mulheres e dos adultos sobre os jovens.

*Entende-se que é dentro dessa realidade, desse conceito de família, que precisa estar voltada nossa prática. Saber conviver com os indivíduos na contradição da **Família como recurso e como limitação**. E compreender que essas características são geradas pelos próprios homens, pela elaboração de seus conceitos de vida, a partir de seus sentimentos e do contexto sócio cultural em que vivem. Compreender, também, que cada família é um fenômeno à parte. Assim como cada ser humano é único, cada família também o é (Patricio, 1990a, p.221).*

Poucas famílias, pais em especial, dos sujeitos do estudo, se deram conta dessa questão. Suas consciências ainda não foram mexidas. O arquétipo da carta do Julgamento – a família – ainda não se fez presente em suas vidas. Aliás, gostaria de informar que a carta do Julgamento está com frequência, nas colocações que

faço para os amigos, quase sempre em situação de limite. Ela é sempre um desafio a transpor para satisfação da pessoa que consulta.

É preciso ajudar as famílias, os pais – mãe e pai – em especial, a gerar a criança, a parir essa criança para a vida biológica. Mas, não podemos esquecer, e talvez seja o mais importante, que precisamos auxiliá-los a cuidar da criança para que possa nascer existencialmente. É preciso ser, para poder fazer, ter, estar... .

É preciso cultivar a vida. Tal como se faz com a planta. Naturalmente que precisa ser podada de vez em quando, mas que seja em harmonia com a época, de forma que promova um desenvolvimento mais viçoso.

Neste sentido, estaremos abordando a família, os adultos, compreendendo que estes podem ser não somente recursos, mas também empecilhos à libertação individual e ao pleno desenvolvimento da pessoa .

Hoje eu ampliaria mais essa compreensão de “desenvolvimento” e diria que a família pode ser um empecilho à possibilidade de o ser humano **transcender o nascimento biológico**, isto vale dizer não apenas reproduzir, mas recriar, transformar, **ética e esteticamente** falando.

Isto vale dizer que, nessas interações, não está acontecendo o evento **Transdisciplinar: a construção fundamentada na compreensão da dinâmica transcultural e transpessoal, pois que a família, enquanto saber-fazer popular, é uma disciplina**. Uma transdisciplinaridade não existe por si só. Os indivíduos fazem acontecer.

O que é TRANS-Pessoal-Cultural? É aquele toque, aquela criação, aquela síntese particular que se deu da interação entre crenças, valores, sentimentos, conhecimentos, energias... Numa fórmula, seria o resultante da interação de dois ou mais elementos.

INTERdisciplinar, intersubjetivo? São apenas, ainda, relações comuns, não necessariamente uma nova construção comum (Patricio, 1993b). É uma necessidade premente nos serviços de saúde e desenvolvimento social, em especial junto a famílias, pois somente após a conquista dessa relação é que podemos chegar à transdisciplinaridade (Lisboa, Patricio, 1994).

Outra dimensão da vida da criança-adolescente que tem reproduzido essas limitações no processo de viver dessa população é a escola. Afinal seus adultos são

também Fisher Kings; também são frutos daquela família, de sociedade que trata os jovens como vazios, dependentes da vontade e da sabedoria do adulto. Nada se recria tudo se copia. Temos de mudar esses arquétipos! É só deixar: os jovens têm muito para nos ensinar.

Para encerrar essa síntese-reflexiva, lembremos de Moraes e Dias apud Patrício (1992c) ao discutir sobre a existência humana. Segundo esses autores, o ser humano passa por duas experiências de nascimento. A primeira é o nascimento biológico. Este se dá através da passagem da placenta materna para a placenta social – a família, adotiva ou não, instituições do estado, grupos pares. Por essa experiência a criança é lançada num futuro, num projeto de SER não autenticamente dela, mas das pessoas que a cercam. Sendo assim, ela, a criança, participa de certa forma alienada desse projeto. Se assim continuar pela vida, essa pessoa não nascerá existencialmente.

Nascer existencialmente é a segunda experiência de nascimento do ser humano. Normalmente ocorre na adolescência. É o momento de ruptura. De descobrimento do que os outros fizeram de nós, e passamos a lidar com isto, posicionando-nos frente à vida e escolhendo o que desejamos. Não mais de forma alienada, mas reconhecendo-nos como sujeitos da própria história. Isto é ser saudável.

A família, ou qualquer outro representante adulto envolvido nesse processo, reage compreendendo ou não esse momento crucial da vida do jovem. Se aceitar e viabilizar a nova criatura, esta tranqüilamente **nascerá existencialmente**: elegerá um projeto e se lançará nele confirmado pelos adultos.

Há pessoas que vivem e morrem sem nunca terem nascido existencialmente. Ou fazem dos projetos dos outros o seu próprio projeto, ou vivem estratégias como as drogas, incluindo o álcool, o trabalho, diversão, etc., para suportarem continuar vivendo.

Acredito que haja, além desses dois nascimentos, um terceiro nascimento social. Fundamentada no conhecimento de tantas vidas, bem como no convívio com várias destas, percebo que as pessoas que não passaram pela segunda experiência de nascimento mantêm-se buscando ser, vestidos cronicamente de arquétipos narcisos, egoístas, oportunistas, sedutores, ou de suicidas e delinquentes. Não conseguem passar pelo terceiro nascimento, que é o que denomino de **nascimento**

coletivo. Aquele de sentido ético e estético. Aquele que nos faz pertencer ao universo, que nos possibilita interagir nossas vidas biológico-existenciais com o todo.

Esse parto depende muito das mexidas na consciência que podemos nos possibilitar. Basta estar com os outros, com o mundo, com a natureza, de razão e coração abertos. É essa a posição ginecológica para nascermos coletivamente.

E aí, precisamos, como o próprio referencial deste estudo indica, mexer nas nossas questões do corpo inteiro individual, sua irracionalidade & racionalidade individual. Jung (1990) diz que a consciência precisa da razão para descobrir uma ordem no caos do universo dos casos individuais para depois também criá-la no coletivo. Segundo o autor, fazemos o esforço louvável e útil de extirpar na medida do possível o caos da irracionalidade dentro e fora de nós. Ao que tudo indica, já estamos bastante avançados neste processo. Para ilustrar, o autor conta que um doente mental certa vez lhe disse: “Dr., hoje à noite desinfetei o céu inteiro com cloreto mercúrico, mas não descobri deus nenhum”.

Sempre que o inconsciente coletivo se encarna na vivência e se casa com a consciência da época, ocorre um ato criador que concerne a toda a época; a obra é, então, no sentido mais profundo, uma mensagem dirigida a todos os contemporâneos (Jung, 1991, p.86).

A Sala de Parto está Pronta!

9.2 Os Momentos de Síntese: Do Êxtase à Reflexão

Durante o processo de síntese, quero dizer, quando me mantinha solta, aberta, programada para mensagens além do racional, tive inúmeras oportunidades de vivenciar a possibilidade de perceber e obter respostas de situações emergentes do estudo.

As sínteses ocorriam através de sonhos, *insights* e encontros sincronísticos no cotidiano.

Para testar o processo de síntese fora do tema de tese, fiz um exercício com outra questão. Afinal, queria saber se as coisas que estavam acontecendo não seriam porque eu estava constantemente ligada na tese.

Tinha acabado de assistir a uma reportagem na TV sobre o drama da população e dos profissionais, incluindo pesquisadores do mundo todo, envolvidos com o Ebola. Concentrei-me no problema e desejei sonhar sobre a fonte, sobre o hospedeiro do vírus Ebola.

Sonhei. Sonhei com um animal de cor cinza, semelhante a um rato. Mas no próprio sonho eu discutia comigo mesma que aquele animal não poderia ser um rato, pois era de tamanho diferente, maior, e suas orelhas pareciam largas demais para um rato. Ao acordar comecei a usar a razão – buscando semelhança entre esse animal com outros que conhecia, bem como a relação da mensagem com a realidade. Pensando, pensando, veio-me à mente um conhecimento: há um veneno para ratos que provoca morte por hemorragia. Esse é o principal sintoma de pessoas doentes pelo Ebola.

Então o processo foi intuição-sincronicidade com o fato externo da noite anterior (um problema que pode ser da Humanidade) e, após o exercício mental, cognitivo. Partindo daí passei a refletir várias possibilidades: será que o vírus Ebola foi desenvolvido por algum veneno? Será que ele desenvolve no organismo a mesma reação que o veneno? E o antídoto? E, assim por diante, várias reflexões ocorreram.

Para compreender plenamente o que é um episódio sincronístico é necessário vivenciá-lo pessoalmente. É uma coincidência misteriosa, causando reações emocionais espontâneas – de calafrio subindo a espinha, de espanto ou de calor – emoções que freqüentemente acompanham a sincronicidade (Bolen, 1988).

Para avaliar um evento sincronístico, é preciso ter a capacidade de notar um estado interior subjetivo, um pensamento, um sentimento, uma visão, um sonho ou uma premonição, e então conectá-lo intuitivamente a um evento exterior a ele interligado (Bolen, 1988).

Quando, numa determinada situação, o nível arquetípico do inconsciente coletivo for atingido, haverá uma intensidade, assim como uma tendência para expressão simbólica. Entretanto, isso não se “explica” como e porque ocorre a sincronicidade – nota-se apenas que há, de fato, uma conexão entre a sincronicidade e um arquétipo ativo no inconsciente coletivo (Bolen, 1988). Daí que é preciso vivenciar para poder saber o que é sincronicidade. Explicar sincronicidade

sem nunca a ter vivido é como falar de orgasmo sem nunca ter sentido um.

Segundo Jung, trazido por Bolen (1988), a sincronicidade é o princípio que faz a ligação (quando causas e efeitos são eliminados pela impossibilidade de qualquer explicação racional) entre nossas psiques e uma ocorrência exterior. No decorrer da experiência de uma ocorrência sincronística, em vez de nos sentirmos como entidades separadas e isoladas num vasto mundo, experimentamos a interligação com os outros, e percebemos o universo num nível profundo e significativo.

A diferença entre um encontro sincronístico – sentido instantaneamente como significativo e percebendo-se o seu sentido num lampejo intuitivo – e a situação que evolui mais lentamente, onde tanto a percepção como a resolução ocorrem durante um certo período, é muito semelhante ao que ocorre em análise, na interpretação de sonhos. Já que ambas as coisas – sonhos e sincronicidade – têm uma conexão com o inconsciente coletivo.

A sincronicidade mantém a promessa de que, se nos transformarmos interiormente, os padrões de nossa vida exterior também mudarão. Se as pessoas e os episódios de nossas vidas aqui estão porque nós os atraímos, então o que ocorre em nossas vidas, aparentemente por acaso ou por sorte, não é realmente acidental.

Adormecer nesse estado de espírito, pedindo mentalmente um sonho que possa ajudar, freqüentemente gera sonhos que podem fornecer respostas simbólicas para situações psicológicas insolúveis.

Para acolher essa experiência é preciso que a pessoa esteja receptiva. Ingressar coincidentemente num estado de expectativa esperançosa é uma maneira de a camada arquetípica do inconsciente coletivo estar constelada.

Uma solução criativa pode surgir no interior de nossas mentes, ou pode ocorrer uma incrível sincronicidade que solucione a situação, ou um sonho pode fornecer uma orientação, ou então a resposta pode vir durante a meditação. Dependendo da metáfora usada nesse processo, um indivíduo pode vivenciar essa “intervenção divina” dentro de um contexto religioso ou sem qualquer referência religiosa.

Sempre que trabalhava os dados à noite eu sonhava alguma coisa sobre o tema, sobre os sujeitos do estudo. Nesses processos sincronísticos três mensagens

me fizeram refletir a temática:

*O processo de viver é fugir da morte e lutar pela liberdade.
O Loureiro não teve uma morte saudável. Morreu em forma de enforcado –
arquétipo do tarô –, não tinha esperança, fé, sem carinho físico... as pessoas
nem tocavam nele, só com luvas...
É universal – inconsciente coletivo – a divindade da criança, a questão do
limite pela morte, as relações com outros seres, com a natureza...*

Mas, os momentos sincronísticos mais interessantes que vivi, aconteceram por encontros, quando estava em fase final de análise-reflexão-síntese dos dados. Vou relatar esses encontros, mas omitindo alguns detalhes, porque não tive oportunidade de pedir autorização a um dos sujeitos, participante de tais encontros, visto envolver um fato público, amplamente divulgado nos meios de comunicação do Estado, no qual participaram algumas autoridades.

Primeiro é preciso voltar a dois meses atrás quando levei para minha orientadora a idéia de fazer a síntese da história do Giovano pela lenda do Santo Graal:

*Orientadora – Não seria interessante tu ires validar com ele (Giovano) qual o final que ele quer dar à própria história nesse momento da vida? Será que ele pretende voltar a ser criança? Ou será que continuará Ermitão? É possível tu consegues voltar lá?
Orientanda – Ótima idéia. Eu consigo voltar lá. Quando me afastei do campo naquele dia, disse à Assistente Social, que talvez precisasse voltar. Ela disse-me que não haveria problema, que eu poderia voltar sempre que necessitasse.*

Fiquei durante mais de um mês pensando que teria de achar tempo para ir na Penitenciária. Um dia, às onze horas e cinquenta minutos, me veio à mente a figura da Assistente Social. Liguei imediatamente convidando-a para almoçarmos juntas. Vibramos no telefone com a possibilidade de nos encontrarmos.

No caminho para o restaurante, fui pensando: “Com tanta coisa para fazer até às duas horas, como é que fui inventar esse encontro?”

A resposta veio depois, após uma hora de diálogo com a amiga.

Mostrei a ela a síntese que fizera da história de Giovano e disse-lhe que minha orientadora havia solicitado que eu conversasse com ele sobre o final da lenda. Discutimos sobre as várias possibilidades, como uma vida mais temperada (Temperança), mais espiritual (Ermitão), e mesmo a possibilidade de voltar a ser criança (Mago). Falei sobre minha insatisfação de achar que ele não iria mais lutar

pelos direitos, que estaria esperando que Deus o fizesse. Disse-me para avisá-la quando quisesse conversar com Giovano, que ela oportunizaria o encontro.

Em seguida conversamos sobre os demais presos, com os quais havia trabalhado. Coloquei os resultados da análise dos dados e ficamos por uma hora refletindo sobre a questão da liberdade, dentro e fora da prisão, e do estar livre quando na imaginação: “Incrível como eles saíram da prisão ao contato com as figuras, com a recordação do passado, com as possibilidades do futuro... Naqueles momentos eles foram felizes...”.

Nesse exato momento, um homem, conhecido da minha amiga, chegou para almoçar. Faltavam poucos minutos para às duas horas. Chegou até nós, apressado, dizendo que fazia tempo que não ia àquele restaurante e pediu para ficar em nossa mesa. Tão logo sentou, iniciou a falar sobre um fato que estava ocorrendo na Capital, do qual ele era um dos principais personagens. Estava em conflito com algumas declarações da imprensa e de determinações judiciais que envolviam o caso. A questão envolvia a liberdade de uma criança. A liberdade dela estava condicionada à perda de relações de seus afetos, de sua mãe, de seus padrinhos.

Minha amiga e eu nos olhamos e começamos a rir. Ele, é claro, não entendeu: *Estávamos justamente falando sobre o tema liberdade.*

Daí em diante foi um diálogo regado por troca de informações e posturas éticas e estéticas sobre o tema, em favor da saúde integral daquela criança e satisfação dos adultos envolvidos.

... é, a senhora me fez lembrar uma reportagem que vi... É... A liberdade está no espírito. Essa reportagem mostrava um presídio nos EUA onde os detentos tinham como esporte treinar gaviões para posarem em suas mãos, voar para fora do espaço da prisão e voltar novamente para nova viagem. Eles sentiam que saíam da prisão através dos gaviões. Eles sentiam liberdade. Eles voavam com os gaviões. Bem, vocês vão me dar licença, mas preciso voltar ao trabalho.

E saiu, como se já tivesse recebido o que havia ido buscar. E eu, então, entendi o que havia ido fazer lá.

Quinze dias após esse encontro, recebo um telefonema dessa minha amiga. Sua voz estava estranha. Disse que precisava falar comigo, era muito importante. Havia acontecido algo estranho, ela precisava compartilhar.

Encontramo-nos naquele mesmo restaurante. Mostrou-me uma folha de

papel almaço escrita em letra de forma e disse: “Eu queria que tu lesses essa carta que o Giovano me entregou para eu encaminhar à justiça”.

Li o documento. Nós nos olhamos, sérias. Minha amiga falou: “Quando ele pediu para falar comigo... E ele então me entregou esse papel, eu pensei ele escreveu tudo aquilo ali, eu pensei confusa, o que está acontecendo? Eu me assustei! A gente que é leiga nessas coisas, a gente se assusta. Daí eu corri para ligar pra ti. Aquilo que tu tinhas dito pra mim estava escrito ali!”

Era uma solicitação de reconsideração de seu pedido de prisão albergue. A última parte desse texto me deu a resposta que minha orientadora pediu que fosse buscar:

- DETENÇÃO → - EVOLUÇÃO ESPIRITUAL.
- DEUS É O CENTRO DE TUDO.
 - VERDADEIROS VALORES EM ORDEM.
 - RESPEITO E AMOR AO PRÓXIMO.
 - VIVER EM ESPÍRITO E VERDADE.
 - COMPREENDO OS “INIMIGOS”.
 - PLANOS → FAMILIA, TRABALHO, BOM LAZER, ^{ESTUDOS} ETC...
 - NINGUÉM VOLTA A SER CRIANÇA.

10 DEVOLVENDO OS DADOS PARA A HUMANIDADE **Ouvindo as Crianças e Aprendendo sobre Felicidade-Prazer**

Não posso agora, neste momento, devolver os dados para cada sujeito que participou do estudo, mas posso, simbolicamente através das crianças, até porque o método do estudo permite, devolver os dados para a Humanidade. Afinal, pensando holisticamente, elas fazem parte da rede cósmica na qual todos nós estamos interligados, interagindo universalmente na totalidade. Esse conceito de rede está alicerçado a um dos princípios mais importantes do novo paradigma.

A concepção de rede é fundamental como instrumento de transformação. Baseada em Crema (1989), gosto de imaginar que as redes representam uma função de Nova Aliança: a constituição de uma fraternidade holística integrando os mutantes da neoconsciência. Conforme esse autor, já em 1928, H. G. Wells, advogava uma “Conspiração Aberta” para estabelecer “uma nova sociedade”; Ferguson diz que a função básica da rede é sinérgica: refere-se ao apoio mútuo e fortalecimento do indivíduo e a cooperação para efetuar a transformação da Humanidade, de forma, inclusive, à promoção da redistribuição de poder.

Na realidade, cada indivíduo forma a rede. É como o modelo quântico, como teia de eventos interconectados, participando de uma consciência comum aplicada às relações sociais. Imaginemos uma grande rede onde cada integrante represente um centro de irradiação e de contágio. Daí a analogia com a participação das crianças no estudo, sem preocupação com resultados imediatos; considerando o valor do processo de fazer a vida com os outros. A solidariedade.

Cenário 1: A casa

Atores: Crianças de nove e dez anos e uma pesquisadora

Pesquisadora: Eu fiz um estudo com pessoas adultas, homens e mulheres. Alguns residiam aqui no Brasil, outros nos Estados Unidos. Esse estudo mostrou que a saúde dessas pessoas está relacionada à infância saudável. Uma infância feliz é importante para o ser humano quando jovem, quando adulto, poder fazer sua vida feliz, ter prazer, ser saudável. Então, eu pergunto para vocês que são crianças:

Como a criança precisa ser tratada para ela ser saudável, para ela ser feliz?

Crianças: Precisa um tratamento legal, ser bem cuidada.

Pesquisadora: O que quer dizer "tratamento legal" ?

Crianças: Não ser espancada, não bater com força na criança. Se bater é bem devagarzinho, bem leve; não bater com força nos filhos. Tem que conversar, é no diálogo que se resolve as coisas.

Pesquisadora: E o que quer dizer "bem cuidada"?

Crianças: É não deixar ela em qualquer lugar. Por exemplo: se o filho tá arrumando a mala para sair de casa e daqui vai para os Estados Unidos com os amigos, não pode deixar. Ele ainda é criança. Tem que dar algumas palmadinhas devagar. Não pode deixar os filhos soltos pela rua, porque o ladrão pode pegar, estuprar, fazer uma umbanda com ele. Ele pode ser levado para prostituição. Até ser roubado para tirar órgão para transplante. É, isso existe! A mãe tem que se responsabilizar pelo filho...

Pesquisadora: E o pai? Não precisa se responsabilizar? Por que só a mãe?

Crianças: É. O pai também.

Pesquisadora: Que mais? O que mais a criança precisa para ser feliz?

Crianças: Brincar. Ter brinquedo. As mães não podem fazer, assim ó: "A gente vai dar esses teus brinquedos velhos para as crianças pobres". Ora, não pode dar todos. O guri pode ainda gostar dos brinquedos e quer guardar porque lembra de quando ele era pequeno. A mãe e o pai tem que ser legal pra gente ser feliz.

Pesquisadora: Como assim?

Crianças: Algumas mães têm que dar liberdade para o filho, para ele se soltar um pouco, se não ele vai virar um bicho do mato. É, mas também não pode deixar o filho solto toda hora, se não ele pode ser bandido, usar droga, cheirar cola. E, também, as mães não podem deixar trancado em casa, que nem aquele aleijadinho, que fica trancado em casa, a mãe bate nele, a mãe daquele guri bateu nele de cabo de vassoura. Não pode deixar ele ir para qualquer lugar, tem que orientar, tem que conversar. Desobedecer o que a mãe falou pode não ser feliz, porque pode fazer mal. Por exemplo, no parque, quando a mãe diz: "Não vai naquele brinquedo que tu pode passar mal". Se eu for, eu posso passar mal. Também causa infelicidade quando o filho rouba.

Pesquisadora: O que faz vocês felizes no dia-a-dia?

Crianças: Ter a mãe, o pai, a minha vida; minha vida é uma vida feliz e alegre. É ter o pai, uma mãe legal, uma irmã, assim também, toda a família assim legal; também quando eu ganho algum brinquedo, eu fico assim feliz; também quando eu vejo a natureza eu fico assim feliz. Quando me tratam bem, assim eu fico feliz. Quando chega o meu aniversário eu fico muito feliz porque me lembro quando eu nasci. É viver em harmonia...

Pesquisadora: O que é "Harmonia"?

Criança: É ter uma vida boa, assim ó: ter a minha família toda, ser bem tratado. Obedecer minha mãe. É viver minha vida tranqüila (Risos, muito risos das demais crianças). É isso mesmo, eu acho que eu fui bem cuidado e isso eu devia agradecer, eu fico feliz por isso, porque sou bem cuidado. (Silêncio)

Pesquisadora: E prazer? O que é ter prazer?

Criança: É quando cumprimenta uma pessoa, eu já ouvi dizer isso (muitos risos).

Criança: Prazer é a mesma coisa que felicidade.

Crianças: Não, prazer é ter vontade de qualquer coisa, é coisa que tu quer.

Crianças: É isso mesmo! Prazer é quando eu tô morrendo de vontade de ter alguma coisa. É, eu morro de vontade de ter um Cavaleiro do Zodíaco, é vontade de alcançar isso.

Pesquisadora: Um abraço do pai e da mãe...(interrupção)

Crianças: É felicidade! É prazer! Não, isso é felicidade... (risos)

Pesquisadora: *Quando você come um sorvete...*

Crianças: *PRAZER! Quando tu tá com aquela vontade...*

Crianças: *Fico com prazer quando eu penso no carro que vou ganhar quando eu crescer, me sinto grande. Eu também penso no prazer de ganhar um mini bugue.*

Pesquisadora: *Então, vamos ver se eu entendi bem o que é prazer e felicidade...*

Crianças: *No prazer tem uma vontade antes, agora na felicidade não, já acontece direto, ganhar alguma coisa que a gente não esperava.*

Pesquisadora: *Vocês falaram, até agora, dos adultos da família, mas e os adultos da escola? Como eles devem tratar a criança para ela ser feliz, ter saúde?*

Crianças: *Tem que tratar bem, conversando com calma, assim ó: "Paulinho, quanto é dez mais dez? É quarenta professora? Paulinho, quanto é dez mais dez? É Trinta professora. PAULINHO! Não pode ser assim, não pode ficar irritada. Não tem que xingar o aluno, tem é que ajudar. Conversar, não pode gritar. Não pode brigar só porque errou um negocinho.*

Pesquisadora: *E os adultos do governo? Os políticos?*

Crianças: *Tem que saber coordenar; não querer só tratar os ricos, mas todas as pessoas. Tem que dar uma modificada em tudo. Não adianta só querer melhorar o Real, tem que melhorar tudo! Os prefeitos, os presidentes, têm que tratar as crianças bem, e também baixar os preços das coisas, porque a criança pobre... Eles tão aumentando o preço de tudo, o pão... como é mesmo o nome? Não lembro agora, eles aumentaram. Pra criança ser feliz tem que tratar bem os pobres, se não aquele pai que não trabalha, que não sabe de nada, tem que dar uma coisa para ela ser feliz. É, as pessoas tem que aprender a palavra, eles são analfabetos, eles tem que ir à escola para eles ter um trabalho... Pra isso tem escola pública. Tem é que construir mais escola pública. É mas também falta material. Não adianta ter escola se não tem material pra estudar... Não ter dinheiro pra pagar o micro para a escola passear, pra comprar um lanche. Deveriam cobrar os preços mais baratos para os pobres. Tem que ter comida para comer, se não elas não vivem bem, elas não vivem feliz. Acho que o presidente tinha que tirar dinheiro de quem recebe bem e dar aos pobres, por exemplo: juiz de futebol, jogador de time grande, ganha bastante.*

Pesquisadora: *Eu quero agradecer a colaboração de vocês. Foi ótimo, mas antes de encerrar eu gostaria, ainda, que vocês me dissessem como vocês se sentiram com essa entrevista?*

Crianças: *Eu me senti como gente grande. É, eu também. Eu também senti que nunca tinha sido entrevistado assim. Eu me senti que eu tava concentrado só nisso aqui, só nesse espaço.*

Pesquisadora: *Mas o que quer dizer mesmo "ser adulto"?*

Crianças: *É bom, mas não muito bom. É. Porque alguns não tem trabalho. É. Alguns se esforçam muito e ganham pouco, como em prédios. Assim como um agricultor, ele se esforça no trabalho, em vez de ganhar mais ele é que ganha menos. Eu acho que é culpa do presidente que coordena mal, e aquele prefeito da agricultura, não, não é isso, como chama mesmo?*

Cenário 2: A rua, em frente à entrada de uma parque de diversões.

Atores: Crianças de rua, entre sete e doze anos de idade e duas pesquisadoras

Pesquisadoras: *É possível conversarmos um pouquinho com vocês? Nós somos (...) Fizemos um estudo com adultos (...). O que vocês acham que a criança precisa para a criança ter saúde?*

Crianças: Carinho; amor; felicidade; educação; estudar. Ter amor dos pais; respeitar os pais, os professores, mães, tios, avós; Deixar irem no parque. É carinho, amor e respeito, mas os outros têm que respeitar a gente também.

Pesquisadoras: Como vocês acham que os adultos deveriam tratar as crianças para elas serem felizes? (Como se algum botão tivesse sido ligado, todas as onze crianças, começaram a cantar em altos brados, todas ao mesmo tempo)

*Eu só quero é ser feliz,
andar tranqüilamente na favela onde eu nasci,
e poder me orgulhar
e ter a consciência que o pobre tem seu lugar.*

*Minha cara autoridade,
eu já nem sei o que fazer com tanta violência,
eu sinto medo de viver,
pois moro na favela e sou muito desrespeitado.
A tristeza e a alegria que caminham lado a lado.
Eu faço uma oração para uma santa protetora,
mas sou interrompido a tiro de metralhadora.
Enquanto rico mora numa casa muito bela,
o pobre é humilhado, esculachado na favela.
Já não agüento mais essa onda de violência
só peço à autoridade um pouco mais de competência.*

Estrofe: Eu só quero é ser feliz....

*Diversão hoje em dia não podem nem pensar,
pois até lá nos bailes eles vem nos humilhar.
Ficar lá na praça que era tudo tão normal
agora virou moda violência no local.
Pessoas inocentes que não têm nada a ver
estão perdendo hoje seu direito de viver.
Nunca vi cartão postal que destaque uma favela,
só vejo paisagem muito linda, muito bela.
Quem vai pro exterior da favela sente saudades.
O gringo vem aqui e não conhece a realidade.
Vai pra zona sul pra conhecer água de coco.
E o pobre na favela vive passando sufoco.
Trocar a presidência, uma nova esperança
sofriu na tempestade agora eu quero bonança.
Povo tem a força, precisa descobrir se eles lá não fazem
nada, faremos tudo aqui.*

Pesquisadoras: Que música é essa?

Crianças: Rap da Felicidade, do Rap Brasil.

Pesquisadoras: Já que estamos falando de governo. Como vocês acham que o governo deveria tratar as crianças?

Crianças: Esse parque deveria ser de graça. Lá na cidade é mais barato. Aqui tem um velho muito brabo. O governo devia ajudar a nossa família todo o mês (...) (o barulho, a gritaria foi muito grande, prejudicando nossa compreensão).

Pesquisadoras: E na escola?

Crianças: A professora devia ser muito educada com a gente, não xingar, não colocar nós de castigo, não beliscar a gente, nem puxar as orelhas. Ela tem que

ser educada com a gente se ela quer que a gente seja educada com ela (...).

Pesquisadoras: O que faz vocês terem prazer e felicidade no dia-a-dia?

Crianças: Estudar; aprender muitas coisas boas; ser educada; não ser mentirosa, não roubar, quando quer é só pedir; sem fazer bagunça aí pela rua. Agora, nós estamos em 1995, temos é que melhorar a nossa vida. A mãe come pirão, com pão, café e açúcar (Grandes gargalhadas, dispersão natural).

Como aponta Crema (1989), baseado em Eric Berne e Ferguson, é reconhecido o fracasso das instituições tradicionais, fundadas em estatutos definidos, no rígido sistema hierárquico e em infundáveis jogos de poder. Dessas cinzas está brotando uma nova idéia *transinstitucional*, ou seja, a rede como veículo evolutivo de interação e de reconstrução social. Talvez esteja aí, em outras palavras e, de certa forma, com sentido ético e estético diferente, o que Maffesoli quer dizer com “socialidade do cotidiano”.

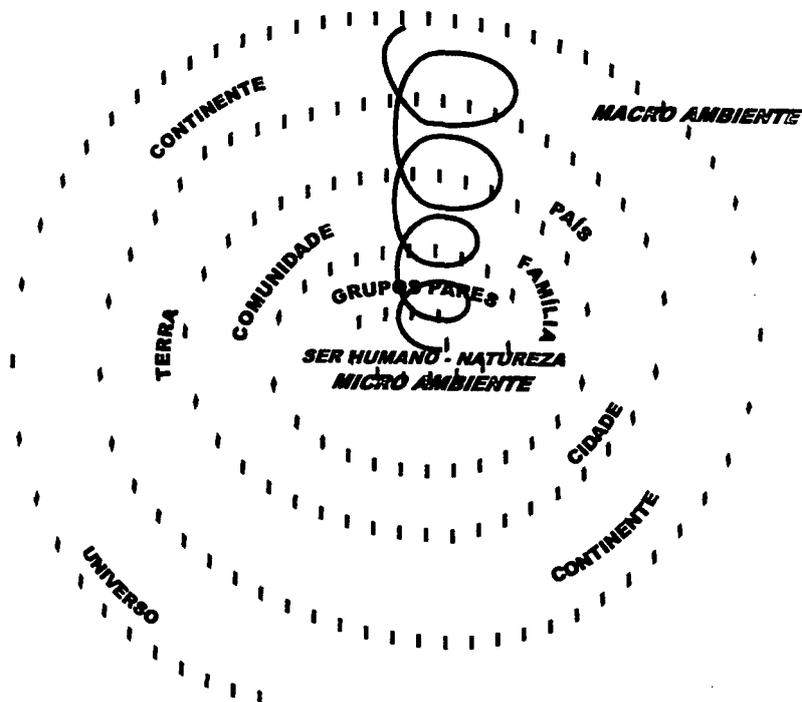
A criança e o adolescente, podem ser veículos, mediadores, não em potenciais, mas em realidade presente, desse processo de reconstrução para um mundo mais solidário, mais justo em possibilidades de felicidade-prazer, tendo como base a relação ser humano-natureza-cotidiano-sociedade.

São novas consciências. Consciências coletivas que precisam sair por aí, como uma rede, irradiando solidariedade, princípios éticos e estéticos de viver saudável.

11 A RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DO SER HUMANO: O Ser humano é o Método

Tomando como base a representação gráfica do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, quando de sua elaboração em 1988, o método pode assim ser representado. (Fig. 9)

Figura 9



Essa espiral significa a linha da vida. Do ponto central para a periferia, para adiante. Em seu centro o começo da vida. Essa vida com seu ciclo próprio, mas interagindo, recebendo e doando – energias, crenças, valores, práticas, sentimentos e conhecimentos – com o micro e o macro ambientes; influenciando e sendo influenciada. Interagindo, trocando com todas as dimensões sociais, naturais, universais, desde aquela mais próxima até a mais distante, muito além de nossos cinco sentidos (Patrício, 1990a, p.81).

Penso nessa espiral e visualizo uma consciência girando em torno de um centro, nunca sendo igual ao centro. Porém, como diria Bolen (1988) fundamentada em Jung, uma consciência tocada pela sua energia ou divindade, do mesmo modo que um planeta circula ao redor do sol, que o aquece e ilumina. É a imagem da dança em torno de um ponto em repouso. “No ponto em repouso do mundo em mutação” – onde a nossa conscientização ou a mundaneidade do ego circula, gira e *circum-ambula* ou dança em torno de um princípio eterno, infinito, inexplicável, centralizador, outorgador de um sentido.

Citando Capra, Bolen (1988) nos chama a atenção de que da Física quântica emerge o quadro de uma teia cósmica interligada, na qual o observador humano é sempre partícipe. Ou seja, como diria Crema (1989): não há realidade que possa ser observada independente da mente, da consciência do observador.

No nível da partícula atômica, a visão do mundo torna-se oriental e mística; o tempo e o espaço tornam-se um *continuum*, a matéria e a energia se alternam, o observador e o observado interagem. É a unidade e a correlação de todos os fenômenos (eventos) e a natureza.

A questão é que todos nós, ou seja, toda a Humanidade, está ligada nessa rede de eventos, todos estão sob a lei do Karma.

Essa é uma lei universal. Como lei moral, o Karma é ensinado nas religiões ocidentais com o lema: “Colhemos o que semeamos”. Mas, no pensamento oriental, o conceito é ampliado a um princípio cósmico que governa todas as relações. Ela correlaciona ordem cósmica com ordem humana, a ética pessoal com a ética societal e a ética de uma dada sociedade com suas condições existenciais (Lemkow, 1992).

A palavra Karma é uma palavra sânscrita que significa “ação” ou “trabalho” e a “força” daquela ação. Está associada a um sistema de pensamentos não dualista, numa filosofia que argumenta que o universo é um todo vivo; que todas as coisas estão entrelaçadas numa teia de relações de múltiplos níveis, que cresce através do tempo.

Essas relações, de certo modo, são determinadas, já que são o resultado de ações passadas, mas, noutra sentido, são libertadoras. Pois cada um de nós tem o poder (basta exercê-lo) de transcender nossas circunstâncias. O insight de que somos uma parte indispensável de todo um mundo, que se recria continuamente devido às nossas próprias ações, nos dá um tremendo sentido de responsabilidade, mas

também de irmandade em um grande trabalho (Lemkow, 1992, p. 292).

As vidas interagindo umas com as outras, e com a natureza – com todo o ambiente – causam transformações de diferentes tipos. Algumas constroem em reciprocidade, em harmonia, outras se individualizam sem a preocupação com o coletivo, causando prejuízos, inclusive, futuramente, a si próprio.

Outras vidas passam pelo mundo quase despercebidas. Algumas vidas enxergam ali, outras lá, outras acolá, outras conseguem enxergar diferentes espaços com a mesma intensidade. Estas são, ao mesmo tempo, lentes divergentes e lentes convergentes.

Na construção do conhecimento é assim que se dá. Há profissional que troca com um universo limitado de colegas; outros trocam com profissionais de diferentes disciplinas.

Há construção do conhecimento baseada em conhecimentos da literatura, concebida por profissionais de diferentes disciplinas; há construção do conhecimento gerada no laboratório da vida com a população; há construção de conhecimento gerada nas interações com a população e com parceiros da literatura; e, por último, há construção de conhecimento na interação entre população, diferentes profissionais e literatura.

Nestas ou naquelas situações de trabalho, as trocas entre profissionais podem apenas se traduzir em acréscimo de conhecimentos individuais. No entanto, há trocas entre profissionais que vão além disso.

As trocas entre profissionais, pessoas, outras vidas, através da Práxis Transcultural e Transpessoal, promovem a geração de uma síntese, que não é apenas a resultante da soma das trocas na interação, mas algo diferente gerado por essa interação. Há uma RE-construção de conhecimento e uma RE-construção pessoal. É uma síntese fundamentada na diversidade de cada ser e na universalidade das questões da Humanidade.

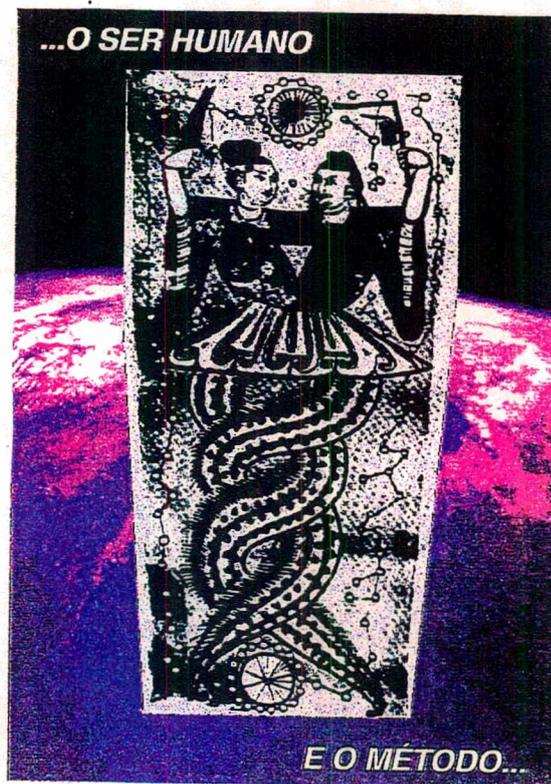
Esse evento podemos denominar de **Transdisciplinaridade**, seja na interação entre profissionais, com formação acadêmica, seja na interação com a população. Todos têm um certo conteúdo cultural, de conhecimentos e de saberes acadêmicos e populares, todos têm um conteúdo pessoal, suas crenças, seus valores, suas práticas de vida, seus desejos, seus sonhos, seus conflitos,

seus sentimentos e energias pessoais, geradas nesse processo de viver cósmico.

Em qualquer trabalho, o conteúdo e o modo quem faz é o sujeito através de sua visão de mundo, através de seu referencial de vida, de seus desejos e recursos pessoais e profissionais. Através de sua práxis. Sua transdisciplinaridade estará em cada momento de sua construção do conhecimento. Nesse processo de conhecer e compreender a realidade, ele também está vivendo. Olhando, ouvindo-escutando, argumentando, comparando, com semelhantes; **interagindo**, sentindo e refletindo as coisas e as pessoas (os eventos), ele se reconstrói também. Mesmo que ele não perceba, naturalmente ele vai sendo transformado também.

Algumas pessoas se transformam mais em conteúdo, é o que chamo de crescimento. Outros em conteúdo e método, que chamo de desenvolvimento. Se esse método incorpora visão e ação intersubjetivas de razão e sentimento (masculino e feminino), com ética e estética, o sujeito se transforma em nível de evolução. Sai do individual para o coletivo e volta para o individual diferente, fortificado. Sai do individual para o coletivo... **O Sujeito é o Método.** (Fig. 10)

Figura 10

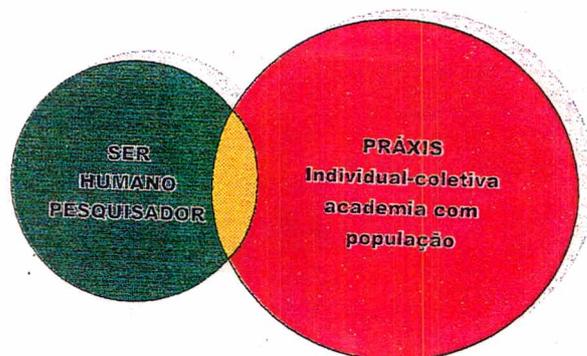


Produção: Magic Arts

As figuras a seguir demonstram graficamente eventos de transdisciplinaridade segundo este estudo.

A – Transdisciplinaridade 1

Figura 11⁹



Síntese: Necessidade, desejo de: compreender a dimensão felicidade-prazer e a relação com o ser saudável; desenvolver a Práxis Transcultural e Transpessoal como método de operacionalização do Paradigma Holístico-Ecológico.

B – Transdisciplinaridade 2

Figura 12¹⁰



Síntese: Compreensão da relação da dimensão felicidade-prazer e o ser saudável;

⁹ A intersecção dos desenhos mostra a síntese das interações. As cores escolhidas para representar as primeiras realidades foram: verde, para pesquisadora, e vermelha, para a Práxis. A intersecção, ou seja, a síntese, é uma nova cor: amarela. Esta contém a verde e a vermelha.

¹⁰ O ser humano pesquisador continua verde, mas também amarelo em razão das suas transformações originadas da interação anterior. Em interação com o ser humano pesquisado, o sujeito, cuja cor escolhida foi magenta, origina uma intersecção, uma nova síntese: o vermelho.

desenvolvimento do processo de abordar a realidade através da interação Transpessoal e Transcultural; transformação dos participantes do processo.

C – Transdisciplinaridade 3

Figura 13

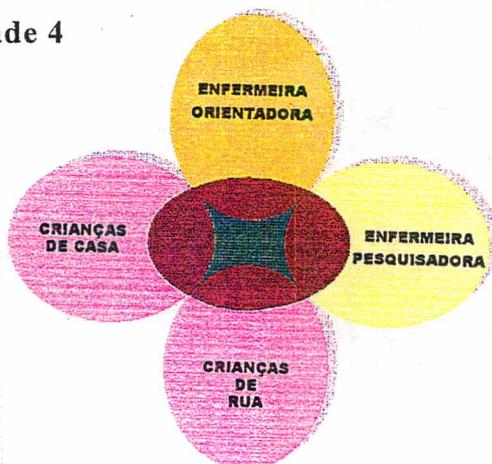


Síntese: Conjunto de dados objetivos e subjetivos sobre felicidade-prazer no processo de viver saudável e sobre método de abordagem da realidade através do Cuidado Holístico-Ecológico; transformação dos seres humanos participantes no processo.

O ser humano pesquisador (para quem vê em cores) continua verde, amarelo e vermelho. Esta cor agora, além de mais ampla, é mais intensa, em razão da diversidade dos seres humanos pesquisados e suas situações de vida. É o **qualitativo** e o **quantitativo** numa mesma representação.

D – Transdisciplinaridade 4

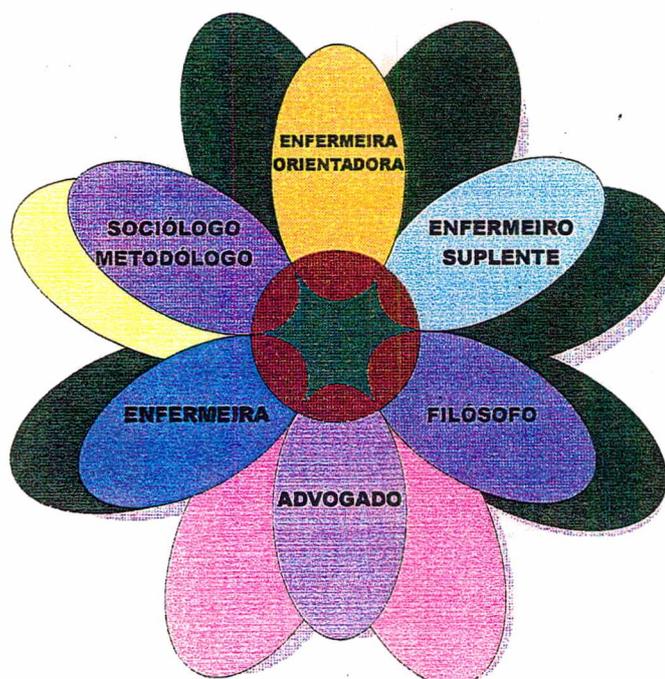
Figura 14



Síntese: Conjunto organizado de conhecimentos/saberes sobre a dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável e sobre método de abordagem da realidade através do Cuidado Holístico-Ecológico; compreensão da realidade; transformação dos seres humanos participantes do processo. Novas possibilidades de estudos e vivências do tema e da abordagem Holístico-Ecológica.

E – Transdisciplinaridade 5 (Esperada)

Figura 15

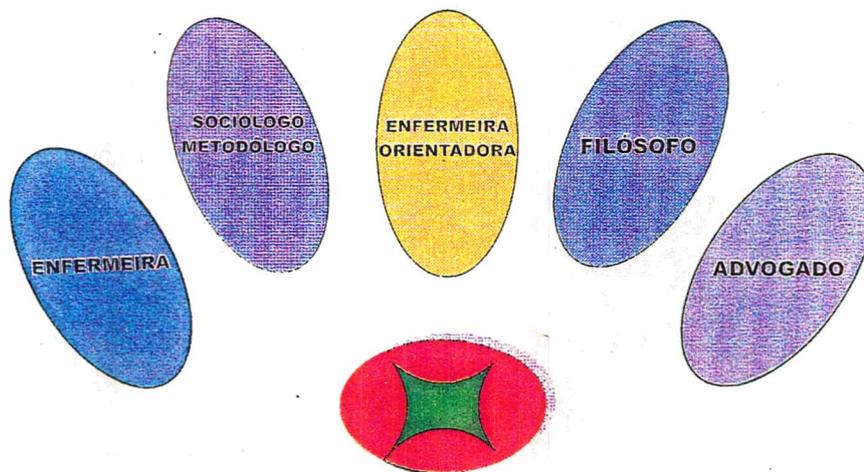


Síntese: Aqui, neste local, desejei, antes de passar pela Banca Examinadora da Academia, colocar toda minha felicidade-prazer ao redigir a síntese final da equipe multiprofissional que avaliou o estudo, referente à análise sobre os objetivos propostos em relação ao tema e ao método. Esperava que o ritual de defesa de tese pudesse construir, através da interação com os diferentes profissionais, uma nova síntese para novas sínteses. Se houve, pelo menos isso não ficou explícito. Permaneceu o desejo, a esperança de que, com outras pessoas, em outras oportunidades – que graças à “rede” já estão acontecendo – essas sínteses se façam em favor da dialética concreta, da construção da Ciência da Vida e do Processo de Viver Saudável Individual e Coletivo. “Coisas de Parsifal”? Pode ser...

O processo que se deu naquele ritual, podemos denominar de **Multidis-**

ciplinaridade. Um processo caracterizado por explicitação de atitudes (teoria e prática): pelas crenças, valores, conhecimentos e ações de seres humanos de diferentes disciplinas. Vale dizer que uma situação de multidisciplinaridade mostra várias pessoas de diferentes disciplinas discutindo, cada qual conforme seu “olhar” e energia, sobre um mesmo tema. Se houve um processo transdisciplinar com cada um dos membros da Banca e com a platéia que assistiu, somente eles mesmos podem dizer, porque, enquanto ritual acadêmico ficou apenas uma “Conclusão”. A Figura 16 representa esse momento.

Figura 16



Conclusão: “...foi aprovada, destacando que a tese é criativa, existencialmente comprometida, um processo de busca; uma tese que semeia e que procura um redimensionamento da enfermagem e do homem em sua condição de existência”. (Livro de Ata de Defesa de Tese do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, 11 de setembro de 1995).

Voltando ao capítulo de apresentação do estudo, no qual estão explicitadas as intenções deste, bem como aos itens que apresentam a proposta de um novo paradigma, trazemos Crema (1989, p.20), para nos auxiliar a compreender esse momento. Segundo o autor, a aceitação de um novo paradigma encontra-se no próprio cerne do processo revolucionário que conduz a uma nova tradição científica. Tal aceitação não se faz tão simples. Para tanto, o autor destaca que, para “uma nova estrutura de pensamento triunfar, é necessário que haja alguns

persistentes e vigorosos adeptos iniciais da nova heresia, que a desenvolverá – citando Kuhn – ‘até o ponto em que argumentos objetivos’ – além de alguma estética mística – ‘possam ser produzidos e multiplicados’”. Isso vale dizer, continua o autor, que “é necessário até mesmo uma certa obstinação quando se trata de propor a reflexão sobre nova forma de conceber o real.”

12 EXPLICITANDO A TESE 2

- **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável é uma realidade, é uma busca, é um sonho, que se caracteriza pelo momento histórico do ser humano e pela sua história de vida. É uma busca individual envolvida pelo coletivo; é encontrada no próprio indivíduo e nas suas relações com os outros e com a natureza.**
- **O Ser Humano, na placenta biológica, pode ser concebido como a síntese de um encontro (processo) multi, inter ou transdisciplinar da ação do espermatozóide com o óvulo num dado contexto. A criança, adolescente, adulto, idoso – Ser Humano na placenta social – pode ser concebido como um processo de sínteses dos encontros, das interações, daquele da fecundação até os demais que vai fazendo, enquanto unidade pessoa-natureza-cultura-estado, no continuum da vida passada, presente e futura (desejo).**
- **A família pode ser considerada tanto como recurso quanto limitação no processo de viver da criança-adolescente-adulto, mediando o processo de viver do ser humano nas suas necessidades de felicidade-prazer, de viver saudável de sua busca de ser, estar, fazer e ter, dentro de padrões éticos e estéticos.**
- **O adulto, na família, na escola, na sociedade de forma geral, reproduz no cuidado, ou descuidado, com suas crianças-adolescentes, os padrões de suas gerações passadas e aquelas ainda legitimadas como verdadeiras na sociedade.**
- **A liberdade de ser, estar, fazer e ter é uma possibilidade, um recurso de todo o ser humano, mas está limitada pelas suas relações sociais, em especial por padrões culturais da família, por limitações político-econômicas e por todo o processo de educação do cotidiano formal e informal no qual está inserido.**

- **A liberdade está presente no processo de busca de felicidade-prazer. Essa busca é saudável desde que seja fundamentada em padrões éticos e estéticos do viver individual-coletivo.**
- **Os seres humanos em situação de limite de liberdade saem pela vida em busca de respiradouros, alguns de forma não saudável, segundo critérios da sociedade na qual estão inseridos.**
- **Essa busca de liberdade pode gerar outras limitações na sua vida, inclusive morte prematura ou enclausuramento por limitações causadas na vida de outros seres humanos.**
- **A busca de liberdade de forma saudável, incluindo a liberdade de espírito, despojamento de culpa, preocupações com os opressores, pode possibilitar o desenvolvimento pleno do indivíduo, suas possibilidades de busca harmoniosa de felicidade-prazer.**
- **Os seres humanos em limite de liberdade, presos em instituição carcerária, por danos à vida de outros seres humanos, são livres no pensamento. Essa liberdade é que proporciona a maioria de seus momentos de felicidade-prazer. Nesse pensamento, a recordação de momentos do passado e o desejo, a esperança, no futuro, na possibilidade de vir a ser, a estar, a fazer e a ter. No presente, a felicidade-prazer quando consegue voar, sair da prisão através da imaginação e viver o cotidiano que antes poderia ter vivido: estar com a esposa, com a natureza, com crianças, ajudar outras pessoas, trabalhar, participar da vida política do país. Seu cotidiano é um processo de desafio de superar o obstáculo da impossibilidade de ir e vir, o que lhe impossibilita de ter, de fazer, de estar e de ser aquilo que agora deseja ser. É um cotidiano na espera da liberdade; na espera de decisões tomadas por outros seres humanos.**
- **O ser humano em situação de limite de vida (precoce) tem em comum o processo de viver a infância-adolescência infeliz e desprazeroso, em razão de limitações de interação familiar, em especial por comportamento agressivo e/ou displicente do pai.**
- **O ser humano em situação de limite de vida, hoje, lutando contra a morte, seria feliz se pudesse apenas viver o cotidiano (comer, trabalhar, transar,**

estar com crianças, estar com a natureza, ajudar outras pessoas). Sua felicidade no presente está na esperança da cura, está no futuro; está no passado, na recordação dos poucos momentos felizes que teve na vida e nas viagens que faz para cenas e cenários belos, puros, cujos atores são pessoas, seus afetos, ou a criança, a natureza. A felicidade na contemplação, através da imaginação (no ético e no estético). Seu cotidiano é um processo de desafio de um grande obstáculo: a possibilidade de morte iminente.

- A prevenção de contaminação pelo vírus da AIDS não é apenas uma questão de educação na informação. É uma questão de vida pública calcada na vida privada, na vontade do sujeito, nas suas necessidades de prazer-felicidade. É uma questão de bioética. Exige uma postura ética do indivíduo; uma consciência coletiva, de Humanidade.
- As restrições que os profissionais da saúde e familiares impõem ao ser humano que sofre por alguma doença, podem causar mais sofrimento, aumentando, inclusive, os fatores predisponentes à doença.
- O ser humano com limitações em seus hábitos de vida por alguma doença precisa ter um mínimo de prazer no cotidiano, como comer algo que goste, por exemplo. A nós cabe somente informá-lo dos riscos, e motivá-lo a fazer o tratamento, mas não julgá-lo, ou tirar sua liberdade de decidir sobre tornar sua vida menos ou mais amarga. Ter quantidade de vida é diferente de ter qualidade de vida, principalmente quando se sabe que organismo feliz, satisfeito, resgata mais facilmente seu estado de equilíbrio.
- O ser humano que “vira a mesa” está sujeito a um processo de viver caracterizado por perdas e ganhos. Continua em processo de busca de sua felicidade-prazer, mesmo tendo tudo aquilo que almejou quando saiu em busca do que precisava para satisfação de suas necessidades. Seu cotidiano é continuar garantindo e aumentando aquilo que já tem, que já fez, através de superação de obstáculos relacionados ao “ser consigo mesmo”, ao “ser com os outros” e sonhando em estar, diferente, no lugar de origem.
- O ser humano vivendo o cotidiano é aquele que está no concreto, na recordação e no desejo vivendo a tragédia da vida: está buscando sanar problemas comuns das relações afetivas com parceiros, com familiares, com cole-

- gas de trabalho; buscando prazer e felicidade na beleza das artes, na relação consigo mesmo e na socialidade, na solidariedade orgânica com os outros; ultrapassando obstáculos, buscando ser saudável num viver dinâmico, de forma ética e estética, através de respiradouros no cotidiano ;
- A dimensão felicidade-prazer no processo de viver está fortemente focalizada nas relações com os outros e com a natureza; no processo de superação de obstáculos que envolvem desejos, crenças, valores e práticas individuais e coletivas.
 - O Ponto de Mutação de uma pessoa pode ser gerado através de um processo de infelicidade-desprazer.
 - O Ponto de Mutação de uma pessoa acontece quando a sua consciência é tocada. Quando sua espiritualidade é acesa; quando seu lado direito do cérebro se sobressai; quando as decisões pela razão são mediadas pela reflexão, a partir da integração da intuição, nos encontros sincronísticos, no sentimento de amor, de respeito, por si mesmo e pela Humanidade; na liberdade outra vez.
 - O ser humano consciente de seu Ponto de Mutação, tem possibilidades de sair novamente pela vida afora buscando felicidade-prazer através de um processo saudável individual e coletivo.
 - O processo de cuidar, através da interação transpessoal e transcultural, guiado pelo Cuidado Holístico-Ecológico, pode possibilitar a mediação dessa busca do ser humano em razão da Transdisciplinaridade que envolve esse processo.
 - Pode existir Transdisciplinaridade tanto na interação entre profissionais, com formação acadêmica, quanto na interação com a população. Todos têm, de certa forma, suas próprias disciplinas; todos têm um certo conteúdo cultural, de conhecimentos e de saberes acadêmicos e populares; todos têm um conteúdo pessoal, suas crenças, seus valores, suas práticas de vida, seus desejos, seus sonhos, seus conflitos, seus sentimentos e energias pessoais, geradas nesse processo de viver.
 - A Transdisciplinaridade na dimensão felicidade-prazer e ser saudável pode ser concebida pela relação transcultural e transpessoal com o ser humano,

no face-a-face, nas dinâmicas com a família enquanto unidade recebedora e prestadora de cuidados, com seus grupos pares, com profissionais de diferentes áreas e representantes políticos.

- Os adultos, os profissionais, em especial das áreas de saúde e educação, precisam assumir a responsabilidade de mediadores na construção de sujeitos de sentimento-razão; de seres humanos que possam ser éticos e estéticos consigo próprio, com os outros seres humanos e com a natureza.
- Há necessidade de trabalho com a família que a ajude a perceber o processo de cuidar de si enquanto unidade, para que possa colaborar com crianças-adolescentes, de forma a desenvolver nestes possibilidades éticas e estéticas de viver saudável esse presente, e de gerar pessoas mais felizes e prazerosas no futuro. Para tanto, é importante que o adulto resgate a criança dentro de si.
- Será possível uma nova família, um novo ser humano, que tenha como compromisso de vida a dimensão felicidade-prazer, em casa, e com os outros na rua, dentro de padrões éticos e estéticos, se trabalharmos essa construção com a própria criança, com o próprio adolescente.
- A construção de seres humanos de razão e sentimento na mesma intensidade, necessita de uma educação centrada em princípios de amor, solidariedade, liberdade e limite que os possibilitem ser feliz e ter prazeres mínimos para transcender o projeto prescrito; precisa estar centrada na Educação Holística e dentro de princípios de Educere.
- A reflexão, o processo de refletir criticamente, é que faz a sinergia entre o lado esquerdo e direito do cérebro. Ela integra análise e síntese numa mesma unidade de reconstrução do conhecimento e do ser humano. Seria ela o corpo caloso da práxis?
- Os momentos de sincronicidade num processo de conhecer e compreender a realidade mostram as potencialidades que o ser humano tem e que precisam ser estimuladas, valorizadas, para que possam tornar-se mais significativas no cotidiano da academia e nos processos de transformação da realidade.
- O Ser Humano é o Método, quando sua práxis é transpessoal e transcultural.

- **Compreender o processo de viver saudável dos seres humanos, baseados na dimensão felicidade-prazer, possibilita ações de promoção à saúde e prevenção de agravos às doenças já existentes, tendo em vista já sabermos que pessoas em situação de perdas, de frustrações, de muito sofrimento, estão sujeitas a riscos de doenças, de limites de viver saudável. É preciso incorporar nos diagnósticos, nas análises das situações de saúde-doença dos seres humanos, suas possibilidades de felicidade-prazer e suas limitações para ser feliz, ter prazer (Situação de Risco).**
- **A Enfermagem, enquanto profissão do Cuidado da Vida, precisa incorporar em seu referencial a dimensão felicidade-prazer como importante no processo de viver saudável.**
- **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo exige uma visão e abordagem diversificada da vida; exige trabalho multidisciplinar na busca da Transdisciplinaridade.**
- **A práxis desenvolvida nesse estudo pode representar um exercício de operacionalização do Novo Paradigma.**
- **A Enfermagem é a Ciência, a Tradição, a Filosofia e a Arte de cultivar a vida. Ciência e Tradição no sentido de conjunto de conhecimentos e saberes de diferentes culturas sobre o cuidado da vida, Filosofia no sentido de refletir para compreender a vida e Arte como formas de transformar a vida.**
- **Para que um Novo Paradigma, de dimensões éticas e estéticas em favor da qualidade de vida, se desenvolva, é preciso que se estimule a produção de estudos que objetivem a transdisciplinaridade, através da integração de Ciência, Tradição, Filosofia e Arte.**

13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez, 1993a. (Questões da nossa Época, v. 11).
- _____. Estórias de quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez, 1993b. (Questões da nossa Época, v. 12).
- _____. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1993c.
- ARCHIPÉLAGO. Agenda. Epígrafes. São Paulo: Archipélago, 1994.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.
- BETTO, Frei. Teilhard de Chardin: sinfonia universal. São Paulo: Letras & Letras, 1992.
- BEVIS, Olivia. A live force. In: LEININGER, Madeleine. Caring an essencial human need. Thorofare. NJ: Charles Slack, 1984
- BOHES, Astrid E. Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família baseada na Teoria Transcultural de Leininger e na Teoria do Desenvolvimento da Família. Florianópolis: UFSC. 1990. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina. 1990.
- BOLEN, Jean Shinoda. A sincronicidade e o Tao. Sao Paulo: Cultrix, 1988
- BRANDÃO, Dênis, M. S., CREMA, Roberto. O novo paradigma holístico–ciência, filosofia, arte e mística. São Paulo: Summus, 1991.
- CAPALBO, Creusa. Alternativas metodológicas de pesquisa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3, 1984, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984. p.130-157.
- CAPRA, Fritjof. A sabedoria incomum. São Paulo: Cultrix, 1990.
- _____. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CASTANEDA, Carlos. A erva do diabo: os ensinamentos de Don Juan. Rio de Janeiro: Nova Era. 1987.

- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- COLLIERE, Marie Françoise. Invisible care and invisible woman as health care-providers. International Journal of Nursing Studies, Great Britain, v.23, n.2, p.95-112, 1986.
- COLOMBO, 35 anos: Colombo destaca felicidade da compra. Zero Hora, Porto Alegre, 26 nov. 1994. p.13-14,24.
- COUSTÉ, Alberto. Tarô: ou a máquina de imaginar. São Paulo: Ground. 1989.
- CREMA, Roberto. Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.
- _____. Além das disciplinas: reflexões sobre transdisciplinaridade geral. In: WEIL, P., D'AMBRÓSIO, U., CREMA, R. Rumo à nova transdisciplinaridade – Sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.
- CRITELLI, Dulce Mara. Educação e dominação cultural: Tentativa de reflexão ontológica. São Paulo: Cortez, 1981.
- CUPANI, Alberto. Linhas de pesquisa. Porto Alegre, ago., a992. Notas de conferência proferida no Seminário REPENSUL.
- DAVIS, Bruce. A criança mágica dentro de você. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. A transdisciplinaridade como acesso a uma história holística. In: WEIL, P., D'AMBRÓSIO, U., CREMA, R. Rumo à nova transdisciplinaridade – Sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993a.
- _____. Novos paradigmas da ciência. Santa Maria, 1993b. Notas de conferência proferida no I Seminário Internacional Interdisciplinar: As transformações do conhecimento na virada do século.
- DATAS. Morreram: Kevin Carter. Veja, São Paulo, n.1352, 10 ago.1994.
- DELHAAS, Rudy J. Some thoughts on paradigm-changes necessary for an education-for-survival in 2000. Santa Maria, 1993. Trabalho apresentado no I Seminário Internacional Interdisciplinar: As transformações do conhecimento na virada do século. Mimeo.
- DEMO, Pedro. Teoria: por quê? In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ENFERMAGEM. 1985, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 1985.
- _____. Metodologia científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1989.
- DYCHTOWALD, Ken. Corpomente. São Paulo: Summus, 1984.

ELSEN, Ingrid. Concepts of helth and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village. San Francisco:University of California, 1984. Tese (Doutorado em Enfermagem) - University California, 1984.

_____. Teoria fundamentada em dados. Florianópolis:UFSC, 1988. Notas de aula. disciplina Métodos Qualitativos de Pesquisa. Curso de Mestrado em Assistência de Enfermagem.

ELSEN, Ingrid et al. Assistência de Enfermagem à Família. Florianópolis: UFSC/ Projeto de Pesquisa, 1987. Mimeo.

_____. GAPEFAM: Grupo de Pesquisa, Assistência e Educação na Área da Família. Florianópolis: UFSC,1994. Mimeo.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. Novo dicionário Aurélio da lingua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FISHER, Milton. Intuição: estratégias e exercícios para auxiliar na tomada de decisões. São Paulo: Nobel, 1989.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GARCIA, Juan Cesar. La salud al final del milenio. Guadalajara/México, mar., 1994. Trabalho apresentado no VI Congresso Latinoamericano y VIII Mundial de Medicina Social. Mimeo.

GODO, Carlos. O Tarô de Marselha. São Paulo: Pensamento, 1991.

GOULD, Stephen J. O sorriso do flamingo – reflexões sobre a história natural. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da História. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. 341p.

GROF, Stanislav, BENNETT, Hal Zina. A mente holotrópica – Novos conhecimentos sobre Psicologia e pesquisa da consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. Metodologia qualitativa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987.

HELLER, Ágnes. Sociologia de la vida cotidiana. Barcelona: Ediciones Península 1991.

INSTITUTO DE AÇÃO CULTURAL. A observação participante: uma alternativa sociológica. São Paulo: Instituto de Ação Cultural, 1979. Documento n.9. Mimeo.

- JAPIASSU, Hilton. Introdução ao pensamento epistemológico. 7 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.
- JOHNSON, Robert. A. HE: a chave do entendimento da psicologia masculina. São Paulo: Mercury, 1990.
- JUNG, C. G. Psicologia do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1991.
- KADT, Emanuel de; TASCA, Renato. Promovendo a equidade um novo enfoque com base no setor da saúde. São Paulo/Salvador: Hucitec, Cooperação Italiana em Saúde, 1993.
- KOBILA, Esther, CAPONI, Gustavo. Intervenciones epistemológicas: Edición 1992. Rosário: São Luis, 1992.
- KOSIC, K. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- KUHN, T. Estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LEININGER, Madeleine. Transcultural nursing: concepts, theories and practices. N.Y.: John Wiley & Sons, 1978.
- _____. Care the essence of nursing and health. Thorofare, N.Y.: John Wiley & Sons, 1984.
- _____. Care constructs. Florianópolis, 1985. Texto fornecido no Curso "Caring" no Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. Mimeo
- _____. Teoria do cuidado transcultural: diversidade e universalidade. Florianópolis. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 1985, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 1985.
- LEMKOW, Anna F. O Princípio da totalidade: A dinâmica da unicidade na religião, ciência e sociedade. São Paulo: Aquariana, 1992.
- LISBOA, Tereza Kleba, PATRICIO, Zuleica Maria. Interdisciplinaridade no trabalho com família. Florianópolis: UFSC, 1994. Mimeo.
- LOWEN, Alexander. Prazer: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 1984.
- LUKÁCS, George. Estética. Barcelona: Roman, 1972.
- MCLAREN, Peter. A política do multiculturalismo e a construção da subjetividade crítica. Santa Maria, 1993a. Notas da conferência proferida no I Seminário Internacional Interdisciplinar: As transformações do conhecimento na virada do século.

- _____. Pós-modernismo, pós-colonialismo e pedagogia. In. SILVA, Tomaz T. Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985.
- _____. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1987.
- MARGOLIS, Maxine L. Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York. São Paulo: Papyrus, 1993.
- MARX, Karl. Trabalho assalariado e capital. São Paulo: Global, 1983.
- _____. O capital. São Paulo: Difel, 1985. Processo de trabalho e processo de produzir mais valia.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde. 2 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1993.
- MINAYO, Cecília de Souza et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MOCHOVITCH, Luna Galano. Gramsci e a escola. São Paulo: Ática, 1988.
- MONTICELLI, Marisa. O Caminhar junto às mulheres e aos recém-nascidos na perspectiva do nascimento como um rito de passagem. Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: Neurose. São Paulo: Forense Universitária. 1990.
- NICHOLS, Sallie. Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1991.
- NIGHTINGALE, Florence. Notas sobre enfermagem. São Paulo: Cortez, 1969.
- NORRIS, Catherine M. Prazer primitivo como a condição humana básica. [S.l.], 1985.
- PATRÍCIO, Zuleica M. Assistência de Enfermagem à criança com desnutrição. Florianópolis: UFSC/Curso de Graduação em Enfermagem, 1987. Mimeo.
- _____. Fenomenologia: algumas considerações. Florianópolis: UFSC, 1988a. Trabalho apresentado na disciplina Fundamentos Filosóficos da Pesquisa no Curso de Mestrado em Enfermagem. Mimeo.

- _____. Relatório das atividades desenvolvidas na disciplina Métodos Qualitativos de Pesquisa. Florianópolis: UFSC, 1988b. Trabalho apresentado à disciplina Métodos Qualitativos de Pesquisa no Curso de Mestrado em Enfermagem. Mimeo.
- _____. Oficina de Saúde: técnica de estudos participantes e trabalhos de grupo. Florianópolis: UFSC, 1989. Produção de métodos e técnicas de trabalho. Mimeo.
- _____. A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfoque sócio-cultural. Florianópolis. UFSC. 1990, 232 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, 1990a.
- _____. Programa de atividades teórico-práticas na comunidade e ambulatório do Hospital Universitário: saúde do escolar, da família e de adultos com doenças crônicas. Florianópolis: UFSC, 1990b.V Fase do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC. mimeo.
- _____. Corpoente transformando energia: processando a vida. Florianópolis: UFSC, 1991. Trabalho apresentado na disciplina Métodos Terapêuticos Alternativos no Curso de Graduação em Enfermagem. Mimeo.
- _____. Da reflexão da prática em extensão universitária numa comunidade a explicitação do processo de trabalho da enfermagem em saúde individual e coletiva centrado no "Cuidado Holístico". Florianópolis: UFSC, 1992a. Projeto de pesquisa apresentado à Banca de Seleção de Doutorado em Filosofia da Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC.
- _____. Promovendo a cidadania através do conceito cuidado. Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis, v.1, n.1, p.89– 106, jan./jun. 1992b.
- _____. O ser adolescente: Características, inserção social e abordagem. Florianópolis: UFSC.1992c. Trabalho apresentado no VIII Encontro Catarinense de Enfermagem Pediátrica em Florianópolis.
- _____. O Cuidado Holístico como "produto mediador" no processo de transformação de situações de saúde-doença do homem: da práxis à teoria. Florianópolis:UFSC,1993a. Trabalho de conclusão da disciplina Exercício Profissional e Processo de Trabalho do Curso de doutorado em Filosofia da Enfermagem da UFSC. Mimeo.
- _____. O Processo de cuidar como uma práxis transcultural e transpessoal. Florianópolis: UFSC, 1993b. Mimeo.
- _____. O processo de cuidar como pesquisa participante: uma possibilidade ética e estética para o saber da enfermagem e qualidade de vida. Florianópolis: UFSC, 1993c. Trabalho apresentado do IV Seminário de Pesquisa em Enfermagem, Fortaleza,1993. Mimeo.

- _____. O Referencial do Cuidado Holístico com crianças-adolescentes-famílias e outros indivíduos. Florianópolis: UFSC, 1993d. Trabalho apresentado no IV Congresso Holístico, em Salvador, 1993.
- _____. O processo do trabalho da enfermagem frente à novas concepções de saúde: repensando o cuidado, propondo cuidado (holístico). Texto e Contexto-Enfermagem. Florianópolis, v.2, n.1, 67-81, jan./jun. 1993e.
- _____. A extinção dos dinossauros à luz de um novo paradigma: uma questão epistemológica para os "dinossauros" de hoje. Florianópolis: UFSC, 1993f. Trabalho de conclusão da disciplina de Filosofia II do Curso de Doutorado em Enfermagem da UFSC. Mimeo.
- _____. Da necessidade ao impedimento de fazer um aborto: um dilema ético num contexto escolar à luz da bioética. Florianópolis: UFSC, 1993g. Trabalho de Conclusão da Disciplina Filosofia da Ciência e Saúde. Mimeo.
- _____. É possível a felicidade na socialidade num mundo de narcisos? questões para a saúde social a partir de Agnes Heller e Michel Maffesoli. In: REZENDE, Ana L.M., BARBOSA, Flávia, PATRÍCIO, Zuleica M. O Fio das Moiras. Florianópolis: REPENSUL/UFSC, 1994a.
- _____. O que seria importante pesquisar e como fazê-lo em favor da qualidade de vida? Texto & Contexto - Enfermagem. Florianópolis, v.3, n.1, p. 58-74, jan./jun.1994b.
- _____. Nem talco nem diamante: a riqueza de um processo de ensino-aprendizagem participante na área da sexualidade-adolescência. Texto e Contexto - Enfermagem. Florianópolis, v.3, n.2, p 93-109, jul/dez. 1994c.
- PATRÍCIO, Zuleica M., ATHAYDE, Maria Emília. Assistência de enfermagem ao escolar e família: projeto ensino-extensão. Florianópolis: UFSC,1986. Mimeo.
- PATRÍCIO, Zuleica M., CASA, Miriam, LOEFFLER, Carin. Cuidados de enfermagem ao adolescente escolar: Projeto pesquisa-extensão. Florianópolis: UFSC, 1987. Mimeo.
- PATRÍCIO, Zuleica M., BOEHS, Astrid Eggert. O significado do cuidar/cuidado.. Florianópolis: UFSC, 1988. Mimeo. Trabalho de conclusão de Disciplina no Curso de Mestrado em Enfermagem da UFSC.
- PATRÍCIO, Zuleica M.; TOURINHO, Francis. Cuidando da saúde da criança/adolescente/família na comunidade: projeto de ensino-pesquisa-extensão universitária. Florianópolis: UFSC/Departamento de Enfermagem, 1990. Mimeo.
- PATRÍCIO, Zuleica Maria et al. Cuidando da saúde da criança-adolescente-família na comunidade: projeto ensino-pesquisa-extensão. Florianópolis: UFSC, 1990,1991,1992,1993,1994. Relatórios de atividades. Mimeo.

- PATRÍCIO, Zuleica M., BOREINSTEIN, Miriam, ELSÉN, Ingrid. Compreendendo questões de saúde-doença de adolescentes de famílias açorianas: sexualidade/reprodução. Rev. Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v.12, n.2, p.8-11, 1991.
- PATRÍCIO, Zuleica M., SAUPE, Rosita. Repensando paradigmas de saúde: ensinando e aprendendo terapêuticas alternativas para ser saudável. Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis, v.1, n.2, p.142-151, jul./dez., 1992.
- PATRÍCIO, Zuleica M. et al. Representações de adolescentes/família sobre sexualidade-reprodução na adolescência: marco para educação sexual. Florianópolis: UFSC, 1993a. Relatório de pesquisa encaminhado ao Departamento de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado na Semana de Pesquisa da UFSC/1993.
- _____. TRANSCRIAR: Núcleo de Estudos Participantes no Processo de Viver e Ser Saudável/UFSC. Florianópolis: UFSC, 1993b. Projeto de Ensino- Pesquisa-Extensão Interdisciplinar encaminhado ao CNPq.
- _____. Pensando criticamente com moradores e professores de uma comunidade sobre crença e práticas populares de saúde. Florianópolis: UFSC, 1993c. Relatório de pesquisa encaminhado ao Departamento de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina. Mimeo.
- PATRÍCIO, Zuleica M., ANDRADE, Terezinha M., SILVA, Andréa da. Trabalhando com a comunidade-família a dimensão sexualidade-reprodução no processo de viver da criança-adolescente. Florianópolis: UFSC, 1994. Projeto de Pesquisa do NúcleoTRANSCRIAR-UFSC/Departamento de Enfermagem /REPENSUL. Mimeo
- PEREIRA, Marcos Villela. Estética, cotidiano e poder. Santa Maria. 1993. Notas da conferência proferida no I Seminário Internacional Interdisciplinar: As transformações do conhecimento na virada do século.
- PESSOA, Fernando. Livro do desassossego. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.
- PILON, André Francisco. Desarrollo de la educación en salud – una actualización de conceptos. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.20, n.5, p.391-6,1986.
- PLASTINO, Carlos A. A crise dos paradigmas e a crise do conceito paradigma. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 1994.
- REICH, Wilhelm. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- REIS, Maria José. Noções sobre cultura: complementação para o marco conceitual. Florianópolis: UFSC/Departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSC, 1987. Notas de aula.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é pós-moderno? São Paulo: Brasiliense, 1993.

- SANTIN, Silvino. Ética e sensibilidade. Florianópolis, 1994. Conferência proferida no I Seminário de Filosofia e Saúde. Mimeo.
- SASS, Hans-Martin. La bioética: fundamentos filosóficos e aplicación. Bol. Of. Sanit. Panam., v.108, n.5/6, p.391-398, 1990.
- SAVIANI, Dermeval. Educação, cidadania e transição democrática. In: COVRE, Maria de Loudes M. (org.). A cidadania que não temos. São Paulo: Brasiliense. 1986, p. 73-83.
- SILVA, Tomaz T. Dialética e poder. Santa Maria. 1993. Conferência proferida no I Seminário Internacional Interdisciplinar: As transformações do conhecimento na virada do século.
- SILVA, Hélio R. S.; MILITO, Cláudia. Vozes de meio-fio – etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SOUZA, Maria Ines S. Dialética e poder. Santa Maria. 1993. Conferência proferida no I Seminário Internacional Interdisciplinar: As transformações do conhecimento na virada do século.
- TAVARES, Hugo César da Silva. A polêmica de Marcuse com Freud em torno da felicidade. Síntese Nova Fase. Belo Horizonte, v.20, n.60, 1993.
- TEILHARD Chardin, Pierre. O fenômeno humano. São Paulo: Cultrix, 1989.
- THIOLLENT, Michel. Uma contribuição à pesquisa-ação no campo da comunicação sociopolítica. São Paulo, 1985. Mimeo.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Projeto de Doutorado em Filosofia da Enfermagem. Florianópolis: UFSC, 1992.
- VASCONI, Ruben. Perspectivas: una introducción a la antropología filosófica. Rosário: Universidad Nacional de Rosário (UNR), 1992.
- VASQUEZ, Adolfo Sanchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIEIRA, João A. M. Psicologia para iniciantes: teoria, concepções escolares, doutrinas, correntes modernas e contemporâneas. São Paulo: Ledix, 1994.
- VITAE CIVILIS. A implementação da agenda 21 em países em desenvolvimento: o caso do Brasil. Rio de Janeiro: Rio 92, 1992. Documento Final do Seminário. Mimeo.
- WEIL, Pierre. Antologia do êxtase. São Paulo: Athena, 1993.
- WEIL, Pierre, D'AMBRÓSIO, Ubiratan, CREMA, Roberto. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.